
HALO
ALEXANDRA ADORNETTO
The New York Times Bestseller

HALO

ALEXANDRA ADORNETTO



A
AGIR

HALO

Um amor que ultrapassa as barreiras do céu e do inferno

PARA FRAU HALE, POR ME ENSINAR SOBRE AS COISAS QUE REALMENTE IMPORTAM

Sinopse

Eles são misteriosos e sedutores, e acabam de chegar a Venus Cove, Gabriel, Ivy e Bethany são diferentes de tudo o que os moradores da cidade já viram, como deuses que ganharam a vida.

Mas há uma explicação para tanto segredo e beleza sobrenaturais: os três jovens são anjos de verdade em missão para salvar um mundo à beira da destruição. Para isso, eles terão de se infiltrar entre os humanos e varrer as forças malignas dali de uma vez por todas.

Bethany, a irmã caçula, tem uma inocência própria dos anjos, principalmente porque esta é sua primeira vez na Terra. Sua inexperiência e curiosidade fazem com que ela deseje abraçar a vida humana. Enquanto Gabriel e Ivy não mantêm nenhuma ligação com as pessoas ao seu redor, ela anseia viver todas as experiências de uma adolescente normal.

Seu ar angelical não passará despercebido pelos colegas de classe, assim como sua paixão por Xavier. Ele é bonito, divertido e tem um coração enorme, e uma química logo surgirá entre os dois. Não demorará para que iniciem um doce romance, daqueles de arrancar suspiros. Porém, ao se envolver com Xavier, Beth desafiará a vontade do Céu. Ao mesmo tempo, uma nova força surgirá em suas vidas, sob a forma de um estudante sombrio e inescrupuloso.

Ivy, Gabriel e Xavier terão de se unir contra as forças das trevas que recairão sobre Bethany. Será que eles conseguirão salvá-la?

A Autora

Alexandra Adornetto tinha apenas 14 anos quando publicou seu primeiro livro na Austrália, *The Shadow Thief*, primeiro de uma trilogia que conta ainda com *The Lampo Circus* e *Von Gobstopper's Árcade*. Filha de professores de inglês, admite ser uma leitora compulsiva e não ter mais espaço em suas prateleiras. Halo é apenas o começo de uma série muito promissora.

Contra Capa

Nada de mais acontece na pacata Venus Cove, até o dia em que três anjos, Gabriel, Ivy e Bethany, são enviados do Céu para proteger o lugar contra forças obscuras que começam a surgir.

Disfarçados como irmãos, eles tentam levar uma vida comum. Gabriel torna-se professor na mesma escola à qual Bethany – a caçula – é enviada para estudar. Mas Beth, atrapalhada em sua inexperiência como ser humano, apaixona-se por Xavier Woods, o belo representante da escola. Uma situação que não só poderá comprometer sua existência como anjo, mas, principalmente, sua verdadeira missão. E tudo ficará ainda mais confuso para Beth quando um garoto charmoso, sedutor e mortal chegar à cidade.

Eles terão de dar duro para ocultar sua verdadeira identidade e, acima de tudo, suas asas.

Fale anjo, outra vez, pois você brilha Na glória desta noite, sobre minha cabeça, Como um celeste mensageiro alado
Sobre os olhos mortais que, deslumbrados,
Se voltam para o alto, para olhá-lo

— William Shakespeare, Romeu e Julieta

Baby, I can see your Halo
You know You’re my saving grace

— Beyoncé, —Halo

2
A Carne

Quando acordei na manhã seguinte, a luz do sol entrava pelas janelas altas e se derramava sobre as tábuas de pinho nuas do meu quarto. Nas réstias de luz, partículas de poeira rodopiavam numa dança frenética. Eu sentia o cheiro de maresia; reconhecia os guinchos das gaivotas e as ondas espumosas quebrando nas pedras. Eu via os objetos familiares no quarto que passara a ser meu. Quem quer que tivesse decorado o meu quarto o fizera tendo alguma ideia de seu futuro ocupante. O quarto tinha um charme feminino, com mobília branca, cama de ferro com dossel e papel de parede de botões de rosa. Havia uma penteadeira branca com um estêncil floral nas gavetas, e uma cadeira de balanço num canto. Encostada na parede ao lado da cama, havia uma delicada escrivaninha.

Espreguicei-me e senti na pele os lençóis enrugados cuja textura ainda era uma novidade. De onde vínhamos, não havia textura, não havia objetos. Como não precisávamos de nada físico para nos sustentar, não havia nada. O Céu não é fácil de descrever. Vez ou outra, alguns humanos captam um vislumbre dele no recôndito dos seus inconscientes e se perguntam rapidamente o que aquilo significa. Tente imaginar uma vastidão branca, uma cidade invisível, sem nada material à vista, mas, ainda assim, a cena mais bela que se poderia imaginar. Um céu como que feito de ouro líquido e quartzo rosa, uma sensação de força, de leveza, aparentemente vazio, mas mais majestoso do que o palácio mais imponente da Terra. Isso é o melhor que eu consigo fazer quando tento descrever algo tão inefável quanto meu antigo lar. Eu não estava lá muito impressionada com a linguagem humana; ela parecia extremamente limitada. Havia tanta coisa que não se podia pôr em palavras... Essa era uma das maiores tristezas em relação às pessoas — muitas vezes não há como exprimir seus pensamentos e sentimentos mais importantes, e eles acabam não sendo ditos.

Uma das palavras mais frustrantes da linguagem humana, até onde sei, é *amor*. Tanto significado atribuído a essa única palavrinha... As pessoas falam nela livremente e a todo tempo, usando-a para descrever seu apego a bens materiais, bichos de estimação, destinos de férias e comidas preferidas. Às vezes, numa mesma frase, empregam essa palavra também para a pessoa que consideram mais importante em suas vidas. Isso não é absurdo? Não deveria haver outro termo para descrever uma emoção tão profunda? Os humanos são

muito preocupados com o amor. Todos estão sempre desesperados para formar um vínculo com uma pessoa a quem possam se referir como sua "alma gêmea". De acordo com o que lia na literatura, parecia-me que estar apaixonado significava ser o mundo inteiro da pessoa amada. O resto do Universo era insignificante comparado aos amantes. Quando estavam separados, cada um entrava num estado melancólico, e apenas quando se reuniam seus corações tornavam a bater. Só estando juntos poderiam realmente ver as cores do mundo. Uma vez separados, aquela cor sumia, deixando tudo cinzento e nebuloso. Eu ficava na cama me perguntando sobre a intensidade dessa emoção que era tão irracional e tão irrefutavelmente humana. E se a fisionomia de uma pessoa fosse tão sagrada para você a ponto de se inscrever permanentemente em sua memória? E se o cheiro e o toque dela tivessem mais valor do que sua própria vida? Claro, eu não sabia nada sobre o amor humano, mas a ideia sempre me intrigou. Os seres celestiais nunca fingiram entender a intensidade das relações humanas; mas eu achava espantoso como os humanos podiam permitir que outra pessoa se apoderasse de seu coração e sua mente. Era irônico como o amor podia despertá-los para os milagres do Universo e, ao mesmo tempo, fazer com que toda a sua atenção se voltasse de um para o outro.

O ruído dos meus irmãos andando na cozinha lá embaixo interrompeu meu devaneio e me fez sair da cama. Que importavam minhas ruminações afinal, quando o amor humano era vedado aos anjos?

Joguei uma manta de caxemira sobre os ombros para me aquecer e desci a escada descalça. Na cozinha, fui recebida pelo cheiro convidativo de torrada com café. Gostei de ver que me adaptava à vida humana — algumas semanas atrás esses cheiros teriam me causado dor de cabeça ou náuseas. Mas eu começava a gostar da experiência. Encolhia os dedos dos pés, desfrutando o contato macio das tábuas do assoalho. Nem liguei quando, ainda sonolenta e distraída, dei uma topada na geladeira. A dor lancinante só serviu para me lembrar de que eu era de carne e osso e podia sentir.

— Boa *tarde*, Bethany — disse meu irmão num tom jocoso, me entregando uma caneca de chá fumegante.

Fiquei com a xícara por uma fração de segundo a mais na mão antes de largá-la sobre a mesa, e ela queimou meus dedos. Gabriel reparou que eu me contraía e vi sua testa franzir. Isso me lembrava de que, diferentemente dos meus dois irmãos, eu não era imune à dor.

Minha forma física tinha todas as vulnerabilidades de um corpo humano, embora eu fosse capaz de me curar de lesões mais simples, como cortes e ossos

quebrados. Esta fora uma das preocupações de Gabriel quando fui escolhida. Eu sabia que ele me via como vulnerável e achava que a missão poderia se revelar muito perigosa para mim. Eu fora escolhida por estar mais sintonizada com a condição humana do que outros anjos — eu zelava pelos humanos, me identificava com eles e tentava entendê-los. Tinha fé neles e chorava por eles. Talvez fosse porque eu era jovem — eu fora criada havia apenas 17 anos mortais, o que equivalia à primeira infância em termos celestes. Gabriel e Ivy já circulavam havia séculos; haviam batalhado e assistido a atrocidades humanas que eu nem podia imaginar. Tiveram todo o tempo de adquirir força e poder para se protegerem na Terra. Ambos haviam visitado a Terra em várias missões, tiveram tempo de se adaptar a ela e estavam cientes dos seus riscos e perigos. Mas eu era um anjo na forma mais pura e mais vulnerável. Eu era ingênua e crédula, jovem e frágil. Sentia dor, porque não tinha anos de sabedoria e experiência para me proteger disso. Era por esse motivo que Gabriel desejava que eu não tivesse sido escolhida, e era por esse motivo que eu fora.

Mas a decisão não ficara a cargo dele; ficara a cargo de outra pessoa, alguém tão superior que nem Gabriel se atreveu a questionar. Teve que se contentar com o fato de que devia haver uma razão divina por trás da minha seleção, uma razão que ultrapassava seu entendimento.

Beberiquei timidamente meu chá e sorri para meu irmão. Sua expressão se desanuviou e ele pegou uma caixa de cereal, examinando-a.

— O que vai ser? Torrada ou algo chamado Flocos de Trigo com Mel?

— Vou querer torrada — disse eu, torcendo o nariz para o cereal.

Ivy estava sentada à mesa passando manteiga preguiçosamente numa torrada. Minha irmã ainda tentava desenvolver gosto pela comida, e eu a observava cortar o pão em quadrados exatos, deixar os pedacinhos aleatoriamente em volta do prato e depois uni-los novamente como um quebra-cabeça. Fui sentar ao lado dela, inspirando o perfume embriagante de frésia que sempre parecia impregnar o ar à sua volta.

— Você está um pouco pálida — observou ela com sua calma costumeira, afastando uma mecha do cabelo louro-claro que caíra sobre seus olhos cinza-chuva.

Ivy se autodesignara a mãe da nossa pequena família.

— Não é nada — respondi tranqüilamente, e hesitei antes de acrescentar: — Só um sonho ruim. Vi os dois se contraírem ligeiramente e trocar olhares preocupados.

— Eu não chamaria isso de *nada* — disse Ivy. — Você sabe que, em tese,

nós não sonhamos.

Gabriel saiu do seu posto junto à janela para estudar meu rosto mais de perto. Levantou meu queixo com a ponta do dedo. Vi que tornava a franzir o cenho, ofuscando a beleza séria do seu rosto.

— Cuidado, Bethany — aconselhou ele, com aquele tom já familiar de irmão mais velho. — Tente não se apegar a experiências físicas. Por mais empolgante que isso pareça, lembre-se de que somos apenas visitantes aqui. Tudo isso é temporário, e cedo ou tarde teremos que voltar... — Ao ver a expressão infeliz em meu rosto, ele parou de falar. Quando continuou, foi com uma voz mais leve. — Bem, como ainda falta muito para isso acontecer, podemos discutir o assunto mais tarde.

Era estranho visitar a Terra com Ivy e Gabriel. Eles chamavam atenção aonde quer que fôssemos. Em sua forma física, Gabriel poderia muito bem ser considerado uma escultura clássica trazida à vida. Seu corpo tinha proporções perfeitas, e cada músculo parecia ter sido esculpido no mármore mais puro. Seu cabelo na altura dos ombros era cor de areia, e ele muitas vezes o usava preso num rabo de cavalo frouxo. Sua expressão era marcante, e, seu nariz, reto como uma flecha. Ele vestia uma calça jeans desbotada puída nos joelhos e uma camisa de linho amassada que davam a ele uma espécie de beleza desalinhada. Gabriel era um arcanjo e membro dos Sete Sagrados. Embora seu grupo viesse em segundo lugar na hierarquia celeste, eles tinham certos privilégios, além do maior nível de interação com os seres humanos. Na verdade, foram criados para estabelecer a ligação entre o Senhor e os mortais. Mas, no fundo, Gabriel era um guerreiro — seu nome celestial significa "Herói de Deus" — e foi ele quem viu Sodoma e Gomorra arderem.

Ivy, por outro lado, era uma das mais sábias e anciãs da nossa espécie, embora não aparentasse ter mais de vinte anos. Era um serafim, a ordem de anjos mais próxima ao Senhor. No Reino, os serafins tinham seis asas para representar os seis dias da criação. Havia uma serpente dourada tatuada no pulso de Ivy como marca do seu escalão. Dizia-se que, em combate, os serafins vinham à frente para cuspir fogo na Terra, mas ela era uma das criaturas mais delicadas que eu já conhecera. Em sua forma física, Ivy parecia uma Madona renascentista com um pescoço de cisne e um rosto oval pálido. Como Gabriel, tinha olhos penetrantes cinza-chuva. Nessa manhã, ela usava um vestido branco esvoaçante e sandálias douradas.

Eu, por outro lado, não tinha nada de especial, apenas um simples e velho anjo de transição, do escalão mais baixo. Eu não me importava; isso significava

que eu era capaz de interagir com os espíritos humanos que entravam no Reino. Em minha forma física, eu tinha uma aparência etérea como a da minha família, à exceção dos meus olhos, que eram castanhos como seixos de rio, e do meu cabelo cor de chocolate, que caía ondulado nas costas. Eu pensara que, se fosse convocada para um posto na Terra, poderia escolher minha própria forma, mas não era assim que as coisas funcionavam. Fui criada com uma forma miúda, de ossos finos, não muito alta, com o rosto em formato de coração, orelhas de duende e pele de um branco leitoso. Sempre que me via no espelho, notava uma ansiedade que não se via no semblante dos meus irmãos. Mesmo tentando, não conseguia parecer tão distante como Gabe e Ivy. A expressão de seriedade e compostura deles raramente se alterava, independentemente do drama que se desenrolasse à sua volta. Já eu vivia com um semblante inquieto e curioso, por mais que tentasse parecer desse mundo.

Ivy seguiu em direção à pia segurando o prato, andando como se estivesse dançando, como sempre fazia. Meus irmãos caminhavam com uma graciosidade espontânea que eu não conseguia imitar. Mais de uma vez, eu fora acusada de ter a mão pesada demais e de andar como um rinoceronte.

Quando se livrou da torrada comida pela metade, Ivy se espreguiçou no assento da janela, com o jornal aberto à frente.

— Quais as novidades? — perguntei.

Em resposta, ela me mostrou a primeira página. Li as manchetes: bombardeios, desastres naturais e colapso econômico. Imediatamente me senti derrotada.

— Será de espantar que as pessoas não se sintam seguras? — perguntou Ivy com um suspiro. — Elas não confiam umas nas outras.

— Se isso é verdade, então o que podemos fazer por elas? — perguntei, hesitante.

— Não vamos criar muitas expectativas tão cedo — disse Gabriel. — Eles dizem que mudanças levam tempo.

— Além disso, não cabe a nós tentar salvar o mundo — disse Ivy. — Precisamos focar em nossa pequena parte dele.

— Você quer dizer esta cidade?

— Claro. — Minha irmã fez que sim com a cabeça. — Esta cidade foi listada como alvo das Forças das Trevas. E estranha a escolha que fazem dos lugares.

— Imagino que eles começam aos poucos e vão ganhando terreno — disse Gabriel com desgosto. — Se conseguirem conquistar um povoado, conquistam

uma cidade, depois um estado, depois um país.

— Como saberemos o tamanho do estrago que eles já causaram? — perguntei.

— Isso só saberemos com o tempo — disse Gabriel. — Mas, se Deus quiser, vamos pôr um fim ao trabalho destrutivo deles. Não vamos falhar em nossa missão, e, antes de partirmos, este lugar vai estar de novo nas mãos do Senhor.

— Enquanto isso, vamos simplesmente tentar nos integrar — disse Ivy, talvez num esforço para não deixar o clima tão carregado.

Quase dei uma risada e fiquei tentada a sugerir que ela se olhasse no espelho. Ivy podia ser velha como o tempo, mas às vezes era bem ingênua. Até eu sabia que nos integrar seria um desafio.

Qualquer um podia ver que éramos diferentes — e não diferentes como um estudante de arte com o cabelo pintado e meias malucas. Éramos diferentes *mesmo* — de outro mundo. Acho que isso não era de se admirar, considerando quem éramos, ou melhor, o que éramos. Muitas coisas chamavam atenção a nosso respeito. Para começar, os seres humanos tinham falhas, e nós, não. Quem nos via em meio à multidão notava logo a nossa pele. Era tão translúcida que dava a impressão de conter partículas de luz de verdade. Essa característica ficava ainda mais evidente depois que escurecia, quando qualquer parte exposta da nossa pele emitia um brilho que parecia vir de uma fonte interna de energia. E não deixávamos pegadas, nem quando pisávamos em superfícies modeláveis, como grama e areia. E nunca seríamos flagrados de camiseta regata — sempre usávamos roupas fechadas nas costas para disfarçar nosso pequeno problema cosmético.

Quando começamos a nos integrar à vida da cidade, os habitantes locais não podiam deixar de se perguntar o que estávamos fazendo num lugar ermo como Venus Cove. Às vezes achavam que éramos turistas numa estada prolongada; às vezes éramos confundidos com celebridades, e as pessoas nos perguntavam sobre programas de televisão de que nunca tínhamos ouvido falar. Ninguém adivinhava que estávamos ali a trabalho; que tínhamos sido recrutados para ajudar um mundo à beira do colapso. Bastava abrir um jornal ou ligar a televisão para ver por que havíamos sido enviados: assassinatos, sequestros, ataques terroristas, guerras, assaltos a idosos... a lista negra era interminável. Havia tantas almas em perigo que os agentes das trevas estavam aproveitando a oportunidade para unir forças. Gabriel, Ivy e eu havíamos sido enviados aqui para contrabalançar a influência deles. Outros agentes da luz tinham sido

enviados para diversos locais ao redor do mundo, e em algum momento todos seríamos chamados para que nossas descobertas fossem avaliadas. Eu sabia que a situação era crítica, mas estava certa de que não podíamos falhar. Na verdade, achei que seria fácil — que nossa presença seria a solução divina. Eu estava prestes a descobrir quão errada estava.

Tivemos a sorte de ter ido parar em Venus Cove. Era uma cidade incrível de contrastes impressionantes. Partes do litoral eram marcadas por ventos fortes e terreno acidentado, e, da nossa casa, víamos assomarem os penhascos voltados para o oceano escuro e agitado e ouvíamos o vento uivando nas árvores. Mas um pouco mais para o interior, havia cenas bucólicas de colinas onduladas com vacas pastando e belos moinhos de vento.

Quase todas as casas em Venus Cove eram modestos chalés de madeira, mas, mais perto da orla, havia uma série de ruas arborizadas com casas maiores e mais imponentes. Nossa casa, a Byron, era uma destas. Gabriel não estava muito empolgado com nossa acomodação — o clérigo que havia nele a achava exagerada, e ele sem dúvida se sentiria mais à vontade em um lugar menos luxuoso, mas Ivy e eu adoramos a casa. E se as autoridades constituídas não viam mal algum no fato de nos divertirmos na Terra, por que nós deveríamos ver? Achei que a casa poderia nos impedir de atingir o objetivo de nos integrar, mas fiquei quieta. Não queria me queixar quando já me sentia um estorvo nessa missão.

Venus Cove tinha cerca de três mil habitantes, embora esse número dobrasse nas férias de verão, quando a cidade ficava apinhada de gente. Independentemente da época do ano, os locais eram abertos e simpáticos. Eu gostava do clima da cidade: não havia o corre-corre de executivos de terno a caminho de reuniões importantíssimas; ninguém tinha pressa. As pessoas pareciam não ligar se jantavam no restaurante mais elegante da cidade ou no bar à beira da praia. Eram simplesmente tranquilas demais para se preocupar com esse tipo de escolha.

— Concorda, Bethany? — O rico timbre da voz de Gabriel me trouxe de volta ao presente. Tentei me lembrar do fio da conversa, mas me deu um branco total.

— Desculpe, estava a quilômetros de distância! O que estavam dizendo?

— Eu estava apenas estabelecendo algumas regras básicas. De hoje em diante, tudo vai ser diferente.

Gabriel franziu o cenho de novo, um tanto irritado com minha falta de atenção. Nós dois começávamos na Escola Bryce Hamilton naquela manhã, eu

como aluna e Gabriel como o novo professor de música. Fora decidido que uma escola seria o lugar ideal para começarmos nosso trabalho de contrabalançar os emissários das trevas, uma vez que era um estabelecimento cheio de jovens cujos valores ainda estavam em formação. Como Ivy era muito sobrenatural para ser mandada para o ensino médio, ficou combinado que ela seria a mentora que iria garantir a nossa segurança, ou melhor, a *minha*, já que Gabriel sabia tomar conta de si.

— O importante é não perder de vista o motivo pelo qual estamos aqui — disse Ivy. — Nossa missão é clara: executar boas ações, atos de caridade e bondade; liderar pelo exemplo. Não queremos nenhum milagre por enquanto, até podermos prever como seriam recebidos. Ao mesmo tempo, queremos observar e aprender o máximo que pudermos sobre as pessoas. A cultura humana é muito complexa e diferente de tudo mais que existe no Universo.

Desconfiei de que essas regras básicas tinham sido estabelecidas tendo em vista, principalmente, o meu benefício. Gabriel jamais tivera dificuldade em lidar com qualquer situação.

— Vai ser divertido — disse eu, talvez entusiasmada demais.

— Não se trata de diversão — retrucou Gabriel. — Não ouviu nada do que falei?

— Essencialmente, estamos tentando expulsar as más influências e fazer as pessoas acreditarem novamente umas nas outras — disse Ivy num tom conciliador. — Não se preocupe com Bethany, Gabe, ela vai ficar bem.

— Resumindo, estamos aqui para abençoar a comunidade — prosseguiu meu irmão. — Mas não devemos chamar muita atenção. Nossa prioridade número um é continuar passando despercebidos. Bethany, por favor, tente não dizer nada que... *aflija* os alunos.

Era a minha vez de me ofender.

— Tipo o quê? — perguntei. — Eu não sou tão assustadora assim.

— Você sabe o que o Gabriel quer dizer — disse Ivy. — Ele só quer que você pense antes de falar. Nada de conversas pessoais sobre a nossa casa, nada de "Deus considera..." ou "Deus me disse...", eles podem pensar que você tomou algo.

— Ótimo — respondi, num tom ofendido. — Mas espero que pelo menos eu tenha permissão de voar pelos corredores na hora do intervalo.

Gabriel me lançou um olhar severo. Esperei que ele percebesse minha piada, mas seus olhos continuaram sérios. Suspirei. Por mais que eu o amasse, às vezes Gabriel podia ser completamente destituído de senso de humor.

— Não se preocupe, vou me comportar. Prometo.

— O autocontrole é de suma importância — disse Ivy.

Suspirei de novo. Eu sabia que só eu precisava me preocupar com autocontrole. Ivy e Gabriel tinham experiência suficiente com esse tipo de situação para que aquilo fosse natural para eles — eles conheciam as regras de trás para frente. Não era justo. A personalidade deles também era mais constante que a minha. Eles poderiam até se chamar de o Rei e a Rainha da Frieza. Nada os abalava, nada os perturbava e, mais importante, nada os desequilibrava. Eles pareciam atores ensaiados cujas falas lhes vinham sem esforço. Comigo era diferente; eu me esforçara desde o início. Por alguma razão, virar humana realmente me deixou confusa. Eu não estava preparada para a intensidade disso. Era como de uma só vez passar de um vazio estático a uma montanha-russa de sensações. Às vezes, essas sensações se cruzavam e mudavam a todo tempo, e o resultado era uma completa confusão. Eu sabia que devia me distanciar de tudo que fosse emocional, mas ainda não tinha descoberto como. Eu me maravilhava com a capacidade dos humanos de viver com tanto tumulto borbulhando abaixo da superfície o tempo todo — era exaustivo. Eu tentava esconder de Gabriel minhas dificuldades; não queria demonstrar que ele estava certo nem levá-lo a me menosprezar devido a meus esforços. Se algum dia experimentaram algo semelhante, meus irmãos eram especialistas em reprimir suas emoções.

Ivy se prontificou a arrumar meu uniforme e a encontrar uma camisa e calças limpas para Gabe. Como era membro do corpo docente, exigia-se que Gabriel usasse camisa e gravata, e a ideia não o agradava nem um pouco. Ele sempre vestia jeans folgados e suéteres sem gola. Qualquer coisa apertada fazia com que nos sentíssemos muito presos. Roupas em geral nos davam essa sensação estranha de aprisionamento, e compreendi o que Gabriel sentia quando desceu se contorcendo naquela camisa branca passada que envolvia seu peitoral definido e puxando a gravata até que o nó fosse suficientemente afrouxado.

As roupas não eram a única diferença; também tínhamos que aprender a executar rituais de asseio como tomar banho, escovar os dentes e pentear o cabelo. Nunca tivemos que pensar em tais coisas no Reino, onde a existência era livre de manutenção. A vida como entidade física significava ter um número muito maior de detalhes para lembrar.

— Tem certeza de que existe um código de vestimenta de professor? — perguntou Gabriel.

— Acho que sim — respondeu Ivy —, mas mesmo que eu esteja errada, vocês querem se arriscar logo no primeiro dia?

— O que havia de errado com a roupa que eu estava vestindo? — resmungou ele, arregaçando as mangas da camisa e tentando libertar os braços. — Pelo menos era confortável.

Ivy estalou a língua para ele e se virou para conferir se eu tinha vestido o uniforme direito.

Eu tinha que admitir: meu uniforme era bastante estiloso. O vestido era de um tom azul-claro favorável, com a frente pregueada e uma gola branca estilo Peter Pan. Além dele, exigia-se que usássemos meias três-quartos de algodão, sapatos marrons de fivela e um blazer azul-marinho com o escudo da escola estampado em ouro no bolso do peito. Ivy me comprara fitas azul-claras e brancas, que ela entremeava com destreza em minhas tranças.

— Pronto — disse ela, com um sorriso satisfeito. — Da embaixadora celeste para a estudante local.

Desejei que ela não tivesse usado a palavra *embaixadora* — era inquietante. Carregava um peso muito grande, além de muitas expectativas. E não do tipo que os humanos tinham em relação aos filhos para que limpassem seus quartos, tomassem conta dos irmãos ou fizessem os deveres de casa. Estas eram expectativas que tinham de se concretizar, e se não fossem... bem, eu não sabia o que aconteceria se não fossem.

Eu tinha a sensação de que os meus joelhos envergariam sob o meu peso a qualquer momento.

— Não estou muito segura disso, Gabe — disse eu, percebendo ao mesmo tempo quão imprevisível eu devia estar soando. — E se eu não estiver pronta?

— A escolha não é nossa — respondeu Gabriel com uma calma inabalável. — Temos um único objetivo: cumprir nossas obrigações para com o Criador.

— Quero fazer isso, mas estamos falando do ensino médio. Uma coisa é observar a vida de fora, mas aqui vamos ser jogados no olho do furacão.

— Essa é a questão — disse Gabriel. — Não se pode esperar que façamos a diferença atuando de fora.

— Mas e se algo der errado?

— Estarei lá para consertar.

— É que a Terra parece um lugar muito perigoso para os anjos.

— Por isso estou aqui.

Os perigos que eu imaginava não eram meramente físicos. Estaríamos bem-equipados para lidar com estes. O que me preocupava era a sedução de tudo que era humano. Eu desconfiava de mim mesma e sabia que essa desconfiança poderia me levar a perder de vista o meu objetivo principal. Afinal, isso já

acontecera antes, e as consequências foram funestas — todos já tínhamos ouvido as lendas pavorosas dos anjos caídos, seduzidos pelas indulgências do homem, e todos sabíamos o que era feito deles.

Ivy e Gabriel observavam o mundo à sua volta com um olho treinado, cientes dos perigos, mas, para uma novata como eu, as ameaças eram enormes.

1
A Descida

Nossa chegada não saiu exatamente como o planejado. Lembro-me de ainda não ter amanhecido quando pousamos, porque as luzes das ruas estavam acesas. Esperávamos que nossa descida passasse despercebida, e quase passou, a não ser por um garoto de 13 anos que entregava jornais.

Vinha de bicicleta com os jornais enrolados como canudos em sacos plásticos. O ar estava enevoado, e o garoto usava uma jaqueta com capuz. Parecia entretido em calcular o ponto exato onde queria jogar cada jornal. Os canudos caíam nas entradas e varandas com um baque, e o garoto sorria todo cheio de si sempre que acertava o alvo. Um terrier Jack Russel latindo atrás de um portão fez com que ele olhasse para cima, alertando-o da nossa chegada.

O menino ergueu a cabeça bem a tempo de ver uma coluna de luz branca atravessar as nuvens e deixar três estranhos indivíduos no meio da rua. Apesar da nossa forma humana, algo em nós o assustou — talvez o fato de nossa pele ser luminosa como a lua ou de nossas roupas largas e brancas de viagem estarem esfarrapadas devido à descida turbulenta.Talvez fosse a maneira como olhávamos para nossos braços e pernas, como se não tivéssemos ideia do que fazer com eles, ou o vapor d'água ainda no nosso cabelo. Seja lá o que o tenha assustado, fez o garoto se desequilibrar na bicicleta, dar uma guinada e tombar na calçada. Ele conseguiu se levantar e ficou ali parado por alguns segundos, estarrecido, meio alarmado, meio curioso. Estendemos as mãos para ele simultaneamente, no que esperávamos ser um gesto tranquilizador. Mas esquecemos de como fazer para sorrir. Quando lembramos, já era tarde: enquanto contorcíamos nossas bocas tentando fazer o movimento certo, o garoto se virou e deu no pé. Ter um corpo físico ainda era estranho para nós — havia muitas peças diferentes que precisavam funcionar em sincronia, como uma máquina complexa. Os músculos da minha face e do meu corpo estavam rígidos, minhas pernas tremiam como as de uma criança dando os primeiros passos, e minha vista ainda não havia se adaptado à claridade suave da Terra. Como vínhamos de um lugar de luz resplandecente, as sombras eram novidade para nós.

Gabriel se aproximou da bicicleta com a roda dianteira ainda girando e a endireitou. Encostou-a na cerca mais próxima sabendo que o menino voltaria

para pegá-la.

Imaginei-o irrompendo casa adentro e relatando a história a seus pais estupefatos. A mãe lhe afastaria o cabelo da testa para verificar se ele tinha febre. O pai, com olhos sonolentos, comentaria sobre as peças que uma mente ociosa é capaz de pregar.

Encontramos a rua Byron e fomos andando sobre a calçada irregular procurando o número 15. Nossos sentidos já recebiam estímulos de todos os lados. As cores do mundo eram muito vivas e muito variadas. Tínhamos saído de um mundo branco imaculado para chegar a uma rua que mais parecia a paleta de um artista. Fora a cor, tudo tinha sua própria textura e sua própria forma. O vento roçava em meus dedos e me dava a sensação de ser tão vivo que eu me perguntava se poderia apanhá-lo. Abri a boca e provei o ar tonificante e seco. Eu sentia um cheiro de gasolina e pão queimado misturado com o odor de pinho e o perfume intenso do oceano.

A pior parte era o barulho. O vento parecia uivar, e o rugido do mar batendo nos rochedos era um tropel na minha cabeça.

Eu ouvia tudo que acontecia a meu redor: a ignição de um carro, uma porta de tela batendo, uma criança chorando, um balanço de varanda rangendo ao vento.

— Vocês vão aprender a ignorar os ruídos — disse Gabriel.

O som da voz dele me sobressaltou. Em casa, não precisávamos falar para nos comunicar. Descobri que a voz humana de Gabriel era grave e suave.

— Quanto tempo vai levar?

Contraí-me com o grito estridente de uma gaivota no alto. Podia ouvir minha própria voz, que era melodiosa como uma flauta.

— Não muito — respondeu Gabriel. — Fica mais fácil se você deixa de resistir a eles.

A rua Byron tinha uma subida que culminava na metade de sua extensão, onde se erguia nossa nova casa. Ivy ficou encantada assim que a viu.

— Ih, olhem! — exclamou. — Tem até nome!

A casa recebera o nome da rua e tinha uma placa de cobre com “Byron” gravado numa caligrafia elegante. Mais tarde descobriríamos que as ruas adjacentes haviam recebido o nome de outros poetas românticos ingleses: bosque Keats, rua Coleridge, avenida Blake. A Byron seria a nossa casa e o nosso refúgio enquanto estivéssemos na Terra. Era uma casa de arenito coberta de hera com a porta de entrada ao centro, dividindo os dois lados simetricamente. Erguia-se a uma boa distância da rua, atrás de uma cerca de

ferro fundido e um portão de duas folhas, e tinha uma fachada georgiana elegante com um caminho de cascalho levando à porta principal descascada. O jardim da frente era dominado por um olmo majestoso envolvido por um emaranhado de hera. Ao longo da cerca lateral, uma profusão de hortênsias de tom pastel cobertas pela geada matinal. Gostei da casa — parecia ter sido construída para enfrentar qualquer adversidade.

— Bethany, me dê a chave — disse Gabriel.

Cuidar da chave da casa era a única tarefa que me fora confiada. Tateei os bolsos fundos do meu vestido.

— Está aqui em algum lugar — assegurei-lhe.

— Por favor, não me diga que já a perdeu.

— A gente caiu do céu, sabe? — disse eu, indignada. — É fácil as coisas se perderem. De repente, Ivy deu uma risada.

— Você está com ela pendurada no pescoço.

Dei um suspiro de alívio ao tirá-la da corrente e entregá-la a Gabriel. Quando entramos no hall, vimos que a casa fora organizada especialmente para nós. Os agentes divinos tinham prestado atenção a cada detalhe e não haviam poupado despesas.

Tudo na casa era favorável à luz. Os pés-direitos eram altos, as salas, arejadas. Saindo do hall central, havia uma sala de música à esquerda e uma sala de estar à direita. Mais adiante, um estúdio dava para um pátio pavimentado. Os fundos eram um acréscimo modernizado e consistia em uma ampla cozinha em mármore e aço inoxidável que se estendia até um grande gabinete com tapetes persas e sofás rechonchudos. Portas dobráveis davam para um vasto deque de pau-rosa. No andar de cima ficavam os quartos e o banheiro principal, com bancadas de mármore e uma banheira embutida. Enquanto andávamos pela casa, o assoalho de madeira rangia como se nos desse as boas-vindas. Começou a chuviscar, e o tamborilar da chuva no telhado de ardósia soava como dedos nas teclas de um piano.

† † †

PASSAMOS AQUELAS PRIMEIRAS SEMANAS HIBERNANDO e nos orientando. Fizemos um balanço dos acontecimentos, esperamos pacientemente enquanto nos adaptávamos a nossa forma física, e mergulhamos nos rituais da vida cotidiana. Havia muito que aprender e certamente não seria fácil. A princípio, dávamos um passo e ficávamos surpresos de estar pisando em terra

firme. Sabíamos que tudo na terra era constituído de moléculas agrupadas para formar diferentes substâncias: ar, rocha, madeira, animais. Mas a experiência era algo muito diferente.

Barreiras físicas nos rodeavam. Tínhamos que contorná-las e tentar evitar a consequente sensação de claustrofobia. Toda vez que pegava um objeto, eu parava para me maravilhar com sua função. A vida humana era tão complicada que havia aparelhos para ferver água, tomadas de parede que canalizavam correntes elétricas e todo tipo de utensílios domésticos na cozinha e no banheiro planejados para poupar tempo e proporcionar mais conforto. Tudo tinha uma textura própria, um cheiro próprio — era como um circo para os sentidos. Eu via que Ivy e Gabriel queriam bloquear tudo e voltar ao silêncio estático, mas eu desfrutava cada momento, ainda que fosse sufocante.

Algumas noites, recebíamos a visita de um mentor de vestes brancas e sem rosto que simplesmente aparecia sentado numa poltrona na sala de estar. Sua identidade nunca foi revelada, embora soubéssemos que ele agia como mensageiro entre os anjos na Terra e os poderes no Céu. Em geral se seguia um momento em que podíamos discutir os desafios da encarnação e obter respostas para nossas perguntas.

— O proprietário solicitou documentos relativos à nossa residência anterior — disse Ivy em nossa primeira reunião.

— Pedimos desculpas pelo descuido. Considerem isso resolvido — respondeu o mentor.

Sua face ficava encoberta, mas, quando ele falava, dava para ver pequenas baforadas de névoa vindo de baixo de seu capuz.

— Dentro de quanto tempo se espera que possamos entender completamente nossos corpos? — quis saber Gabriel.

— Depende — respondeu o mentor. — Não mais do que algumas semanas, a menos que resistam à mudança.

— Como os outros emissários estão se saindo? — indagou Ivy, preocupada.

— Uns estão se adaptando à vida humana, como vocês, e outros foram lançados direto à batalha — respondeu o mentor. — Há alguns recantos da Terra infestados de agentes das trevas.

— Por que pasta de dente me dá dor de cabeça? — perguntei.

Meus irmãos me lançaram olhares repreensivos, mas o mentor ficou impassível.

— A pasta de dente contém ingredientes químicos fortes para matar bactérias — disse. — Espere uma semana, as dores de cabeça passarão.

Terminadas as conversas com o mentor, Gabriel e Ivy sempre ficavam discutindo algum assunto particular, e eu me perguntava o que tinham para dizer que eu não podia ouvir.

O primeiro grande desafio foi cuidar dos nossos corpos.

Eles eram frágeis. Precisavam ser nutridos e protegidos dos elementos — o meu mais do que o dos meus irmãos, porque eu era jovem; era minha primeira visita e eu não tivera tempo de desenvolver qualquer resistência. Gabriel era um guerreiro desde a aurora dos tempos, e Ivy era abençoada com poderes de cura. Eu, por outro lado, era muito mais vulnerável. Nas primeiras vezes que me aventurei a sair para passear, voltei tremendo de frio, percebendo que não estava vestida adequadamente. Gabriel e Ivy não sentiam frio, mas seus corpos ainda assim precisavam de manutenção. Nós nos perguntávamos por que nos sentíamos fracos ao meio- dia, e então percebemos que nossos corpos necessitavam de refeições regulares. A preparação da comida era uma tarefa tediosa, e, por fim, nosso irmão, Gabriel, ofereceu-se magnanimamente para se encarregar dela. Havia uma vasta coleção de livros de culinária na biblioteca da casa, e ele adquiriu o hábito de mergulhar neles à noite.

Procurávamos ter o mínimo de contato humano. Fazíamos compras depois do horário convencional em Kingston, uma cidade maior e vizinha à nossa, e não atendíamos à porta nem ao telefone, se este por acaso tocasse. Fazíamos longas caminhadas em horas em que os humanos estavam ocupados dentro de casa. Às vezes íamos à cidade e sentávamos juntos em cafés com mesas na calçada para observar os passantes, tentando parecer absortos na companhia uns dos outros a fim de não chamar atenção. A única pessoa a quem nos apresentamos foi o padre Mel, que era o pároco da Saint Mark, uma capela de arenito azulado à beira-mar.

— Minha nossa — disse ele quando nos viu. — Vocês finalmente vieram.

Gostávamos do padre Mel porque ele não fazia perguntas nem exigia nada de nós; simplesmente juntava-se a nós nas orações. Torcíamos para que, com o tempo, graças à nossa influência sutil sobre a cidade, as pessoas se voltassem para a própria espiritualidade. Não esperávamos que elas prestassem atenção aos preceitos e fossem à igreja todos os domingos, mas queríamos recuperar sua fé e ensiná-las a acreditar em milagres. Mesmo se elas passassem na igreja a caminho do supermercado e apenas acendessem uma vela, ficaríamos felizes.

Venus Cove era uma sonolenta cidade praiana, o tipo de lugar onde nada mudava. Gostávamos do sossego e adquirimos o hábito de caminhar junto ao mar, em geral na hora do jantar, quando a praia estava quase sempre deserta. Certa noite, fomos ao píer ver os barcos ancorados. Eles eram tão coloridos que

pareciam barcos de cartão-postal. Chegamos ao fim do píer e só então notamos o garoto solitário sentado lá. Ele não poderia ter mais de 17 anos, mas era possível enxergar nele o homem que um dia se tornaria. Usava bermudas cargo até os joelhos e uma camiseta branca larga com as mangas cortadas. Suas pernas musculosas pendiam da beirada do píer. Ele pescava e tinha uma sacola de tela cheia de iscas e molinetes sortidos ao lado. Paramos de súbito assim que o avistamos e teríamos dado meia-volta, se ele já não nos tivesse visto.

— Oi — disse ele com um sorriso aberto. — Noite gostosa para passear.

Meus irmãos só concordaram com a cabeça e não se mexeram. Achei indelicado não responder e dei um passo à frente.

— É mesmo — disse eu. Acho que este foi o primeiro sinal da minha fraqueza: deixei-me levar por minha curiosidade terrena. Deveríamos interagir com os humanos, mas nunca fazer amizade com eles nem acolhê-los em nossas vidas. Eu já estava desrespeitando as regras da nossa missão. Sabia que deveria ficar calada, afastar- me, mas, em vez disso, apontei para os molinetes do garoto. — Teve alguma sorte?

— Faço isso por diversão — disse ele, virando um balde para eu ver que estava vazio. — Quando pesco algum peixe, devolvo-o ao mar.

Dei outro passo à frente para olhar mais de perto. Seu cabelo castanho-claro era da cor da noz. Cobria-lhe as sobrancelhas e era luzidio sob aquela luz mortiça. Seus olhos tinham o formato de amêndoas e eram de um tom de azul-turquesa impressionante. Seu sorriso era absolutamente hipnotizador. Então era assim que se fazia, pensei; sem nenhum esforço, instintivamente, e de modo absolutamente humano. Enquanto olhava, sentia-me atraída por ele, quase que por uma força magnética. Ignorando o olhar repreensivo de Ivy, dei outro passo adiante.

— Quer tentar? — perguntou ele, percebendo minha curiosidade e me estendendo a vara de pescar. Enquanto me esforçava para pensar numa resposta adequada, Gabriel se antecipou e respondeu por mim.

— Agora vamos, Bethany. Temos que ir para casa.

Reparei quão formal era o discurso de Gabriel em comparação à do garoto. As palavras de Gabriel soavam ensaiadas, como se ele estivesse atuando numa peça teatral. Provavelmente era assim que se sentia. Parecia um personagem de um dos filmes antigos de Hollywood a que eu assistira como parte da nossa pesquisa.

— Deixa para a próxima, então — disse o garoto, percebendo a tensão de Gabriel. Vi como os cantos dos olhos dele franziram ligeiramente quando ele

sorriu. Algo na expressão dele me fez pensar que ele estivesse caçoando da gente. Afastei-me meio a contragosto.

— Foi muita grosseria da sua parte — disse eu ao meu irmão, quando já não podíamos ser ouvidos. Fiquei surpresa com minhas próprias palavras. Desde quando um anjo temia dar a impressão de ser ligeiramente arredio? Desde quando eu confundira o jeito distante de Gabriel com indelicadeza? Ele fora criado daquela maneira, não se sentia em sintonia com a humanidade, não entendia o jeito dos homens. Ainda assim, eu o recriminava por lhe faltarem características humanas.

— Temos que ter cuidado, Bethany — explicou ele, como se falasse com uma filha travessa.

— Gabriel está certo — acrescentou Ivy, a aliada com quem nosso irmão podia contar sempre. — Ainda não estamos prontos para ter contato com os humanos.

— Eu acho que estou — discordei. Virei-me para olhar pela última vez para o garoto. Ele continuava nos observando e sorrindo.

3
A Descida

A Escola Bryce Hamilton ficava na periferia da cidade, erguendo-se sobranceira no alto de uma ladeira. Onde quer que se estivesse no prédio, tinha-se uma vista: ou de vinhedos e colinas verdejantes com uma ou outra vaca pastando, ou dos penhascos acidentados da Costa do Naufrágio, assim batizada devido aos muitos navios que tinham afundado em suas águas traiçoeiras no século anterior. A escola, uma mansão de calcário com janelas em arco, vastos gramados e um campanário, era um dos prédios originais da cidade. Já havia sido um convento antes de ser transformada em escola nos anos 1960.

Um lance de degraus de pedra levava à porta dupla da entrada principal, que era sombreada por uma arcada coberta de trepadeiras. Anexa ao prédio principal havia uma capela de pedra, onde, como fomos informados, de vez em quando ainda se realizavam cerimônias religiosas, mas que, principalmente, era o local para onde iam os estudantes quando precisavam de refúgio. O terreno era cercado por um muro de pedra alto, e os portões de ferro terminando em pontas de lança ficavam abertos para permitir o acesso de automóveis ao caminho de cascalho.

Apesar da aparência arcaica, a Bryce Hamilton era conhecida por se adaptar aos novos tempos. Era famosa por seu espírito de consciência social e tinha a preferência de pais que evitavam sujeitar os filhos a qualquer espécie de repressão.

A maioria dos alunos tinha uma ligação de longa data com a escola por meio de pais e avós que haviam sido alunos.

Ivy, Gabriel e eu ficamos parados do lado de fora do portão vendo os estudantes chegarem. Eu me concentrava em tentar controlar o frio na barriga. A sensação era desconfortável e, no entanto, estranhamente divertida. Ainda estava me acostumando à forma como as emoções podiam afetar o corpo humano. Respirei fundo. Era engraçado como o fato de ser anjo não me deixava mais preparada para o nervosismo dos primeiros dias em um lugar novo. Eu não precisava ser humana para saber que as primeiras impressões podiam fazer toda diferença entre a aceitação e o isolamento. Eu escutara as preces que as adolescentes faziam, quase todas pedindo para serem aceitas pelo grupo “popular” e arranjar um namorado que jogasse no time de rúgbi. Já eu me

limitava a torcer para arranjar um amigo.

Os alunos chegavam em grupos de três ou quatro: as meninas vestidas exatamente como eu, e os meninos de calça cinza, camisa branca e gravata listrada de azul e verde. Mesmo com o uniforme, era fácil distinguir os grupos sociais específicos que eu tinha observado do Reino. A galera da música era constituída de garotos com cabelos na altura dos ombros, com mechas desalinhadas caindo nos olhos. Carregavam sempre estojos de instrumentos, tinham acordes musicais rabiscados nos braços e andavam num passo tranqüilo, com a camisa para fora da calça. Havia também uma pequena minoria de góticos, que se diferenciavam pela maquiagem pesada nos olhos e pelos penteados espetados. Eu me perguntava como era permitido que eles usassem esse visual, que certamente infringia as regras da escola. Os que se viam como artistas incrementavam o uniforme com boinas ou chapéus e lenços coloridos. Algumas garotas andavam em bandos, como um grupo de louras platinadas que atravessava a rua de braços dados. Os intelectuais eram facilmente identificáveis: usavam uniformes impecáveis sem alterações e tinham a mochila oficial da escola. Geralmente caminhavam com um zelo missionário, de cabeça baixa, ansiosos para chegar à sacralidade da biblioteca. Um grupo de garotos com a camisa para fora da calça, gravata frouxa e tênis estava à toa, à sombra de umas palmeiras, tomando refrigerante em lata ou achocolatado de caixinha. Eles não demonstravam a menor pressa de passar pelo portão da escola, e, em vez disso, se revezavam dando socos, pulando carniça e caindo no chão, rindo e gemendo de dor ao mesmo tempo. Vi um garoto jogar uma lata vazia na cabeça do amigo. A lata repicou e caiu na calçada. O garoto primeiro pareceu aturdido, e depois caiu na gargalhada.

Observávamos tudo aquilo cada vez mais consternados e ainda sem nos distanciar muito do portão de entrada. Um garoto passou por nós e olhou para trás com curiosidade. Usava um boné de beisebol virado ao contrário e as calças tão frouxas nos quadris que deixavam a etiqueta da cueca aparente.

— Confesso que não me dou muito bem com algumas dessas tendências de moda. — Gabriel contraiu os lábios.

Ivy riu.

— Estamos no século XXI — disse ela. — Tente não soar tão crítico.

— Não é assim que são os professores?

— Acho que sim, mas não pense que será popular. — Ivy olhou decidida para a entrada e se empertigou mais um pouco, embora já tivesse uma postura perfeita. Apertou o ombro de Gabriel e me entregou uma pasta com o horário

das aulas, um mapa da escola e outras informações que colhera para mim no início da semana. — Está pronta?

— Mais pronta impossível — respondi, tentando me munir de coragem. Eu me sentia como se estivesse prestes a entrar numa batalha. — Vamos lá.

Ivy ficou em pé no portão acenando, como uma mãe se despedindo dos filhos no primeiro dia de aula.

— Vai dar tudo certo, Bethany — prometeu Gabriel. — Lembre-se de onde viemos.

Já sabíamos que nossa chegada impressionaria, mas não esperávamos que as pessoas olhassem escancaradamente em nossa direção, nem que abrissem caminho como se recebessem membros da realeza. Evitei fazer contato visual e acompanhei Gabriel à secretaria. Dentro, havia um tapete verde-escuro e uma fileira de cadeiras estofadas. Por uma divisória de vidro, víamos um gabinete com um ventilador de pé e estantes quase até o teto. Uma mulher baixa e gorda com um suéter cor-de–rosa e uma empáfia exagerada veio toda alvoroçada ao nosso encontro. Um telefone tocou numa mesa próxima, e ela olhou com expressão de fúria para uma auxiliar do escritório, indicando que era serviço dela atender. Sua expressão se suavizou um pouco quando ela chegou a uma distância que lhe permitiu ver os nossos rostos.

— Olá, gente! — exclamou alegremente nos olhando de cima a baixo. — Sou a sra. Jordan, chefe da secretaria. Você deve ser a Bethany, e você — ela abaixou um pouco o tom de voz quando examinou com agrado o rosto impecável de Gabriel — deve ser o Sr. Church, nosso novo professor de música.

Ela saiu de trás da divisória de vidro e passou a pasta que trazia para debaixo do braço, a fim de apertar nossas mãos com entusiasmo.

— Sejam bem-vindos à Bryce Hamilton! Já aloquei um armário para a Bethany no terceiro andar; podemos seguir para lá agora, e depois acompanho o Sr. Church à sala do corpo docente. As reuniões de professores são às terças e quintas. Espero que aproveitem sua temporada aqui. Verão que esta é uma escola muito animada. Com toda a sinceridade, posso dizer que nunca me entediei nos vinte anos de serviços prestados a esta instituição.

Gabriel e eu trocamos olhares e nos perguntamos se aquele era o jeito sutil da sra. Jordan de nos avisar sobre o que esperar da escola. Com o andar alvoroçado, ela nos mostrou o caminho passando pelas quadras de basquete, onde um grupo de garotos suados treinava duro fazendo arremessos.

— Há um grande jogo hoje à tarde — confidenciou a sra. Jordan, virando-se para trás com uma piscadela. Olhou em direção às nuvens que surgiam e

franziu o cenho. — Espero que essa chuva não resolva cair. Nossos garotos ficarão muito desapontados se tivermos que cancelar a partida.

Enquanto ela tagarelava, vi Gabriel olhar para o Céu. Num movimento discreto, ele virou as palmas das mãos para cima e fechou os olhos. Os anéis de prata cinzelada que ele usava faiscaram ao sol. Imediatamente, como se em resposta ao seu comando silencioso, raios solares atravessaram as nuvens e inundaram as quadras de luz dourada.

— Mas olhem isso! — exclamou a sra. Jordan. — O tempo está mudando... vocês devem ter nos trazido sorte.

Na ala principal, os corredores tinham carpetes bordô-escuros e portas de carvalho com painéis de vidro que conduziam a salas de aula de aspecto antiquado. O pé-direito era alto, e algumas das luminárias antigas exageradamente enfeitadas continuavam lá. Faziam um contraste gritante com os armários revestidos de grafite dos dois lados do corredor, o odor ligeiramente enjoativo de desodorante aliado a agentes de limpeza e o cheiro gorduroso de hambúrgueres vindo da cantina. A sra. Jordan nos acompanhou num tour rápido e intenso, mostrando as principais instalações (pátio com cobertura de lona, departamento de arte e multimídia, bloco de ciências, sala de reuniões, ginásio e pistas, campos esportivos e o centro de artes performáticas, também conhecido como CAP). Estava visivelmente apressada, porque, depois de mostrar meu armário, explicou-me rapidamente como chegar à enfermaria, disse-me que não hesitasse se tivesse quaisquer perguntas. Então pegou Gabriel pelo braço e o levou embora rapidamente. Ele olhou para mim apreensivo.

— Vai ficar bem? — perguntou baixinho.

Dei um sorriso como resposta, esperando parecer mais confiante do que me sentia. Tudo o que eu não queria era Gabriel se preocupando comigo quando ele tinha os próprios assuntos para tratar. Naquele exato momento, uma sineta tocou, reverberando pelo prédio e sinalizando o início da primeira aula. De repente, me vi em pé sozinha num corredor cheio de estranhos. Eles passavam por mim com indiferença a caminho das várias salas de aula. Por um momento, senti-me invisível, como se não fizesse sentido estar ali. Chequei meu horário, e a confusão de números e letras parecia estar numa língua estrangeira, dado o sentido que fazia para mim. V.QUIS11 — como se esperava que eu soubesse decifrar aquilo? Até cogitei passar agachada pelo meio da multidão e voltar à rua Byron.

Com licença. — Chamei a atenção de uma garota com uma cascata de cachos ruivo-dourados que passava por mim. Ela parou e me examinou com

interesse. — Sou nova — expliquei desamparada, mostrando meu horário.

— Pode me dizer o que isto significa?

— Significa que você tem aula de química com o Sr. Velt na sala S-11. É neste corredor. Se quiser, te acompanho; estamos na mesma turma.

— Obrigada — disse eu, deixando transparecer meu alívio.

— Tem uma folga depois de química? Se tiver, posso te mostrar a escola.

— Uma o quê? — perguntei cada vez mais confusa.

— Uma folga, tipo um tempo livre... A menina me lançou um olhar intrigado. — Como chamavam isso na sua antiga escola? — Sua expressão mudou quando ela cogitou uma possibilidade mais perturbadora. — Ou vocês não tinham nenhum?

— Não — respondi, com uma risada nervosa. — Não tínhamos.

— Devia ser um saco. Eu me chamo Molly, aliás.

A garota era bonita, com uma pele viçosa, feições equilibradas e olhar inteligente. Sua tez rosada me fez lembrar da garota de um quadro que eu vira, uma pastora num cenário bucólico.

— Bethany — disse, com um sorriso. — Prazer em conhecê-la.

Molly aguardou pacientemente diante do meu armário enquanto eu catava na bolsa o livro de química, um caderno de espiral e um punhado de canetas. Parte de mim queria chamar Gabriel e lhe pedir que me levasse para casa. Eu quase sentia seus braços fortes me envolvendo, me escondendo de tudo, e me conduzindo de volta à Byron. Gabriel tinha um jeito de me transmitir segurança, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mas eu não sabia como encontrá-lo naquela escola enorme; ele poderia estar atrás de qualquer uma das portas sem número, em qualquer daqueles corredores idênticos; eu não fazia a,menor idéia de como encontrar o departamento de música. Repreendi a mim mesma em silêncio pela dependência de Gabriel. Eu precisava sobreviver aqui diariamente sem a proteção dele e estava decidida a lhe mostrar ser capaz disso. Molly abriu a porta da sala, e então entramos. Claro, estávamos atrasadas.

O Sr. Velt era um homem careca e baixinho e tinha uma testa brilhosa. Usava um suéter estampado com formas geométricas que parecia desbotado por excesso de lavagem. Quando Molly e eu entramos, ele estava tentando explicar uma fórmula rabiscada no quadro para um grupo de alunos, cujas expressões vazias indicavam que eles desejavam estar em qualquer lugar, menos naquela sala.

— Ainda bem que conseguiu se unir a nós, Srta. Harrison — disse ele a Molly, que logo seguiu de fininho para o fundo da sala.

Já tendo verificado a lista de chamada, ele parecia saber quem eu era.

— Atrasada no seu primeiro dia, Srta. Church — disse, estalando a língua e erguendo uma sobrancelha em sinal de reprovação. — Não é exatamente um bom começo. Ande logo e sente-se.

De repente, ele percebeu que se esquecera de me apresentar. Parou de escrever apenas pelo tempo de que precisava para fazer uma apresentação superficial, meio que por obrigação.

— Gente, esta é Bethany Church. Como ela é nova na Bryce Hamilton, por favor, façam o possível para que ela se sinta acolhida.

Quase todos os pares de olhos da sala me viram ocupar o último lugar disponível, que era no fundo, ao lado de Molly. Quando o Sr. Velt parou de falar e nos disse para resolver o conjunto de questões seguinte, pude estudá- la com mais atenção. Percebi que ela não abotoava o último botão do uniforme e usava argolas grandes de prata nas orelhas. Sacara uma lixa do bolso e lixava as unhas por baixo da mesa, ignorando ostensivamente as instruções do professor.

— Não ligue para o Sr. Velt — sussurrou ela, vendo meu olhar de surpresa. — Ele é um quadradão, e entrou em parafuso depois que a mulher pediu o divórcio. A única coisa que o faz ir tocando a vida atualmente é aquele conversível novo, que ele dirige como um paspalho. — Ela riu e vi que tinha um sorriso largo e dentes brancos. Usava muito rímel, mas sua pele tinha um brilho natural. — Bethany é um nome bonito — prosseguiu ela. — Apesar de meio antiquado. Mas olha, calhei de ser chamada logo de Molly, como um personagem de um livro infantil ilustrado.

Sorri sem jeito para ela, não inteiramente certa de como responder a alguém tão seguro e direto.

— Acho que temos que carregar os nomes que nossos pais escolheram para nós — disse eu, sabendo que era uma tentativa fraca de prosseguir com a conversa.

Vi que não devia ter falado nada, já que estávamos em aula e toda ajuda era bem-vinda para o pobre Sr. Velt. Falar aquilo também fez com que eu me sentisse uma fraude, já que anjos não tem pais. Por um momento, achei que Molly ia perceber que eu estava mentindo. Mas ela não percebeu.

— Então, de onde você é? — perguntou ela, soprando as unhas de uma das mãos e agitando um vidro de esmalte rosa fluorescente.

— Passamos um tempo morando em outro país — respondi, me perguntando qual poderia ser a reação dela se eu lhe dissesse que eu era do Reino dos Céus. — Nossos pais ainda estão fora.

— É mesmo? — Molly parecia impressionada. — Onde? Hesitei.

— Em lugares diferentes. Eles se mudam muito.

Molly pareceu aceitar isto como se fosse bastante comum.

— O que eles fazem? — perguntou.

Atrapalhei-me procurando uma resposta. Eu sabia que havíamos discutido isso, mas me deu um branco. Seria típico de mim cometer um erro crucial no primeiro dia como estudante. Então, lembrei o que devia dizer.

— Eles são diplomatas. Viemos para cá com nosso irmão mais velho. Ele acabou de começar a dar aula aqui. Nossos pais virão assim que puderem.

Tentei dar o máximo possível de informações para satisfazer a curiosidade dela e evitar outras perguntas. Não é da natureza dos anjos saber mentir. Torci para que minha história convencesse Molly. Tecnicamente, tudo aquilo era verdade.

— Legal — foi tudo o que ela disse. — Nunca viajei para o exterior, mas já fui algumas vezes à cidade grande. È bom você se preparar para uma mudança de estilo de vida em Venus Cove. Costuma se bem frio por aqui, mas as coisas andam meio esquisitas ultimamente.

— Como assim?

— Bem, morei aqui minha vida inteira; meus avós também, e eles tinham uma empresa local. E, nesse tempo todo, nunca aconteceu nada de muito ruim; uma ou outra fábrica pegou fogo, e houve alguns acidentes de barco. Mas agora... — Molly baixou o tom. — há assaltos e acidentes estranhos em todo canto. Houve uma epidemia de gripe no ano passado que matou seis crianças.

— Que horror — disse eu num fio de voz. Eu começava a ter noção do tamanho dos danos causados pelos agentes das trevas, e aquilo não soava nada bem. — Isso foi tudo o que aconteceu?

— Há mais uma coisa — disse Molly. — Mas é preciso ter cuidado ao tocar neste assunto na escola. Muitos garotos ainda estão bem traumatizados com isso.

— Não se preocupe, vou prestar atenção no que falo — assegurei-lhe.

— Bem, uns seis meses atrás, um dos garotos do último ano, Henry Taylor, subiu no telhado para pegar uma bola de basquete que tinha caído lá. Ele não estava matando aula nem nada, só queria pegar a bola. Ninguém viu como aconteceu, mas ele escorregou e caiu. Caiu bem no meio da quadra. Os amigos dele viram tudo. Como nunca conseguiram fazer a mancha de sangue desaparecer completamente, ninguém joga mais naquela quadra.

Antes que eu pudesse responder, o Sr. Velt pigarreou e nos lançou um olhar fuzilante.

— Srta. Harrison, presumo que esteja explicando à nossa aluna nova o conceito de ligação covalente.

— Hum, não exatamente, Sr. Velt — respondeu Molly. — Não quero matá-la de tédio no primeiro dia.

Vi uma veia pulsar na testa do Sr. Velt e percebi que talvez eu devesse intervir. Canalizei uma energia apaziguadora para ele e observei com satisfação enquanto ele ia ficando menos irritado. Seus ombros pareceram relaxar, e sua face perdeu aquela avidez, recuperando um tom mais natural. Ele olhou para Molly e deu uma risada tolerante, quase paternal.

— Seu senso de humor é infalível, Srta. Harrison.

Molly pareceu confusa, mas era esperta o suficiente para se abster de fazer outros comentários.

— Minha teoria é que ele está tendo uma crise de meia-idade — sussurrou-me ela.

O Sr. Velt não fez caso de nós e se ocupou de montar o projetor de slides. Gelei por dentro e tentei sufocar uma onda crescente de pânico. Nós, anjos, éramos bastante radiosos à luz do dia. No escuro era pior, mas dava para disfarçar. Contudo, na luz halógena de um projetor de teto, quem sabia o que poderia acontecer? Decidi que era melhor não arriscar. Pedi licença para ir ao banheiro e saí de fininho. Fiquei do lado de fora, esperando o Sr. Velt terminar a apresentação e acender as luzes. Dava para ouvir com perfeição o clique dos slides sendo trocados, e, pelo painel de vidro da porta da sala, eu via que demonstravam uma descrição simplificada da teoria de ligação de valência. Ainda bem que eu não teria de estudar coisas básicas assim para sempre.

— Está perdida?

A voz veio de trás de mim, sobressaltando-me. Virei e vi um garoto encostado nos armários em frente à porta. Embora parecesse mais formal com aquela camisa abotoada, a gravata com um nó bem-feito e o blazer da escola, não dava para confundir aquele rosto nem o cabelo cor de noz caído nos olhos extremamente azuis. Eu não esperara topar com ele de novo, mas o garoto do píer estava parado bem na minha frente, com o mesmo sorriso maroto.

— Estou bem, obrigada — disse eu, afastando-me o mais rápido que pude. Se me reconhecera, não estava demonstrando. Esperei que o fato de eu lhe virar as costas, com toda grosseria que há nisso, cortasse a conversa. Ele me pegara desprevenida, e algo nele me deixava sem saber para onde olhar e o que fazer com as mãos. Mas ele parecia não parecia ter pressa.

— Sabe, a maneira mais convencional de aprender é dentro da sala de aula.

Fui obrigada a me virar e então acusar a presença dele. Tentei transmitir minha relutância em conversar com um olhar frio, mas, quando meus olhos encontraram os dele, algo completamente diferente aconteceu. Tive uma reação física instantânea, sentindo um frio na barriga e a sensação de que o mundo estava fugindo dos meus pés e que eu tinha que me equilibrar para não cair com ele.

Devo ter ficado com uma expressão de quem estava prestes a desmaiar, porque num ato involuntário ele estendeu o braço para me apanhar. Vi a tira de couro trançado que ele usava no pulso, o único item que destoava da sua vestimenta, que, afora isso, era tradicional.

A lembrança que eu tinha dele não lhe fazia jus. Ele tinha a beleza impressionante de um ator, mas sem qualquer vestígio de vaidade. Sua boca se contraía num meio sorriso, e seus olhos límpidos tinham uma profundidade que eu não percebera da primeira vez. Ele era esguio, mas, por baixo do uniforme, dava para ver os ombros de um nadador. Ele me olhava como se quisesse me ajudar mas não soubesse bem como, e, quando olhei fixamente para ele, percebi que seu poder de atração estava ligado tanto à sua postura quanto a suas feições regulares e pele macia. Desejei que me ocorresse uma resposta à altura da confiança que ele transmitia, mas não consegui pensar em nada.

— Só estou um pouco tonta, não é nada de mais — murmurei. Ele chegou mais perto, ainda com um ar preocupado.

— Quer se sentar?

— Não, agora estou bem. — Balancei a cabeça de modo decidido.

Convencido de que eu não ia desmaiar, ele estendeu a mão e me abriu um sorriso deslumbrante.

— Não tive chance de me apresentar da última vez que nos vimos. Sou o Xavier. Então ele não esquecera.

Sua mão era larga e quente. Ele segurou a minha por uma fração de segundo a mais. Lembrei-me do que Gabriel dissera a respeito de evitar interações humanas arriscadas. Sinos de alerta soaram na minha cabeça enquanto eu franzia o cenho e puxava a mão de volta. Não seria exatamente uma decisão sábia fazer amizade com um garoto com essa beleza absurda e esse sorriso de cem watts. A palpitação no meu peito quando eu olhava para ele me dizia que eu já estava em maus lençóis. Eu estava aprendendo a ler os sinais enviados pelo meu corpo e sabia que esse garoto estava me deixando tensa. Mas havia o sinal de outro sentimento, um que eu não conseguia identificar. Afastei-me dele, recuando em direção à porta da sala, onde vi a luz acabar de ser acesa. Eu sabia

que estava sendo indelicada, mas estava muito nervosa para importar. Xavier não pareceu ofendido, apenas intrigado com meu comportamento.

— Sou Bethany — consegui dizer, já passando pela porta.

— A gente se vê, Bethany.

Fiquei vermelha como um pimentão quando voltei para o laboratório de química, e o Sr. Velt me lançou um olhar incriminatório por ter demorado no banheiro.

† † †

NA HORA DO ALMOÇO, PERCEBI QUE A BRYCE HAMILTON era um campo minado de projetores de slides e outras armadilhas planejadas para flagrar anjos disfarçados como eu. Na aula de ginástica, tive um pequeno ataque de pânico quando percebi que deveria ser normal eu trocar de roupa na frente das outras meninas. Elas se despiam sem pensar duas vezes e jogavam a roupa nos armários ou no chão. Molly embaraçou as alças do sutiã e me pediu ajuda, o que eu fiz nervosamente, esperando que ela não notasse a maciez sobrenatural das minhas mãos.

— Uau, você deve passar litros de hidratante — disse ela.

— Toda noite — retruquei, sem dar muita importância.

— Então, o que está achando do pessoal da Bryce Hamilton? Os garotos são quentes o suficiente para você?

— Eu não diria quentes, diria intrigada. A maioria deles parece ter uma temperatura corporal normal.

Molly ficou me olhando. Parecia prestes a rir de mim, mas minha expressão a convenceu de que eu não estava tentando ser engraçada.

— Quente significa bonito — explicou ela. — É sério que você nunca ouviu isso antes? Onde ficava a sua última escola? Em Marte?

Corei assim que entendi o significado da pergunta original que ela havia feito.

— Ainda não cheguei a conhecer nenhum garoto — disse eu encolhendo os ombros. — Apenas dei de cara com um chamado Xavier.

Torci para que conseguisse soar descontraída quando mencionasse o nome dele na conversa.

— Que Xavier? — indagou Molly, agora toda ouvidos. — É o louro? O Xavier Laro é louro e joga no time de lacrosse. Ele é bem quente. Eu não censuraria você por gostar dele, mas acho que talvez ele já tenha namorada. Ou

será que eles terminaram? Não tenho certeza. Eu poderia tentar descobrir.

— Esse tinha cabelo castanho — cortei-a — e olhos azuis.

— Ah. — A expressão de Molly mudou. — Esse deve ser o Xavier Woods. Ele é o aluno representante da escola.

— Bem, ele pareceu simpático.

— Eu não ficaria atrás dele se fosse você — aconselhou ela.

Ela assumiu uma expressão preocupadíssima, mas senti que ela esperava que eu aceitasse seu conselho a qualquer custo. Talvez esta fosse uma das regras no mundo das adolescentes: as amigas sempre têm razão.

— Eu não estou atrás de ninguém, Molly — disse, mas não resisti a perguntar. — Mas por quê? O que há de errado com ele?

Parecia impossível que o garoto que eu conhecera pudesse ser qualquer outra coisa senão perfeito.

— Ah, ele é bem bonzinho — respondeu Molly — , mas digamos apenas que tem uma bagagem.

— O que significa isso?

— Bem, um monte de garotas anda há séculos tentando chamar a atenção dele, mas ele está emocionalmente indisponível.

— Quer dizer que ele já tem namorada?

— Teve. O nome dela era Emily. Mas ninguém conseguiu consolá-lo desde que... — Ela deixou a frase no ar.

— Eles terminaram?

— Não. — Molly baixou o tom de voz e torceu os dedos, incomodada. — Ela morreu num incêndio há pouco mais de um ano. Antes disso, eles eram inseparáveis, as pessoas falavam que eles iam casar e tudo. Ninguém conseguiu estar à altura dela. Acho que até hoje ele não superou isso.

— Que coisa terrível! — exclamei. — Ele devia ter apenas...

— Dezesseis anos — terminou Molly. — Ele era muito amigo do Henry Taylor também. Falou nos funerais. Acabava de se recuperar da Emily quando aconteceu. Todo mundo meio que esperava que ele desmoronasse, mas ele só se fechou emocionalmente e foi levando.

Eu não sabia mais o que dizer. Olhando para a expressão de Xavier, era impossível adivinhar a dor que ele deve ter suportado, embora me lembrasse de que havia um ar ligeiramente cauteloso em seus olhos.

— Ele está bem agora — disse Molly. — Ainda é amigo de todo mundo, ainda joga no time de rúgbi e treina os nadadores da primeira série. Não é que não seja capaz de sorrir, mas relacionamentos são um pouco demais para ele.

Acho que ele não quer se envolver de novo depois do azar que teve.

— Acho que não se pode censurá-lo — disse eu.

Molly de repente notou que eu continuava de uniforme, e seu tom sério se desanuviou.

— Vá logo trocar de roupa — apressou-me — Você é tímida, por acaso?

— Só um pouquinho.

Sorri para ela e entrei num boxe de chuveiro.

Meus pensamentos sobre Xavier Woods foram interrompidos assim que vi o uniforme esportivo que teria que usar. Cheguei a cogitar pular a janela e fugir. O uniforme não ajudava em nada; o short era muito curto, e a parte de cima subia tanto que eu mal conseguia me mexer sem mostrar a barriga. Seria um problema durante os jogos ver que nós anjos não tínhamos umbigo — só uma pele macia, sem sardas nem celulite. Felizmente, minhas asas (de plumas, mas finas como folhas de papel) dobravam-se e ficavam achatadas nas minhas costas de modo que eu não precisava me preocupar com a possibilidade de elas ficarem à vista, mas começavam a me dar cãibra por falta de exercício. Eu mal podia esperar o voo da pré-aurora nas montanhas que Gabriel nos prometera para breve.

Puxei o top para baixo o máximo que pude e fui me juntar-me a Molly, que estava diante do espelho aplicando uma camada generosa de brilho nos lábios. Eu não sabia ao certo por que ela precisava pôr brilho nos lábios para a aula de ginástica, mas quando ela me ofereceu o pincel aceitei, não querendo parecer indelicada. Eu não sabia muito bem como usar o aplicador, mas consegui passar uma camada bastante irregular. Presumi que fosse algo que exigisse prática. Diferentemente das outras garotas, eu não andara experimentando os cosméticos da minha mãe desde os cinco anos. Eu sequer sabia como era meu rosto humano até pouco tempo.

— Esfregue um lábio no outro — disse Molly. — Assim...

Imitei-a e vi que o movimento suavizava o brilho, me deixando com menos cara de palhaço.

— Está melhor — disse ela num tom de aprovação.

— Obrigada.

— Acho que você quase nunca usa maquiagem. Balancei a cabeça confirmando que não.

— Bem, não é que você precise. Mas essa cor vai bem em você.

— Tem um cheiro incrível.

— É sorvete de melão.

Molly pareceu satisfeita consigo mesma, depois se distraiu com alguma coisa e começou a farejar o ar.

— Está sentindo esse cheiro? — perguntou.

Contraí-me, numa onda súbita de insegurança. Será que era eu? Seria possível que tivéssemos um cheiro horrível para as pessoas na Terra? Será que Ivy pulverizara minhas roupas com uma espécie de perfume que era inaceitável socialmente no mundo de Molly?

— É um cheiro de... chuva ou algo assim — disse ela.

Relaxei imediatamente. O cheiro que ela sentia era só o cheiro característico dos anjos, e chuva era uma boa descrição da parte dela.

— Não seja boba Molly — disse uma de suas amigas. Taylah, acho que era o nome dela, pelo que me lembrava de apresentações apressadas anteriores. — Não está chovendo aqui, ora.

Molly deu de ombros e puxou minha manga, conduzindo-me do vestiário ao ginásio, onde uma loura já na casa dos cinqüenta com um rosto devastado pelo sol e bermuda de lycra dava pulinhos e gritava para que nos deitássemos e fizéssemos vinte flexões.

— Professores de ginástica não são simplesmente figuras irritantes? — perguntou Molly revirando os olhos. —

Eles são tão... pra cima o tempo todo...

Não respondi, mas, considerando o olhar inflexível da professora e a minha falta de entusiasmo atlético, provavelmente iríamos nos dar muito bem.

Meia hora depois, tínhamos dado dez voltas na quadra, feito uma série de cinqüenta flexões de braço, perna, abdominais e agachamentos, e aquilo era só o aquecimento. Fiquei com pena das outras alunas, andando cambaleantes com o peito arfando e camisas molhadas de suor. Os anjos não se cansavam; nossa energia era ilimitada, portanto não precisava ser conservada. Não transpirávamos, também; podíamos correr numa maratona sem produzir uma gota de suor. Molly de repente se deu conta disso.

— Você não está nem ofegando! — disse ela num tom de acusação. — Nossa, você deve realmente estar em ótima forma física.

— Ou usar um desodorante muito bom acrescentou Taylah, virando sua garrafa d’água no decote. O gesto chamou a atenção de um bando de meninos próximos, que ficaram olhando embasbacados para ela. — Está ficando quente aqui — provocou, desfilando diante dos garotos com a blusa transparente até a professora de ginástica ver o espetáculo e partir para cima de nós como um touro enraivecido.

O resto do dia passou sem maiores incidentes, a não ser pelo fato de que me vi andando pelos corredores na esperança de deparar novamente com o aluno representante da escola, o menino chamado Xavier Woods. Em vista do que eu ficara sabendo sobre ele por Molly, estava envaidecida por ele ter prestado alguma atenção em mim.

Pensei em nosso encontro no píer e me lembrei de ter ficado maravilhada com os olhos dele — um azul tão brilhante e tão espantoso. Eram do tipo que não dava para fitar por muito tempo sem sentir as pernas ficarem bambas. Eu me perguntava o que poderia ter acontecido caso tivesse aceitado seu convite e me sentado ao lado dele. Será que teríamos conversado enquanto eu tentava pescar? O que teríamos dito?

Sacudi meus pensamentos. Não foi por isso que eu fora enviada à Terra. Prometi a mim mesma que, daquele dia em diante, não pensaria mais em Xavier. Se eu o visse por acaso, o ignoraria. Se ele tentasse falar comigo, daria respostas superficiais e me afastaria. Resumindo: eu não permitiria que ele tivesse qualquer efeito sobre mim.

Nem preciso dizer que o plano foi um completo fracasso.

4
Na Terra

Quando a última sineta tocou, peguei meus livros e dei no pé, ansiosa para evitar os corredores infestados de gente. Já tinha sido empurrada, interrogada e examinada o suficiente por um dia. Apesar dos meus esforços, eu não conseguira ter um só momento de silêncio; nos intervalos, Molly me arrastara para conhecer suas amigas, que me dispararam todo tipo de perguntas como rajadas de metralhadora. Apesar disso, consegui chegar ao final do dia sem nenhum contratempo sério e estava feliz com esse feito.

Fiquei esperando por Gabriel embaixo das palmeiras em frente à escola, com a cabeça encostada no tronco frio e rugoso. Estava impressionada com a variedade da vegetação da Terra. As palmeiras, por exemplo, chamavam atenção por serem criações de aspecto estranho. Faziam-me lembrar de sentinelas, com aqueles troncos esguios e retos e aquela copa explosiva igual aos capacetes de guardas reais. Ali parada, eu observava os estudantes jogando as mochilas dentro dos carros e tirando os blazers, visivelmente mais relaxados. Alguns iam em direção à cidade para se reunir em cafés locais ou em seus lugares prediletos.

Eu não conseguia me sentir relaxada; sofria de excesso de informação. Minha cabeça zumbia enquanto eu tentava entender tudo o que acontecera no espaço de algumas horas. Nem a energia ilimitada com que fôramos criados conseguia evitar a exaustão que aos poucos tomava conta de mim. Eu não queria mais nada senão o conforto de casa.

Vi Gabriel descendo a escada principal seguido de perto por um pequeno bando de admiradores, em sua maioria garotas. Meu irmão devia ter se tornado uma celebridade, dada a atenção que ele atraía. As garotas ficavam vários metros atrás, tentando disfarçar. A julgar pela aparência, Gabe tinha conseguido manter a pose e a compostura o dia inteiro, mas eu via pela tensão da sua mandíbula e pelo ligeiro desalinho do seu cabelo que ele estava com muita vontade de ir para casa. As garotas pararam de falar no meio da frase quando ele olhou na direção delas. Eu conhecia meu irmão e desconfiava que, apesar do seu controle aparente, ele jamais receberia de bom grado esse tipo de atenção. Parecia mais constrangido do que envaidecido.

Gabriel estava próximo ao portão quando uma menina morena e esbelta tropeçou na frente dele numa tentativa fajuta de encenar um tombo. Num único

movimento suave, Gabe a aparou antes que ela chegasse ao chão. Deu para ouvir os suspiros de admiração em meio às estudantes que assistiam à cena, e vi algumas das garotas se revoltarem consigo mesmas por não terem tido aquela idéia primeiro. Mas não havia muito para justificar a inveja delas: Gabriel simplesmente equilibrou a garota, repôs os artigos que haviam caído da bolsa dela, pegou sua pasta surrada sem dizer nada e continuou andando. Não estava sendo antipático; apenas não vira necessidade de nenhuma troca de palavras. A garota olhava para ele como que hipnotizada, e as amigas fizeram uma rodinha à sua volta, esperando que um pouco do glamour do momento passasse para elas.

— Coitado, você já tem um fã-clube — disse eu compreensiva, dando-lhe tapinhas no braço enquanto tomávamos o caminho de volta para casa.

— Eu não sou o único — respondeu Gabriel. — Você também chamou a atenção.

— Sim, mas ninguém chegou a realmente tentar falar comigo. — Não mencionei meu encontro com Xavier Woods. Algo me dizia que Gabriel não o aprovaria.

— Dê graças pelas coisas não terem sido piores — disse Gabriel secamente.

Relatei o dia tim-tim por tim-tim a Ivy quando chegamos em casa. Gabriel permaneceu calado, não se empolgara com os detalhes. Ivy conteve um sorriso quando lhe contei a história das garotas extasiadas.

— As adolescentes às vezes não têm a menor sutileza — refletiu Ivy. — Os garotos, em compensação, são muito mais difíceis de interpretar. É tudo muito interessante, não acham?

— Todos me parecem simplesmente perdidos — disse Gabe. — Eu me pergunto se algum deles sabe realmente o que é a vida. Não me dei conta de que começaríamos do zero. Isso vai ser mais difícil do que pensei.

Ele se calou, e fomos todos lembrados da tarefa épica que tínhamos pela frente.

— Sempre soubemos que seria difícil — disse Ivy baixinho.

— Sabe o que eu reparei? Parece que muitas coisas aconteceram nesta cidade nos últimos meses. Ouvi umas histórias medonhas.

— Como o quê? — perguntou Ivy.

— Dois colegiais morreram em acidentes estranhos no ano passado. E houve surtos de doenças e incêndios e todo tipo de coisa suspeita. As pessoas começam a notar que há algo errado.

— Parece que chegamos aqui bem a tempo — disse Ivy.

— Mas como vamos encontrar quem quer... ou o que quer que seja

responsável por isso? — perguntei.

— Ainda não há como encontrar — disse Gabriel. — E nosso trabalho deixar tudo em ordem e esperar que eles apareçam de novo. Confiem em mim, eles não vão ser derrubados sem resistir.

Ficamos todos calados enquanto pensávamos em enfrentar os seres que estavam por trás daquela destruição.

— Fiz uma amiga hoje — anunciei, tentando diminuir o pessimismo que se abatia sobre nós.

Aquilo soou como um feito importante, e os dois me olharam com aquela expressão já familiar que era um misto de preocupação e reprovação.

— Há algo de errado com isso? — perguntei na defensiva. — Eu não estou autorizada a ter amigos? Achei que a idéia toda era a gente se misturar.

— Se misturar é uma coisa; mas você se dá conta de que amigos exigem tempo e energia? — retrucou Gabriel.

— Vão querer criar laços.

— Tipo se enlaçarem fisicamente na gente? — Eu estava confusa.

— Quero dizer que vão buscar um envolvimento emocional — explicou meu irmão. — As relações humanas às vezes têm um grau de intimidade que não é normal. Nunca vou entender isso.

— Elas podem também ser uma distração — acrescentou Ivy por algum motivo. — Sem falar que as amizades trazem consigo expectativas; portanto, escolha com cuidado.

— Que tipo de expectativas?

— As amizades humanas são baseadas na confiança. Os amigos compartilham problemas, trocam confidencias e... — Ela foi parando de falar com um movimento de sua cabeça dourada, em seguida lançando um olhar súplice para Gabriel.

— O que a Ivy quer dizer é que quem se tornar seu amigo vai começar a fazer perguntas e esperar respostas — disse Gabe. — As pessoas ficam querendo se envolver na sua vida, e isso é perigoso.

— Bem, obrigada pelo voto de confiança — respondi indignada. — Você sabe que eu nunca faria nada que pudesse pôr em risco a missão. Acha que sou tão burra a esse ponto?

Gostei de ver os dois trocando olhares culpados. Eu podia ser mais jovem e menos experiente que eles, mas isso não era motivo para ser tratada como idiota.

— Não achamos isso — disse Gabriel num tom mais conciliador. — Claro que confiamos em você; é só que queremos evitar que as coisas se compliquem.

— Não vão se complicar — retruquei. — Mas mesmo assim quero experimentar a vida como adolescente.

— Temos apenas que ter cuidado. — Gabriel estendeu o braço para me dar um aperto na mão. — Fomos incumbidos de uma tarefa que é muito mais importante do que nossos desejos individuais.

Dito dessa maneira, ele tinha razão. Por que ele era tão irritantemente sábio? E por que era impossível ficar com Raiva dele?

Fiquei muito mais relaxada em casa. Em pouco tempo, já tínhamos transformado aquele num lugar nosso. Estávamos manifestando uma característica tipicamente humana — personalizar um espaço e nos identificar com ele —, e a nossa casa era como um refúgio depois do dia que tivéramos. Até Gabriel, embora lhe custasse muito admitir, começava a gostar de morar lá. Raramente éramos incomodados pela campainha (a fachada imponente parecia afugentar visitantes) e, uma vez dentro, estávamos livres para cuidar dos nossos próprios interesses.

Eu tinha ficado ansiosa para chegar em casa, mas não sabia como ocupar meu tempo. Gabriel e Ivy não tinham esse problema. Estavam sempre lendo um livro, tocando piano, ou com farinha até os cotovelos na cozinha. Como não tinha um hobby, eu ficava à toa zanzando pela casa. Decidi me concentrar um pouco em tarefas domésticas. Trouxe um cesto de roupa lavada e dobrei tudo antes de ligar a chaleira. Como a casa cheirava um pouco a mofo por ter passado o dia inteiro fechada, abri algumas janelas e tirei a bagunça que estava amontoada sobre a mesa de jantar. Colhi uns galhos de pinheiro no jardim e arrumei-os num vaso esguio. Vi que havia correspondência indesejada na caixa de correio e me lembrei de comprar um dos adesivos de Nada de Lixo Postal que eu vira colados em algumas das outras caixas de correio da vizinhança. Dei uma olhada num dos folhetos antes de jogá-lo no lixo e vi que uma nova loja de esportes abrira na cidade. Tinha o nome — nada original, pensei — de Armazém do Esporte, e anunciava sua liquidação inaugural.

Era estranho fazer tarefas corriqueiras, quando minha existência estava muito longe de ser assim. Eu queria saber o que outras garotas de 17 anos estariam fazendo naquela hora — limpando seus quartos por ordem de pais frustrados, ouvindo suas bandas favoritas em iPods, trocando mensagens de texto para planejar o fim de semana, verificando a caixa de e-mail quando deveriam estar estudando?

Havia dever de casa de pelo menos três matérias, e eu anotara tudo em meu diário escolar, diferentemente de muitos dos meus colegas que pareciam felizes

em confiar na memória. Eu disse a mim mesma que deveria começar a fazer o dever naquele instante para estar preparada para o dia seguinte, mas sabia que não seria nenhum desafio intelectual e que eu terminaria tudo rapidinho. Resumindo, seria facílimo. Como eu sabia todas as respostas de cada exercício, fazer o dever mecanicamente me parecia um tédio e uma perda de tempo. Ainda assim, levei a mochila da escola para o quarto, que ficava no sótão no alto da escada, de frente para o mar. Mesmo com as janelas fechadas, dava para ouvir o barulho rítmico das ondas quebrando nas pedras. Havia uma sacada estreita de treliça com uma cadeira de vime e uma mesa, de onde se via o mar com os barcos subindo e descendo no balanço das ondas. Fiquei sentada ali um pouco, com uma caneta marca-texto em punho e o livro de psicologia aberto numa página intitulada "Resposta galvânica da pele".

Eu precisava desesperadamente manter a mente ocupada, nem que fosse apenas para tirar da cabeça o meu encontro com o aluno representante da Escola Bryce Hamilton. Não conseguia me desligar de um detalhe sequer — seus olhos penetrantes e sua gravata ligeiramente torta. As palavras de Molly continuavam ecoando na minha mente: *Eu não ficaria atrás dele se fosse você... Ele tem uma bagagem.* Mas por que eu estava tão intrigada? Por mais que quisesse tirá-lo da cabeça, eu não conseguia. Eu me obrigava a pensar em outras coisas, mas logo lá estava ele de novo, seu rosto flutuando na página que eu tentava ler, a imagem de uma mão macia usando uma pulseira de couro atravessando meus pensamentos. Eu me perguntava como era Emily; qual era a sensação de perder uma pessoa amada.

Fingi arrumar meu quarto antes de vagar até a cozinha para oferecer ajuda a Gabriel com o jantar. Ele continuava surpreendendo Ivy e a mim mergulhando de cabeça na tarefa de cozinhar para todos nós. Parte desta motivação era o nosso bem-estar, mas ele também achava fascinante o manuseio e o preparo dos alimentos. Como a música, isso lhe proporcionava uma válvula de escape criativa. Quando entrei na cozinha, ele estava em pé diante da bancada de mármore branca limpando cogumelos de vários tipos com um pano de prato xadrez e às vezes franzindo o cenho quando consultava um livro de culinária aberto num atril de metal. De molho numa pequena tigela, havia o que pareciam pedaços de casca de árvore pretos. Por cima do ombro dele, li o título da receita: "Risoto de cogumelos". Parecia ambicioso para um principiante, mas lembrei que se tratava de Gabriel. O arcanjo. Ele tinha talento em tudo sem precisar de prática.

— Espero que goste de cogumelos — disse, vendo minha expressão de

curiosidade.

— Acho que já vamos descobrir — respondi, sentando à mesa.

Eu gostava de ver Gabriel trabalhar e sempre ficava impressionada com a destreza e a precisão dos seus movimentos. Com seu toque, coisas comuns se transformavam completamente. A transição de anjo em humano fora muito mais suave para Gabe e Ivy; eles pareciam alheios às trivialidades da vida, mas ao mesmo tempo pareciam saber exatamente o que faziam. Estavam acostumados a ler e sentir um ao outro no Reino, uma habilidade que os acompanhara em nossa missão. Achavam que eu era mais difícil de ler, e isso os preocupava.

— Gostaria de um chazinho? — perguntei, querendo contribuir de alguma forma. — Cadê a Ivy?

Ela entrou naquele exato momento, usando calças de linho e uma camiseta regata, com o cabelo molhado vindo do banho. Minha irmã já estava um pouco diferente. Perdera o ar sonhador e ganhara uma expressão determinada que eu nunca tinha visto. Parecia ter outras coisas em mente, porque assim que servi o chá ela pediu licença e se retirou. Eu também a vira escrevendo páginas e páginas num caderno recentemente.

— Ivy está bem? — perguntei a Gabriel depois que ela saiu.

— Ela só está querendo pôr a mão na massa — disse ele.

Eu não sabia nem perguntei como Ivy pretendia fazer isso, mas invejava sua determinação. Quando eu descobriria a minha? Quando eu teria a satisfação de saber que fizera algo que realmente tinha valido a pena?

— Pôr a mão na massa como?

— Você sabe que nunca faltam ideias para sua irmã. Ela vai pensar em alguma coisa.

Será que Gabriel estava fazendo mistério de propósito? Será que não percebia o quanto eu me sentia no escuro?

— O que devo fazer? — perguntei, odiando o tom petulante da minha voz.

— Na hora certa você saberá — disse meu irmão. — Espere um pouco.

— E enquanto isso?

— Você não disse que queria experimentar ser uma adolescente?

Ele me deu um sorriso encorajador, e, como sempre, minha inquietação se dissolveu. Olhei para a tigela com as tiras pretas boiando numa água escura.

— Essa casca faz parte da receita?

— São cogumelos porcini, precisam ficar de molho antes de serem usados.

—Mmm... têm uma cara deliciosa — menti.

— São considerados uma iguaria. Não se preocupe, você vai adorar.

Passei uma caneca de chá para Gabriel e continuei a observá-lo para me entreter. Sufoquei um grito quando a faca afiada que ele usava lhe escorregou da mão, cortando a ponta de seu dedo indicador. Ver sangue bem na minha frente me chocou — um aviso assustador do quão vulneráveis eram nossos corpos. O sangue quente e rubro era muito humano, e a visão dele escorrendo do dedo do meu irmão era bastante estranha. Mas Gabriel ficara impassível. Simplesmente levou o dedo que sangrava à boca e, quando o retirou, não havia mais sinal do ferimento. Ele lavou as mãos com o dosador de sabão na pia e voltou ao seu fatiar metódico.

Peguei um talo de aipo separado para a salada e mastiguei-o distraidamente. Decidi que o aipo deve envolver mais textura que gosto, já que não tinha muito sabor, mas sem dúvida era crocante. Não conseguia entender por que alguém comeria aquilo de livre e espontânea vontade, a não ser por seu valor nutritivo. Boa nutrição significava um corpo mais saudável e uma vida mais longa. Os humanos tinham um medo desenfreado da morte, mas eu achava que não poderíamos esperar nada diferente deles, considerando sua ignorância sobre o que havia além. Eles descobririam no devido tempo que nada havia a temer.

O jantar de Gabriel foi o sucesso de sempre. Até Ivy, que não ligava muito para comida, ficou impressionada.

— Mais um triunfo culinário — elogiou, depois da primeira garfada.

— Sabores incríveis — acrescentei.

A comida era só mais uma maravilha que a Terra tinha a oferecer. Eu não conseguia deixar de admirar como cada alimento podia ter uma textura e um sabor tão diferentes — amargo, azedo, salgado, cremoso, ácido, doce, picante — às vezes, mais de um ao mesmo tempo. Alguns deles me agradavam, já outros me davam vontade de lavar a boca, mas tudo era uma experiência única.

Gabriel modestamente não ligou para nossos elogios, e a conversa se voltou mais uma vez para os acontecimentos do dia.

— Bem, já é menos um dia. Acho que correu tudo bem, apesar de eu não ter esperado encontrar tantos alunos de música.

— Acho que vai descobrir que muitos deles desenvolveram um interesse pela música quando viram você. — Ivy sorriu.

— Bem, pelo menos isso me dá algo em que trabalhar — retrucou Gabriel. — Se podem ver beleza na música, podem ver beleza uns nos outros e no mundo também.

— Mas você não fica entediado na aula? — perguntei a Gabe. — Quer dizer, você já tem acesso a todo o conhecimento humano.

— Espero que ele não esteja se concentrando muito no conteúdo — disse Ivy. — Ele deveria dar conta de outras coisas.

Às vezes minha irmã tinha um jeito bastante irritante de falar por enigmas que ela simplesmente esperava que todo mundo pudesse entender.

— Bem, fiquei entediada — insisti. — Especialmente em química. Já percebi que química não é realmente a *minha*.

Gabriel deu uma risadinha diante da minha escolha de palavras.

— Bem, você simplesmente terá que descobrir qual é a *sua*. Experimente as coisas e veja do que gosta mais.

— Gosto de literatura — disse eu. — Começamos a assistir à versão cinematográfica de *Romeu e Julieta*.

Eu não lhes disse isso, mas a história de amor me fascinou. A maneira como os amantes se apaixonaram tão profunda e perdidamente depois do primeiro encontro acendeu em mim uma curiosidade ardente sobre como seria o amor humano.

— O que está achando? — perguntou Ivy.

— É muito forte, mas a professora ficou uma fera quando um dos garotos disse alguma coisa sobre a sra. Capuleto.

— O que ele disse?

— Que ela era uma MQQB, o que deve ser muito ofensivo, porque a srta. Castle disse que ele era um pivete e o expulsou da sala. Gabe, o que é MQQB?

Ivy abafou o sorriso atrás de um guardanapo enquanto Gabriel reagiu de uma forma que eu nunca tinha visto. Corou e se mexeu constrangido na cadeira.

— Uma sigla para alguma obscenidade adolescente, imagino — resmungou.

— Sim, mas sabe o que significa?

Ele fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas.

— É um termo usado por adolescentes do sexo masculino para descrever uma mulher que é atraente e é mãe.

Ele pigarreou e se levantou rapidamente para encher a jarra d'água.

— Tenho certeza de que as letras significam alguma coisa — insisti.

— Significam — disse Gabriel. — Ivy, você se lembra do quê?

— Acho que quer dizer "mãe que eu quero... beijar" — respondeu minha irmã.

— Só isso? — perguntei. — Quanto alvoroço por nada... Realmente acho que a srta. Castle precisa *ficar fria*.

5
Pequenos Milagres

Com o jantar terminado e a louça lavada, Gabriel levou um livro para a varanda embora a luz do dia já estivesse se esvaindo, enquanto Ivy continuava a limpar a casa, passando pano em superfícies já imaculadas. Ela começava a ficar obsessiva em sua mania de limpeza, mas isso poderia ser simplesmente o jeito que ela encontrara de se sentir mais perto de casa. Olhei em volta da cozinha procurando algo que eu pudesse fazer. No Reino, o tempo não existia, e portanto não precisava ser preenchido. Encontrar coisas para fazer era muito importante na Terra. Era o que dava sentido à vida.

Gabriel deve ter notado minha inquietação, porque pareceu mudar de ideia quanto à leitura e sua cabeça apareceu pela porta.

— Por que não saímos todos para dar uma volta e ver o pôr do sol? — sugeriu.

— Grande ideia. — Na mesma hora fiquei mais animada. — Você vem, Ivy?

— Não antes de ir lá em cima pegar algo mais quente para vestirmos — disse ela. — Fica muito frio à noite. Revirei os olhos por sua demonstração de cautela. Eu era a única que sentia frio e já tinha vestido o casaco. Ivy e Gabriel tinham treinado seus corpos para manter a temperatura normal em visitas anteriores, mas eu ainda tinha um longo caminho a percorrer.

— Você nem vai sentir o frio — contestei.

— A questão não é essa. Podemos ser vistos não sentindo frio e chamar atenção.

— Ivy está certa — disse Gabe. — É melhor não arriscar. Ele subiu e voltou com dois casacos pesados.

Nossa casa ficava no alto da colina, e tínhamos que descer serpeando uma série de degraus de madeira cheios de areia antes de chegar à praia. Os degraus eram tão estreitos que era preciso andar em fila indiana. Não pude evitar pensar quão mais conveniente seria se pudéssemos simplesmente abrir as asas e num voo rasante descer na areia. Não articulei meu pensamento para Gabriel nem para Ivy, certa do sermão que se seguiria se eu o fizesse. Eu sabia quão perigoso era voar naquelas circunstâncias, um modo certo de acabar com nosso disfarce. Então descemos todos aqueles 107 degraus mortais antes de chegar à praia.

Tirei os sapatos para apreciar a sensação dos grãos macios sob meus pés. Havia tantas coisas para perceber na Terra... Até a areia era complexa, de cor e textura varáveis e bastante iridescente onde o sol batia. Além da areia, vi que a praia guardava outros pequenos tesouros, conchas peroladas, cacos de vidro arredondados pelo movimento da água, uma ou outra sandália meio enterrada ou uma pá abandonada, e minúsculos sirizinhos brancos que corriam para dentro e para fora de buracos do tamanho de uma ervilha nas piscinas formadas pelas pedras. Estar tão perto do oceano era um prato cheio para os sentidos — o mar parecia rugir como algo vivo enchendo minha mente com o barulho que diminuía e tornava a aumentar inesperadamente. O ruído feira meus ouvidos, e o ar penetrante e salgado irritava minha garganta e meu nariz. O atrito do vento deixava meu rosto rosado e ardendo. Mas por fim eu estava amando cada momento da experiência de ser humana. Em cada parte dessa experiência havia uma novidade.

Caminhamos pela praia, perseguidos pelas ondas espumosas da maré crescente. Apesar da minha decisão de manter o autocontrole, não consegui resistir ao impulso súbito de jogar água em Ivy com o pé. Prestei atenção para ver se ela ficara irritada, mas ela apenas se certificou de que Gabriel estava distante de nós o suficiente para não notar antes de retaliar com um chute na minha direção, levantando um arco de água que se dispersou como jóias acima da minha cabeça. Nossa risada chamou a atenção de Gabriel, e ele balançou a cabeça admirado com nossas palhaçadas. Ivy piscou para mim e apontou para ele. Eu sabia o que ela tinha em mente e estava felicíssima de obedecer. Gabriel mal notou o peso extra quando pulei nas suas costas e abracei seu pescoço. Aguentando meu peso com facilidade, ele começou a corre pela praia tão depressa que o vento assobiava no meu ouvido. Nas costas dele, eu me sentia mais próxima de como eu era antes. Sentia-me mais perto do Céu e quase conseguia acreditar que estivesse voando.

Gabriel parou bruscamente, e eu o larguei, caindo com um baque na areia molhada. Ele pegou umas tiras pegajosas de algas e atirou-as em Ivy, acertando-a em cheio no rosto. Ela cuspiu quando sentiu o gosto amargo e salgado dos sargaços na boca.

— Espere só — cuspiu ela. — Você vai se arrepender disso!

— Acho que não — provocou Gabriel. — Primeiro você teria que me pegar.

Durante o pôr do sol, ainda havia algumas pessoas na praia principal, aproveitando o retinho da luz do dia antes que o vento gelado chegasse,

exatamente como Ivy previra, ou calmamente curtindo um piquenique. Ali perto, mãe e filha guardavam suas coisas. A menina, que tinha no máximo cinco ou seis anos, correu toda chorosa para a mãe. Tinha um calombo no bracinho gorducho, provavelmente em conseqüência de uma picada de inseto, que ficara mais irritado depois que ela coçara. A menina chorava cada vez mais, enquanto a mãe procurava uma pomada na bolsa, sem poder acudir a filha. Pegou um tubo de gel de babosa, mas não conseguiu acalmar a menina. Ela se contorcia tanto que não deixava a mãe aplicar o gel.

A mãe pareceu agradecida quando Ivy se abaixou para consolar a menina.

— É uma picada feia — disse baixinho.

A voz de Ivy na mesma hora acalmou a menina, que ficou olhando para ela como se uma velha conhecida estivesse à sua frente. Ivy destampou o tubo e passou gel na pele irritada.

— Isso deve ajudar — disse.

A menina olhava para ela assombrada, e vi seus olhos piscarem para o espaço acima da cabeça de Ivy, onde estava o halo. Normalmente, só nós conseguíamos ver o halo. Seria possível que a garotinha, com uma consciência infantil mais desenvolvida, tivesse pressentindo a aura de Ivy?

— Melhorou? — perguntou Ivy.

— Bastante — respondeu a menina. — Você usou alguma mágica?

— Ivy riu.

— Eu tenho um toque mágico.

— Obrigada pela ajuda — disse a jovem mãe, observando confusa enquanto a vermelhidão e o inchaço no braço da filha sumiam diante dos seus olhos, até não haver mais nada senão a pele macia e perfeita. — Esse gel é realmente bom.

— Não tem de quê — disse Ivy. — Incrível o que a ciência é capaz de fazer hoje em dia. Sem perder tempo, prosseguimos pela praia em direção à cidade.

Quando chegamos à rua principal, já eram nove horas, mas ainda havia gente circulando, embora fosse um dia de semana. O centro da cidade era um lugar pitoresco, cheio de lojas antigas e cafés que serviam chá e bolos confeitados em peças de porcelana descombinadas. As lojas estavam todas fechadas, exceto pelo único pub que havia ali e pela sorveteria. Mal tínhamos caminhado alguns metros quando ouvi uma voz estridente chamando, por sobre os acordes da cantora que tocava banjo na esquina.

— Beth! Aqui!

A princípio, eu sequer me dera conta de que a pessoa estava me chamando.

Ninguém jamais me chamara de Beth. O nome que eu recebera no Reino nunca forma modificado; sempre foi Bethany. Havia uma intimidade em Beth que me agradou. Ivy e Gabriel pararam simultaneamente. Quando me virei, vi Molly com um grupo de amigos sentada num banco em frente à sorveteria. Ela usava um vestido de frente única que era completamente inadequado para o clima, e estava no colo um garoto de cabelo queimado pelo sol e bermuda tropical. As mãos largas do garoto afagavam as costas nuas dela com movimentos longos e ritmados. Molly acenava freneticamente, me chamando. Olhei insegura par Ivy e Gabriel. Eles não pareciam felizes. Este era exatamente o tipo de interação que queriam evitar,e vi Ivy se contrair diante do alvoroço que Molly estava fazendo. Mas tanto ela quanto Gabriel sabiam que ignorar Molly dessa forma seria um desrespeito às regras da cortesia.

— Não vai nos apresentar à sua amiga, Bethany? — disse Ivy.

Ela pôs a mão no meu ombro e me guiou até onde Molly e seus amigos estavam sentados. O surfista pareceu irritado quando Molly se desvencilhou dele, mas logo se distraiu olhando descaradamente boquiaberto para Ivy, reparando na simetria do seu corpo. Quando Molly viu meus irmãos de perto, seu rosto assumiu exatamente a mesma expressão de assombro que eu vira o dia inteiro na escola. Esperei que ela dissesse algo, mas ela não disse. Em vez disso, abria e fechava a boca como um peixe, antes de se controlar o suficiente para me dar um sorriso amarelo.

— Molly, essa é Ivy, minha irmã, e esse é o meu irmão, Gabriel — disse eu depressa.

Os olhos de Molly iam do rosto de Gabriel ao de Ivy, e ela só conseguiu gaguejar um “oi” antes de desviar o olhar envergonhada. Aquilo me surpreendeu bastante. Eu a observara o dia inteiro falando livremente com os garotos na escola, jogando charme para atraí-los e depois se afastando como uma borboleta exótica.

Gabriel cumprimentou Molly da mesma maneira que cumprimentava todas as pessoas que lhe eram apresentadas — com uma polidez impecável e uma expressão que era simpática, mas ao mesmo tempo distante.

— Prazer em conhecê-la — disse, abaixando ligeiramente a cabeça em reverência.

Ivy foi mais calorosa e abriu um sorriso simpático para Molly. A pobre menina parecia ter acabado de ser atingida por uma tonelada de tijolos.

Gritos estridentes vindos de fora da nossa roda puseram fim ao constrangimento. A confusão era causada por um grupo de rapazes corpulentos

saindo do pub, tão embriagados que ou não tinham consciência do barulho que faziam, ou simplesmente não ligavam. Dois andavam em círculos encarando um ao outro com os punhos cerrados e os rostos contraídos, e ficou claro que uma briga estava prestes a começar. Algumas pessoas que curtiam um café ao ar livre entraram no pub em busca de segurança. Gabriel deu um passo à frente, de modo que Molly, Ivy e eu ficássemos protegidas atrás dele. Um dos homens, barbado e com uma cabeleira preta desgrenhada, tentou acertar o outro. Ouviu-se um estalo quando um punho acertou uma mandíbula. O outro investiu, derrubando o adversário, enquanto o resto da roda lhes dava gritos de apoio.

Uma expressão de repulsa passou pelo semblante, em geral impassível, de Gabriel. Alguns curiosos estavam confusos, perguntando-se o que ele estava fazendo no meio da briga. Gabriel agarrou o homem de cabelos pretos e o fez ficar em pé sem dificuldade, apesar do peso dele. Levantou o outro, cujo lábio já estava inchado e sangrando, e ficou entre os dois. Um deles tentou bater em Gabriel, que interceptou o soco no ar com uma expressão impassível. Irritados com a intromissão, os dois uniram forças e dirigiram sua raiva combinada contra Gabriel. Tentaram furiosamente bater nele, mas nenhum soco atingia o alvo. Ainda assim, Gabriel mal se mexera. Por fim, os dois se cansaram e desabaram no chão, com o peito arfando devido ao esforço.

— Vão para casa — disse Gabriel, com a voz ecoando como um trovão. Era a primeira vez que ele falava com eles, e a autoridade em sua voz fez com que adquirissem rapidamente uma postura mais sóbria. Eles continuaram ali por mais um instante, como se tivessem avaliando as opções, depois saíram cambaleando, amparados pelos amigos e ainda resmungando e xingando baixinho.

— Uau, isso foi incrível! — Exclamou Molly, entusiasmada quando Gabriel voltou para perto de nós. — Como fez isso? Você é faixa preta em caratê ou algo assim?

Gabriel dispensou a atenção.

— Sou um pacifista. Não há honra alguma na violência. Molly tentou encontrar uma resposta adequada.

— Bem... quer ficar aqui com a gente? — perguntou afinal. — O sorvete de menta com flocos daqui é uma loucura de tão bom. Toma, Beth, prova...

Antes que eu pudesse recusar, ela se debruçou e meteu a colher na minha boca. Imediatamente algo frio escorregadio começou a se dissolver na minha língua. Parecia estar mudando de forma — passando de uma consistência sólida aveludada para uma líquida que ia escorrendo pela garganta. O fio me deu dor de cabeça, e engoli o mais depressa que pude.

— É ótimo — admiti.

— Eu disse. Deixa eu pegar um para você...

— Acho que temos que ir para casa — interrompeu Gabriel bruscamente.

— Ah... certo, claro — disse Molly.

Vi que ela tentava esconder o desapontamento e senti pena.

— Talvez uma outra hora — sugeri.

— Claro — disse ela mais otimista, dando as costas para os amigos. — Vejo você amanhã, Beth. Ei, espere, já ia me esquecendo. Eu trouxe uma coisa para você. — Ela tateou o interior da bolsa e sacou um tubo de brilho para os lábios Sorvete de Melão, igual ao que eu experimentara na escola. — Você disse que tinha gostado, então comprei um.

— O-obrigada, Molly — gaguejei. Eu acabara de receber meu primeiro presente terreno e estava comovida com a consideração dela. — Você foi um amor.

— Não foi nada. Espero que goste.

Não houve um comentário sequer sobre a minha nova amizade com Molly na volta para casa, embora visse Ivy e Gabriel trocarem olhares expressivos algumas vezes. Estava cansada demais para tentar decifrar o que queriam dizer.

Quando me preparei para deitar naquela noite, me olhei no espelho que ia de um lado ao outro da parede do banheiro. Precisei me acostumar a ver minha própria imagem. No Reino, víamos os outros, mas nunca a nós mesmos. Às vezes, víamos nosso reflexo nos olhos de alguém, mas ainda assim era uma imagem indistinta, como o esboço rudimentar de um artista que ainda carece de cor e detalhes.

Adquirir a forma humana significava dar uma forma de carne e osso ao esboço. Eu via cada fio de cabelo, cada poro com toda a clareza. Comparada às outras garotas de Venus Cove, eu sabia que devia parecer estranha. Tinha a pele branca como alabastro, enquanto elas exibiam um bronzeado. Meus olhos eram grandes e castanhos; minhas pupilas, muito dilatadas. Molly e suas amigas pareciam nunca se cansar de mexer e experimentar com os cabelos, mas eu usava os meus simplesmente repartidos no meio, caindo em ondas castanhas naturais. Eu tinha uma boca carnuda em um tom coral que, mais tarde ficaria sabendo, podia dar a impressão de que eu estava emburrada.

Suspirei, dei um nó no cabelo no alto da cabeça e vesti meu pijama de flanela com estampa em preto e branco de vacas dançando. Mesmo com uma experiência limitada do mundo, eu tinha dúvidas de que qualquer outra garota em Venus Cove pudesse ser flagrada usando algo tão brega. Ivy o comprara para

mim, e era a roupa mais confortável que eu possuía. Gabe ganhara um semelhante, com uma estampa de barcos a vela, mas eu ainda não o vira vestido com ele.

Fui para o meu quarto, satisfeita com sua elegância simples. Eu gostava especialmente das portas-janelas estreitas que davam para a pequena sacada, de abri-las um pouco e me deitar embaixo do toldo de musselina, ouvindo os barulhos do mar. Era sossegado ali, com o cheiro de maresia e o som do piano que Gabriel tocava lá embaixo. Eu sempre adormecia ouvindo os acordes de Mozart, ou o rumor da Voz dos meus irmãos.

Espreguicei-me, deleitada com a textura dos lençóis novos. Fiquei surpresa ao descobrir quão convidativa era a perspectiva do sono, já que não tínhamos muita necessidade de dormir. Eu sabia que Ivy e Gabriel só iam para a cama de madrugada. Mas eu achara o dia exaustivo e cheio de interações novas e desconhecidas. Bocejei e me encolhi de lado, com a cabeça ainda rodando, cheia de ideias e perguntas que meu corpo exausto optou por ignorar.

Enquanto tentava pegar no sono, imaginei um estranho entrando de mansinho no meu quarto. Senti seu peso quando ele sentou na beira da cama, calado. Estava certa de que ele me observava dormir, mas não me atrevia a abrir os olhos porque sabia que ele demonstraria ser um produto da minha imaginação, e eu queria que a ilusão continuasse mais um pouco. O garoto esticou a mão para tirar uma mecha de cabelo dos meus olhos e depois se inclinou para beijar minha testa. O beijo dele era como ser tocada pelas asas de uma borboleta. Não me alarmei; eu sabia que poderia confiar minha vida a esse estranho. Ouvi-o se levantar para fechar as portas da sacada antes de se virar para sair.

— Boa noite, Bethany — sussurrou a voz de Xavier Woods, — Tenha bons sonhos.

— Boa noite, Xavier — disse eu com voz sonhadora, mas, quando abri os olhos, vi que o quarto estava vazio. A essa altura minhas pálpebras estavam muito pesadas para se abrirem, e a luz fraca do abajur e o barulho do mar se desvaneceram quando um sono profundo e tranqüilo me venceu.

6
A Aula de Francês

Alguém chamava meu nome. Mesmo tentando fingir que não ouvia, a voz persistia, e fui obrigada a emergir das profundezas cálidas e sombreadas do sono.

— Acorde, dorminhoca!

Abri os olhos e vi a luz da manhã se derramando no quarto como ouro líquido. Sentei na cama, apertei os olhos e em seguida os esfreguei para afastar o sono. Ivy estava parada no pé da cama com uma xícara na mão.

— Experimente isso. É horrível, mas vai te despertar.

— O que é?

— Café. Muitos humanos acham que não são capazes de funcionar direito sem essa bebida.

Sentada, dei um gole na bebida preta e amarga, resistindo ao impulso de cuspi-la. Perguntei a mim mesma como as pessoas podiam pagar para beber aquilo, mas não demorou muito para a cafeína bater na minha corrente sanguínea, e tive que confessar que realmente me senti mais alerta.

— Que horas são? — perguntei.

— Hora de você já ter se levantado.

— Cadê o Gabe?

— Acho que foi correr. Estava de pé às cinco da manhã.

— O que há de errado com ele? — gemi, empurrando as cobertas com relutância e falando como uma verdadeira adolescente.

Passei um pente no cabelo e o prendi num coque frouxo, lavei o rosto e desci para a cozinha. Gabriel, de volta da corrida, preparava o café da manhã. Tinha acabado de tomar uma chuveirada e penteara o cabelo molhado para trás, o que lhe dava um aspecto leonino. Usava apenas uma toalha enrolada na cintura, e seu corpo rijo cintilava ao sol da manhã. Suas asas estavam contraídas e não pareciam mais que uma linha ondulada entre os ombros. Ele estava parado ao lado do fogão, segurando uma espátula de aço inoxidável.

— Panquecas ou waffles? — perguntou. Não precisou se virar para saber quem tinha entrado na cozinha.

— Não estou com muita fome, na verdade — disse eu, me desculpando. — Acho que vou pular o café da manhã e comer alguma coisa mais tarde.

— Ninguém sai dessa casa de estômago vazio. — Ele parecia implacável.

— Então, o que vai ser?

— É muito cedo, Gabe! Não me obrigue, vou ficar enjoada! — Eu falava como uma criança tentando não comer meu brócolis.

Ele pareceu ofendido.

— Quer dizer que a minha comida é enjoativa? Ops. Tentei consertar meu erro.

— Claro que não. Eu só...

Meu irmão pôs as mãos nos meus ombros e me olhou com atenção.

— Bethany, sabe o que acontece quando o corpo humano não é abastecido corretamente?

Balancei a cabeça com irritação, sabendo que ele estava prestes a expor fatos que eu não seria capaz de contestar.

— Ele não consegue funcionar. Você não será capaz de se concentrar e poderá até se sentir tonta. — Fez uma pausa para permitir que o impacto de suas palavras ficasse registrado. — Acho que você não quer desmaiar no segundo dia de aula, quer?

A pergunta teve o efeito que ele esperava. Desabei sem cerimônia numa cadeira, já me imaginando caindo de joelhos por inanição com um monte de rostos preocupados olhando para mim. Talvez até o rosto de Xavier Woods, que de repente não desejaria ter o menor vínculo comigo.

— Vou querer as panquecas — disse eu, desanimada, enquanto Gabriel virava para o fogão todo satisfeito.

O café da manhã foi interrompido pela campainha, e eu me perguntei quem a estaria tocando a uma hora tão inconveniente. Havíamos tido o cuidado de evitar os vizinhos. Ivy e eu olhamos ansiosas para Gabriel. Ele conseguia sentir os pensamentos das pessoas em volta dele, um talento útil em muitas circunstâncias. O dom celestial de Ivy eram suas mãos curativas. Meu dom ainda estava para ser determinado — aparentemente emergiria na hora certa.

— Quem é? — disse Ivy baixinho.

— A vizinha ao lado — disse Gabriel. — Vamos fingir que não a ouvimos, e talvez ela vá embora.

Ficamos sentados imóveis e em silêncio, mas nossa vizinha não era do tipo que desistia facilmente. Alguns minutos depois, ficamos surpresos ao ouvir o portão lateral abrindo, e logo depois vimos que ela estava na janela, acenando para nós com entusiasmo. Fiquei escandalizada com a intrusão, mas meus irmãos mantiveram a compostura.

Gabriel foi abrir a porta e voltou acompanhado de uma cinquentona com

cabelo louro platinado e um rosto bronzeado. Ela usava várias joias de ouro, batom de tom vivo e um conjunto de *plus* para corrida. Enfiada embaixo do seu braço havia uma grande sacola de papel. Ela pareceu aturdida por um momento quando viu a nós três juntos. Não era para menos; deve ter sido uma cena intimidante.

— Oi! — cumprimentou-nos alegremente, debruçando-se sobre a mesa para apertar nossas mãos. — Eu daria uma olhada na campainha se fosse vocês. Parece que não está funcionando. Sou Beryl Henderson, da casa ao lado.

Gabriel cuidou das apresentações, e Ivy, sempre a anfitriã perfeita, ofereceu-lhe uma xícara de chá ou café e pôs um prato de muffins sobre a mesa. Vi a sra. Henderson olhando Gabriel mais ou menos como as garotas da escola haviam olhado.

— Ah, não, obrigada — disse ela em resposta à oferta de comida. — Eu só queria dar uma passadinha para cumprimentar vocês, agora que já estão instalados. — Pôs a sacola de papel na bancada. — Achei que poderiam gostar de umas geleias feitas em casa. Trouxe de damasco, figo e morango. Não sabia ao certo de qual vocês gostariam.

— É muita gentileza sua, sra. Henderson.

Ivy transbordava cortesia, mas eu via Gabriel contraído de impaciência.

— Ah, me chamem de Beryl. Vocês vão ver que somos todos assim por aqui. Muito bons vizinhos.

— Que bom saber disso — disse Ivy.

Fiquei admirada de ver como Ivy parecia ter uma resposta pronta para todas as situações. Quanto a mim, minutos depois já tinha esquecido o nome da mulher.

— Você é o novo professor de música da Bryce Hamilton, não é? — insistiu a sra. Henderson. — Tenho uma sobrinha que gosta muito de música e está louca para começar a tocar violino. É o seu instrumento, não é?

— Um deles — respondeu Gabriel, com um ar distante.

— Gabriel toca vários instrumentos — disse Ivy, lançando um olhar exasperado para ele.

— Vários! Nossa, como você deve ser talentoso! — exclamou a sra. Henderson. — Ouço você tocando quase toda noite da minha varanda. Vocês duas também se interessam por música? Que bom irmão você é para tomar conta das irmãs na ausência dos pais.

Ivy suspirou; a notícia da nossa chegada e nossa história pessoal pareciam não ter demorado a virar o assunto da cidade.

— Seus pais já vêm se juntar a vocês? — perguntou a sra. Henderson, olhando em volta com curiosidade, como se esperasse ver um casal de pais pular do armário ou cair do teto.

— Esperamos que seja logo — disse Gabriel, olhando para o relógio da cozinha.

Beryl ficou ansiosamente aguardando que ele prosseguisse, e, quando ele não o fez, ela seguiu outra linha interrogativa.

— Vocês conhecem alguém na cidade?

Achei graça de ver que, quanto mais ela tentava sacar informações de Gabriel, mais ele se fechava.

— Não temos muito tempo para sair — disse Ivy. — Temos andado muito ocupados.

— Não têm tempo para sair! — exclamou Beryl. — Jovens bonitos como vocês! Vamos ter que dar um jeito nisso. Há umas boates muito *descoladas* na cidade. Vou ter que levar vocês.

— Acho uma ótima ideia — disse Gabriel com um tom monótono.

— Olha, sra. Henderson... — começou Ivy, percebendo que a conversa não acabaria tão cedo.

— Beryl.

— Sinto muito, Beryl, mas estamos com um pouco de pressa para ir à escola.

— Claro. Que tolice a minha ficar tagarelando. Agora, se precisarem de alguma coisa, não hesitem em pedir. Vão ver que somos uma pequena comunidade muito unida.

† † †

POR CAUSA DA "PASSADINHA" DE BERYL, perdi a primeira metade de um trabalho de inglês, e Gabe encontrou sua turma da sétima série jogando papel no ventilador de teto para se entreter. Como em seguida eu tinha um tempo livre, fui me encontrar com Molly perto dos armários. Ela encostou o rosto no meu como forma de cumprimentar, depois me fez um resumo das aventuras da noite passada no Facebook enquanto eu tirava os livros da pasta. Aparentemente, um garoto chamado Chris se despediu com mais beijos e abraços que o normal antes de ficar off-line, e Molly estava teorizando se isso marcava ou não uma nova fase no relacionamento deles. Como os agentes da luz haviam esvaziado nossa casa de quaisquer tecnologias que "impedissem a concentração", eu não

sabia muito bem do que Molly estava falando. Mas tive o cuidado de fazer que sim com a cabeça a intervalos regulares, e ela pareceu não notar minha ignorância.

— Como você pode saber o que uma pessoa realmente sente on-line? — perguntei.

— É por isso que temos *emoticon*, boba — explicou Molly. — Mas mesmo assim não é nada bom você ficar tentando interpretar muito as coisas. Sabe que dia é hoje? — Eu via que Molly tinha o hábito desconcertante de pular de um assunto para outro sem avisar.

— Seis de março — respondi.

Molly sacou um diário de bolso cor-de-rosa e uma caneta com pluma na ponta.

— Faltam apenas 72 dias — disse ela, o rosto corado de tanta animação.

— Para quê?

Ela me olhou incrédula.

— Para o baile de formatura, sua tonta! Nunca esperei alguma coisa com tanta ansiedade.

Normalmente, eu teria me ofendido por ela ter me chamado de tonta, mas não demorei muito a perceber que as garotas daqui usavam insultos como uma forma de carinho.

— Não é um pouco cedo para pensar nisso? — sugeri. — Ainda faltam mais de dois meses.

— E, eu sei, mas esse é o evento do ano. As pessoas começam cedo a fazer planos para a festa.

— Por quê?

— Você existe mesmo? — Molly arregalou os olhos. — É um rito de passagem, o único acontecimento de que você se lembrará pelo resto da vida, além talvez do seu casamento. É o pacote completo: limusines, roupas, garotos quentes, dança. É a única noite que a gente tem para agir como uma princesa.

Ocorreu-me que algumas daquelas meninas já agiam assim diariamente, mas preferi me manter em silêncio e me abstive de comentar.

— Parece divertido.

Na verdade, a coisa toda parecia ridícula, e resolvi naquele instante que iria evitá-la a qualquer custo. Eu já imaginava o quanto Gabriel desaprovaria um evento como esse, com tanta ênfase na vaidade e em todas aquelas coisas superficiais.

— Já tem ideia de com quem você quer ir? — Molly me cutucou

sugestivamente.

— Ainda não — me esquivei. — E você?

— Bem — Molly falou mais baixo —, Casey disse à Taylah que entreouviu Josh Crosby dizer a Aaron Whiteman que Ryan Robertson está pensando em me convidar!

— Uau! — exclamei, tentando fingir que tinha entendido tudo que ela havia dito. — Que máximo!

— Eu sei! — guinchou Molly. — Mas não conte a ninguém. Não quero estragar a surpresa.

Ela riu e circulou uma data em meados de abril na minha agenda escolar, desenhando um coração vermelho enorme em volta antes que eu pudesse impedi-la. Devolveu-me a agenda e jogou a dela na bagunça do seu armário. Havia livros empilhados de qualquer maneira, pôsteres de bandas famosas colados nas paredes internas, embalagens de lanche vazias, uma garrafa de refrigerante diet pela metade e todo tipo de brilho para os lábios e latas de balas de menta jogados no fundo. Num contraste gritante com tudo isso, meus livros estavam enfileirados na mais perfeita ordem, meu blazer estava pendurado no gancho próprio para este fim, e o horário das minhas aulas codificado por cores estava afixado na parte interna da porta do meu armário. Eu não sabia como ser bagunceira como um humano; todos os meus instintos gritavam por ordem. O provérbio que dizia que "a pureza caminha com a santidade" não poderia ser mais exato.

Acompanhei Molly à cantina, onde ficamos fazendo hora até ela ter que ir para a aula de matemática e eu, para a de francês. Mas primeiro eu precisava voltar ao meu armário para pegar os livros de francês, que eram uns trambolhos. Empilhei-os em cima da pasta enquanto me abaixava para pegar o dicionário de inglês/francês, que estava no fundo.

— Ei, sumida — disse uma voz atrás de mim. Levei um susto e me pus de pé num pulo tão rápido que bati com a cabeça na parte de cima do meu armário. — Cuidado!

Virei e dei de cara com Xavier Woods, parado ali com o mesmo meio sorriso de que eu me lembrava, do nosso primeiro encontro. Ele estava vestido com um uniforme esportivo — calças azuis de corrida, camisa polo branca e uma jaqueta de náilon com as cores da escola pendurada no ombro. Esfreguei o topo da cabeça e fiquei olhando para ele, me perguntando por que ele estava falando comigo.

— Desculpe por ter te assustado. Você está bem?

— Estou ótima — respondi, admirada de me ver mais uma vez deslumbrada com a beleza impressionante dele. Seus olhos azuis-turquesa estavam grudados em mim, as sobrancelhas semierguidas. Dessa vez, ele estava perto o suficiente para eu reparar que havia pontinhos prateados e acobreados em seus olhos. Ele passou a mão pelo cabelo que lhe caía na testa, como que emoldurando o rosto.

— Você é nova na Bryce Hamilton, não é? Não tivemos muita chance de conversar ontem.

Não conseguindo pensar em nada para dizer em resposta, fiz que sim com a cabeça e me concentrei nos meus sapatos.

Erguer os olhos era um erro terrível. Cruzar com o olhar dele me causou a mesma reação física intensa que eu tivera da última vez. Tive a sensação de estar caindo de um lugar muito alto.

— Ouvi dizer que você morou fora — continuou ele, sem desanimar com o meu silêncio. — O que uma garota viajada como você está fazendo num fim de mundo como Venus Cove?

— Estou aqui com os meus irmãos — murmurei.

— É, já os vi por aí — disse ele.

— Difícil não notá-los, não é? — Ele hesitou por um momento.

— Assim como você.

Pude sentir meu rosto enrubescendo e dei alguns passos para trás. Sentia a temperatura do meu corpo tão alta que tinha certeza de que eu estava emanando calor.

— Estou atrasada para a aula de francês — disse eu, pegando depressa os livros mais próximos que pude encontrar e seguindo pelo corredor aos tropeços.

— O centro de línguas é para o outro lado — gritou ele para mim, mas não me virei.

Quando finalmente achei a sala certa, fiquei aliviada de ver que o nosso professor também tinha acabado de chegar. O sr. Collins, que não tinha cara nem jeito de francês, era um homem alto e magro de barba. Vestia um paletó de *tweed* e um fular.

A sala de aula era pequena e estava quase lotada. Olhei em volta à procura da carteira vazia mais próxima e sufoquei um grito quando vi quem estava sentado bem ao lado dela. Meu coração disparou enquanto eu ia andando em direção a ele. Respirei fundo e me acalmei. Afinal, ele era só um garoto.

Xavier Woods pareceu achar graça quando me sentei ao seu lado. Fiz o possível para ignorá-lo e me concentrei em abrir o livro na página que o sr.

Collins escrevera no quadro.

— Vai ser um pouco difícil você aprender francês lendo isso — ouvi Xavier murmurar no meu ouvido. Vi constrangida que, na confusão, eu pegara o livro errado. Diante de mim, não estava a gramática francesa, mas sim um livro sobre a Revolução Francesa. Senti meu rosto corar pela segunda vez em menos de cinco minutos e inclinei a cabeça para a frente, tentando esconder o rosto com o cabelo.

— Srta. Church — chamou o sr. Collins —, leia por favor em voz alta a passagem na página 96 intitulada À *Ia bibliothèque*.

Gelei. Eu não podia acreditar que teria que anunciar para todo mundo que havia trazido os livros errados logo na primeira aula. Quão incompetente eu pareceria? Abri a boca para dar uma desculpa bem na hora que Xavier empurrou o livro dele disfarçadamente para cima da minha mesa.

Lancei-lhe um olhar agradecido e comecei a ler a passagem com facilidade, embora nunca tivesse lido nem falado a língua antes. Conosco era exatamente assim: bastava começarmos alguma coisa para sermos bons nela. Quando terminei, o sr. Collins estava parado ao lado da nossa mesa. Minha leitura tinha sido fluente — fluente demais. Vi que era para eu ter pronunciado mal algumas palavras, ou pelo menos gaguejado uma ou duas vezes, mas isso não me ocorrera. Talvez eu estivesse inconscientemente tentando me exibir para Xavier Woods para compensar as trapalhadas de antes.

— Você é fluente como uma falante nativa, srta. Church. Já morou na França?

— Não, senhor.

— Já esteve lá, talvez?

— Infelizmente, não.

Olhei para Xavier, cujas sobrancelhas erguidas indicavam que ele estava impressionado.

— Então pode-se dizer que se trata de um dom natural. Você vai se sentir melhor na turma avançada — sugeriu o sr. Collins.

— Não! — disse eu, sem querer chamar mais atenção e desejando que o sr. Collins deixasse aquele assunto morrer. Jurei ser menos perfeita da próxima vez. — Ainda tenho muito o que aprender — garanti. — A pronúncia é o meu forte, mas me atrapalho muito com a gramática.

O sr. Collins pareceu satisfeito com aquela explicação.

— Woods, continue a partir de onde a srta. Church parou — disse, depois olhou para Xavier e contraiu os lábios. — Onde está seu livro, Woods?

Rapidamente passei o livro de volta para ele, mas Xavier não fez nenhum movimento para pegá-lo.

— Sinto muito, professor, esqueci meus livros hoje; fui dormir tarde ontem. Obrigado por me emprestar, Beth. Quis protestar, mas o olhar de advertência de Xavier me calou. O sr. Collins fuzilou-o com os olhos, escreveu alguma coisa no seu caderno e voltou resmungando para a sua mesa.

— Não está dando um exemplo muito bom como aluno representante da escola. Venha falar comigo depois da aula.

Quando a aula acabou, fiquei no corredor esperando Xavier terminar de falar com o sr. Collins. Achei que pelo menos eu lhe devia um agradecimento por ter me poupado o embaraço.

Quando a porta abriu, Xavier saiu com a displicência de quem dava um passeio na praia. Olhou para mim e sorriu, feliz por eu ter esperado por ele. Lembrei-me de ter combinado de encontrar Molly no intervalo da manhã, mas na mesma hora a ideia me fugiu. Quando ele olhava para mim, era fácil esquecer até de respirar.

— De nada, e não foi nada de mais — disse ele, antes que eu pudesse sequer abrir a boca.

— Como sabia o que eu ia dizer? — perguntei, irritada. — E se eu quisesse lhe dar uma bronca por ter se metido em encrenca?

Ele me olhou com um ar irônico.

— Está zangada?

Havia de novo aquele meio-sorriso, brincando nos lábios dele, como se estivesse decidindo se a situação era engraçada o suficiente para merecer um sorriso inteiro.

Duas meninas passaram e me fulminaram com o olhar. A mais alta acenou com o dedo para Xavier.

— Oi, Xavier — disse com uma voz melosa.

— Oi, Lana — respondeu ele, com um tom simpático, mas neutro.

Para mim, estava na cara que ele não tinha interesse em falar com ela, mas Lana aparentemente não percebeu isso.

— Como você foi no teste de matemática? — insistiu ela. — Achei dificílimo. Acho que talvez eu precise de um professor particular.

Não pude deixar de notar o jeito como Xavier olhou para ela — um olhar inexpressivo, do tipo que se daria a uma tela de computador. Lana não parava de falar e arqueava as costas para que Xavier pudesse ver bem todas as suas curvas. Qualquer outro garoto não conseguiria resistir a dar uma olhada e apreciar o

corpo dela, mas Xavier continuou olhando fixo para o seu rosto.

— Acho que fui bem — disse. — O Marcus Mitchell dá aula particular; você poderia pedir a ele, se achar mesmo que precisa.

Lana franziu os olhos irritada por ter dado tanto e recebido tão pouco.

— Obrigada — disse secamente antes de sair rebolando.

Xavier pareceu não notar que a ofendera ou, se notou, não se incomodou com isso. Tornou a se virar para mim com uma expressão muito diferente. Tinha o semblante mais sério, como se estivesse tentando resolver algum enigma. Tentei não sentir uma onda de prazer diante disso; ele provavelmente olhava para um monte de garotas do mesmo modo, e Lana era só uma exceção infeliz. Lembrei-me do que tinham me dito sobre Emily e me repreendi por ser tão vaidosa a ponto de achar que ele estava demonstrando interesse por mim.

Antes que pudéssemos retomar a conversa, Molly nos viu e pareceu espantada. Aproximou-se com cautela, com uma expressão meio preocupada, como se receasse interromper algo.

— Oi, Molly — disse Xavier, quando ficou óbvio que ela não iria iniciar a conversa.

— Oi — respondeu ela, puxando minha manga como se fosse dona de mim. Quando falou, foi com uma voz infantil de adulação.

— Beth, venha comigo para a cantina. Estou morrendo de fome! E depois da escola na sexta-feira, quero que vá lá em casa. Vamos todas ganhar tratamentos faciais da irmã de Taylah, que é esteticista. Vai ser incrível. Ela sempre traz um monte de amostras para a gente poder fazer o nosso próprio tratamento em casa.

— Parece incrível mesmo — disse Xavier, com um entusiasmo fingido que me fez rir. — A que horas devo ir? Molly fingiu que não o ouviu.

— Você vem, Beth?

— Vou ter que perguntar ao Gabriel, e então lhe dou a resposta.

Vi uma expressão de surpresa no rosto de Xavier. Seria a ideia de passar uma noite fazendo tratamentos faciais ou a necessidade de pedir permissão ao meu irmão o que o intrigava?

— A Ivy e o Gabriel são bem-vindos — disse Molly, com uma voz mais animada.

— Não sei se seria a praia deles. — Vi a expressão de Molly e acrescentei rapidamente: — Mas vou perguntar, de qualquer jeito.

Ela abriu um sorriso para mim.

— Obrigada. Ei, posso te perguntar uma coisa? — Olhou furiosa para

Xavier, que continuava ali parado. — Em particular?

Ele ergueu as mãos fingindo-se derrotado e foi embora. Resisti ao impulso de chamá-lo de volta. Molly passou a falar aos sussurros.

— O Gabriel... hã... falou alguma coisa sobre mim?

Gabriel e Ivy não haviam mencionado Molly desde o nosso encontro na sorveteria, a não ser para repetir a advertência de praxe sobre os perigos de fazer amigos. Mas percebi em seu tom de voz que ela estava encantada com Gabriel, e eu não queria desapontá-la.

— Na verdade, sim -— respondi, esperando soar convincente.

Só havia uma circunstância em que era permitido mentir: para evitar causar um sofrimento desnecessário. Mesmo assim a mentira não veio com facilidade.

— É mesmo? — O rosto de Molly se iluminou.

— Claro — disse eu, pensando que, tecnicamente, não estava de fato mentindo. Gabriel mencionara Molly, só que não no contexto que ela esperava. — Ele disse que era bom ver que eu tinha encontrado uma amiga tão simpática.

— Ele disse isso? Não posso acreditar que ele sequer tenha reparado em mim. Ele é tão deslumbrante! Beth, desculpe, sei que ele é seu irmão e tudo, mas ele é quentérrimo.

Eufórica, Molly pegou meu braço e me puxou na direção da cantina. Xavier estava lá, sentado numa mesa de atletas. Dessa vez, quando nossos olhos se encontraram, não desviei. Enquanto olhava para ele, senti minha mente ficar inteiramente vazia e não consegui pensar em nada senão no seu sorriso — aquele sorriso perfeito e carinhoso que fazia seus olhos franzirem muito de leve nos cantos.

7
A Festinha Careta

Molly não deixara de notar meu interesse em Xavier Woods e, mesmo sem ser consultada, decidira me oferecer um conselho.

— Para dizer a verdade, não acho que ele seja o seu tipo — disse, enrolando os cachos nos dedos enquanto estávamos na fila para o almoço.

Eu estava parada perto dela para evitar ser empurrada por alunos ansiosos para chegar ao balcão. Os dois professores esgotados que estavam em serviço tentavam fazer vista grossa para o pandemônio em volta deles. Olhavam disfarçadamente para o relógio da sala, contando os minutos para regressar ao refúgio da sala dos professores.

Tentei ouvir o que Molly dizia e ignorar as cotoveladas que me davam e as manchas pegajosas de bebidas derramadas.

— De quem você está falando? — perguntei.

Ela me lançou um olhar astuto que dizia que a minha atitude ingênua não a convencera.

— Confesso que o Xavier é um dos caras mais quentes da escola, mas todo mundo sabe que ele é encrenca. As garotas que tentam alguma coisa sempre acabam desiludidas. Não diga que não avisei.

— Ele não parece ser cruel de propósito — comentei, tomada por um desejo de defendê-lo, mesmo sem saber quase nada sobre ele.

— Olhe, Beth, gostar do Xavier só vai fazer você sofrer. Essa é a mais pura verdade.

— Desde quando você é uma especialista nele? — perguntei. — O seu coração foi um dos que se partiram? Eu tinha feito a pergunta brincando, mas Molly de repente ficou séria.

— Pode-se dizer que sim.

— Sinto muito. Eu não sabia. O que aconteceu?

— Bem, eu já gostava dele a séculos e finalmente cansei de dar indiretas e perguntei se ele queria sair comigo.

Ela disse com indiferença, como se tivesse acontecido muito tempo atrás e não tivesse mais importância.

— E?

— E nada. — Ela deu de ombros. — Ele me rejeitou. Foi educado, disse

que me via como amiga. Mas foi o momento mais humilhante da minha vida.

Eu não podia dizer a Molly que o que ela descrevera não me parecia tão ruim. Na verdade, a conduta de Xavier podia ser considerada honesta, ou mesmo digna. Quando falara de desilusões, Molly fizera com que ele parecesse o vilão da história. Tudo que ele fizera fora declinar um convite da melhor forma que pôde. Mas a essa altura eu já aprendera o suficiente sobre amizade feminina para saber que solidariedade era a única resposta aceitável.

— Isso não está certo — continuou Molly num tom acusador. — Ele anda por aí lindo daquele jeito, sendo simpático com todo mundo, mas não deixa ninguém se aproximar dele.

— Mas ele induz as garotas a pensarem que ele quer mais do que amizade? — perguntei.

— Não — admitiu ela —, mas mesmo assim não é justo. Como alguém pode ser tão ocupado para ter uma namorada? Sei que parece duro, mas ele tem que deixar Emily para trás algum dia. Afinal, ela não vai voltar. Enfim, chega do Sr. Perfeito. Espero que você possa ir lá em casa na sexta. Vamos nos divertir e tirar esses garotos irritantes da cabeça.

† † †

— NÃO ESTAMOS AQUI PARA TER VIDA SOCIAL — disse Gabriel, quando lhe pedi permissão para ir à casa de Molly na sexta-feira.

— Mas seria indelicadeza minha não ir — contestei. — Além disso, é sexta-feira à noite. Não tenho aula no dia seguinte.

— Se quiser, então vá, Bethany — disse meu irmão com um suspiro. — Eu diria que há formas mais proveitosas de passar uma noite, mas não cabe a mim impedi-la.

— É só dessa vez — disse eu. — Não vou fazer disso um hábito.

— Espero que não.

Não gostei do que havia implícito nas palavras dele e da insinuação sutil de que eu já estava perdendo o foco.

Mas não deixei isso estragar meu humor — eu queria experimentar rodas as facetas da vida humana. Afinal, assim poderia com¬preender melhor nossa missão.

Às sete horas, eu já tinha tomado banho e posto um vestido de lã verde. Para combinar com o vestido, calcei botas até o tornozelo e meia-calça preta, e passei nos lábios um pouco do brilho que Molly me dera. Fiquei satisfeita com o

resultado; eu me parecia um pouquinho menos com aquela imagem pálida de sempre.

— Não há necessidade de se produzir toda, você não vai a um baile — disse Gabriel quando me viu.

— As garotas sempre devem se esforçar para se embelezar o máximo possível — disse Ivy me defendendo e me dando uma piscadela. Ela poderia não estar satisfeita com meus planos de andar com Molly e sua turma, mas não era do tipo de guardar rancor. Sabia quando relevar as coisas para manter a paz.

Dei um beijo de despedida nos dois e segui para a porta da frente. Gabriel se oferecera para me levar de carro à casa de Molly no jipe preto que havíamos encontrado na garagem, mas Ivy conseguira demovê-lo da ideia, dizendo que ainda faltava muito para escurecer e que era totalmente seguro eu ir a pé, pois a casa de Molly ficava a poucas ruas da nossa. Mas aceitei a oferta dele de me buscar, e concordei em ligar quando estivesse pronta para voltar para casa.

Senti um grande prazer em ir caminhando para a casa de Molly naquela noite. O inverno estava quase no fim, mas a brisa agitando o meu vestido ainda era gelada. Senti o cheiro do mar junto com o perfume de árvores de folhas perenes. Considerei-me privilegiada por estar ali, andando na Terra, um ser capaz de respirar e ter sensações. Era tão mais excitante do que observar a vida de outro plano. Olhar do Céu para a vida fervilhante cá embaixo era como assistir a um espetáculo da platéia. Estar no palco de verdade poderia ser mais assustador, mas era também mais emocionante.

Meu estado de espírito mudou assim que cheguei ao número oito da Sycamore Grove. Olhei para a casa achando que eu devia estar no endereço errado. A porta da frente estava escancarada e parecia que todas as luzes estavam acesas. Uma música de batida pulsante vinha da sala da frente, e adolescentes com roupas leves saíam para se exibir na varanda. Não podia ser essa casa. Verifiquei de novo o endereço que a própria Molly escrevera num pedaço de papel e vi que eu não tinha me enganado. Em seguida reconheci umas pessoas da escola, e algumas delas acenaram para mim. Subi os degraus da casa em estilo bangalô e quase esbarrei num garoto tendo ânsias de vômito debruçado na lateral da varanda.

Pensei em dar meia-volta e ir direto para casa, inventando uma dor de cabeça como desculpa para Ivy e Gabriel. Eu sabia que eles nunca teriam me deixado ir se soubessem o que a noite para "meninas" de Molly realmente significava. Mas minha curiosidade prevaleceu e decidi entrar só para cumpri¬mentar Molly e me desculpar antes de sair depressa.

Havia uma multidão no hall de entrada, que recendia a fumaça e água-de-colônia. A música estava tão alta que as pessoas tinham que gritar no ouvido umas das outras se quisessem conversar. O chão tremendo com a música e as pessoas tontas tentando dançar me deram a sensação de estar presa num terremoto. A batida era tão alta que reverberava nos meus tímpanos, fazendo com que eu me encolhesse. Eu sentia o bafo quente das pessoas no rosto, e o cheiro de cerveja e bile no ar. A cena toda me oprimiu de tal forma que quase perdi o equilíbrio. Mas aquilo era a vida humana, pensei com meus botões, e estava determinada a experimentá-la em primeira mão ainda que isso significasse me sentir prestes a sofrer um colapso. Então respirei fundo e fui em frente.

Havia jovens por todo canto, alguns fumando, alguns bebendo e outros simplesmente pendurados uns por cima dos outros. Fui ziguezagueando em meio às pessoas e vi Impressionada um grupo participando de um jogo que ouvi alguém chamar de Caça ao Tesouro. Envolvia garotas paradas em fila enquanto garotos miravam *marshmallows* nos seus decotes de uma distância fácil. Quando acertavam o alvo, tinham que recuperar os doces com a boca. As garotas riam e soltavam gritinhos enquanto os garotos enfiavam a cabeça no colo delas.

Eu não via os pais de Molly em lugar nenhum. Talvez tivessem ido passar o fim de semana fora. Perguntava-me como reagiriam ao ver a casa deles naquele estado caótico. Na sala de estar dos fundos, havia casais embriagados se agarrando nos sofás de couro marrom. Garrafas de cerveja vazias estavam espalhadas pelo chão, e os salgadinhos de milho e os M&Ms que Molly tinha posto em tigelas de vidro estavam esmigalhados no tapete. Vi o rosto familiar de Leah Green, uma das garotas da turma de Molly, e fui até ela. Ela estava parada ao lado de uma porta de vidro que dava para a área ampla onde ficavam o deque e a piscina.

— Beth! Você veio! — gritou mais alto que a música. — Grande festa!

— Já viu a Molly? — gritei de volta.

— Na banheira de hidromassagem.

Desvencilhei-me das mãos de um garoto embriagado que tentava me arrastar para a confusão de pessoas dançando e me esquivei de outro que me chamou de "gata" e tentou me agarrar. Uma garota o puxou de cima de mim se desculpando.

— Desculpe pelo Stefan — berrou ela. — Ele já está de porre.

Fiz que sim com a cabeça e saí de fininho para o deque, lembrando-me de acrescentar as palavras novas ao glossário que eu estava compilando.

Mais garrafas e latas vazias cobriam o chão do lado de fora, e tive que tomar cuidado para não pisar em nenhuma. Apesar do frio, havia adolescentes de biquíni e shorts de banho recostados à beira da piscina e apinhados na banheira de hidromassagem. As luzes projetavam um brilho azul medonho em seus corpos agitados. De repente, um garoto nu passou chispando por mim e mergulhou na piscina. Emergiu tremendo de frio, mas parecendo satisfeito com o festival de gritos que recebeu dos outros. Tentei disfarçar para não parecer tão horrorizada quanto me sentia.

Fiquei aliviada quando finalmente localizei Molly entre dois garotos na banheira quente. Quando me viu, ela se esticou para fora da banheira, alongando-se como uma gata e demorando o suficiente para que os garotos pudessem admirar seu corpo molhado e vigoroso.

— Beth, a que horas você chegou aqui? — disse ela como se estivesse cantando.

— Agora mesmo — respondi. — Os planos mudaram? O que aconteceu com os tratamentos faciais?

— Ah, querida, desistimos dessa idéia! — Molly falou como se aquilo fosse um detalhe sem importância. — Minha tia está doente, e mamãe e papai foram passar o fim de semana fora. Eu não podia perder a oportunidade de dar uma festinha careta!

— Só entrei para dar um beijo. Não posso ficar. Meu irmão acha que estamos testando máscaras de beleza.

— Bem, ele não está aqui, está? — Molly sorriu com malícia — E o que os olhos do irmão Gabriel não vêem o coração não sente. Vamos, tome só um drinque antes de sair. Não quero que você se meta em encrenca por minha causa.

Na cozinha, encontramos Taylah, que estava em pé atrás da bancada misturando alguma coisa num liquidificador. Havia uma quantidade impressionante de garrafas espalhadas em volta dela. Li alguns dos rótulos: rum branco do Caribe, uísque escocês *single malt*, uísque, tequila, absinto, Midori, *bourbon*, champanhe. Os nomes não faziam muito sentido para mim. O álcool fora omitido do meu treinamento — uma falha na minha educação.

— Posso pegar dois Especiais da Taylah para a Beth e para mim? — perguntou Molly, pendurando os braços em volta da amiga e balançando o quadril no ritmo da música.

— Saindo! — disse Taylah, enchendo dois copos de coquetel quase até a borda com uma mistura verde.

Molly pôs uma das bebidas na minha mão e deu um gole generoso na dela.

Entramos na sala de estar. A música saía tão alta dos dois alto-falantes colossais nos cantos da sala que o chão chegava a vibrar. Cheirei minha bebida com cautela.

— O que tem nisso? — perguntei a Molly, tentando me fazer ouvir naquela barulheira.

— É um coquetel — disse ela. — Tim-tim!

Dei um gole por educação e me arrependi imediatamente. Era enjoativo, melado de tão doce, mas ao mesmo tempo me queimava a garganta. Determinada a não ser rotulada de desmancha-prazeres, continuei bebericando a mistura. Molly estava se divertindo e me levou para dentro da massa de pessoas dançando. Por alguns minutos, dançamos juntas, e depois a perdi de vista e me vi no meio de uma multidão de estranhos. Tentei encontrar uma brecha por onde me esgueirar e escapulir, mas, assim que uma surgia, na mesma hora ela se fechava. Por várias vezes, notei que, assim que meu copo esvaziava, ele era enchido novamente, como se por garçons invisíveis.

A essa altura, eu me sentia tonta e com as pernas bambas. Atribuí isso ao fato de não estar acostumada à música alta nem a aglomerações. Bebi um pouco mais do meu drinque, es¬perando que ele me revigorasse. Afinal, Gabriel vivia falando sobre a importância de mantermos nossos corpos hidratados.

Eu estava terminando o terceiro coquetel quando senti um desejo avassalador de me deitar no chão. Mas não cheguei a esse ponto. Em vez disso, senti uma mão forte me segurar e me levar para longe da multidão. A pressão em volta do meu braço aumentou quando tropecei. Deixei meu peso ser suportado e permiti que o estranho me guiasse para fora da casa. Então fui ajudada a chegar a um banco de jardim, onde me sentei com o copo pendurado para a frente, ainda segurando o copo vazio.

— É melhor pegar leve com esse negócio.

O rosto de Xavier Woods entrou em foco lentamente. Ele usava jeans desbotados e uma camisa cinza social de mangas compridas que fazia seu peito parecer mais largo do que quando ele estava com o uniforme da escola. Tirei o cabelo dos olhos e senti a testa molhada de suor.

— Pegar leve com quê?

— Hã... com o que você está bebendo... porque é bem forte — disse ele, como se afirmando algo óbvio.

O líquido começava a chacoalhar no meu estômago, e minha cabeça latejava. Eu sabia que queria dizer algo, mas as palavras não se formavam, interrompidas por ondas de náusea. Em vez disso, me encostei sem forças em

Xavier, quase chorando.

— Sua família sabe onde você está? — perguntou ele.

Balancei a cabeça dizendo que não, o que fez com que o jardim girasse perigosamente.

— Quanto você bebeu dessa coisa?

— Não sei — murmurei atordoada. — Mas parece que ela não combina comigo.

— Você bebe com frequência?

— Essa é a primeira vez.

— Caramba. — Xavier balançou a cabeça. — Isso explica a sua fraqueza para bebida.

— O quê... — Cambaleei para a frente, quase caindo no chão.

— Uau — Xavier me apanhou. — Acho melhor eu levar você para casa.

— Já vou ficar bem.

— Não vai, não. Você está tremendo.

Para minha surpresa, percebi que ele estava certo. Xavier entrou para pegar seu casaco, que ele pôs nos meus ombros. O casaco tinha o cheiro dele, e aquilo foi reconfortante.

Molly veio trôpega ao nosso encontro.

— Como vão as coisas? — perguntou, alegre demais para se incomodar com a presença de Xavier.

— O que a Beth estava bebendo? — perguntou ele com autoridade.

— Só um coquetel — respondeu Molly. — A maior parte era vodca. Não está se sentindo bem, Beth?

— Não, ela não está — disse Xavier, categórico.

— O que posso dar a ela? — perguntou Molly, parecendo confusa.

— Vou garantir que ela chegue em casa sã e salva — disse ele, e, mesmo no meu estado, não pude deixar de notar o tom acusador.

— Obrigada, Xavier, te devo essa. Ah, tente não falar muita coisa para o irmão dela, ele não parece ser do tipo compreensivo.

O cheiro de couro dos bancos do carro de Xavier era tranquilizador, mas eu ainda tinha a sensação de ter uma fornalha ardendo dentro de mim. Tive a vaga noção de um percurso cheio de solavancos e de ter sido carregada até a porta. Estava consciente o bastante para ouvir o que acontecia ao meu redor, mas muito sonolenta para manter os olhos abertos. Eles pareciam se fechar por vontade própria.

Por estar de olhos fechados, não vi o rosto de Gabriel quando ele abriu a

porta. Mas era impossível não notar o tom assustado da sua voz.

— O que aconteceu? Ela está machucada?

Senti que ele segurou minha cabeça com as duas mãos.

— Ela está bem — disse Xavier. — Só bebeu um pouco demais.

— Onde ela estava?

— Na festa da Molly.

— Festa? — repetiu Gabriel. — Não nos disseram nada a respeito de uma festa.

— Não foi culpa da Beth. Acho que ela também não sabia.

Senti meu corpo ser transferido para os braços capazes do meu irmão.

— Obrigado por trazê-la em casa — disse Gabriel, num tom que visava encurtar a discussão.

— Tudo bem — disse Xavier. — Teve uma hora em que ela apagou; talvez precise ser examinada.

Houve uma pausa enquanto Gabriel considerava o que dizer. Eu sabia que não havia necessidade de chamar um médico. Além disso, um exame médico revelaria algumas anomalias que não poderiam ser explicadas. Mas, como não sabia disso, Xavier esperou pela resposta de Gabriel.

— Vamos cuidar dela.

A afirmação soou um tanto estranha, como se ele estivesse tentando esconder alguma coisa. Desejei que ele pelo menos tivesse falado num tom mais agradecido. Afinal, Xavier me socorrera. Se ele não tivesse visto que eu estava passando mal, eu ainda estaria na casa de Molly, e sabe-se lá o que poderia ter acontecido.

— Está bem. — Notei o tom de voz desconfiado de Xavier e senti que ele relutava em ir embora. Mas não havia por que ele ficar. — Diga à Beth que espero que ela fique boa logo.

Ouvi os passos de Xavier voltando pelo caminho de cascalho e o barulho do seu carro saindo. A última coisa de que me lembro é das mãos frias de Ivy acariciando a minha testa e da sua energia curativa inundando meu corpo.

8
Phantom

Eu não tinha ideia de que horas eram quando acordei. Só me dei conta do latejar incessante na minha cabeça e da aspereza da minha língua, que parecia uma lixa. Custei a pôr os acontecimentos da noite anterior em ordem, mas depois me arrependi de tê-lo feito. Fiquei superenvergonhada quando me lembrei do meu atordoamento, da minha fala ininteligível, de não conseguir ficar em pé. Lembrei-me de Gabriel me pegando nos braços e da preocupação do desapontamento em sua voz. Lembrei-me de ter precisado ser despida e da expressão consternada de Ivy ao me pôr na cama como se eu fosse uma criança pequena. Enquanto Ivy me cobria, eu ouvia Gabriel reiterar seus agradecimentos a alguém na porta.

Então, comecei a me lembrar de ter passado a maior parte do tempo da festa de Molly caída inerme nos braços reconfortantes de um estranho. Soltei um gemido ao visualizar nitidamente o seu rosto. De todos os cavaleiros galantes que poderiam vir me socorrer, por que tinha que ser logo Xavier Woods o encarregado? O que estava pensando Nosso Pai em Sua infinita sabedoria? Tentei com toda força recordar os fragmentos da nossa breve conversa, mas a memória se recusava a oferecer tais detalhes voluntariamente.

Fui tomada por um misto de arrependimento e humilhação. Escondi o rosto ardendo embaixo das cobertas e me encolhi toda, desejando ficar naquela posição para sempre. O que Xavier Woods, o aluno representante da Bryce Hamilton, ia pensar de mim? O que todo mundo devia pensar de mim? Não fazia nem uma semana que eu estava na escola e já desonrara minha família e proclamara ao mundo que eu era uma principiante na vida. Como não me dei conta de como aqueles coquetéis eram fortes? Como se não bastasse, eu ainda provara aos meus irmãos ser incapaz de me virar sozinha.

Ouvi vozes abafadas no andar de baixo. Gabriel e Ivy discutiam alguma coisa aos sussurros. A queimação voltou ao meu rosto quando pensei na posição em que os havia deixado. Quão egoísta eu fora para não pensar que meus atos também teriam um impacto neles! A reputação deles estava em jogo assim como a minha, e a minha sem dúvida estava em frangalhos. Considerei a possibilidade de fazermos as malas e começar do zero em outro lugar. Com certeza Gabriel e Ivy não esperariam que eu ficasse em Venus Cove após esse espetáculo. Parte de

mim esperava que, num instante, eles entrassem para dar a notícia, e então faríamos as malas em silêncio e nos mudaríamos para um lugar novo. Não haveria tempo para despedidas; os vínculos que eu tinha formado ali se reduziriam a nada mais que boas lembranças.

Mas ninguém veio ao meu quarto, e acabei não tendo outra escolha senão me aventurar a descer e enfrentar as consequências do que fizera. Vi de relance o meu reflexo num espelho do corredor. Eu estava com olheiras e uma aparência frágil. O relógio me disse que era quase meio-dia.

Lá embaixo, Ivy trabalhava com habilidade num bordado na mesa da cozinha e Gabriel estava em pé junto à janela, empertigado como um pastor no púlpito. Tinha as mãos juntas atrás das costas e lançava um olhar pensativo na direção do mar. Fui até a geladeira e me servi de um copo de suco de laranja, que bebi depressa para matar aquela sede violenta.

Gabriel não se virou, embora eu soubesse que ele estava ciente da minha presença. Tremi — uma bronca enfurecida teria sido melhor do que esse silêncio recriminatório. Eu prezava muito a estima de Gabriel para perdê-la. Quanto mais não fosse, sua raiva pelo menos teria ajudado a diminuir a minha culpa. Desejei que ele se virasse para eu poder pelo menos ver seu rosto.

Ivy largou o bordado e olhou para mim.

— Como se sente? — perguntou.

Não parecia zangada ou desapontada, e isso me deixou confusa.

Num ato involuntário, levei as mãos às têmporas, que ainda latejavam.

— Já estive melhor.

O silêncio pairava no ar como uma mortalha.

— Sinto muito mesmo — continuei mansamente. — Não sei como isso foi acontecer. Sinto-me muito infantil. Gabriel se virou para olhar na minha direção, os olhos cor de trovão. Mas neles só vi a profunda afeição que tinha por mim.

— Não há necessidade de ficar aflita, Bethany — disse ele com a calma de sempre. — Agora que somos humanos, estamos fadados a cometer alguns erros.

— Vocês não estão zangados? — perguntei, olhando de um para o outro. A pele nacarada deles tinha um aspecto luminoso e tranquilizador.

— Claro que não estamos zangados — disse Ivy. — Como poderíamos culpá-la por algo que estava além do seu controle?

— A questão é exatamente essa — disse eu. — Eu deveria saber. Isso não teria acontecido com nenhum de vocês. Por que só eu cometo erros?

— Não seja tão dura consigo mesma — aconselhou Gabriel. — Lembre-se de que é sua primeira visita aqui. Você vai melhorar com o tempo.

— É fácil esquecer que as pessoas são de carne e osso, e não indestrutíveis — acrescentou Ivy.

— Vou tentar me lembrar disso — retruquei, mais animada.

— Tenho exatamente o que você precisa para se livrar dessa britadeira na sua cabeça — disse Gabriel.

Ainda com meu pijama de *plush*, fui até perto dele e o observei pegar uns ingredientes na geladeira. Ele os mediu e os virou dentro de um liquidificador com a precisão de um cientista. Finalmente, me entregou um copo de um líquido vermelho e turvo.

— O que é isso? — perguntei.

— Suco de tomate, gema de ovo e uma pitada de pimenta — respondeu ele. — Segundo a enciclopédia médica que li ontem à noite, é um dos melhores remédios para ressaca.

A mistura tinha aspecto e cheiro repulsivos, mas o latejar na minha cabeça não iria passar sozinho. Depois me ocorreu que Ivy poderia ter me curado da ressaca tocando nas minhas têmporas, mas talvez meus irmãos estivessem tentando me ensinar a aceitar as conseqüências humanas dos meus atos.

— Acho que deveríamos todos ficar em casa hoje, não acham? — sugeriu Ivy. — Aproveitar o tempo para refletir um pouco.

Eu nunca ficara tão impressionada com meus irmãos como naquele momento. A tolerância que demonstravam só podia ser descrita como sobre-humana, o que obviamente era.

Em comparação com o resto da sociedade, vivíamos como verdadeiros quacres: sem televisão, computador ou telefone celular. Nossa única concessão a viver na Terra no século XXI era o telefone fixo, que fora ligado logo depois que nos mudamos. Achávamos que a tecnologia era como uma espécie de influência corruptora, promovendo um comportamento antissocial e diminuindo a importância dos valores familiares. Nossa casa era um lugar onde ficávamos juntos, sem matar o tempo na internet nem assistir a programas de televisão sem conteúdo.

Gabriel particularmente odiava a influência da televisão. Durante a preparação para a nossa missão, ele nos mostrara o início de um programa para enfatizar seu argumento. O programa envolvia pessoas que lutavam contra a obesidade sendo divididas em grupos aos quais eram apresentados alimentos tentadores para testar resistência. As que desistiam eram repreendidas e evitadas. Era revoltante, disse Gabriel, brincar com as emoções dos outros e se aproveitar das suas fraquezas. Era mais revoltante ainda que o público considerasse

tamanha crueldade um *entretenimento*.

Portanto, naquela tarde, não recorremos à tecnologia atrás de entretenimento; em vez disso, passamos o tempo lendo no deque, jogando mexe-mexe ou simplesmente mergulhados em nossos próprios pensamentos. Aproveitar o tempo para refletir não significava que não pudéssemos fazer outras coisas; significava apenas que as fazíamos em silêncio e tentávamos passar algum tempo avaliando nossos êxitos e fracassos. Ou melhor, Ivy e Gabriel avaliavam seus êxitos, e eu contemplava meus fracassos. Eu olhava para o Céu e mordiscava fatias de melão. Frutas, eu decidira, eram o meu alimento preferido. O frescor limpo e doce das frutas me lembrava de casa. Enquanto olhava, vi que o sol aparecia como uma bola branca abrasadora no céu — fitá-lo ofuscava e feria meus olhos. Lembro-me da brandura do sol no Reino — nossa casa era inundada por uma luz suave e dourada que era palpável e nos escorria pelos dedos como mel quente. Aqui as coisas eram muito mais duras, mas de certa forma mais reais.

—Já viu isso? — Ivy saiu de casa com um prato de frutas e queijos e jogou um jornal na mesa com repugnância.

— Hã-rã — Gabriel fez que sim com a cabeça.

— O que é?

Sentei-me, esticando o pescoço para ver a manchete. Vi de relance a fotografia estampada na página. Pessoas corriam para todo lado; homens tentando em vão proteger as mulheres, e mães tentando alcançar os filhos que tinham caído no chão. Alguns apertavam os olhos numa expressão piedosa; outros tinham a boca aberta em gritos mudos. Atrás deles, chamas se erguiam para o céu e nuvens de fumaça encobriam o sol.

— Bombardeios no Oriente Médio — disse meu irmão, virando o jornal rapidamente com um movimento do punho. Não adiantava mais: a imagem já estava gravada no meu cérebro.

— Mais de trezentos mortos. Sabem o que isso significa, não?

— Nossos agentes por lá não estão fazendo o trabalho direito? — Minha voz saiu trêmula.

— Não podem fazer o trabalho direito — corrigiu Ivy.

— Qual poderia ser o empecilho? — perguntei.

— As forças das trevas estão superando as forças da luz — disse Gabriel, sério. — Isso está acontecendo com cada vez mais frequência.

— O que faz você pensar que o Céu é o único lugar que está enviando representantes? — Ivy parecia um pouco impaciente com a minha falta de

compreensão. — Temos companhia.

— Não há nada que possamos fazer? — perguntei. Gabriel fez que não com a cabeça.

— Não cabe a nós agir sem autorização.

-— Mas há trezentos mortos! — protestei. — Isso deve importar.

— Claro que importa — disse Gabriel. — Mas nossos serviços não foram solicitados. Nos designaram este posto, e não podemos abandoná-lo porque algo ruim aconteceu em outra parte do mundo. Fomos instruídos a ficar aqui e a velar por Venus Cove. Deve haver uma razão para isso.

— E aquelas pessoas? — perguntei, lembrando-me novamente de suas expressões aterrorizadas.

— Tudo que podemos fazer é rezar por uma intervenção divina.

No meio da tarde, percebemos que os mantimentos estavam acabando. Embora continuasse me sentindo exausta, me ofereci para ir à cidade comprá-los. Esperava que a incumbência apagasse as imagens perturbadoras da minha mente e desviasse minha atenção das calamidades humanas.

— O que devo trazer? — perguntei, pegando um envelope e pronta para fazer uma lista no verso.

— Frutas, ovos e pão daquela padaria francesa que acabou de ser inaugurada — disse Ivy.

— Quer uma carona? — ofereceu Gabriel.

— Não, obrigada, vou de bicicleta. Preciso me exercitar.

Deixei Gabriel voltar para sua leitura e peguei minha bicicleta na garagem, enfiando uma sacola de lona no guidom. Ivy linha começado a podar as rosas do jardim da frente e acenou quando passei por ela.

O percurso de dez minutos até a cidade foi revigorante, depois do meu sono de zumbi. O ar trazia uma sensação saudável com o cheiro de pinho, o que ajudou a dissipar meu abatimento. Recusei-me a pensar em Xavier Woods e bloqueei quaisquer lembranças da noite anterior. Obviamente, minha mente tinha seus próprios planos, e estremeci ao me lembrar dos braços fortes de Xavier me segurando, do tecido da sua camisa encostado no meu rosto, do toque da sua mão me afastando o cabelo dos olhos, exatamente como ele fizera no meu sonho.

Deixei a bicicleta acorrentada no bicicletário em frente à agência dos correios e me encaminhei para o armazém. Ao chegar, diminuí o passo para dar passagem a duas senhoras, uma idosa e com o corpo arcado, e a outra forte e de meia-idade. A mais jovem levou a outra a um banco de praça, depois voltou para

a loja e prendeu um aviso na janela. Sentado obedientemente ao lado da mais velha estava um cão cinza-claro. Era a criatura mais estranha que eu já tinha visto, com uma expressão tão pensativa que poderia ser considerada humana. Mesmo sentado, o bicho mantinha o corpo ereto e tinha um ar majestoso. Tinha as bochechas ligeiramente caídas, o pele sedoso e os olhos sem cor como o luar.

A mais velha tinha um ar abatido que me chamou a atenção. Quando olhei para o anúncio na vitrine da loja, pude determinar a causa de sua infelicidade. Era um cartaz oferecendo o cão "de graça para um bom lar".

— É para o bem dele, Alice, você vai ver — disse a mais jovem, num tom prático e enérgico. — Quer que o Phantom seja feliz, não quer? Ele não poderá ficar com você quando você se mudar. Você conhece as regras. A mais velha balançou a cabeça negativamente com um ar de tristeza.

— Mas ele estará numa casa estranha e não saberá o que se passa. Já temos nossa rotina em casa.

— Cachorro é um bicho muito adaptável. Agora me deixe levá-la para casa a tempo para o jantar. Garanto que o telefone vai começar a tocar assim que a gente entrar.

A mulher chamada Alice não parecia ter a mesma confiança da companheira. Vi seus dedos nodosos torcerem a guia do cão com ansiedade e então irem até seu cabelo fino, preso em um coque atrás da cabeça. Ela parecia não ter pressa de sair, como se o gesto de se levantar indicasse que ela estava selando um acordo sobre o qual não tivera tempo de pensar muito bem.

— Mas como vou saber que ele está sendo bem-tratado? — perguntou.

— Vamos nos certificar de que quem ficar com ele concorde em levá-lo para te visitar na nova casa.

Um tom impaciente se insinuara na voz da mais jovem. Também notei que ela falava cada vez mais alto à medida que a conversa prosseguia. Seu peito arfava, e gotas de suor começavam a lhe brotar nas têmporas empoadas. Ela não parava de olhar para seu relógio de pulso.

— E se eles esquecerem? — perguntou Alice, com um tom petulante na voz.

— Não vão esquecer — disse a outra com desdém. — Bom, precisa comprar algo antes que eu leve você para casa?

— Só um saco de biscoitos caninos para o Phantom, mas não daqueles de sabor frango, porque ele não gosta.

— Bem, por que não espera aí enquanto vou lá dentro um instantinho pegar?

Alice fez que sim com a cabeça, depois ficou olhando o horizonte com uma expressão resignada. Abaixou-se para coçar Phantom atrás das orelhas. Ele a olhou intrigado. Parecia haver um entendimento tácito entre a dona e o animal.

— Que cachorro lindo — disse eu, como forma de puxar assunto. — Qual é a raça dele?

— Weimaraner — respondeu Alice. — Mas, infelizmente, não vai continuar comigo.

— É, não pude deixar de ouvir.

— Coitado do Phantom. — Alice suspirou e se abaixou para falar com o cão. — Você sabe exatamente o que está acontecendo, não sabe? Mas está sendo muito corajoso com tudo isso.

Ajoelhei-me para fazer carinho na cabeça de Phantom, e ele me farejou com cautela antes de me oferecer sua pata enorme.

— Que estranho. Ele costuma ser muito mais reservado com estranhos. Você deve ter jeito com cachorros.

— Ah, eu adoro animais. Desculpe por perguntar, mas para onde a senhora vai que ele não pode ir?

— Vou me mudar para o lar de idosos da cidade, Fairhaven. Já ouviu falar? Não aceitam cachorros.

— Que pena — disse eu. — Mas não se preocupe. Garanto que um cachorro como o Phantom vai ser adotado rapidinho. Está ansiosa para a mudança?

Ela pareceu um pouco desconcertada com a pergunta.

— Sabe, você é a primeira pessoa que me pergunta isso. Acho que para mim tanto faz ir ou não. Vou ficar melhor quando souber que o Phantom já tem um lar. Eu esperava que a minha filha ficasse com ele, mas ela mora em apartamento e não vai ser possível.

Quando Phantom esfregou o nariz esponjoso na minha mão, tive uma ideia. Talvez esse encontro fosse a providência me oferecendo uma chance de compensar minha falta de responsabilidade. Afinal, não era esse o meu papel — fazer a diferença para as pessoas onde quer que eu pudesse em vez de me concentrar em minhas próprias obsessões egoístas? Não havia muito que eu pudesse fazer em relação a uma crise do outro lado do mundo, mas havia uma situação ali perto de mim em que podia ser útil.

— Quem sabe eu não possa ficar com ele? — sugeri num impulso.

Sabia que se pensasse muito eu perderia a coragem. A expressão de Alice se iluminou instantaneamente.

— Você pode? Tem certeza? — disse ela. — Seria maravilhoso. Você nunca vai encontrar um amigo mais fiel, posso lhe prometer. Ora, vocês já ficaram amigos. Mas o que os seus pais vão dizer?

— Eles não vão se importar — respondi, esperando que meus irmãos enxergassem a decisão do mesmo modo que eu. — Então está combinado?

— Aqui está Felicity — disse Alice, com um sorriso de orelha a orelha. — É melhor darmos a ela a boa notícia.

Phantom e eu vimos as duas partirem de carro, uma enxugando os olhos, a outra com uma expressão visivelmente aliviada. A não ser por um latido de dar dó para sua dona e um olhar comovente, Phantom parecia tranquilo de repente ao se ver sob a minha guarda. Parecia entender instintivamente que a nova situação era a melhor que podia esperar naquelas circunstâncias. Aguardou pacientemente do lado de fora enquanto eu fazia as compras. Depois, pendurei a sacola de um lado do guidom, amarrei a guia no outro e empurrei a bicicleta para casa.

— Conseguiu achar a loja sem problemas? — perguntou Gabriel quando me ouviu entrar.

— Desculpe, esqueci o pão — disse eu, entrando na cozinha com Phanton ao meu lado. — Mas fiz um ótimo negócio em vez disso.

— Bethany! — exclamou Ivy. — Onde achou esse cachorro?

— É uma longa história — respondi. — Alguém precisava de uma mãozinha. — Fiz um resumo do meu encontro com Alice. Ivy afagou a cabeça de Phantom, e ele pôs o focinho em sua mão. Havia algo de sobrenatural em seus olhos claros e tristes que fazia parecer que o lugar dele era conosco. — Espero que a gente possa ficar com ele — terminei.

— Claro — disse Gabriel sem mais discussão. — Todo mundo precisa de um lar.

Ivy e eu nos distraímos improvisando uma cama para Phantom e decidindo qual tigela deveria ser a dele. Gabriel nos observava, os cantos da boca se contraindo com o esboço de um sorriso. Era tão raro ele sorrir que, quando o fazia, era como o sol atravessando uma nuvem.

Era óbvio que Phantom seria meu. Ele me olhava como sua mãe adotiva e vinha trotando atrás de mim aonde quer que eu fosse na casa. Quando me deitei no sofá, ele se enroscou nos meus pés como uma vasilha de água quente e adormeceu roncando baixinho. Apesar do tamanho, Phantom tinha uma natureza indiferente, e não demorou muito para ele estar completamente integrado na nossa pequena família.

Depois do jantar, tomei uma chuveirada e fiquei no sofá, com a cabeça de Phantom no colo. A afeição dele teve um efeito terapêutico, e eu me sentia tão relaxada que quase esqueci os acontecimentos da noite anterior.

Foi então que bateram à porta.

9
Menino não Entra

Phanton deu um grunhido mostrando quem era o dono do território e saiu da sala, farejando furiosamente embaixo e em volta da porta da frente.

— O que *ele* está fazendo aqui? — resmungou Gabriel.

— Quem é? — sussurramos Ivy e eu em uníssono.

— Nosso heroico representante da escola. — Gabriel estava descontando seu sarcasmo em mim.

— Xavier Woods está lá fora? — perguntei incrédula, me olhando furtivamente no espelho que fica em cima da lareira. Embora fosse cedo, eu já estava com meu pijama estampado de vaquinhas, o cabelo preso para cima com uma piranha. Ivy reparou e pareceu achar graça da minha demonstração de vaidade. — Por favor, não deixem ele entrar. Estou horrorosa — implorei.

Eu não parava de me mexer, constrangida, enquanto meus irmãos pensavam no que fazer. Após a cena que eu tinha feito na festa de Molly, Xavier Woods era a última pessoa que eu queria ver. Na verdade, ele era exatamente quem eu mais queria evitar.

— Ele já foi embora? — perguntei, passado um minuto.

— Não — disse Gabriel. — E parece não ter a intenção de ir. Acenei furiosamente para que Phanton se afastasse da porta.

— Venha cá garoto! — murmurei, tentando assobiar baixinho entre os dentes. — Pare com isso, Phantom! Phantom fingiu que não me ouviu e enfiou o nariz mais embaixo da porta.

— O que ele quer? — perguntei a Gabriel.

Meu irmão parou um instante, com o rosto assumindo uma expressão fechada.

— Bem, acho que é muita presunção.

— O quê?

— Há quanto tempo conhece esse rapaz?

— Pare com isso, Gabe. Isso é uma invasão de privacidade! — respondi secamente.

— Francamente... — Ivy se levantou, fazendo que não com a cabeça. — Acho que ele já deve ter nos ouvido falar. E, além disso, não podemos simplesmente ignorá-lo. Ele ajudou muito a Bethany ontem à noite, lembra?

— Pelo menos espere eu subir — sibilei, mas ele já estava à porta, puxando Phantom e ordenando que ele sossegasse. Quando Ivy voltou para a sala, veio acompanhada de Xavier, que estava com a mesma cara de sempre, a não ser pelo cabelo, ligeiramente despenteado pelo vento. Satisfeito com o fato de Xavier não ser uma ameaça, Phantom voltou à posição recostada no sofá com um suspiro fundo. Gabriel acusou a presença de Xavier com um mero movimento de cabeça.

— Eu só queria ver se a Beth está se sentindo bem — disse Xavier, sem ligar para a recepção fria de Gabriel. Reconheci que esta era minha deixa para dizer alguma coisa, mas as palavras me escapavam.

— Obrigada mais uma vez por trazer a minha irmã para casa — disse Ivy entrando na conversa, a única de nós que se lembrara das boas maneiras. — Gostaria de beber alguma coisa? Eu já estava indo fazer um chocolate quente.

— Obrigado, mas não posso demorar — disse Xavier.

— Bem, pelo menos sente um pouquinho — disse Ivy. — Gabriel, pode me dar uma mãozinha na cozinha? Gabriel a seguiu com relutância.

Deixada sozinha com Xavier, eu estava consciente do quão absurdamente parados devíamos parecer, sem televisão à vista, meus irmãos fazendo chocolate quente e eu pronta para ir me deitar às oito horas.

— Belo cachorro — disse Xavier.

Fez menção de tocar em Phantom, que farejou cautelosamente sua mão antes de esfregar o nariz nela com entusiasmo. Parte de mim tinha a esperança de que Phantom grunhisse, assim eu teria pelo menos um motivo para encontrar algum defeito em Xavier. Mas ele parecia passar por todos os testes sem nenhum arranhão.

— Eu o achei hoje — disse eu.

— Achou? — Xavier ergueu uma sobrancelha. — Tem o hábito de adotar animais abandonados?

— Não — disse eu indignada. — A dona dele ia se mudar para um lar de idosos.

— Ah, ele deve ser o cachorro de Alice Butler.

— Como você sabe?

— Cidade pequena. — Xavier deu de ombros. — Fiquei preocupado com você ontem à noite. Ele fitava o meu rosto com atenção.

— Agora estou bem — respondi trêmula. Tentei encontrar seus olhos, mas fiquei tonta e desviei o olhar.

— Você poderia ser mais cautelosa com as pessoas que considera suas amigas.

Havia uma intimidade na maneira que ele falava comigo que fazia parecer que nos conhecíamos há muito tempo. Era inquietante e empolgante ao mesmo tempo.

— Não foi culpa da Molly — disse eu. — Eu devia saber das consequências.

— Você é muito diferente das garotas daqui — prosseguiu ele.

— Como assim?

— Você não sai muito, sai?

— Pode-se dizer que sou uma pessoa caseira.

— Acho que é uma boa mudança.

— Eu queria ser como todo mundo.

— Por que diz isso? Não faz sentido fingir ser alguém que você não é. Você poderia ter entrado numa fria ontem. — Ele sorriu. — Por sorte, eu estava lá para te socorrer.

Eu não sabia se ele estava falando sério ou fazendo uma piada.

— Como posso retribuir sua gentileza? — disse eu, no que esperava que soasse ligeiramente como um flerte.

— Tem uma coisa que você poderia fazer... Ele deixou as palavras no ar sugestivamente.

— O quê?

— Sair comigo. Que tal no fim de semana que vem? Poderíamos ir ao cinema, se quiser.

Eu estava muito aturdida para responder. Será que eu tinha ouvido direito? Estaria Xavier Woods, o garoto mais inacessível da Bryce Hamilton, me convidando para sair? Qual era a resposta adequada? Onde estava Molly quando eu mais precisava dela? Minha hesitação durou uma fração de segundo a mais, fazendo com que ele interpretasse a demora como relutância.

— Tudo bem, se não estiver a fim.

— Não, eu gostaria de ir!

— Ótimo. Bem, que tal me dar seu telefone, e ponho você na agenda do meu celular? Podemos combinar os detalhes depois.

Ele tirou um aparelho preto lustroso do bolso do casaco de náilon. O aparelho ficou piscando na palma da sua mão. Eu ouvia barulho de louça na cozinha e sabia que não tinha tempo a perder.

— É mais fácil você me dar o seu e eu ligar — respondi rapidamente.

Ele não discutiu. Vi um jornal na mesa de centro, rasguei um pedaço do canto e entreguei a ele.

— Eu precisava de uma caneta.

Encontrei uma marcando a página de um livro com encadernação de couro que um dos meus irmãos andara lendo. Xavier escreveu os números e um bonequinho rindo no papel, que eu coloquei no bolso bem a tempo de sorrir para Gabriel e Ivy quando eles entraram trazendo uma bandeja com canecas.

Acompanhei Xavier à porta, onde seus olhos pararam um pouco no que eu estava vestindo. A intensidade desaparecera do seu rosto e aquele meio sorriso característico voltara.

— Por sinal, pijaminha simpático — comentou, e continuou me olhando com um ar de curiosidade.

Fui incapaz de desviar o olhar. Poderia facilmente olhar para o rosto dele o dia inteiro sem me entediar, pensei. Os humanos supostamente tinham defeitos físicos, mas não parecia ser o caso de Xavier. Reparei nas feições dele — sua boca em forma de arco, sua pele macia, a covinha no seu queixo — e me esforcei para acreditar que ele era real. Ele usava uma camisa esporte por baixo da jaqueta, e vi no seu pescoço um crucifixo de prata pendurado num cordão de couro que eu não tinha notado antes.

— Que bom que gostou — disse eu, me sentindo mais segura. Ele riu, e sua risada era como o sino de uma igreja repicando.

† † †

GABRIEL E IVY TENTARAM NÃO DEMONSTRAR o susto que levaram quando contei a eles sobre minha intenção de sair com Xavier no fim de semana seguinte.

— Acha realmente que é uma boa ideia? — perguntou Gabriel.

— Por que não seria? — desafiei.

Eu estava me deleitando com a ideia de tomar minhas próprias decisões, e não gostei que podassem minha independência tão depressa.

— Bethany, por favor, pense nas repercussões de uma atitude dessas — disse Ivy calmamente, mas estava franzindo o cenho com uma expressão apreensiva, o que era raro.

— Não há o que pensar. Vocês dois sempre exageram.

Eu mesma não estava convencida com o meu argumento inconsistente, mas me recusei a aceitar que havia razão para cautela.

— Acontece que *sair com o namorado* não é nem nunca foi parte da nossa missão.

A voz de Gabriel era cortante, e seu olhar, severo. Eu sabia que só estava alimentando suas dúvidas quanto a ser adequada para essa missão. Eu era muito suscetível aos caprichos e às fantasias dos humanos. Uma voz lá no fundo me dizia que eu devia dar um passo atrás e refletir — aceitar que uma ligação com Xavier era perigosa e egoísta, dadas as circunstâncias. Mas havia uma voz mais alta que abafava todos os outros pensamentos e exigia vê-lo de novo.

— Talvez não aparecer muito por uns tempos fosse mais sábio — sugeriu Ivy, num tom menos severo. — Por que não colaboramos com algumas ideias voltadas para o aumento da consciência social na cidade? Ela soava como uma professora tentando conquistar os alunos para um projeto da escola.

— Essas ideias são suas, não minhas.

— Elas podem se tornar suas — insistiu Ivy.

— Quero encontrar o meu próprio caminho.

— Vamos discutir isto quando você estiver pensando com mais clareza — disse Gabriel.

— Não quero ser tratada como criança — disse eu secamente, me afastando com ar desafiador e estalando a língua para Phantom me acompanhar.

Juntos, sentamos no alto da escada, eu furiosa e Phantom esfregando o focinho no meu colo. Achando que eu estava muito longe para ouvi-los, meus irmãos continuaram a discussão na cozinha.

— Não consigo acreditar que ela seria capaz de estragar tudo por um capricho — dizia Gabriel. Eu o ouvia andando de um lado para o outro.

— Você sabe que a Bethany jamais teria a intenção de fazer isso.

Ivy tentava apaziguar as coisas. Ela odiava qualquer espécie de atrito entre nós.

— Pois então o que ela está fazendo? Será que ela tem alguma ideia do motivo de estarmos aqui? Sei que precisamos levar em conta a falta de experiência de Bethany, mas ela está sendo deliberadamente rebelde e teimosa, e eu não a reconheço mais. As tentações estão aí para nos testar. Estamos aqui só há algumas semanas, e ela não consegue achar forças para resistir aos encantos de um garoto bonitinho!

— Seja paciente, Gabriel. Isso ainda vai piorar.

— Ela põe minha paciência à prova! — disse ele, mas logo se controlou. — O que você sugere?

— Se não colocarmos obstáculos no caminho dela, esse interesse com certeza morrerá naturalmente; agora, se criarmos empecilhos, a situação ganhará uma importância pela qual vale a pena brigar.

O silêncio de Gabriel levou a crer que ele estava avaliando a sabedoria das palavras de Ivy.

— Com o tempo, ela vai entender que o que busca é impossível.

— Espero que você esteja certa — disse Gabriel. — Vê agora por que a participação dela nesta missão me preocupou?

— Ela não tem a intenção de nos desafiar — disse Ivy.

— Não, mas a profundidade da emoção dela não é comum para um de nós — retrucou Gabriel. — Nosso amor pela humanidade deve ser desapegado. Amamos a humanidade, não formamos vínculos individuais. Bethany parece amar profunda e incondicionalmente, como um humano.

— Já notei isso — disse minha irmã. — O que significa que o amor dela é mais forte que o nosso, mas também mais perigoso.

— Exatamente — concordou Gabriel. — Tamanha emoção muitas vezes não pode ser contida. Se deixarmos que se desenvolva, em breve ela pode estar fora do nosso controle.

† † †

NÃO ESPEREI PAR OUVIR MAIS e fui de fininho para o quarto, onde me atirei na cama quase chorando. Uma reação tão forte como aquela me surpreendeu, e a emoção contida me deixou com falta de ar. Eu sabia o que estava acontecendo. Estava deixando a carne falar mais alto e também os sentimentos que vinham com ela. Isso provocava uma sensação de incerteza e instabilidade como uma montanha-russa. Sentia o sangue correndo nas veias, os pensamentos ricocheteando na cabeça, o estômago se contraindo de frustração. Ressentia-me profundamente de ser discutida como se não fosse mais que uma experiência de laboratório. E a insinuação deles de que eu estava fazendo algo errado, sem falar na sua falta de confiança em mim, era perturbadora...

Por que estavam tão determinados a me proibir a interação humana que eu tanto desejava? E o que exatamente Ivy queria dizer com “impossível”? Eles estavam agindo como se Xavier fosse um pretendente que não satisfizesse aos seus critérios. Quem eram eles par julgar algo que sequer tinha começado? Xavier Woods gostava de mim. Seja lá por que fosse, ele me considerava digna da sua atenção, e eu não ia deixar os temores paranóicos da minha família me afastarem dele. Estava espantada com minha disposição de aceitar a atração humana que sentia por Xavier.

Meus sentimentos por ele aumentavam numa velocidade perigosa, e eu

permitia que isso acontecesse. Deveria estar assustada com tudo aquilo, mas, em vez disso, fiquei intrigada com a dor no coração que eu sentia quando pensava em deixá-lo ir e com a contração de todos os músculos do meu corpo quando recordava as palavras do meu irmão. O que estava acontecendo comigo? Será que eu estava perdendo a divindade? Será que eu estava me tornando humana?

Dormi mal aquela noite e tive meu primeiro pesadelo. Já tinha me acostumado à experiência humana de sonhar, mas isso era diferente. Dessa vez, me vi levada perante um Tribunal Celeste, com um júri formado por figuras sem rosto e com vestes pesadas. Não conseguia distinguir uma da outra. Suas expressões eram impassíveis. Olhavam à frente e não se viravam para mim, embora eu as chamasse aos gritos. Eu aguardava o anúncio do veredicto e então percebi que já havia acontecido. Não havia ninguém para falar por mim, ninguém para me defender.

A próxima coisa de que tive consciência foi a queda. À minha volta, tudo que era familiar virava pó, as colunas do tribunal, as figuras torgadas e, finalmente, os rostos de Gabriel e Ivy. E mesmo assim eu caía, despencando numa viagem sem fim para lugar nenhum. Então tudo se imobilizou e fiquei presa num vácuo. Eu Caíra de joelhos, a cabeça abaixada, as asas quebradas e sangrando. Não conseguia me levantar do chão. A luz começou a ficar fraca até uma escuridão sufocante me envolver, tão densa que eu não enxergava minhas próprias mãos diante do rosto. Nesse mundo sepulcral, fui deixada sozinha. Via a mim mesma como o suprassumo da vergonha, um anjo caído em desgraça.

Uma figura sombria com feições indistintas se aproximava. A princípio, meu coração palpitou esperançoso diante da possibilidade de ser Xavier. Mas qualquer esperança foi por água abaixo quando senti instintivamente que, o que quer que fosse, devia ser temido. Apesar da dor em minhas pernas e braços, arrastei-me para o mais longe possível. Suas feições se materializaram o suficiente para eu ver que o sorriso naquele rosto era um sorriso dominador. Nada mais restava a fazer, a não ser deixar ser consumida pelas sombras. Isso era perdição. Eu estava perdida.

† † †

PELA MANHÃ, AS COISAS PARECIAM DIFERENTES, como geralmente acontece. Uma nova sensação de estabilidade me inundava. Ivy entrou no quarto para me acordar, o perfume de frésia acompanhando-a como amas em seu encalço.

— Achei que você poderia querer um café — ofereceu.

— Estou aprendendo a gostar de café — disse, e dei um gole na xícara sem fazer careta. Ela sentou-se com rigidez na beira da cama.

— Nunca vi Gabriel tão zangado — comentei, ansiosa para resolver as coisas com ela. — Sempre achei que ele era meio que... infalível.

— Já pensou alguma vez que ele pode estar estressado por motivos próprios? Se as coisas não forem bem, ele e eu seremos os responsáveis pelo fracasso.

As palavras dela bateram em mim como um golpe físico, e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Não quero perder o bom conceito de vocês.

— Não perdeu — disse tranquilizando-me, — Gabriel apenas quer te proteger. Ele só deseja poupar você de qualquer coisa que possa lhe causar sofrimento.

— Não consigo ver como sair com o Xavier poderia ser uma coisa ruim. O que você acha... honestamente?

Ivy não era hostil como Gabe, e, quando veio me dar a mão, vi que ela já havia perdoado minha transgressão. Mas sua postura rígida e a boca contraída me diziam que sua posição não mudara.

— O que acho é que precisamos ter cuidado para não começar o que não podemos continuar. Não seria muito justo, seria?

As lágrimas que eu andara contendo então jorraram. Fiquei ali sentada sendo dominada pela angústia enquanto Ivy me envolvia nos braços e afagava minha cabeça.

— Fui uma idiota, não fui?

Deixei a voz da razão falar mais alto. Eu mal conhecia Xavier Woods e duvidava que reagisse com um mar de lágrimas se descobrisse que não poderia me ver por uma razão qualquer. Eu estava agindo como se tivéssemos feito um pacto um com o outro, e de repente tudo aquilo me pareceu meio absurdo. Talvez estivesse sendo influenciada por *Romeu e Julieta*. Eu tinha a sensação de que havia uma ligação profunda e insondável entre mim e Xavier, mas talvez eu estivesse errada. Seria possível que tudo fosse fruto da minha imaginação?

Estava em meu poder esquecer Xavier. A questão era: será que eu queria? Não havia como negar que Ivy estava certa. Não éramos desse mundo e nada do que ele tinha ou podia oferecer dizia respeito a nós. Eu não tinha direito de me meter na vida de Xavier. Nosso papel era ser mensageiros, arautos da esperança e nada mais.

Quando Ivy foi embora, tirei o número do telefone de Xavier do bolso, onde tinha ficado a noite inteira. Abri o rolinho de papel e lentamente o rasguei em pedacinhos do tamanho de confetes. Fui até a minha estreita sacada e joguei os fragmentos ao vento. Fiquei observando com tristeza enquanto eram levados embora.

10
O Rebelde

Ignorar o convite de Xavier se mostrou uma tarefa mais fácil do que eu esperava, já que ele passou a semana seguinte inteira sem aparecer na escola. Após fazer algumas indagações discretas, descobri que ele estava numa colônia de remo. Sem correr o risco de topar com ele, fiquei mais relaxada. Não sabia ao certo se teria coragem de desistir do encontro se ele estivesse bem na minha frente, o cabelo castanho caído sobre aqueles límpidos olhos azuis. Para dizer a verdade, não sabia se seria capaz sequer de dizer muita coisa, tendo em vista minhas tentativas passadas de conversa.

Na hora do almoço, eu sentava com Molly e suas amigas no pátio, ouvindo sem muito entusiasmo aquela ladainha de reclamações sobre a escola, os garotos e os pais. As conversas em geral eram sempre iguais, e eu achava que já sabia as falas de cor. Hoje o baile de formatura era o tema da discussão — nenhuma surpresa.

— Ai, meu Deus, tanta coisa para resolver... — disse Molly, alongando-se no chão como uma gata. Suas amigas estavam espalhadas em volta dela, umas também no chão e outras nos bancos do jardim, as saias levantadas para maximizar o impacto do sol do início da primavera. Eu estava sentada de pernas cruzadas ao lado de Molly, puxando a saia timidamente para cobrir os joelhos.

— Ai, meu Deus, eu sei! — concordou Megan Judd. Ela tornou a deitar a cabeça no colo de Hayley e puxou a blusa para cima a fim de expor a barriga ao sol. — Ontem à noite, comecei a fazer uma lista de coisas a fazer. — Ainda deitada, ela abriu a agenda, onde colara etiquetas de estilistas como enfeite. — Vejam isso — prosseguiu ela, lendo uma página com o canto dobrado. — Marcar unhas à francesa. Procurar sapatos sexy. Comprar bolsa. Decidir que joias usar. Descobrir penteado de uma celebridade para copiar. Decidir entre bronzeador Crepúsculo Havaiano e Champanhe. Reservar limusine. E a lista continua...

— Você esqueceu a coisa mais importante: o vestido — disse Hayley. As outras riram da omissão.

Eu não entendia bem como elas podiam discutir com tantos detalhes um evento que estava tão longe, mas achei melhor não comentar. Duvidava que minha contribuição seria apreciada.

— Vai custar os tubos — suspirou Taylah. — Vou acabar estourando meu orçamento e gastando cada dólar que ganhei naquela porcaria de padaria.

— Eu tenho a grana — disse Molly com orgulho. — Andei economizando o que ganho na loja desde o ano passado.

— Meus pais vão pagar tudo — gabou-se Megan. — Eles concordaram em pagar tudinho desde que eu passasse em todas as provas. Até um ônibus para a festa eles prometeram se a gente quiser.

As garotas estavam visivelmente impressionadas.

— Seja lá o que você faça, não leve bomba em nenhuma matéria — disse Molly.

— Ei, ela não faz milagres. — Hayley riu.

— Alguém já tem par? — perguntou uma outra.

Algumas das garotas tinham, e as que tinham namorado não precisavam se preocupar quanto a isso. As demais continuavam esperando desesperadamente que alguém as convidasse.

— Me pergunto se Gabriel vai — refletiu Molly, virando-se para mim. — Todos os professores estão convidados.

— Não tenho certeza — disse eu. — Ele costuma evitar esse tipo de coisa.

— Você devia convidar Ryan — sugeriu Hayley a Molly — antes que ele se comprometa com alguém.

— É, os bons são sempre os primeiros a conseguir um par — concordou Taylah. Molly pareceu ofendida.

— A norma é essa, Hayley — disse. — O cara tem que fazer o convite. Taylah bufou.

— Boa sorte com isso.

— Molly, você às vezes é muito burra — suspirou Hayley. — Ryan tem um metro e noventa, é imponente, louro e joga lacrosse. Ele pode até não ser a última bolacha do pacote, mas, mesmo assim, o que está esperando?

— Quero que ele me convide — disse Molly amuada.

— Talvez ele seja tímido — sugeriu Megan.

—Você sabe mesmo de quem estamos falando? — Taylah revirou os olhos. — Duvido que ele tenha problemas de autoestima.

Um debate sobre vestidos compridos *versus* vestidos passeio completo se seguiu. A conversa ficou tão banal que eu precisava encontrar uma forma de sair dali. Resmunguei alguma coisa em relação a ir à biblioteca para ver se um livro havia chegado.

— Ihhh, Beth, só o pessoal caído frequenta a biblioteca — disse Taylah. —

Alguém pode te ver.

— E já temos que passar o quinto tempo lá para terminar aquela pesquisa idiota — gemeu Megan.

— Sobre o que era mesmo? — perguntou Hayley. — Algo a ver com política no Oriente Médio?

— Onde fica o Oriente Médio? — perguntou uma menina chamada Zoe, que sempre usava o cabelo louro amontoado no alto da cabeça como uma coroa.

— É uma região inteira perto do Golfo Pérsico — disse eu. — Pega o sudoeste da Ásia.

— Acho que não, Bethie — riu Taylah. — Todo mundo sabe que o Oriente Médio é na África.

Desejei encontrar Ivy, mas ela estava ocupada trabalhando na cidade. Tinha entrado para um grupo da igreja e já recrutava novos membros. Fizera emblemas promovendo o comércio justo e imprimira panfletos que pregavam sobre a injustiça das condições de trabalho no Terceiro Mundo. Dada a sua posição de deusa em Venus Cove, os números do grupo da igreja estavam aumentando. Os rapazes da cidade adquiriram o hábito de procurá-la e comprar muito mais emblemas do que qualquer um poderia usar na esperança de serem recompensados com o número de telefone dela ou apenas um tapinha agradecido nas costas. Ivy assumira a missão de fazer o papel de Mãe Terra em Venus Cove — queria trazer as pessoas de volta para a natureza. Acho que podíamos chamar isso de mentalidade ambientalista — comida orgânica, espírito comunitário e a força do mundo natural sobre as coisas materiais.

Portanto, me encaminhei para o prédio de música, à procura de Gabriel.

A ala de música ficava na parte mais antiga da escola. Ouvi uma cantoria vindo do salão principal, então abri suas pesadas portas de painel. O salão era amplo, com um pé-direito alto e paredes cobertas de retratos de diretores com expressões taciturnas. Gabriel estava diante de um atril regendo o coro do terceiro ano. Todos os coros tinham ganhado popularidade desde a chegada de Gabriel; na verdade, havia tantas novatas no coro do terceiro ano que o ensaio tinha que ser no auditório.

Gabriel estava ensinando um de seus hinos preferidos com uma harmonia quartal, acompanhado pela aluna representante de música, Lucy McCrae, ao piano. Minha entrada interrompeu o canto. Gabriel virou-se para saber o motivo da distração, e quando o fez, a luz passando pelo vitral se fundiu com seu cabelo dourado e por um momento ele pareceu estar em chamas.

Acenei para ele e fiquei ouvindo o coro recomeçar a cantar.

Aqui estou, Senhor. Sou eu, Senhor? Ouvi-O chamando na noite.
Irei, Senhor, se me conduzir. Levarei Seu povo em meu coração.

Mesmo com alguns dos cantores desafinando e a acompanhante num tom um pouco elevado, a pureza das vozes era extasiante. Fiquei até a sineta sinalizar o fim do almoço. A essa altura, eu sentia que, em boa hora, era como se aquilo fosse um lembrete da situação geral das coisas.

Os dias seguintes foram se emendando uns nos outros, e, quando vi, já era sexta-feira, e mais uma semana terminava. Segundo o que se falava pela escola, os remadores tinham voltado depois do almoço, mas eu não vira nenhum sinal deles e presumira que foram direto para casa. Fiquei me perguntando se Xavier teria entendido que eu me desinteressara dele, já que não o procurara. Ou será que ele ainda aguardava minha ligação? A ideia de que ele pudesse estar aguardando uma ligação que não viria me incomodava. E eu nem teria chance de me explicar, já que não via sinal dos remadores pelo colégio.

Enquanto arrumava a mochila, vi que alguém tinha encaixado um rolinho de papel numa das frestas de ventilação metálicas que ficavam no alto do meu armário. O rolinho caiu no chão quando abri a porta. Peguei-o e li a mensagem, escrita com uma letra irregular típica de um menino.

Caso mude de ideia, estarei no Cinema Mercury sábado às 9h.
Beijo.

Li aquilo várias vezes. Até por meio de um pedaço de papel, Xavier conseguia ter o mesmo efeito atordoante sobre mim. Manuseei o bilhete com todo cuidado, como se fosse uma relíquia antiga. Ele não desistia facilmente; eu gostava disso nele. Então essa é a sensação de ser perseguida, pensei. Queria pular por ali de tão empolgada, mas consegui manter a calma. No entanto, eu continuava com um sorriso no rosto quando encontrei Gabriel e Ivy. Parece que eu não conseguia obrigar os músculos da face a adotar uma máscara de serenidade.

— Você parece satisfeita consigo mesma — disse Ivy quando me viu.

— Me dei bem num teste de francês — menti.

— Esperava outra coisa?

— Não, mas mesmo assim é bom ver o resultado por escrito.

Surpreendeu-me a facilidade com que eu podia mentir. Eu devia estar melhorando nisso, o que não era bom. Gabriel pareceu satisfeito de ver que eu

estava mais animada. Eu sabia que ele andara se sentindo culpado.

Odiava ver tristeza, que dirá ser a causa dela. Eu não o censurava por sua severidade; ele não tinha culpa de não conseguir entender o que eu estava vivendo. Estava focado em supervisionar nossa missão, e eu não conseguia imaginar a tensão que deve acompanhar uma tarefa como essa. Ivy e eu dependíamos dele, e os poderes do Reino confiavam em sua sabedoria. Era natural ele tentar evitar complicações, e isso era exatamente o que ele temia que o contato com Xavier pudesse trazer.

A euforia por ter recebido o bilhete de Xavier durou o resto da tarde e a noite. Mas, quando chegou sábado, eu já estava em conflito com minha própria consciência em relação ao que fazer. Queria desesperadamente ver Xavier, mas sabia que era um desejo imprudente e egoísta. Gabriel e Ivy eram a minha família e confiavam em mim. Eu não podia intencionalmente fazer nada que pudesse comprometer a posição deles.

A manhã de sábado foi relativamente tranqüila. Fiz algumas tarefas domésticas e levei Phantom para correr na praia. Quando cheguei em casa e olhei para o relógio, vi que já estava quase no meio da tarde e comecei a ficar nervosa. Consegui esconder minha agitação durante o jantar, e depois Ivy cantou para nós com sua voz melodiosa, acompanhada por Gabriel num violão antigo. A voz de Ivy poderia levar às lágrimas o criminoso mais cruel. Quanto a Gabriel, cada nota que ele tocava era macia e cantarolada como se tivesse vida.

Por volta das oito e meia, subi para o meu quarto e tirei tudo de dentro do armário para fazer uma arrumação. Por mais que tentasse, não conseguia tirar Xavier da cabeça, e sua imagem tinha o impacto de um trem desgovernado nos meus pensamentos. As cinco para as nove, tudo o que eu conseguia pensar era nele à minha espera, com os minutos se passando. Visualizei o momento em que ele percebia que eu não ia chegar. Imaginei- o dando de ombros, saindo do cinema e tocando a vida para a frente. A dor desse pensamento era difícil de aguentar, e, quando dei por mim, já tinha pegado a bolsa, aberto as portas da sacada e descido pela treliça em direção ao jardim. Fui vencida por um desejo ardente de ver Xavier, ainda que não falasse com ele.

Segui aos tropeções pela rua escura, virei à esquerda e continuei andando, na direção das luzes da cidade. Algumas pessoas viravam-se dentro dos carros que passavam para me olhar: uma garota pálida, com um ar fantasmagórico, correndo pela rua, os cabelos ao vento como flâmulas. Julguei ter visto a sra. Henderson olhando pelas venezianas da sua sala de estar, mas não fiquei pensando nisso.

Levei dez minutos para encontrar o Cinema Mercury. Passei por um café chamado The Fat Cat, que parecia lotado de estudantes. A música saía de uma *jukebox* e havia uma garotada sentada em sofás acolchoados, bebendo milk-shake ou dividindo tigelas de nachos. Alguns dançavam na pista quadriculada.

Passei pelo The Terrace, um dos restaurantes mais luxuosos da cidade, localizado no primeiro andar de um velho hotel vitoriano. As melhores mesas ficavam na varanda que pegava toda a frente do prédio, e eu avistei velas cintilando nos castiçais. Passei depressa pela padaria nova e pelo armazém onde encontrara Alice e Phantom havia poucas semanas. Quando cheguei ao cinema, eu ia tão depressa que passei a entrada e tive que voltar quando vi que tinha chegado ao fim da rua.

O cinema datava dos anos 1950 e fora reformado recentemente, sendo mantida a moda da época. Era cheio de móveis e objetos retro. Os pisos eram de linóleo preto e branco encerado; havia sofás de vinil em tons de laranja queimado com pés de cromo, e luminárias que se pareciam com discos voadores. Eu me vi no espelho que ficava atrás do balcão das balas. Mal conseguia respirar de tanta empolgação e tinha uma expressão agitada devido à corrida.

O vestíbulo estava vazio quando cheguei, e não havia ninguém circulando perto do bar. Os cartazes dos filmes anunciavam uma maratona Hitchcock. Já devia ter começado. Ou Xavier tinha entrado sozinho, ou já tinha ido embora.

Ouvi pigarrearem forçadamente atrás de mim, como se faz para chamar atenção. Virei-me.

— Quando a gente perde o filme, já não é mais um atraso elegante. — Xavier estava usando seu sorriso irônico, bermuda de brim azul-marinho e uma camisa polo creme.

— Não posso ficar — disse eu ofegante. — Só vim para lhe dizer isso.

— Não precisava ter vindo correndo até aqui para me dar essa notícia. Podia ter ligado.

Xavier tinha um olhar brincalhão. Fiz força para pensar numa resposta que não parecesse ridícula. Meu primeiro impulso foi dizer que tinha perdido seu telefone, mas não quis mentir para ele.

— Já que está aqui — continuou —, que tal um café?

— E o filme?

— Posso assistir depois.

— Tudo bem, mas não posso ficar muito tempo. Ninguém sabe que saí — confessei.

— Tem um lugar a apenas dois quarteirões daqui, se não se incomodar de

andar.

† † †

O CAFÉ SE CHAMAVA SWEETHEARTS. Xavier encostou nas minhas costas para me fazer entrar, e senti o calor da mão dele passar para a minha pele. Uma quentura estranha borbulhava dentro de mim até me dar conta de que sua mão estava bem no lugar onde minhas asas ficavam cuidadosamente dobradas. Afastei-me rapidamente com uma risada nervosa.

— Você é uma garota estranha — disse ele, parecendo desconcertado.

Fiquei agradecida quando ele pediu um reservado, pois eu não queria ficar exposta a olhares curiosos. Tínhamos chamado bastante atenção simplesmente ao andar juntos na rua. Dentro do café, havia alguns rostos que reconheci da escola, mas, como eu não conhecia os alunos pessoalmente, não se exigia que eu cumprimentasse ninguém. Vi Xavier acenando com a cabeça em várias direções antes de nos sentarmos. Seriam amigos dele? Eu me perguntava se nossa saída alimentaria os boatos na segunda-feira.

O lugar era acolhedor, e comecei a me sentir mais relaxada. A iluminação era fraca, e as paredes, cobertas de cartazes de filmes antigos. O cardápio oferecia uma variedade de milk-shakes, cafés, bolos e sundaes. Uma garçonete usando um par de tênis preto e branco anotou nosso pedido. Pedi um chocolate quente, e Xavier pediu um *latte*. A garçonete lhe deu um sorriso sedutor enquanto escrevia no bloco.

— Espero que tenha gostado do lugar — disse ele, quando a moça foi embora. — Venho sempre aqui depois dos treinos.

— É simpático. Você treina muito?

— Por duas tardes e em quase todos os fins de semana. E você? Já se envolveu em mais alguma coisa?

— Não, ainda estou decidindo.

Xavier respondeu com um gesto de cabeça.

— Essas coisas demoram. — Cruzou os braços confortavelmente no peito e recostou-se na cadeira. — Então, me fale de você.

Era o momento que eu temia.

— O que gostaria de saber? — perguntei com cautela.

— Primeiro, por que escolheu Venus Cove? Não é exatamente uma cidade em evidência.

— Exatamente por isso — respondi. — Pode-se dizer que foi uma decisão

de estilo de vida. Estávamos cansados de viver para lá e para cá, queríamos nos instalar em algum lugar sossegado. — Eu sabia que aquela era uma resposta aceitável; não faltavam famílias que tinham se mudado por motivos semelhantes. — Agora me fale de você.

Acho que ele percebeu que eu tentava evitar mais perguntas, mas não tinha importância. Xavier se sentia bem falando e não precisava de estímulo. Diferentemente de mim, ele não via problema em mencionar informações pessoais. Contou anedotas sobre familiares e me deu uma versão abreviada da história da família Woods.

— Venho de uma família de seis irmãos e sou o segundo mais velho. Meu pai e minha mãe são médicos. Ela é clínica geral, e ele, anestesista. Claire, a mais velha, segue os passos dos meus pais e está no segundo ano de medicina. Mora na faculdade, mas vem para casa todos os fins de semana. Acabou de ficar noiva do namorado, Luke. Eles já estão juntos há quatro anos. Depois vêm as três irmãs mais novas: Nicola, com 15 anos, Jasmine, de oito, e Madeline, que acabou de fazer seis. O caçula é Michael, com quatro anos. Já está entediada?

— Não, é fascinante. Por favor, continue — insisti.

Achei os detalhes de uma família humana normal intrigantes e estava louca para ouvir mais. Será que eu estava com inveja da vida dele?

— Bem, estou na Bryce Hamilton desde o jardim de infância porque minha mãe insistiu em me pôr numa escola católica. Ela é conservadora. Está com meu pai desde que tinham 15 anos. Pode acreditar nisso? Eles praticamente cresceram juntos.

— Devem ter uma relação muito forte.

— Já tiveram seus altos e baixos, mas nunca houve nada que eles não conseguissem enfrentar.

— Parece uma família unida.

— É, nós somos, embora minha mãe possa ser um pouco superprotetora.

Imaginei que os pais de Xavier deviam ter grandes aspirações para o filho mais velho.

— Vai fazer medicina também?

— Provavelmente. — Ele deu de ombros.

— Não parece muito entusiasmado com isso.

— Bem, eu cheguei a me interessar por design por uns tempos, mas isso foi, digamos, desencorajado.

— Por quê?

— Não é considerada uma carreira séria, é? A ideia de ter investido tanto

dinheiro na minha educação para eu acabar desempregado não empolga os meus pais.

— E quanto ao que você quer?

— Às vezes os pais sabem mais das coisas.

Ele parecia aceitar de bom grado as decisões dos pais, feliz em ser guiado por suas esperanças. Sua vida parecia já ter sido mapeada, e eu não o imaginava se desviando do curso estabelecido. Em relação a isso, nossas histórias eram parecidas: minha experiência humana vinha com limites e diretrizes estritos, e sair da linha não seria visto com bons olhos. Felizmente para Xavier, seus erros não provocariam a ira dos Céus. Em vez disso, seriam assumidos como experiência positiva.

Quando estávamos na metade das bebidas, Xavier decidiu que precisávamos de uma "injeção de açúcar" e pediu bolo de chocolate, que veio em uma fatia grossa com camadas de creme de chantilly e frutas vermelhas num prato branco e grande, com duas colheres compridas. Apesar da sua insistência para eu "avançar", fui comendo com delicadeza pelas beiradas. Quando terminamos, Xavier fez questão de pagar a conta e pareceu ofendido quando tentei pagar minha parte. Afastou minha mão e deixou uma nota dentro de um vidro com um rótulo em que estava escrito BOM CARMA antes de sairmos.

Só quando estávamos na rua me dei conta da hora.

— Eu sei, é tarde — disse Xavier, entendendo a minha expressão —, mas que tal uma pequena caminhada? Ainda não quero levá-la para casa.

— Já estou mais do que em apuros.

— Nesse caso, mais dez minutinhos não vão fazer diferença.

Eu sabia que devia encerrar a noite; Ivy e Gabriel certamente perceberam que eu tinha saído e deviam estar preocupados comigo. Não que eu não ligasse — eu simplesmente não conseguia me separar de Xavier um segundo antes do que eu era obrigada a fazê-lo. Quando eu estava perto dele, minha felicidade era tão intensa que o resto do mundo passava a não ser mais que um ruído de fundo. Era como se estivéssemos trancados dentro de uma bolha particular que só um terremoto seria capaz de romper.

Eu queria que a noite durasse para sempre.

Caminhamos até o fim da pista em direção à água. Quando chegamos, vi uma quermesse sendo montada numa passarela de madeira — uma atividade popular para famílias com crianças agitadas que precisavam variar um pouco as coisas depois de um inverno confinadas em casa. Uma roda-gigante girava ao vento, e víamos carrinhos de bate-bate espalhados em volta da pista. Um pula-

pula amarelo em forma de castelo brilhava à luz do crepúsculo.

— Vamos dar uma olhada — disse Xavier com entusiasmo infantil.

— Acho que ainda nem abriu — retruquei. — Não vamos conseguir entrar. — Havia uma espécie de atmosfera cansada naquela quermesse que me fez relutar em explorá-la mais. — Além disso, já está quase escuro.

— Cadê o seu senso de aventura? Sempre podemos pular a grade.

— Não me importo em dar uma olhadinha, mas não vou pular grade nenhuma.

Como logo descobrimos, não havia grade alguma para pular, e entramos direto. Não havia muito o que ver. Alguns homens arrastando cordas e máquinas nos ignoraram. Uma mulher bronzeada fumava sentada nos degraus de um reboque. Usava um vestido colorido e pulseiras que chacoalhavam até os cotovelos, tinha rugas fundas em volta dos olhos e da boca, e seu cabelo preto era grisalho nas têmporas.

— Ah, amor jovem — disse ela ao nos ver. — Sinto muito, mocinhos, mas estamos fechados.

— Nos enganamos — disse Xavier delicadamente. — Já vamos embora. A mulher deu uma longa tragada no cigarro.

— Gostariam que eu lesse a sorte de vocês? — perguntou. — Já estão aqui mesmo...

— A senhora é vidente? — perguntei.

Eu não sabia se me intrigava com aquilo ou se ficava cética. Era verdade que alguns humanos tinham uma consciência mais desenvolvida e eram capazes de ter o que poderíamos chamar de premonições, mas não passava disso. Alguns humanos podiam ver espíritos ou sentir a presença deles, mas o termo *vidente* me parecia um pouco presunçoso.

— Com certeza — disse a mulher. — Angela Messenger a seu dispor. — O nome dela me desconcertou um pouco. A semelhança com *anjo* era inquietante. — Vamos entrando, é de graça — acrescentou. — Pode ser que isso anime um pouco noite.

O trailer recendia a comida comprada pronta. Havia velas cintilando nas mesas e tapeçarias franjadas penduradas nas paredes. Angela fez sinal para que sentássemos.

— Você primeiro — disse a Xavier, pegando a mão dele e começando a estudá-la atentamente. A cara dele me dizia que ele estava achando aquilo tudo uma piada. — Bem, sua linha do coração é curva, o que significa que você é romântico. A linha curta da cabeça significa que você é objetivo e diz o que

pensa. Estou sentindo uma forte energia azul vindo de você, o que indica que o heroísmo está no seu sangue, mas também que você está destinado a passar por um grande sofrimento. De que tipo, não posso ter certeza. Mas você deve ficar preparado para isso, porque não está muito distante.

Xavier tentou dar a impressão de que levava a sério o conselho dela.

— Obrigado — agradeceu. — Foi muito revelador. Sua vez, Beth.

— Não, prefiro não tentar.

— O futuro não é para ser temido, mas, sim, enfrentado — disse Angela. O jeito como ela falou fez aquilo soar quase como um desafio.

Estendi a mão com relutância em sua direção. Apesar dos dedos ásperos e calejados, ela não tinha um toque desagradável. No instante em que abriu a minha mão, pareceu se contrair ligeiramente.

— Vejo branco — disse ela, os olhos fechados como se em transe. — Sinto uma felicidade indescritível. — Ela abriu os olhos. — Que aura incrível você tem. Deixe-me ver suas linhas. Aqui temos uma linha do coração forte e inteira, o que indica que você só vai amar uma vez na vida... Depois, vamos ver. Meu Deus! — Ela endireitou meus dedos e empurrou-os para trás para esticar a pele.

— O quê? — perguntei alarmada.

— É a sua linha da vida — disse a mulher, arregalando os olhos assustada. — Nunca vi nada parecido antes.

— O que tem a minha linha da vida? — perguntei impacientemente.

— Minha querida — o tom de voz da mulher virou um mero sussurro —, você não tem.

† † †

VOLTAMOS PARA O CARRO DE XAVIER calados e constrangidos.

— Bem, foi estranho — disse ele finalmente, quando abriu a porta e eu entrei.

— Foi mesmo — concordei, tentando soar alegre. — Mas quem acredita em videntes?

Xavier tinha acabado de tirar carteira de motorista e dirigia o seu presente de Natal, um conversível azul-celeste de 1956 reformado. Ligou o motor e engrenou o carro antes de sintonizar numa estação de rádio comercial. Os tons melodiosos do locutor davam as boas-vindas aos ouvintes do seu programa, *Jazz após o anoitecer*. Vi que o carro de Xavier tinha um cheiro gostoso — uma combinação de bancos de couro e um perfume de madeira seco que devia ser da

colônia dele.

Como só andara rapidamente em nosso jipe híbrido, não estava preparada para o ronco do motor antigo dando partida e me espremi contra o banco do carona. Xavier olhou para mim e ergueu as sobrancelhas.

— Tudo bem aí?

— Tem certeza de que esse carro é seguro?

— Acha que eu sou barbeiro? — Ele deu uma risadinha.

— Confio em você. Só não sei se confio nos carros.

— Se estiver preocupada com segurança, talvez queira seguir o meu exemplo e colocar o cinto.

— Colocar o quê?

Xavier balançou a cabeça incrédulo.

— Você me preocupa — murmurou.

† † †

— VOCÊ VAI TER PROBLEMAS? — perguntou ele quando paramos em frente à minha rua. Vi que tinham deixado a luz da varanda acesa e deviam ter notado minha fuga.

— Não me importo muito — respondi. — Eu me diverti.

— Eu também.

O crucifixo no pescoço dele reluziu rapidamente ao luar.

— Xavier... — comecei hesitante. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro.

— Bem, eu só estava pensando... por que você me convidou para sair? É que Molly me contou sobre... bem... sobre...

— A Emily? — suspirou Xavier. — O que ela disse? — Um tom defensivo tinha se insinuado na voz dele. — As pessoas simplesmente não conseguem deixar isso para lá, não é? Esse é o problema das cidades pequenas. Todo mundo adora uma fofoca.

Achei difícil encarar o olhar dele. Senti que tinha atravessado uma fronteira e que não podia voltar atrás.

— Ela disse que você nunca quis muito sair com nenhuma outra garota. Então acho que só estou curiosa... por que eu?

— A Emily não era só minha namorada — disse Xavier.

— Era a minha melhor amiga. A gente se entendia, e é difícil explicar isso. Nunca conseguirei substituí-la. Mas quando conheci você... — Ele deixou a

frase no ar.

— Sou parecida com ela? Ele riu.

— Não, em nada. Mas com você tenho a mesma sensação que tinha com ela.

— Que tipo de sensação?

— Às vezes a gente conhece uma pessoa e simplesmente encaixa. A gente se sente bem com ela, como se a conhecesse a vida inteira, e não precisa fingir ser o que não é.

— Acha que a Emily se importaria? — perguntei. — Que você se sinta assim comigo? Xavier sorriu.

— Onde quer que esteja, ela gostaria de me ver feliz.

Eu sabia exatamente onde ela estava, mas achei melhor não dividir essa informação com Xavier naquela hora. Já tinha sido esquisito o suficiente eu ter tido dificuldade com o cinto de segurança e a minha mão não ter a linha da vida. Achei que essas surpresas talvez já fossem o bastante por uma noite.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, nenhum de nós querendo quebrar o clima.

— Você acredita em Deus? — acabei perguntando.

— Você é a primeira pessoa que me pergunta isso — disse Xavier. — Quase todo mundo acha que religião é uma questão de estilo.

— Então acredita?

— Acredito numa força superior, numa energia espiritual. Acho a vida muito complexa para ser um mero acaso, não concorda?

— Totalmente.

Saí do carro de Xavier naquela noite com a certeza de que o mundo tal como eu o conhecia mudara irrevogavelmente. Tudo no que eu conseguia pensar enquanto subia os degraus para a porta de entrada não era o sermão que me aguardava, mas quanto tempo faltava para eu tornar a vê-lo. Havia muito o que conversar com ele.

11
De Cabeça Para Baixo

Nem foi preciso eu bater para a porta abrir. Ivy estava ali parada, com cara de preocupação. Gabriel estava sentado na sala com uma expressão glacial. Poderia ser uma figura num quadro, de tão imóvel que estava. Normalmente, isso provocaria um remorso avassalador em mim, mas eu continuava ouvindo a voz de Xavier e me lembrando da mão forte dele nas minhas costas enquanto entrávamos no Sweethearts e do cheiro fresco da colônia dele.

No fundo, quando desci da sacada, sabia que Gabriel sentiria a minha ausência quase imediatamente. Ele também adivinharia onde eu fora e com quem eu estava. Eu sabia que a ideia de ir me procurar lhe teria passado pela cabeça, só para ser descartada logo em seguida. Nem ele, nem Ivy iam querer chamar atenção sobre nós tão publicamente.

— Vocês não deviam ter esperado acordados, eu não corria perigo nenhum — disse eu. Sem querer falei num tom crio, mais agressivo do que arrependido. — Sinto muito se preocupei vocês — acrescentei, pensando melhor.

— Não, não sente, Bethany — disse Gabriel brandamente. Ele ainda não tinha levantado a cabeça. — Se sentisse, não teria feito o que fez.

Odiei o fato de ele não olhar para mim.

—- Gabe, por favor — comecei, mas ele me calou erguendo -- mão em protesto.

— Eu estava apreensivo quanto a você vir conosco nessa missão, e você demonstrou ser totalmente inconstante. — Pela expressão dele, parecia que as palavras tinham lhe deixado um gosto ruim na boca. — Você é jovem e inexperiente. Sua aura é mais quente e mais humana do que a de qualquer outro anjo que já conheci, e mesmo assim você foi escolhida. Senti que teríamos problemas com você, mas os outros acharam que tudo daria certo. Mas vejo que já tomou a sua decisão. Optou por dar prioridade a um capricho em detrimento da sua família.

Ele se levantou bruscamente.

— Será que não podemos pelo menos conversar sobre isso? — perguntei.

Aquilo tudo estava soando muito dramático, e eu tinha certeza de que, se eu conseguisse fazer com que Gabriel compreendesse, não precisava ser assim.

— Agora não. É tarde. O que quer que você queira dizer pode esperar até

amanhã de manhã. E, com isso, ele nos deixou.

Ivy me olhou, com os olhos arregalados e tristes. Odiei terminar a noite com aquele tom azedo, especialmente levando em conta que, minutos antes, eu estava explodindo de felicidade.

— Gostaria que Gabriel não fizesse esse discurso de profeta do apocalipse — disse eu. Ivy de repente pareceu cansada.

— Ah, Bethany, não fale assim! O que você fez hoje foi errado, mesmo que ainda não consiga ver isso. Talvez não entenda o nosso conselho agora, mas o mínimo que pode fazer é analisar o seu comportamento antes que as coisas fujam do controle. Você vai se dar conta de que isso não passa de uma paixonite. Seus sentimentos por esse menino vão passar.

Ivy e Gabriel falavam em enigmas. Como esperavam que eu enxergasse um problema, se eles mal conseguiam articulá-lo? Eu sabia que minha saída com Xavier era um pequeno desvio dos planos, mas que mal havia naquilo? O que adiantava estar na Terra e ter experiências humanas se fôssemos fingir que elas não importavam? Independentemente do que meus irmãos julgassem melhor, eu não queria que meus sentimentos por Xavier passassem. Isso dava a impressão de que ele era um resinado ou um vírus que acabaria saindo do meu organismo. Eu nunca experimentara um desejo tão ardente pela presença de alguém. Um dizer que lera em algum lugar me passou pela cabeça: "O coração quer o que o coração deseja." Não me lembrava de onde vinha essa máxima, mas quem quer que a tivesse escrito estava certo. Se Xavier era uma doença, eu não queria ficar boa. Se a minha atração por ele constituía uma ofensa que poderia provocar uma represália divina, que assim fosse. Que o Céu caísse na minha cabeça. Eu não me importava.

Ivy subiu para o quarto e fiquei sozinha com Phantom, que parecia saber instintivamente do que eu precisava. Chegou perto de mim e meteu o focinho atrás dos meus joelhos, sabendo que isso me obrigaria a abaixar para afagá-lo. Pelo menos um habitante da casa não me odiava.

Subi e me despi, largando as roupas amontoadas no chão. Não tinha sono; em vez disso, estava abatida, me sentindo presa numa armadilha. Entrei no chuveiro e deixei a água quente massagear meus ombros e relaxar os músculos contraídos. Embora tivéssemos concordado em nunca fazer isso em casa pensando na hipótese de podermos ser vistos, soltei um pouco as asas até elas colarem no vidro do boxe. Elas estavam dormentes depois de tanto tempo fechadas, e senti seu peso dobrar à medida que absorviam água. Inclinei a cabeça para trás, deixando a água escorrer pelo rosto. Ivy me pedira para pensar no que

eu estava fazendo, mas, pela primeira vez, eu não queria pensar, só queria ser.

Sequei-me apressadamente e, com as asas ainda molhadas, me joguei na cama. A última coisa que eu queria era magoar meus irmãos, mas meu coração parecia virar pedra sempre que eu pensava em nunca mais tornar a ver Xavier. Desejei que ele estivesse no meu quarto naquele momento. Eu sabia o que eu lhe pediria: me acompanhar na saída da minha prisão. E sabia que ele não hesitaria. Na minha imaginação, eu era a donzela amarrada aos trilhos do trem, e o rosto do meu algoz ora era o do meu irmão, ora o da minha irmã. Percebi que eu estava sendo irracional, transformando a situação num melodrama, mas era mais forte que eu. Como poderia explicar à minha família que Xavier era muito mais que um garoto de quem eu estava gostando? Tivéramos apenas alguns encontros rápidos e tínhamos saído juntos uma vez, mas isso era irrelevante. Como eu podia fazê- los enxergar que um encontro semelhante era improvável mesmo se eu passasse mil vidas na Terra? Eu ainda tinha a minha sabedoria celestial e sabia disso com a mesma certeza que sabia serem numerados os meus dias nesse planeta verdejante.

O que eu não conseguia prever, e não ousava perguntar, era o que aconteceria quando os poderes do Reino ficassem cientes da minha transgressão. Não imaginava que a reação fosse branda. Mas será que era pedir demais um pouco de compaixão e compreensão? Eu não merecia isso tanto quanto qualquer ser humano, que seria perdoado sem se pensar duas vezes? Perguntava-me o que aconteceria depois. Será que eu seria chamada de volta em desgraça? Senti um arrepio passar pelo corpo só de pensar nisso, mas então a lembrança do rosto de Xavier me aqueceu mais uma vez.

A questão não foi levantada na manhã seguinte nem durante o resto do fim de semana. Na segunda-feira de manhã, Gabriel executou o ritual de preparar o café em silêncio. E o silêncio continuou até chegarmos aos portões da Bryce Hamilton e nos separarmos.

Molly e suas amigas foram uma distração bem-vinda. Deixei a conversa delas entrar por um ouvido e sair pelo outro; assim eu não pensava. Hoje a diversão delas era dissecar os últimos deslizes na moda dos professores menos apreciados. Segundo as meninas, o cabelo do sr. Phillips parecia ter sido cortado com uma máquina de cortar grama; a srta. Pace usava umas saias que funcionariam melhor como tapete; e a sra. Weaver, com o cós das calças de alfaiataria metido embaixo dos peitos, fora apelidada de "Harry Calça-Alta". Quase todas elas viam os professores como alienígenas, que não mereciam ser tratados com educação, mas, apesar das risadas delas, eu sabia que suas

brincadeiras não tinham maldade; elas só estavam entediadas.

Logo a conversa se voltou para questões mais importantes.

— Animem-se, porque vamos fazer compras em breve! — disse Hayley. — Estamos pensando em ir de trem à cidade olhar as butiques na Punch Lane. Molly, você vem?

— Conte comigo — respondeu Molly. — E você, Beth?

—Eu nem sei se vou ao baile — respondi.

— Por que você sequer pensaria em perder esse baile? Molly parecia horrorizada, como se só o apocalipse fosse uma desculpa plausível para não ir.

— Bem, em primeiro lugar, não tenho ninguém para ir comigo.

Não confessei isso a Molly, mas vários garotos já tinham tocado no assunto quando me encontravam sozinha no intervalo das aulas. Esquivara-me de todos eles com respostas evasivas. Disse a todos os que me convidaram que não tinha certeza se iria, o que não era de todo mentira. Estava tentando ganhar tempo e, no fundo, torcendo para que Xavier me convidasse.

Uma garota chamada Montana revirou os olhos.

— Não se preocupe com isso. O vestido é muito mais importante. Na hora do desespero, você sempre encontra alguém.

Estava prestes a dizer alguma coisa sobre verificar minha agenda quando senti um braço forte envolver meus ombros.

O grupo ficou petrificado, os olhares fixos no espaço acima da minha cabeça.

— Oi, meninas, não se importam se eu roubar a Beth um minuto, se importam? — perguntou Xavier.

— Bem, a gente estava no meio de uma conversa importante — retrucou Molly. Apertou os olhos desconfiada e me lançou um olhar de expectativa.

— Vou trazê-la de volta já, já — disse Xavier.

Havia uma certa intimidade na maneira como ele me tratava que elas não deixaram de perceber. Apesar de ter gostado, fiquei ao mesmo tempo constrangida por ser de repente o centro das atenções. Xavier me conduziu a uma mesa vazia.

— O que está fazendo? — murmurei.

— Parece que estou adquirindo o hábito de socorrer você — respondeu ele. — Ou queria passar o resto do almoço falando de bronzeadores e aplique de cílios?

— Como você sabe dessas coisas?

— Irmãs — respondeu ele.

Ele se sentou confortavelmente à mesa, ignorando os olhares de rabo de olho que vinham de todos os lados da cantina em nossa direção. Alguns pareciam sentir inveja, outros estavam simplesmente curiosos. Xavier escolhera sentar-se comigo quando quase todas ali o teriam recebido de braços abertos e cobiçado sua companhia.

—- Parece que estamos chamando atenção — comentei, dando uma risadinha.

— As pessoas gostam de fofocar, não podemos evitar isso.

— Por que não está com os seus amigos?

— Você é mais interessante.

— Não tenho nada de interessante — disse eu, um tom de pânico se insinuando em minha voz.

— Discordo. Até sua reação ao ser chamada de interessante é interessante.

Fomos interrompidos por dois meninos mais novos se aproximando da nossa mesa.

— Oi, Xavier. -— O mais alto deles o cumprimentou com um respeitoso movimento de cabeça. — O torneio de natação foi incrível. Ganhei quatro de seis eliminatórias.

— Boa, Parker — disse Xavier, assumindo com facilidade seu papel de representante e mentor da escola. —

Sabia que íamos dar um pé na bunda da Westwood. O garoto riu orgulhoso.

— Acha que consigo entrar no nacional? — perguntou ansioso.

— Não me espantaria. O treinador estava bem satisfeito. Só não perca o treino da semana que vem.

— Deixa comigo, cara —- disse o garoto. — Vejo você quarta-feira! Xavier fez que sim com a cabeça e um tocou o punho do outro.

— A gente se vê, garoto.

Vi imediatamente que Xavier sabia lidar com as pessoas; era afável sem alimentar intimidade. Quando o garoto foi embora, ele tornou a ficar com uma expressão concentrada, como se o que eu tinha a dizer fosse muito importante. Aquilo me deixou arrepiada, com os cantos da boca se contraindo num sorriso. Sentia um rubor me subindo no peito e se espalhando até meu rosto...

—- Como você faz isso? — perguntei para disfarçar meu constrangimento.

— O quê?

— Falar com as pessoas com tanta facilidade. Xavier deu de ombros.

— É o que se espera. Ei, quase esqueci, arrastei você até aqui para devolver uma coisa. — Ele puxou do bolso do blazer uma pluma branca comprida e

iridescente com pontinhos cor-de-rosa. — Achei isso no meu carro ontem à noite depois que levei você em casa.

Peguei rapidamente a pluma da mão dele e deslizei-a para dentro da minha agenda. Não tinha idéia de como ela fora parar no carro de Xavier. Minhas asas estavam devidamente guardadas.

— Amuleto de sorte? — perguntou Xavier, os olhos turquesa observando meu rosto com curiosidade.

— Mais ou menos isso — respondi com cautela.

— Você parece preocupada; algum problema?

Fiz que não com a cabeça rapidamente e desviei o olhar.

— Sabe que pode confiar em mim.

— Na verdade, ainda não sei.

— Você vai ver à medida que passarmos mais tempo juntos — disse ele. — Sou um cara bastante leal.

Eu não o escutava. Estava muito ocupada examinando os rostos no amontoado de gente que nos observava, pensando na hipótese de algum deles pertencer a Gabriel. Os temores do meu irmão não pareciam tão infundados agora.

— Não me assombre com seu entusiasmo.

Xavier riu. As palavras dele me trouxeram de volta à realidade com um sobressalto.

— Sinto muito — disse eu. -— Estou um pouco preocupada hoje.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Acho que não, mas obrigada por perguntar.

— Guardar segredo não é saudável para um relacionamento sério, sabia? Xavier cruzou os braços confortavelmente no peito e se recostou na cadeira.

— Quem falou em relacionamento? Além disso, a gente não tem que dividir tudo; não é como se fôssemos casados.

-— Quer casar comigo? — perguntou Xavier, fazendo alguns rostos curiosos se virarem para nós. — Tinha pensado que começaríamos devagar para vermos como as coisas iam acontecer, mas caramba!

Revirei os olhos.

— Fale baixo, ou serei obrigada a lhe dar um peteleco.

— Ah — caçoou ele. — A pior ameaça. Acho que nunca levei um peteleco antes.

— Está sugerindo que não consigo machucar você?

— Pelo contrário, acho que você tem o poder para fazer um grande estrago.

Olhei para ele confusa e depois corei profundamente quando a ficha caiu.

— Muito engraçado — disse eu secamente.

O braço dele pousado na mesa encostou no meu. Algo dentro de mim despertou.

† † †

NÃO HAVIA NADA QUE EU PUDESSE fazer quanto a isso. Minha ligação com Xavier foi instantânea e abrasadora. De repente, minha vida antiga parecia distante. Eu estava certa de que não almejava o Céu como sabia que faziam Gabriel e Ivy. Para eles, a vida na Terra era um lembrete diário das limitações da carne. Para mim, era um lembrete das maravilhas de ser humana.

Fiquei craque em disfarçar meus sentimentos por Xavier na frente dos meus irmãos. Sabia que eles estavam cientes do que eu sentia, mas, se desaprovavam isso, deviam ter feito um pacto para manter a desaprovação entre eles. Por isso, eu estava agradecida. Sentia uma distância entre nós que não existia antes. Nossa relação parecia mais frágil, e havia silêncios desconfortáveis à mesa de jantar. Toda noite, eu adormecia enquanto eles conversavam em voz baixa e eu tinha certeza de que minha desobediência era o tema da discussão. Optei por não fazer nada em relação à distância crescente entre nós, mesmo sabendo que poderia me arrepender depois.

Por ora, eu tinha outras coisas para pensar. De repente, aguardava com ansiedade a hora de me levantar de manhã e pular da cama, sem precisar que Ivy me despertasse. Ficava na frente do espelho, fazendo experiências diferentes com o cabelo, tentando analisar minha aparência com os olhos de Xavier. Mentalmente, eu repassava trechos de conversa, tentando determinar a impressão que eu causara. Por vezes, ficava satisfeita com um comentário espirituoso que eu fizera; em outras, eu me censurava por ter dito ou feito algo desajeitado. Inventei o passatempo de pensar em ditados afiados e os memorizava para uso futuro.

Eu invejava Molly e sua turma. O que elas consideravam natural eu nunca poderia ter: um futuro neste planeta. Elas teriam suas próprias famílias, suas carreiras para explorar e uma vida de lembranças para dividir com os parceiros que escolhessem. Eu era apenas uma turista vivendo um tempo emprestado. Isso por si só me dava a consciência de que deveria conter meus sentimentos por Xavier ao invés de deixá-los aflorar ainda mais. Mas se eu havia aprendido algo sobre romance adolescente, era que a duração não ditava a intensidade. Três

meses eram a norma, seis meses marcavam um ponto de virada, e, se chegasse a um ano, o casal estava praticamente noivo. Não sabia quanto tempo eu tinha na Terra, mas, quer fosse um mês ou um ano, não estava disposta a desperdiçar um único dia. Afinal, cada minuto passado com Xavier formaria a base de recordações de que eu precisaria para me sustentar pela eternidade.

Colecionar tais recordações não se mostrou uma tarefa difícil porque logo não se passava um dia sem que eu tivesse alguma forma de interação com ele. Sempre procurávamos um ao outro na escola quando tínhamos um tempo livre. As vezes, nosso contato não passava de uma conversa rápida perto dos armários ou de um almoço em que sentávamos juntos. Quando não estava em aula, ficava em estado de alerta, olhando para trás, tentando vê-lo saindo do vestiário, aguardando o momento em que ele subia ao palco nas assembléias ou apertando os olhos para identificá-lo entre os jogadores no campo de futebol. Molly sarcasticamente sugeriu que eu poderia precisar de óculos.

Nas tardes em que não tinha treino, Xavier me acompanhava até em casa, insistindo em levar minha mochila. Não perdíamos a chance de prolongar a caminhada pegando um desvio pela cidade e parando no Sweethearts, que logo passou a ser o "nosso lugar".

Às vezes, conversávamos sobre o nosso dia; às vezes, ficávamos confortavelmente calados. Eu me satisfazia só de olhar para ele, coisa que eu nunca cansava de fazer. Era capaz de ficar hipnotizada por seu cabelo macio, seus olhos da cor do oceano, seu hábito de erguer uma sobrancelha. Seu rosto era tão encantador quanto uma peça de arte. Com meus sentidos aguçados, aprendi a identificá-lo por seu cheiro característico. Sempre sabia quando ele estava perto, antes mesmo de enxergá-lo, pelo perfume puro de madeira no ar.

As vezes, em tardes ensolaradas, eu olhava em volta furtivamente, esperando uma represália celestial. Imaginava que olhos ocultos me observavam, reunindo provas da minha má conduta. Mas nada acontecia.

Foi principalmente por causa de Xavier que, de forasteira, passei a fazer parte da vida da Bryce Hamilton. Devido à minha ligação com ele, descobri que a popularidade era contagiosa. Se as pessoas podiam ser culpadas por associação, também por associação podiam ganhar reconhecimento. Quase da noite para o dia, passei a ser aceita simplesmente por estar entre os amigos de Xavier Woods. Até Molly, que no início havia desencorajado meu interesse por ele, parecia ter aceitado a idéia. Quando estávamos juntos, Xavier e eu sempre recebíamos olhares, mas agora as pessoas olhavam mais por admiração do que por surpresa. Eu notava a diferença mesmo quando estava sozinha. As pessoas

acenavam simpaticamente para mim quando passava por elas no corredor, batiam papo comigo na sala de aula enquanto o professor não chegava e perguntavam como eu tinha me saído no último teste.

Meu convívio com Xavier na escola era limitado pelo fato de que, em geral, fazíamos matérias diferentes. Do contrário, eu correria o risco de andar atrás dele como um cachorrinho. Além da aula de francês, que fazíamos juntos, o forte dele era matemática e ciência, enquanto eu era atraída pelas artes.

— Literatura é minha matéria preferida — anunciei-lhe um dia na cantina, como se aquela fosse uma descoberta vital. Estava com meu manual de termos literários e o abri aleatoriamente numa página. — Aposto que você não sabe o que é *enjambement*.

— Não sei, mas deve doer — disse Xavier.

—- E quando a frase de um verso corre para o verso seguinte.

— Não seria mais fácil seguir se a gente simplesmente colocasse pontos?

Esta era uma das coisas de que eu gostava em Xavier, sua visão do mundo tão prática. Achei engraçado.

— Talvez, mas poderia não ser tão interessante.

— Honestamente, do que você gosta tanto em literatura? — perguntou ele com um interesse genuíno. — Odeio o fato de não haver resposta certa ou errada. Tudo é aberto à interpretação.

— Bem, gosto do modo como cada pessoa pode ter uma compreensão completamente diferente da mesma palavra ou da mesma frase — disse eu. — A gente pode passar horas discutindo o significado por trás de um poema e no fim não chegar a nenhuma conclusão.

— E isso não frustra você? Não quer saber a resposta?

— Às vezes é melhor parar de tentar entender o sentido das coisas. A vida não é totalmente nítida, sempre há áreas um pouco turvas.

— Minha vida é nítida — disse Xavier. — A sua não?

— Não — disse eu com um suspiro, pensando no conflito contínuo com meus irmãos. — Meu mundo é confuso. Fica cansativo às vezes.

— Talvez eu tenha que mudar o seu mundo — retrucou Xavier.

Entreolhamo-nos em silêncio por alguns momentos e tive a sensação de que seus olhos azuis brilhantes podiam enxergar o que estava na minha cabeça e arrancar meus pensamentos e sentimentos mais íntimos.

— Sempre dá para identificar os alunos de literatura — prosseguiu ele rindo.

—- É mesmo? Como?

— São os que andam de boina com aquela cara de sei-uma-coisa-que-você-não-sabe.

— Isso não é justo! —- contestei. — Eu não sou assim.

— Não, você é muito autêntica para isso. Não mude nunca, e sob hipótese alguma comece a usar boina.

— Vou fazer o possível — disse eu, rindo.

A sineta tocou, sinalizando o início da próxima aula.

— O que você tem agora? — perguntou Xavier.

Acenei alegremente com meu glossário de termos literários bem diante de seu nariz como resposta.

Sempre gostava de ir para a aula de literatura com a srta. Castle. Era uma turma eclética, embora fôssemos apenas 12 alunos. Havia duas garotas góticas de cara emburrada, que usavam delineador preto e com os rostos tão empoados de branco que parecia que elas nunca tinham visto o sol. Havia um grupo de garotas estudiosas de fita no cabelo e com estojos de lápis bem-equipados que eram obcecadas por notas e, como não paravam de fazer anotações, não conseguiam contribuir para as discussões em sala. Havia apenas dois garotos; Ben Carter, que era pretensioso mas astuto, usava um corte de cabelo alternativo e adorava uma discussão; e Tyler Jensen, um jogador de rúgbi musculoso, que invariavelmente chegava atrasado e passava a aula toda sentado com uma expressão atordoada sem dizer uma palavra. Sua presença na turma era um mistério para todos.

Devido ao tamanho da turma, tínhamos sido relegados a uma sala de aula apertada na parte antiga da escola junto às as salas da administração. Como a sala não era usada para nenhum outro fim, tínhamos autorização para mudar os móveis de lugar e pregar cartazes. Meu preferido era um de Shakespeare retratado como pirata usando um brinco. A única vantagem da sala era a vista do gramado da frente e da rua ladeada de palmeiras. Diferentemente de outras matérias, o clima na aula de literatura nunca poderia ser descrito como monótono. Em vez disso, o próprio ar parecia repleto de ideias competindo para serem ouvidas.

Eu sentava ao lado de Ben e o observava procurar suas bandas preferidas no laptop, um hábito que ele mantinha mesmo depois de começada a aula. A srta. Carter chegava trazendo uma caneca de café e braçadas de folhas. Era uma mulher alta e esguia de uns quarenta e poucos anos, com uma basta cabeleira escura e cacheada e olhos sonhadores. Sempre usava óculos de aro pesado pendurados num fino cordão vermelho no pescoço e blusas em tons pastéis. A

julgar por sua postura e por sua maneira de falar, ela se sentiria melhor num romance de Jane Austen, em que as mulheres andavam de carruagem e os comentários espirituosos atravessavam os salões como fagulhas. Ela era apaixonada pela linguagem e, independentemente do texto que estivéssemos estudando, sempre se identificava com a heroína. Sua aula era tão animada que as pessoas às vezes paravam para olhar a nossa sala, onde viam a srta. Castle esmurrando a mesa, disparando perguntas ou gesticulando loucamente para ilustrar um argumento. Não me surpreenderia se entrasse na sala um dia e a encontrasse de pé em cima da mesa ou se balançando nas luminárias.

Começamos o semestre estudando *Romeu e Julieta*, em conjunto com os sonetos de amor de Shakespeare. Depois ficamos encarregados da tarefa de escrever nossos próprios poemas de amor, que seriam recitados para a turma. As garotas estudiosas, que nunca tinham precisado usar a imaginação antes, entraram em pânico. Isso era algo que elas não podiam procurar na internet.

— Não sabemos sobre o que escrever! — gemeram. — É muito difícil.

— Limitem-se a pensar um pouco no assunto — disse a srta. Castle, com seu tom de voz tipicamente otimista.

— Nada de interessante acontece conosco.

— Não tem que ser pessoal — induziu ela. — Pode ser algo totalmente fictício. As garotas continuavam sem inspiração.

— Pode nos dar um exemplo? — insistiram.

— Passamos o semestre inteiro vendo exemplos — disse a srta. Castle num tom abatido. Então teve a ideia para um bom ponto de partida. — Pensem nas qualidades que acham atraentes num garoto.

— Bem, acho que inteligência é muito importante — disse uma menina chamada Bianca.

— Obviamente, ele deve gostar de dar presentes — disse sua amiga, Hannah, com uma voz aflautada.

A srta. Castle parecia não saber o que dizer. A contribuição de um grupo diferente poupou-lhe a obrigação de comentar.

— As pessoas só são interessantes se são sinistras e perturbadas — disse Alicia, uma das góticas.

— A menina não deve falar demais — disse Tyler, do fundo da sala.

Era a primeira coisa que o ouvíamos dizer em todo o semestre, e a srta. Castle estava magnanimamente preparada para não levar em conta sua natureza depreciativa.

—- Obrigada, Tyler — agradeceu com um sarcasmo subjacente. — Você

acaba de provar que a busca por um parceiro é algo muito individual. Alguns dizem que não podemos escolher por quem nos apaixonamos; que o amor nos escolhe. Às vezes as pessoas se apaixonam pela antítese completa de tudo o que julgam estar procurando. Mais algumas ideias?

Ben Carter, que passara a discussão inteira revirando os olhos com cara de mártir, apoiou o rosto nas mãos.

—- As grandes histórias de amor têm que ser trágicas — disse eu de repente.

— Continue — encorajou a srta. Castle.

— Bem, vamos tomar Romeu e Julieta como exemplo: é o fato de terem sido separados que torna o amor deles mais forte.

— Grande coisa. Eles acabam mortos — bufou Ben.

— Eles acabariam divorciados se continuassem vivos — anunciou Bianca. — Alguém mais notou que Romeu levou cinco minutos para trocar Rosalina por Julieta?

— Isso é porque ele sabia que Julieta era a pessoa certa desde o momento em que a conheceu — respondi.

— Faça-me o favor — retrucou Bianca. — Não dá para saber que você ama alguém depois de dois minutos. Ele só queria levá-la para a cama. Romeu é igualzinho a qualquer outro adolescente com tesão.

— Ele não sabia nada sobre ela — disse Ben. — Só elogia os atributos da moça: "Julieta é o sol" e blá-blá-blá. Ele simplesmente a acha uma gata.

— Acho que é porque, depois que ele conheceu Julieta, todas as outras pessoas passaram a ser insignificantes — disse eu. — Ele soube na mesma hora que ela seria tudo para ele.

— Ah, meu Deus — gemeu Ben.

A srta. Castle me deu um sorriso expressivo. Sendo uma romântica incurável, ela não podia deixar de ficar do lado de Romeu. Diferentemente da maioria dos professores da Bryce Hamilton, que competiam para ver quem chegava primeiro no estacionamento depois do toque do último sino, ela não era *blasée*. Era uma sonhadora. Eu desconfiava que, se lhe contasse que era um ser celestial numa missão para salvar o mundo, ela sequer ficaria chocada.

12
Estado de Graça

Eu nunca tinha visto Deus. Já sentira Sua presença e ouvira Sua voz, mas nunca realmente me defrontara com ele. Sua voz não era o que as pessoas imaginavam, forte e reverberante como retratada nos filmes épicos de Hollywood. Era, na verdade, sutil como um sussurro e atravessava nossos pensamentos com a suavidade de uma brisa nos juncos altos. Ivy o vira. Havia uma audiência na corte de Nosso Pai reservada só para os serafins. Na qualidade de arcanjo, Gabriel tinha o nível máximo de interação humana. Ele via todos os maiores sofrimentos, do tipo que era mostrado no noticiário: guerras, desastres naturais, doenças. Ele era guiado por Nosso Pai e trabalhava com o resto da sua aliança para colocar a Terra no rumo certo. Embora Ivy tivesse uma linha de comunicação direta com Nosso Criador, nunca conseguimos induzi-la a falar sobre o assunto. Gabriel e eu havíamos tentado várias vezes sacar informações dela, mas fora em vão. Acabei estranhamente imaginando Deus quase da mesma maneira que Michelangelo imaginara: um velho sábio de barba, sentado num trono no Céu. Minha imagem mental devia ser imprecisa, mas uma coisa era indiscutível: independentemente de sua aparência, Nosso Pai era a personificação completa do amor.

Por mais que eu saboreasse cada dia passado na Terra, havia uma coisa do Céu de que às vezes eu sentia falta. Não havia conflitos nem divergências, afora aquele levante histórico que resultou na primeira e única expulsão do Reino. Embora essa expulsão tivesse alterado para sempre o destino da humanidade, raramente se falava nela.

No Céu, eu tinha uma vaga ideia da existência de um mundo mais sombrio, mas esse lugar era distante de nós, e normalmente estávamos muito ocupados trabalhando para pensar nele. A cada um de nós, anjos, eram atribuídos papéis e responsabilidades: alguns de nós davam as boas-vindas às novas almas chegando ao Reino, ajudando a facilitar a transição; alguns apareciam em leitos de morte para oferecer conforto às almas que partiam; e outros ainda eram guardiães designados para os seres humanos. No Reino, eu tomava conta das almas das crianças que chegavam. Era meu trabalho consolá-las, dizer-lhes que no devido tempo elas tornariam a ver seus pais se abandonassem as dúvidas. Eu era uma espécie de recepcionista celestial para pré-escolares.

Ainda bem que eu não era anjo da guarda; em geral, eles são extremamente sobrecarregados. Era função deles ouvir as preces dos muitos humanos sob seus cuidados e afastá-los do caminho da perdição. O ritmo ficava frenético com bastante facilidade — uma vez eu vira um anjo da guarda tentar socorrer uma criança doente, uma mulher passando por um divórcio confuso, um homem que acabara de ser demitido e uma vítima de acidente de carro, todos ao mesmo tempo. Havia muito trabalho a fazer, e nunca estávamos em número suficiente para dar conta de tudo.

† † †

XAVIER E EU ESTÁVAMOS SENTADOS ALMOÇANDO à sombra de um bordo no pátio. Não podia deixar de reparar na sua mão pousada a milímetros da minha. Era fina, mas máscula. Ele usava uma aliança de prata simples no dedo indicador. Estava tão absorta olhando para ele que mal notei quando ele falou comigo.

— Posso pedir um favor?

— O quê? Ah, claro. Do que você precisa?

— Será que você poderia corrigir esse discurso que escrevi? Já reli duas vezes, mas tenho certeza de que deixei passar algumas coisas.

— Claro. Para que é?

— Uma conferência sobre liderança na semana que vem — disse ele com indiferença, como se fosse algo que fizesse todo dia. — Não precisa ser agora. Pode levar para casa se quiser.

— Não, está bem.

Estava lisonjeada por ele valorizar minha opinião a ponto de me pedir para ler seu discurso. Espalhei as folhas na grama e as li. O discurso de Xavier era eloqüente, mas ele deixara passar uns errinhos gramaticais que detectei facilmente.

— Você é uma boa revisora — comentou ele. — Obrigado por fazer isso.

— Não tem problema.

— Sério, fico devendo essa. Se eu puder fazer alguma coisa por você, é só dizer.

— Você não me deve nada — disse eu.

— Devo, sim. Por sinal, quando é seu aniversário? A pergunta me pegou de surpresa.

— Eu não gosto de presentes — fui dizendo logo, para o caso de ele ter

ideias.

— Quem falou em presente? Só estou perguntando em que dia você nasceu.

— Trinta de fevereiro — disse eu, chutando a primeira data que me veio à cabeça. Xavier ergueu a sobrancelha.

— Tem certeza?

Entrei em pânico. O que eu dissera de errado? Recapitulei mentalmente os meses e percebi meu erro. Epa — fevereiro tinha só 28 dias!

— Quer dizer, trinta de abril — corrigi, sorrindo timidamente. Xavier riu.

— Você é a primeira pessoa que conheço a esquecer o próprio aniversário.

Mesmo quando eu fazia papel de boba, minhas conversas com Xavier eram sempre encantadoras.

Ele era capaz de falar das coisas mais corriqueiras e, ainda assim, conseguir torná-las fascinantes. Adorava o som da sua voz e ficaria feliz até de ouvi-lo ler os nomes de um catálogo telefônico. Eu me perguntava se seria este um sintoma de paixão.

Enquanto Xavier fazia anotações nas margens do discurso, dei uma mordida na minha *focaccia* de legumes e fiz uma careta quando um gosto estranhamente amargo atacou minhas papilas gustativas. Gabriel nos apresentara à maioria dos produtos alimentícios, mas ainda havia muitas coisas que eu não tinha provado. Levantei o pão com cuidado e olhei a substância passada embaixo dos vegetais.

— O que é isso? — perguntei a Xavier.

— Acho que o nome é berinjela — respondeu ele. — Às vezes chamam de *aubergine* em restaurantes elegantes.

— Não, a outra coisa.

Apontei para a camada de pasta verde empelotada.

— Sei lá, passe para cá. — Observei-o dar uma mordida hesitante e mastigar pensativamente. — *Pesto* — anunciou.

— Por que tudo tem que ser tão complicado — disse eu, irritada —, inclusive o sanduíche?

— Tem toda razão — refletiu Xavier. — *Pesto* realmente torna a vida muito mais complicada.

Ele riu e deu outra mordida, empurrando sua salada intocada para mim.

— Não seja bobo — disse eu. — Coma o seu almoço, posso enfrentar o *pesto*.

Mas ele se recusou a me devolver o sanduíche, embora eu insistisse lamuriosamente. Desisti e comi o dele em vez do meu, aproveitando a intimidade entre nós.

— Está tudo bem — disse ele. — Sou homem, como qualquer coisa.

† † †

ENQUANTO SEGUÍAMOS PARA A AULA depois do almoço, deparamos com uma comoção no corredor. As pessoas falavam com nervosismo sobre o que parecia ser um acidente. Ninguém tinha muita certeza de quem estava envolvido, mas havia uma massa de alunos se dirigindo para os portões principais, onde uma aglomeração se formara em torno de algo ou alguém. Podia sentir que havia dor humana envolvida, e uma onda de pânico me subiu no peito.

Acompanhei Xavier pelo meio da multidão, que pareceu se dividir instintivamente para dar passagem ao representante da escola. Uma vez na rua, meus olhos bateram logo nos cacos de vidro no chão, e segui o rastro dos cacos até um carro com o capo completamente amassado e o motor fumegando. Tinha havido uma colisão frontal entre dois alunos do último ano. Um dos motoristas estava parado ao lado do carro com uma aparência atordoada e desorientada. Felizmente, parecia ter sofrido apenas alguns arranhões. Mudei o foco do Volkswagen destroçado para o carro engatado nele. Vi com um sobressalto que a outra motorista continuava caída no banco, a cabeça encostada no volante. Mesmo da posição em que me encontrava, dava para ver que ela estava seriamente ferida.

As pessoas observavam boquiabertas, sem saber que atitude deviam tomar. Só Xavier conseguiu pensar com clareza. Sumiu de perto de mim para pedir ajuda e alertar os professores.

Sem ter muita certeza do que eu deveria fazer, agindo mais por impulso do que por qualquer outra coisa, fui me aproximando do carro, tossindo com a fumaça densa que me tomava a garganta. A porta do motorista tinha sido amassada com o impacto e estava quase solta do corpo do veículo. Ignorando o aço quente que feria minhas mãos, arranquei a porta e fiquei paralisada ao ver a garota de perto. Com um corte na testa sangrando aos borbotões, ela estava inerte, a boca aberta e os olhos fechados.

Mesmo no Céu, eu sempre ficava tonta quando via cenas envolvendo sangue se desenrolarem na Terra, mas, naquela hora, nem pensei nisso. Passei os braços em volta do corpo da garota e, com todo o cuidado possível, comecei a puxá-la das ferragens. Como ela era mais pesada do que eu, fiquei agradecida quando dois garotos fortes, ainda com roupa de academia, correram para ajudar. Deitamos a garota no chão a uma distância segura do carro fumegante.

Percebi que a ajuda que os garotos poderiam dar não passaria daquilo. Ambos ficavam olhando nervosamente para trás, esperando o socorro chegar. Mas não havia tempo a perder.

— Mantenham as pessoas afastadas — instruí-os, e voltei a atenção para a menina. Ajoelhei no chão e encostei dois dedos no seu pescoço, como Gabriel uma vez me ensinara. Não encontrava o pulso. Se ela ainda respirava, não havia nenhum indício visível disso. Mentalmente, chamei Gabriel para vir me ajudar. Não havia a menor chance de eu poder resolver aquilo sozinha. Eu já estava perdendo a batalha. O sangue quente escorrendo do talho na sua testa coagulara no seu cabelo. Havia olheiras roxas embaixo dos seus olhos, e ela estava pálida como se estivesse sem vida. Desconfiei de lesões internas, mas não conseguia identificar exatamente quais eram.

— Aguente firme — sussurrei perto do ouvido dela — O socorro já vem.

Apoiei sua cabeça com as mãos, manchando-as de sangue, e concentrei-me em lhe passar minha energia curativa. Sabia que tinha apenas minutos para ajudá-la. Seu corpo já tinha quase desistido de lutar, e eu sentia sua alma tentando sair. Logo ela olharia seu corpo inerte de fora.

Minha concentração foi tamanha que achei que também poderia perder a consciência. Lutei contra a tonteira e me concentrei mais ainda. Imaginei uma fonte de energia brotando de dentro de mim, conduzida por meu sangue e minhas artérias para carregar as pontas dos meus dedos e fluir para o corpo no chão. Enquanto sentia a energia saindo de mim, achei que talvez, apenas talvez, a menina pudesse sobreviver.

Ouvi Gabriel antes de vê-lo; vinha pela multidão pedindo passagem com insistência. Na presença de uma autoridade, os alunos suspiraram aliviados. Tinham sido isentados de outras responsabilidades. O que quer que acontecesse não estava mais em suas mãos.

Enquanto Xavier foi socorrer o outro motorista, Gabriel ajoelhou ao meu lado e usou sua força para fechar os ferimentos da garota. Trabalhou depressa e em silêncio, sentindo e localizando com o pensamento as costelas quebradas, o pulmão perfurado e o punho torcido que quebrara como se fosse um graveto. Quando os paramédicos chegaram, a respiração da menina já tinha se normalizado, embora ela ainda não tivesse recobrado a consciência. Vi que Gabriel não fechara os cortes menores, provavelmente para não levantar suspeitas.

Enquanto os paramédicos colocavam a menina numa maça, um grupo histérico de amigas veio correndo em nossa direção.

— Grace! — gritou uma delas. — Ai, meu Deus, ela está bem?

— Gracie! O que aconteceu? Consegue nos ouvir?

— Ela está inconsciente — disse Gabriel —, mas vai ficar boa.

Embora as garotas continuassem soluçando agarradas umas às outras, eu via que Gabriel as acalmara.

Após orientar os alunos a voltarem para a aula, Gabriel me pegou pelo braço e me conduziu à escada da frente, onde Ivy nos esperava. Xavier, que não entrara junto com o resto do pessoal, veio correndo quando viu meu estado.

— Beth, você está bem? — Seu cabelo castanho-claro estava arrepiado pelo vento, e sua tensão era aparente nas veias que pulsavam em seu pescoço.

Quis responder, mas o ar me faltava e o mundo começava a girar. Senti que Gabriel estava ansioso para que ficássemos a sós.

— É melhor você ir para a aula — disse ele a Xavier, adotando um tom de professor.

— Vou esperar a Beth — respondeu Xavier.

Olhava para o meu cabelo despenteado, as mangas ensanguentadas da minha camisa e os meus dedos apertando o braço de Gabriel.

— Ela só precisa de um minuto — disse Gabriel mais friamente. — Pode vê-la depois. Xavier fincou pé.

— Só vou se a Beth falar para eu ir.

Imaginei que tipo de expressão teria se estampado no rosto de Gabriel, mas quando virei a cabeça para ver, os degraus onde eu pisava pareceram prestes a ceder. Ou seriam meus joelhos que estavam cedendo? Pontos pretos apareceram no meu campo de visão, e me apoiei mais pesadamente em Gabriel.

A última coisa de que me lembro foi de dizer o nome de Xavier e vê-lo dar um passo na minha direção antes que eu desmaiasse em silêncio nos braços do meu irmão.

† † †

ACORDEI NO AMBIENTE FAMILIAR DO MEU QUARTO. Estava encolhida debaixo da colcha de retalhos da minha cama e sabia que as portas da sacada não estavam completamente fechadas, porque dava para sentir uma brisa trazendo o cheiro de maresia. Levantei a cabeça e fixei o olhar em detalhes reconfortantes, como a tinta descascada no parapeito da janela e o assoalho esburacado suavizado pelo brilho âmbar do crepúsculo. Meu travesseiro era macio e recendia a lavanda. Enterrei o rosto nele, sem querer me mexer. Então vi

a hora no despertador — sete da noite! Estava dormindo há horas. Minhas pernas e meus braços pareciam chumbo. Fiquei em pânico quando percebi que não conseguia mexer as pernas, mas logo percebi que Phantom estava deitado em cima delas.

Ele bocejou e se espreguiçou quando viu que eu estava acordada. Afaguei o pelo sedoso da sua cabeça, e ele me olhou com aqueles olhos tristes e sem cor.

— Vamos — murmurei. — Ainda não é hora de você dormir.

Devo ter me sentado muito rápido, porque uma onda de cansaço me atingiu como uma avalanche, e quase caí para trás de novo. Passei as pernas pelo lado da cama e tentei fazer o esforço necessário para ficar de pé. Não foi fácil, mas consegui me enfiar no robe e ir trôpega para baixo, onde tocava "Ave Maria", de Schubert, como fundo musical. Afundei-me na cadeira mais próxima. Gabriel e Ivy deviam estar na cozinha. A sala cheirava a alho e gengibre. Eles pararam o que faziam para virem falar comigo. Ivy secava as mãos num pano de prato, e os dois estavam sorrindo. Isso me surpreendeu, pois parecia já fazer muito tempo que só nos relacionávamos com uma educação distante e civilizada.

— Como está se sentindo? — Os dedos frios e esguios de Ivy afagaram minha cabeça.

— Como se eu tivesse sido atropelada por um ônibus — respondi honestamente. — Realmente não sei o que aconteceu. Eu me sentia bem.

— Certamente você sabe por que desmaiou, Bethany — disse Gabriel.

Lancei-lhe um olhar vazio.

— Ando comendo direito e seguindo todos os seus conselhos.

— Não tem nada a ver com isso — disse ele. — É porque você salvou a vida daquela menina.

— Esse tipo de coisa pode realmente exaurir o praticante — acrescentou Ivy.

Quase dei uma risada.

— Mas, Gabe, *você* salvou a vida daquela garota — disse eu.

Ivy olhou para nosso irmão indicando que ele devia explicar aquilo melhor e saiu discretamente para botar a mesa do jantar.

— Eu só curei os ferimentos físicos — disse Gabriel.

Olhei estupefata para ele, me perguntando se ele estava brincando.

— O que você quer dizer com *só*? É isso que salva alguém. Se uma pessoa é baleada e você retira a bala e fecha o ferimento, você salvou essa pessoa.

— Não, Bethany, aquela garota ia morrer. Se você não tivesse dado a ela sua força vital, nada do que eu pudesse ter feito a teria salvado. Uma vez que se

chega àquele ponto, mesmo que a gente feche os ferimentos, não dá para a pessoa voltar. Você falou com ela; ela voltou porque você a chamou e sua força não deixou a alma dela sair do corpo.

Não conseguia acreditar no que ele me dizia. Eu salvara uma vida humana? Eu sequer sabia que tinha o poder de fazer isso. Achava que meus poderes na Terra só bastavam para acalmar o mau humor das pessoas ou ajudar a recuperar pertences perdidos. Como era possível eu ter encontrado forças para salvar uma garota à beira da morte? Poder sobre o mar, sobre o Céu, sobre a vida humana, este era o dom de Gabriel. Nunca me ocorrera que meus poderes pudessem ser maiores do que eu imaginava.

Ivy olhou para mim, os olhos brilhando de orgulho.

— Parabéns — disse ela. — É um grande passo para você.

— Mas por que me sinto tão mal agora? — perguntei, de repente percebendo o meu corpo dolorido.

— O esforço de trazer alguém de volta à vida pode ser muito debilitante — explicou Ivy —, especialmente nas primeiras vezes. Provoca um abalo em sua forma humana. Mas não vai ser sempre assim; você vai se acostumar com isso e vai acabar conseguindo se recuperar mais depressa.

— Você quer dizer que vou ser capaz de fazer isso de novo? — perguntei. — Não foi um golpe de sorte?

— Se fez uma vez, pode fazer de novo — respondeu Gabriel. — Todos os anjos têm essa habilidade, mas ela se desenvolve com a prática.

Apesar do cansaço, de repente fiquei alegre e jantei com apetite. Em seguida, Gabriel e Ivy recusaram minha oferta para ajudar a lavar a louça. Em vez disso, Ivy me levou para o deque e me fez deitar na rede.

— Você teve um dia muito cansativo — disse.

— Mas detesto não ser útil.

— Você vai poder me ajudar já, já. Tenho um lote inteiro de chapéus e cachecóis para tricotar para o bazar. — Ivy sempre arranjava tempo para se relacionar com a comunidade por meio de pequenas tarefas terrenas. — Às vezes as coisas pequenas são as que mais contam.

— A ideia desses lugares é que a pessoa doe roupas velhas, não que confeccione novas — provoquei.

— Bem, pelo tempo que estamos aqui, ainda não temos coisas velhas — retrucou Ivy. — E tenho que dar alguma coisa a eles; eu me sentiria péssima se não desse. Além disso, posso fazer tudo rapidinho.

Fiquei sentada na rede com uma manta de *mohair* enrolada nos ombros,

tentando processar os acontecimentos da tarde. Por um lado, achava que entendia o objetivo da nossa missão melhor do que antes; por outro, nunca estivera mais confusa. Hoje fora um exemplo gritante do que se esperava que eu fizesse — proteger a santidade da vida. Em vez disso, eu andara gastando meu tempo absorta numa obsessão adolescente por um garoto que na verdade não sabia nada sobre mim. Pobre Xavier, pensei. Ele jamais conseguiria me entender, por mais que tentasse. Não era culpa dele. Ele só podia saber o que eu permitia que ele soubesse. Estava tão ocupada tentando manter minha fachada que não tinha pensado que mais cedo ou mais tarde tudo teria que ser desfeito. Xavier estava atado a uma vida humana e a uma existência da qual eu nunca poderia participar. A satisfação que senti com meu êxito aquela tarde se desvaneceu, e fiquei me sentindo estranhamente dormente.

13
O Beijo Dele

A missa de domingo era a única ocasião em que eu realmente era capaz de me religar com o meu lar. Ajoelhar nos bancos e ouvir os acordes do “Agnus Dei” me trazia de volta ao meu antigo eu. Havia uma tranqüilidade etérea no interior da igreja que não se encontrava em nenhum outro lugar. Era fresco e sossegado, como o fundo do mar e, quando entrava ali, eu sempre me sentia num lugar seguro. Ivy e eu éramos acolitas aos domingos, e Gabriel ajudava o padre Mel a distribuir a Santa Comunhão. Após a missa, sempre esperávamos para conversar com ele.

— A congregação está crescendo — observou ele um dia. — Toda semana vejo caras novas.

— Talvez as pessoas estejam começando a perceber o que é importante na vida — disse Ivy.

— Ou talvez estejam seguindo o seu exemplo. — O padre mel sorriu.

— A igreja não devia precisar de advogados — disse Gabriel. — Deveria falar por si mesma.

— Não importa o que traz as pessoas aqui — disse o padre Mel. — O que elas encontram aqui é mais importante.

— Tudo o que podemos fazer é guiá-las na direção certa — concordou Ivy.

— De fato, não podemos forçá-las a ter fé — disse o padre Mel. — Mas podemos demonstrar o grande poder dessa virtude.

— E podemos rezar pelos outros — acrescentei.

— Claro — piscou o padre Mel para mim. — E algo me diz que o Senhor ouve quando você chama.

— Ouve a nós da mesma forma que ouve qualquer um — disse Gabriel. Dava para perceber que ele temia estar revelando demais. Embora nunca tivéssemos sequer sugerido ao padre Mel de onde vínhamos, havia um entendimento tácito entre nós. Era natural, pensei. Ele era sacerdote; passava o tempo todo tentando se ligar às forças divinas. — Só podemos esperar que Ele abençoe esta cidade.

— Os olhos azuis do padre Mel piscaram para nós.

— Acho que Ele já fez isso.

No dia seguinte, como Xavier tinha uma reunião de esportes pela manhã,

passei o tempo ouvindo Molly e Taylah falarem animadas sobre um *outlet* de roupas que ficava nas cercanias da cidade. Lá podiam comprar falsificações tão perfeitas de artigos de grife que ninguém notaria que eram cópias. Quando me convidaram para ir com elas, eu estava tão preocupada que concordei sem hesitar. Mesmo quando me convidaram para um luau na praia sábado à noite, aceitei com um gesto de cabeça sem prestar atenção nos detalhes do convite.

Fiquei feliz quando finalmente chegou o quinto tempo, e Xavier e eu tivemos aula de francês juntos. Foi um alívio estar na mesma sala que ele, embora eu mal conseguisse me concentrar. Precisava desesperadamente falar com ele, mesmo que ainda não soubesse o que dizer. Eu só sabia que não podia esperar.

Ele estava a menos de um palmo de mim, e tive que sentar em cima dos dedos para segurar o impulso de tocá- lo. Em parte porque eu queria me convencer de que ele não era fruto da minha imaginação, mas também porque eu tinha a sensação de que uma força magnética nos atraía um para o outro; resistir era mais doloroso que sucumbir. Os minutos se arrastavam e parecia que o tempo andava devagar de propósito, só para zombar de mim.

Xavier percebeu meu estranho estado de espírito e permaneceu sentado depois que a sineta tocou, vendo as demais pessoas passarem. Enquanto eu fingia que guardava os livros e lápis, ele não se mexia. Alguns curiosos olhavam em nossa direção, provavelmente esperando ouvir alguns trechos da conversa para então passar adiante para os amigos como uma fofoca das boas.

— Tentei ligar para você ontem à noite, mas ninguém atendeu — disse ele, vendo que eu não sabia como começar. — Fiquei preocupado.

Brinquei nervosamente com o zíper do meu estojo de lápis, que parecia enguiçado. Eu devia estar com uma expressão aflita, porque Xavier se levantou e pôs as mãos nos meus ombros.

— O que está acontecendo, Beth?

Havia uma dobra familiar entre as suas sobrancelhas, que sempre aparecia quando ele estava preocupado.

— Acho que o acidente de ontem simplesmente me esgotou — respondi. — Mas já estou melhor.

— Ótimo. Mas alguma coisa me diz que não é só isso.

Mesmo me conhecendo há tão pouco tempo, Xavier sempre percebia o meu estado de espírito, e seus próprios olhos não escondiam nada do que ele pudesse estar sentindo. Ele não desviava o olhar; seus olhos turquesa pareciam um laser me perfurando.

— Minha vida é bem complicada — comecei com hesitação.

— Por que não tenta explicá-la? Pode ser que eu surpreenda você.

— Essa situação, de a gente sair juntos, está sendo mais difícil do que pensei... — Fiz uma pausa. — É melhor do que eu pudesse imaginar, mas tenho outras responsabilidades, outras obrigações que não posso ignorar.

Subi o tom e o volume da voz sentindo uma onda de emoção explodir em meu peito. Parei e respirei fundo.

— Tudo bem, Beth — disse Xavier. — Sei que você tem um segredo.

Senti um medo gelado repentino tomar conta de mim, mas, ao mesmo tempo, senti-me aliviada. Se Xavier já sabia que eu era uma fraude e uma mentirosa, isso significava que eu falhara totalmente em todos os aspectos da nossa missão. A regra número um para todos os agentes da luz era não revelar nossa identidade enquanto trabalhássemos para consertar o mundo — a exposição podia resultar em todo tipo de caos. Mas também podia significar que Xavier me aceitaria assim mesmo e a verdade talvez não o afastasse.

— Sabe? — sussurrei. Ele deu de ombros.

— É óbvio que você está escondendo alguma coisa, não sei o que é, mas sei que isso incomoda.

Não respondi de imediato. Mais do que qualquer coisa, eu queria lhe contar tudo, despejar todos os meus segredos e meus medos, como o vinho se derramando de uma garrafa, manchando tudo no caminho.

— Entendo que, por alguma razão, você não pode ou não quer falar a respeito — disse Xavier. — Mas não precisa. Posso respeitar sua privacidade.

— Isso não é justo com você — disse eu, mais dividida que nunca.

A ideia de me afastar dele me causava dor física no peito como se meu coração estivesse lentamente se partindo em dois.

— Não sou eu quem teria de se importar com isso?

— Não dificulte ainda mais a situação. Estou tentando proteger você!

— Me proteger? — Xavier riu. — de quê?

— De mim — disse eu baixinho, percebendo quão absurda devia soar a afirmação.

— Você não me parece muito perigosa. A não ser que se transforme em lobisomem à noite...

— Simplesmente não sou o que pareço.

Afastei-me dele, como se estivesse tentando me esconder da verdade. Eu sentia o corpo muito fraco, sem energia. Encostei-me na parede, incapaz de olhar em seus olhos.

— Ninguém é. Escute, você acha que não percebi que tem algo diferente em você? Basta olhar.

— O que é? — perguntei curiosa.

— Não sei ao certo — disse ele. — Mas sei que é o que me agrada em você.

— O que estou tentando dizer é que não é só porque você gosta de mim que sou a pessoa que você quer ou de que precisa.

— Acha que preciso de quê?

— De alguém com quem possa ter uma relação honesta. Senão, de que adianta?

— Está tentando me dizer que esta pessoa não pode ser você?

A expressão de Xavier era indecifrável. Estava com uma expressão totalmente impassível, destituída de qualquer emoção. Achei que depois de tudo por que passara, ele não devia ser o tipo que demonstra o que sente com facilidade.

Eu sabia que ele estava tentando facilitar as coisas para mim, mas a franqueza da pergunta produziu o efeito contrário. Agora que tinha vindo à tona, a ideia parecia muito definitiva. Eu continuava tentando encontrar as palavras certas e receava que meu silêncio pudesse ser interpretado como indiferença.

— Tudo bem — continuou Xavier. — Sei que pode não ser fácil para você e não quero tornar as coisas ainda mais difíceis. Ajudaria se eu me afastasse por algum tempo?

Quão instáveis e contraditórias eram as emoções humanas! Eu passara aqueles últimos minutos tentando sugerir isso, mas estava arrasada com o fato de ele estar disposto a manter distância, ainda que sua motivação fosse o meu bem-estar. Eu não sabia ao certo que reação esperar, mas não era essa. Será que eu queria vê-lo se ajoelhar e declarar seu amor eterno? Claro que ele não iria fazer isso, mas não podia deixá-lo ir embora. Acho que eu não suportaria.

— Então é isso? — disse, engasgada. — Não vou mais ver você? Xavier pareceu confuso.

— Espere. Não é o que você quer?

— É *só* isso que você vai dizer? — perguntei categoricamente. — Nem vai tentar me fazer mudar de ideia? —

Seu sorriso maroto e afetuoso estava de volta.

Parei para pensar. Eu sabia o que deveria dizer. Um simples “não” terminaria tudo e faria as coisas voltarem a ser como antes do instante que nos encontramos no corredor em frente ao laboratório de química, quando eu tentava

evitar brilhar no escuro. Mas eu não conseguia me forçar a dizer aquilo. Seria mentira.

— Talvez seja exatamente isso o que quero que você faça — disse eu lentamente.

— Beth, me parece que você não sabe o que quer — retrucou Xavier num tom carinhoso. Levantou a mão e usou o polegar para afastar uma lágrima que escorria no meu rosto.

— Não quero complicar sua vida — funguei, percebendo quão irracional eu devia estar parecendo. — Foi você que disse que preferia que as coisas fossem feitas às claras.

— Eu me referia a coisas, não a pessoas. Talvez eu não me importe com um pouco de complicação — disse ele.

— Relacionamentos muito claros não são essa maravilha toda que se pensa. Soltei um gemido de frustração.

— Você tem mesmo resposta para tudo.

— O que posso dizer? É um dom. Ele segurou minha mão entre as dele.

— Tenho uma ideia. Que tal eu lhe dar uma coisa para facilitar a sua decisão?

— Tudo bem — concordei. — Se acha que vai ajudar.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, Xavier segurava meu rosto com as duas mãos e inclinava meu queixo em sua direção. Seus lábios deslizaram por cima dos meus tão de leve como uma pluma, mas aquilo foi o suficiente para me fazer estremecer. Gostei do jeito que ele me segurou; como se eu fosse frágil e propensa a quebrar se ele apertasse muito. Encostou a testa na minha como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Um calor delicioso começou a se espalhar pelo meu corpo e cheguei mais junto dele, procurando seus lábios de novo. Retribuí seu beijo com uma urgência apaixonada, agarrando-me a ele. Deixei-me fundir no seu abraço e colei o corpo no dele. Seu calor atravessava minha blusa fina, e eu sentia seu coração batendo acelerado.

— Vamos com calma — murmurou ele no meu ouvido, mas não se afastou. Ficamos abraçados até Xavier delicadamente, mas com firmeza, se separar. Pôs para trás da minha orelha a mecha de cabelo que tinha soltado e deu aquele meio sorriso sonhador. — Então? — perguntou, cruzando os braços no peito.

Minha mente estava completamente confusa.

— Então o quê?

— Isso te ajudou a se decidir?

Como resposta, enrolei o dedo em seu cabelo castanho e o puxei para perto

de mim.

— Acho que sim — disse ele sem disfarçar a satisfação.

Aquele dia me ensinou que eu queria mais que a companhia dele; eu desejava o seu toque. Não havia dúvida em minha mente. Meu rosto ardia onde ele tinha me tocado, e tudo o que eu queria era que ele fizesse isso de novo. Poucas horas antes, achara que não havia opção senão desligar-me dele porque não via como fazê-lo entender quem eu realmente era. Vi que havia outro jeito. Seria considerado uma transgressão séria e punível por sabe-se lá quem, mas seria menos assustador do que me separar dele. Se essa transgressão significasse nos poupar a dor da separação, eu estava disposta a enfrentar as consequências.

Tudo o que se exigia de mim era baixar a guarda e acolher Xavier.

— Quero que a gente fique junto. Acho que nunca quis tanto alguma coisa.

Xavier afagou a palma da minha mão, e nossos dedos se entrelaçaram. O rosto dele estava tão perto que a ponta dos nossos narizes se tocavam. Ele se inclinou par sussurrar no meu ouvido.

— Se me quer... já sou seu.

Não consegui deixar de suspirar alto quando ele foi me beijando da orelha até o pescoço. A sala de aula à nossa volta derreteu como neve ao sol.

— Só tem uma coisa — disse eu, empurrando-o com certa dificuldade. Ele me observava com aqueles olhos azuis penetrantes e quase perdi o raciocínio. — Isso não vai dar certo a menos que você saiba a verdade.

Se eu gostava de Xavier tanto quanto meu coração palpitante me dizia, ele merecia saber a verdade. Se a verdade acabasse sendo demais para ele, talvez fosse um indício de que meus sentimentos não eram retribuídos, e eu teria que aceitar isso. De um modo ou de outro, era hora de acabar com a farsa. Xavier tinha que conhecer meu verdadeiro eu, não a versão idealizada na cabeça dele. Em outras palavras, ele tinha que conhecer a versão não censurada, ou, como os humanos diziam, com o lado bom e o lado ruim.

— Sou todo ouvidos — disse ele, me olhando com expectativa.

— Agora não. Isso não vai ser fácil, e preciso de mais espaço do que temos aqui.

— Então onde? — perguntou ele, espantado.

— Você vai ao luau na praia este fim de semana? — perguntei rapidamente, quando começaram a chegar os alunos da próxima aula.

— Eu ia perguntar se você queria ir comigo.

— Tudo bem — concordei. — Então conto tudo lá.

Xavier me beijou rapidamente e saiu da sala. Agarrei a beira da mesa mais

próxima com falta de ar, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

14
O Desafio à Lei da Gravidade

Passei a semana inteira pensando no luau. Tinha medo do que eu planejava fazer, mas ao mesmo tempo era estranho como eu estava empolgada. Quando a decisão foi tomada, foi como se tirassem um peso enorme das minhas costas. Depois de passar tanto tempo remoendo o assunto, me senti surpreendentemente segura de mim. Várias vezes ensaiei mentalmente as palavras que eu usaria para contar a verdade a Xavier, fazendo ajustes sutis a cada repetição.

Xavier agia como se fôssemos namorados, o que eu estava adorando. Isso fazia com que tivéssemos nosso mundinho exclusivo a que ninguém mais tinha acesso. Significava que levávamos a sério a nossa relação e achávamos que tínhamos um futuro. Não era uma paixonite que provavelmente iríamos esquecer. Assumíamos um compromisso um com o outro. Toda vez que pensava nisso, eu não conseguia deixar de abrir um sorriso. Obviamente, eu me lembrava do aviso de Ivy e Gabriel e da convicção deles de que não havia chance de um futuro para nós, mas de certa maneira isso não importava mais. Sentia-me como se nem mesmo o fim do mundo fosse capaz de apagar o sorriso do meu rosto. Esse era o efeito que ele provocava em mim: uma explosão de felicidade no meu peito que se espalhava como pequenas borbulhas, fazendo meu corpo todo estremecer e formigar.

Uma vida com Xavier era cheia de esperanças. *Mas será que ele ainda ia me querer quando lhe revelasse minha identidade?*

Tentei esconder minha euforia de Ivy e Gabriel. Eles tinham demorado bastante a se recuperar da minha última aventura com Xavier, e eu achava que não conseguiriam enfrentar mais uma. Sempre que me sentava com eles, sentia-me como um agente duplo e ficava me perguntando se meu rosto poderia me trair. Mas só porque meus irmãos conseguiam decifrar as mentes humanas não significava que conseguiam decifrar a minha. E minhas habilidades de atriz devem ter melhorado, porque meu entusiasmo passou sem comentários dessa vez. Fiquei impressionada por ter finalmente entendido a expressão "calmaria antes da tempestade". Tudo parecia ir às mil maravilhas, mas eu sabia que as aparências às vezes enganavam. Havia uma explosão prestes a acontecer. Tensão, raiva e culpa borbulhavam sob a superfície de nossa representação de família feliz, apenas esperando o momento em que Ivy e Gabriel descobrissem

minha traição para irromper.

— Um dos meus alunos me perguntou hoje se o limbo existia — disse Gabriel certa noite, na hora do jantar. Achei irônico que a conversa tivesse se voltado para a punição de pecados.

Ivy pousou o garfo.

— E o que você disse?

— Disse que ninguém sabe.

— Por que não disse que sim? — perguntei.

— Porque as boas ações têm que ser espontâneas — explicou meu irmão. — Se uma pessoa tiver certeza de que será julgada, ela vai agir de acordo com isso.

Não tinha como contestar aquilo.

— O que é o limbo, afinal?

Eu sabia bastante sobre o Céu e o inferno, mas ninguém jamais me contara sobre o eterno ponto intermediário.

— Ele aparece de várias formas diferentes — disse Ivy. — Pode ser uma sala de espera, uma estação de trem...

— Algumas almas dizem que é pior que o inferno — acrescentou Gabriel.

— Que afirmação ridícula — caçoei. — O que pode ser pior?

— O vazio eterno — respondeu Ivy. — Ano após ano de espera por um trem que nunca chega, aguardando alguém chamar o seu nome. As pessoas começam a perder a noção do tempo. O tempo se funde numa extensão sem fim. As almas imploram para ir para o Céu, tentam se jogar no inferno, mas não há saída. Elas vagam sem rumo. E isso não acaba nunca, Bethany. Podem se passar séculos na Terra e elas ainda estarão lá.

— Ah — foi tudo o que me ocorreu dizer.

Queria saber se um anjo podia ser exilado no limbo.

† † †

TERÇA-FEIRA, NA HORA DO ALMOÇO, fiquei pegando sol com Molly e as garotas sentada no gramado. A nossa volta, brotos verdes começavam a aparecer nas pontas dos galhos das árvores, trazendo tudo de volta à vida. O imponente prédio principal da Bryce Hamilton assomava atrás de nós, fazendo sombra nos bancos dispostos em círculo ao redor de um carvalho antigo com hera enroscada no tronco, lhe dando um abraço amoroso. Se olhássemos para o oeste, tínhamos uma vista do oceano ao longe estendendo-se até o horizonte,

com nuvens passando preguiçosamente no Céu. As garotas se espreguiçavam na grama bem-cuidada, deixando o sol aquecer seus rostos. Sentia-me um pouco ousada e me aventurei a puxar a saia acima dos joelhos.

— É isso aí, querida!

As garotas aplaudiram meu progresso, comentando que eu estava me tornando "uma delas", e em seguida caindo na rotina de sempre de fofocar sobre amigas e professores ausentes.

— A srta. Lucas é uma chata — queixou-se Megan. — Me obrigou a refazer meu trabalho sobre a Revolução Russa porque achou que estava muito fraco. O que isso quer dizer?

— Acho que quer dizer que você fez o trabalho meia hora antes do prazo — disse Hayley. — O que esperava? Um dez?

Megan deu de ombros.

— Acho que ela simplesmente está com inveja porque é peluda como um macaco.

— Você devia escrever uma carta de reclamação — disse uma garota chamada Tara, num tom sério. — Não há dúvida de que ela está de marcação com a sua cara.

— Concordo que ela implica demais com você — começou Molly, calando-se de repente, vidrada numa figura atravessando o gramado.

Virei-me para identificar a fonte de sua fixação e vi Gabriel indo em direção ao centro de música, mais ou menos perto de onde estávamos. Tinha um aspecto solitário com o olhar distante e um estojo de violão pendurado no ombro. Já fazia algum tempo que vinha ignorando o que dizia o protocolo da escola sobre o traje dos professores, e hoje estava com um jeans rasgado e camiseta branca por baixo de um colete listrado. Nenhuma autoridade da escola se atrevera a questionar aquilo. Não eram loucos. Gabriel era tão popular que causaria um alvoroço entre os alunos se pedisse demissão. Vi que Gabe parecia muito à vontade com o ambiente à sua volta. Andava com desenvoltura, e seus movimentos eram fluidos. Parecia estar vindo em nossa direção, o que fez Molly corrigir a postura e ajeitar freneticamente os cachos revoltos. Mas de repente Gabriel tomou outra direção. Absorto em seus pensamentos, ele sequer olhara para o nosso lado. Molly pareceu abatida.

— O que podemos dizer do sr. Church? — especulou Taylah quando o viu, ansiosa para retomar aquele que já era o esporte favorito delas. Eu tinha passado tanto tempo calada, concentrada na minha fantasia de estar numa ilha isolada em algum lugar do Caribe ou presa num navio pirata, aguardando Xavier vir me

resgatar, que parecia que elas tinham se esquecido temporariamente da minha presença. Do contrário, poderiam ter pensado melhor antes de discutir Gabriel na minha frente.

— Nada — disse Molly na defensiva. — Ele é uma lenda.

Quase dava para ver coraçõezinhos piscando na cabeça dela. Eu sabia que seu fascínio por Gabriel crescera ultimamente, alimentado pela indiferença dele. Não queria que Molly sofresse a rejeição que, mais cedo ou mais tarde, decorreria dessa paixonite. Gabriel era feito de pedra; os sentimentos dela nunca seriam correspondidos. Ele era desligado da vida humana assim como o Céu é desligado da Terra. Quando olhava para a humanidade, só via almas em perigo, nem ao menos fazendo distinção entre homens e mulheres. Eu via que Molly tinha a ilusão de que Gabriel era como os outros rapazes que ela conhecia: cheio de hormônios e incapaz de resistir aos encantos femininos se a garota em questão fizesse a coisa certa. Mas Molly não tinha a menor ideia do que era Gabriel. Ele podia até ter assumido a forma humana, mas, diferentemente de mim, estava a quilômetros de distância de tudo que era humano. No Céu, era conhecido como o Anjo da Justiça.

— Ele é meio certinho — disse Clara.

— Não é! — disse Molly secamente. — Você nem conhece o Gabriel.

— E você conhece?

— Bem que eu queria.

— E vai continuar querendo.

— Ele é professor — interrompeu Megan —, e está na faixa dos vinte.

— Os professores de música vivem meio à margem — disse Molly com otimismo.

— Sim, à *margem do corpo docente* — disse Taylah. — Esquece, Molly, ele não é para nós. Molly apertou o olhar como se lhe tivesse sido lançado um desafio.

— Não acho isso, não — disse. — Prefiro pensar que ele é apenas diferente.

De repente, elas se lembraram da minha presença e houve um silêncio desconcertante. O assunto foi rapidamente abandonado.

— Então — disse Megan, num tom forçadamente alegre.

— Sobre o baile...

† † †

QUANDO XAVIER ME DEIXOU EM CASA naquela tarde, encontrei Ivy assando bolinhos. Estava com o nariz sujo de farinha e os olhos brilhando como se estivesse encantada com todo o processo. Tinha enfileirado os ingredientes em xícaras de medidas sortidas e estava confeitando cada bolinho de modo a formar desenhos perfeitamente simétricos. Era algo que a mão humana não seria capaz de conseguir. Os bolinhos pareciam antes miniobras de arte do que algo destinado a ser comido. Ela me mostrou um assim que entrei.

— Estão com uma cara maravilhosa — opinei. — Posso falar com você sobre uma coisa?

— Claro.

— Acha que há alguma chance de Gabriel me deixar ir ao baile da escola? Ivy parou o que estava fazendo e ergueu os olhos.

— Xavier convidou você, não foi?

— E se tiver convidado? — De repente fiquei na defensiva.

— Calma, Bethany — disse minha irmã. — Ele ficaria muito bonito de smoking.

— Quer dizer que não vê problema nisso?

— Não, acho que vocês formariam um lindo par.

— Pode ser, se eu conseguir ir.

— Não seja tão negativa — repreendeu Ivy. — Teremos que ver o que Gabriel acha, mas é um evento escolar, e seria uma pena perder.

Eu estava impaciente para ouvir o veredicto. Arrastei Ivy para fora de casa, e procuramos Gabriel na praia, onde ele estava caminhando. De um lado, a linha costeira seguia fazendo uma curva até a praia principal, onde ficavam os surfistas pegando onda e vans de sorvete estacionadas embaixo das palmeiras. Do outro, se sua vista alcançasse, ficavam os penhascos acidentados da Costa do Naufrágio, onde o mar era muito mais agitado e havia uma pedreira conhecida como o Precipício. A região era famosa por seus ventos violentos, pelo mar revolto e pelas armadilhas traiçoeiras. De vez em quando a área atraía mergulhadores à procura de destroços dos muitos navios que haviam afundado ali ao longo dos anos, mas em geral os únicos visitantes eram as gaivotas, voando baixo e tocando inofensivamente a água.

Vimos Gabriel sentado numa rocha proeminente, olhando o mar. Com o sol refletido na camiseta branca, ele parecia envolto numa aura de luz. Estava muito longe para que eu visse seu rosto, mas imaginei-o com uma cara de quem desejava muito algo. Às vezes havia uma tristeza inexprimível em Gabriel que ele tentava esconder. Pensei que talvez fosse devido ao peso do conhecimento

que não podia ser dividido. Ele era mais sábio que Ivy e eu, e esse fardo não devia ser fácil de carregar sozinho. Conhecia todos os horrores do passado, e eu imaginava que ele podia ver tragédias que ainda estavam para acontecer. Não é de se admirar que fosse taciturno. Não havia ninguém em quem ele pudesse confiar. Seu serviço ao Criador do Universo resultava no próprio isolamento. Isso lhe dava um jeito austero que incomodava quem não o conhecia. Os jovens o adoravam, mas os adultos sempre tinham a sensação de que estavam sendo julgados.

Percebendo que estava sendo observado, Gabriel virou o rosto na nossa direção. Dei um passo para trás, sentindo que estávamos invadindo seu momento de solidão, mas tão logo nos viu, a expressão carregada sumiu de seu rosto e ele fez sinal para irmos ao seu encontro.

Quando o alcançamos, ele nos ajudou a subir nas pedras e ficamos ali sentados por alguns momentos. Parecia estar à vontade de uma forma que não se sentia há muito tempo.

— Por que sinto que estão aqui numa emboscada? — brincou Gabriel.

— Por favor, posso ir ao baile de formatura? — pedi. Gabriel balançou negativamente a cabeça achando graça.

— Não percebi que você queria ir. Achei que não se interessaria.

— É que todo mundo vai — disse eu. — As meninas só falam nisso há meses. Ficariam muito desapontadas se eu faltasse. Isso significa muito para elas. — Dei uns tapinhas de leve no braço dele. — Não me diga que está planejando não ir.

— Adoraria, mas me pediram para ir e supervisionar — respondeu ele, não parecendo muito satisfeito com a ideia. — Não sei como inventam essas coisas. Acho tudo isso uma extravagância e um desperdício de tempo e dinheiro.

— Mas faz parte da vida escolar — disse Ivy. — Por que a gente não considera a coisa toda como uma pesquisa?

— Exatamente — acrescentei. — Vamos estar onde as coisas acontecem. Se quiséssemos observar de fora, seria melhor termos ficado no Reino.

— Isso não quer dizer que eu vou ter que me aprontar todo, quer? — perguntou Gabriel.

— De jeito nenhum! — disse eu com uma voz chocada. — Bem, talvez só um pouquinho. Ele suspirou.

— Bem, é só por uma noite.

— E você estará lá observando tudo — acrescentei.

— Ivy, eu esperava que você me acompanhasse — disse Gabriel.

— Claro. — Minha irmã bateu palmas. Ela sempre ficava empolgada quando se chegava a um consenso. — Vai ser ótimo!

† † †

A NOITE DE SÁBADO ESTAVA CLARA E AGRADÁVEL, perfeita para um luau. O céu parecia um veludo azul, e uma brisa suave do sul balançava as árvores, como se estivessem reverenciando umas às outras. Eu deveria estar uma pilha de nervos, mas, na minha cabeça, tudo fazia sentido. Estava prestes a consolidar minha ligação com Xavier unindo os nossos mundos opostos.

Dei atenção especial ao que deveria vestir naquela noite e escolhi uma saia fluida e uma blusa de camponesa bordada na gola. Gabriel e Ivy estavam na sala de estar quando desci. Gabe lia as letrinhas minúsculas de um texto religioso com a ajuda de uma lupa. Era uma cena tão inusitada dado o seu físico jovem que tive que conter o riso. Ivy tentava em vão treinar Phantom a obedecer comandos básicos.

— Senta, Phantom — disse com aquela voz melosa que as pessoas geralmente usam com os bebês. — Senta para a mamãe.

Eu sabia que Phantom não obedeceria enquanto ela falasse naquele tom. Era um cão muito inteligente e não gostava de ser tratado como bobo. Para mim, a expressão dele era de desdém.

— Não demore muito — advertiu Gabriel.

Ele sabia que eu ia tirar uma noite para caminhar na praia com Molly e uns amigos e também sabia que Xavier estaria entre eles. Não fizera objeção a isso, e achei que ele devia estar ficando mais tranquilo com relação à minha vida social. O peso da nossa missão significava que, às vezes, cada um de nós simplesmente precisava dar uma fugidinha. Ninguém protestava quando ele saía sozinho para correr nem quando Ivy se trancava na casa de hóspedes só com seu caderno de desenho. Portanto, não havia por que eu não ter direito à mesma regalia quando precisava de um tempo para mim.

Eles confiavam em mim o suficiente para não fazer muitas perguntas, e eu me odiava por estar prestes a trair essa confiança. Mas não havia possibilidade de voltar atrás — eu queria convidar Xavier para entrar no meu mundo secreto, eu desejava essa intimidade. Aliado à minha determinação estava um medo persistente de que uma contravenção dessas resultasse num castigo sério. Mas tirei a preocupação da cabeça e coloquei a imagem do rosto de Xavier em seu lugar. Depois dessa noite, enfrentaríamos tudo juntos.

Não pretendia ficar muito tempo fora de casa, só o suficiente para contar meu segredo a Xavier e enfrentar a reação dele, fosse ela qual fosse. Por várias vezes já tinha considerado mentalmente os possíveis desfechos e, por fim, eles se resumiam a três. Ele poderia ficar encantado, chocado ou assustado. *Será que pensaria que meu lugar era num museu? Será que sequer acreditaria na verdade quando eu finalmente tomasse coragem para dizê-la em voz alta ou acharia que era uma grande gozação?* Eu já ia descobrir.

— A Bethany é bastante capaz de tomar conta de si mesma — disse Ivy. — Senta, Phantom! Senta!

— Não é com a Bethany que me preocupo. É com o resto do mundo — disse Gabriel. — Já vimos algumas das tolices que acontecem. Tenha cuidado e abra o olho.

— Vou fazer isso! — disse eu, batendo continência para ele e ignorando a culpa que apertava meu peito. Gabriel custaria a perdoar esta.

— Senta, Phantom! — sussurrou Ivy. — Sentado!

— Ah, francamente! — Gabriel largou o livro e apontou o dedo para Phantom. — Senta — ordenou com uma voz grave.

Phantom pareceu envergonhado e sentou-se sem pensar duas vezes. Ivy franziu o cenho frustrada.

— Fiquei o dia inteiro tentando fazê-lo me obedecer! Qual é o segredo por trás de cachorros e a autoridade masculina?

Desci correndo os degraus estreitos até a trilha cheia de mato que levava à praia. Às vezes havia rastros de cobra na areia, e um ou outro lagarto atravessava o caminho chispando. Gravetos quebravam debaixo dos meus pés, e as árvores cresciam tão cerradas que em alguns pontos as copas se encontravam, formando uma cobertura que só as réstias do sol poente conseguiam atravessar. Uma orquestra de cigarras abafava todos os outros sons, exceto o do oceano. Sabia que, se me perdesse, poderia seguir o barulho do mar.

Cheguei à areia branca e macia da praia, que fazia ruído enquanto eu caminhava. O local escolhido para o luau era perto dos penhascos, porque todo mundo sabia que estaria deserto. Fui andando pela praia pensando em quão mais acidentada a paisagem parecia à noite. Não havia ninguém por ali a não ser um pescador solitário jogando sua linha ao mar. Observei-o puxar a linha e inspecionar a presa se debatendo no anzol antes de devolvê-la às ondas. Reparei que o mar variava de cor: anil no ponto mais profundo, onde se encontrava com o horizonte; um tom quase água-marinha no meio; e um verde-claro cristalino próximo das ondas que quebravam na praia. Ao longe, havia um cabo se

projetando com um farol branco no topo. De onde eu estava, tinha a impressão de que era do tamanho de um dedal.

Já estava escurecendo. Mais à frente, ouvi vozes e depois vi vultos amontoando papéis e outros materiais inflamáveis para acender a fogueira. Não havia música alta nem um formigueiro de gente como na festa de Molly. Em vez disso, havia uma rodinha de pessoas sentadas na areia, tomando cerveja no gargalo e dividindo cigarros amassados. Molly e suas amigas ainda não haviam chegado.

Xavier estava sentado num tronco de madeira parcialmente enterrado na areia. Usava jeans, um moletom largo azul-claro e o crucifixo de prata em volta do pescoço. Segurava uma garrafa meio vazia e ria de um garoto que imitava alguém. A luz do fogo dançando no seu rosto deixava-o mais encantador que nunca.

— Ei, Beth — chamou alguém, e os outros me receberam com acenos e movimentos de cabeça.

Será que as pessoas finalmente tinham parado de nos tratar como "notícia" e simplesmente aceitado que onde um estava o outro vinha como parte do pacote? Sorri timidamente para todos, e entrei logo na roda sentando ao lado de Xavier, onde me sentia segura.

— Você está com um cheiro muito bom — disse Xavier quando abaixou para beijar o alto da minha cabeça. Alguns de seus amigos assoviavam e o cutucavam ou reviravam os olhos.

— Vamos. — Ele me ajudou a levantar.

—Já vão embora? — brincou um deles.

— Só vamos dar uma volta — disse Xavier bem-humorado.

— Se vocês permitirem, claro.

Alguns assovios nos seguiram enquanto nos afastávamos do grupo e do calor da fogueira que começava a queimar. Como vinham dos amigos mais próximos de Xavier, eu sabia que não tinham intenção de ofender. Logo suas vozes viraram apenas um murmúrio distante.

— Xavier, não posso demorar muito.

— Já imaginava.

Ele passou o braço em volta dos meus ombros despreocupadamente, enquanto subíamos a praia em silêncio na direção dos penhascos acidentados, àquela hora nada mais que vultos pontiagudos contra o céu da meia-noite. A pressão quente do braço de Xavier me dava uma sensação de segurança, como se estivesse protegida de tudo. Sabia que, assim que o deixasse, voltaria a me sentir

gélida e insegura.

Cortei o pé numa concha afiada, e Xavier insistiu em me carregar no colo. Ainda bem que, no escuro, ele não pôde ver o corte fechar sozinho. Embora a dor no meu pé tivesse passado, continuei agarrada a ele, curtindo sua atenção. Relaxei o corpo, permitindo que praticamente nos fundíssemos. No entusiasmo de chegar perto dele, sem querer, esbarrei o cotovelo no seu olho. Sentia-me estabanada como uma colegial inexperiente, quando devia ser graciosa e elegante como um anjo. Não parava de pedir desculpas.

— Tudo bem, eu tenho outro — brincou ele, com o olho lacrimejando por causa da cotovelada. Ele piscava e apertava o olho, tentando se recuperar do impacto.

Ele me pôs no chão quando chegamos numa enseada à sombra do penhasco. As rochas recortadas formavam um arco, como um portal para outro mundo, e o luar dava à areia uma tonalidade azul-perolada. Um caminho íngreme com degraus levava ao alto do penhasco, que oferecia a melhor vista do farol. Na água, formações rochosas esparsas erguiam-se como monolitos. As pessoas não costumavam se aventurar para esse lado, exceto um ou outro grupo de turistas. A maioria se contentava em ficar em torno da praia principal, a alguns passos dos cafés e das lojas de suvenir. O ponto onde estávamos era completamente isolado — não havia nada nem ninguém à vista. O único som era o do mar batendo, que parecia com vozes falando uma língua misteriosa.

Xavier sentou-se apoiando as costas na rocha fria. Fiquei rondando em volta dele, sem querer adiar mais o inevitável, mas sem a menor ideia de como começar. Ambos sabíamos por que tínhamos vindo; eu tinha algo para desabafar. Imaginei que Xavier tinha pensado naquilo assim como eu, mas ele não sabia o que o aguardava.

Ficou esperando que eu falasse, mas eu tinha a boca seca. Devia ser o meu momento. Tinha planejado lhe revelar minha verdadeira identidade naquela noite. Tinha passado a semana com a sensação de que o tempo se arrastava, as horas rastejando como lesmas. Mas, chegado o momento, a sensação era de que eu estava tentando ganhar tempo. Eu parecia um ator que esquece a fala, apesar de o ensaio ter sido impecável. Sabia o que devia dizer, mas esquecera como, que gestos usar, a hora certa de falar. Fiquei andando de um lado para o outro na areia, torcendo as mãos e me perguntando por onde começar. Apesar da temperatura agradável da noite, eu tremia. Minha hesitação começava a incomodar Xavier.

— Seja o que for, Beth, fale logo. Eu enfrento.

— Obrigada, mas é um pouco mais complicado que isso. Eu tinha repetido a cena mentalmente mais de cem vezes, mas as palavras murchavam na minha língua.

Xavier se levantou e pôs as duas mãos nos meus ombros tentando me tranquilizar.

— O que quer que você tenha para me contar não vai mudar minha opinião sobre você. Isso é impossível.

— Por quê?

— Não sei se você reparou, mas sou louco por você.

— É mesmo? — disse eu, feliz com a declaração, que me desviou do assunto.

— Vai me dizer que você não tinha notado? Isso não é bom. Vou ter que ser mais explícito no futuro.

— Isso se você ainda quiser que a gente tenha um futuro depois dessa noite.

— Quando me conhecer melhor você vai saber que não sou de fugir. Custo a me decidir sobre alguém, mas, quando me decido, não desgrudo mais.

— Mesmo quando percebe que tomou a decisão errada?

— Não acho que eu esteja errado em relação a você.

— Como pode dizer isso quando não sabe o que estou para lhe contar? — murmurei. Xavier abriu os braços, como se me convidando a dizer a verdade.

— Então deixa eu provar para você.

— Não posso — disse eu com a voz embargada. — Estou com medo. E se você nunca mais quiser me ver?

— Isso não vai acontecer, Beth — disse ele com mais contundência. Baixou o tom de voz e falou num tom sério. — Sei que é difícil para você, mas vai ter que confiar em mim.

Olhei nos olhos dele, que mais pareciam dois lagos azuis, e vi que ele estava certo. Confiei nele.

— Primeiro me diga uma coisa. Qual foi a situação mais assustadora pela qual você já passou? Xavier pensou um pouco.

— Bem, estar no alto de uma descida de rapel de trinta metros foi bem apavorante, e, numa viagem com o time oficial sub-14 de polo aquático, quebrei uma das regras, e o treinador Benson me tirou da piscina. Ele é um cara bastante assustador quando quer, e me deu a maior bronca. Fiquei suspenso do jogo contra Creswell no dia seguinte.

Pela primeira vez, fiquei impressionada com a inocência humana de Xavier. *Se essa era sua definição de experiência assustadora, quais eram as chances de*

ele sobreviver à bomba que eu estava prestes a jogar.

— Só isso? — perguntei. As palavras saíram num tom mais áspero do que eu pretendia. — Esse foi o seu momento mais apavorante?

Ele me olhou nos olhos.

— Bem, acho que posso incluir a noite em que recebi um telefonema dizendo que minha namorada tinha morrido num incêndio. Mas não estou muito a fim de falar nisso...

— Sinto muito.

Olhei para o chão. Não podia acreditar que tinha sido tão burra a ponto de me esquecer de Emily. A perda, o luto e a dor que Xavier conhecia eram totalmente desconhecidos para mim.

— Não sinta. — Ele pegou minha mão. — Apenas me escute. Vi a família dela depois do acontecido; estavam todos em pé parados na rua, e por um momento achei que estava tudo bem. Esperei ver a Emily com eles. Estava pronto para consolá-la. Mas quando vi a expressão da mãe dela, como se ela já não tivesse razão para viver, percebi. Não era só a casa deles que tinha ido embora: Emily também tinha.

— Que coisa terrível — murmurei, sentindo os olhos cheios d'água. Xavier afastou as lágrimas com o polegar.

— Não estou contando isso para angustiar você — disse. — Estou contando porque quero que saiba que você não vai me assustar. Pode me contar qualquer coisa. Não vou fugir.

Então respirei fundo e comecei o discurso que mudaria nossas vidas para sempre.

— Quero que saiba que, se ainda me quiser depois dessa noite, nada vai me deixar mais feliz. — Xavier sorriu e fez menção de se aproximar de mim, mas eu o detive. — Deixe primeiro eu terminar. Vou tentar explicar da melhor maneira possível.

Ele fez que sim com a cabeça, cruzou os braços e prestou total atenção. Por uma fração de segundo, eu o vi como um aluno aplicado na primeira carteira, aguardando as instruções e ansioso por agradar o professor.

— Sei que isso pode parecer loucura — disse eu —, mas quero que você me observe enquanto ando. Vi que ele ficou um pouco confuso, mas não questionou.

— Tudo bem.

— Mas não olhe para mim, olhe para a areia sob os meus pés.

Sem tirar os olhos do seu rosto, andei devagar descrevendo um círculo em

volta dele.

— O que notou? — perguntei.

— Você não deixa pegadas — respondeu Xavier, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Legal esse truque, mas você provavelmente precisa comer mais.

— Por enquanto, tudo bem — ele não se surpreendia com facilidade. Dei um sorriso sombrio e sentei-me ao seu lado, virando o pé para ele poder ver a sola. A pele macia cor de pêssego estava intacta.

— Cortei o pé ainda há pouco...

— Mas não tem nenhum corte — disse Xavier, franzindo a testa. — Como isso... Antes que ele pudesse terminar, peguei sua mão e a coloquei na minha barriga.

— Percebe a diferença? — perguntei, num tom levemente brusco.

Os dedos dele percorreram delicadamente o meu abdome. Sua mão parou quando chegou ao centro, e ele apertou de leve, o polegar procurando o meu umbigo.

— Você não vai achar — disse eu, antes que ele pudesse falar. — Eu não tenho.

— O que aconteceu com você? — perguntou Xavier. Ele deve ter imaginado que eu sofrerá algum acidente do qual nunca me recuperara por completo.

— Nada aconteceu comigo; essa é quem eu sou.

Quase dava para vê-lo tentando encaixar as peças na sua cabeça.

— E quem é você? — Falou quase num sussurro.

— Já vou lhe mostrar. Se importa de fechar os olhos? E só abra quando eu disser.

Quando tive certeza de que ele estava com os olhos bem fechados, subi de três em três os degraus íngremes da face do penhasco. Fui andando na ponta dos pés até chegar à borda do precipício, com Xavier lá embaixo. O chão era acidentado e irregular, mas consegui me equilibrar. Era um salto de mais ou menos trinta metros, mas a altura não me intimidou. Só torcia para conseguir executar meu plano. Sentia o coração palpitando, quase dando cambalhotas no meu peito. Ouvia duas vozes gritando uma com a outra na minha cabeça.

"O que está fazendo?", gritava uma. *"Perdeu a cabeça? Desça já e vá para casa! Não é tarde demais para fazer a coisa certa!"* A outra voz tinha ideias diferentes. *"Já chegou aqui", dizia, "não pode recuar agora. Sabe o quanto quer — você nunca ficará com ele se não fizer isso. Ótimo, seja covarde e vá embora,*

deixe que ele siga em frente e a esqueça de uma vez. Espero que curta a solidão eterna."

Tapei a boca com a mão para me impedir de gritar de frustração. Não adiantava estender aquilo ainda mais. Já tinha tomado minha decisão.

— Pode abrir os olhos — gritei para Xavier.

Quando abriu, olhou em volta surpreso de não me achar, e então virou o pescoço para cima. Acenei quando ele me viu.

— O que está fazendo aí em cima? — Ouvi um tom de pânico na sua voz. — Beth, isso não tem graça. Desça já, antes que se machuque.

— Não se preocupe, vou descer — disse eu. — Do meu jeito.

Dei um passo à frente, de modo a ficar na beiradinha do precipício, e me equilibrei na ponta dos pés. A rocha irregular arranhava minha pele, mas eu mal podia notar. Já tinha a sensação de estar voando e, mais que tudo, queria sentir o vento nos cabelos novamente.

— Pare com isso, Beth! Não se mexa, vou aí pegar você! — ouvi Xavier gritar, mas já não prestava atenção ao que ele dizia. Quando o vento agitou minhas roupas, abri os braços e deixei meu corpo cair do penhasco.

Se fosse humana, sentiria o estômago subir até a garganta, mas a queda só fez meu co ração disparar e meu corpo vibrar de euforia. Mergulhei rumo ao chão, me deleitando com o ar batendo no rosto. Xavier gritou e correu para me apanhar, mas seus esforços foram em vão. Esta era uma hora em que eu não precisava ser socorrida. A meio caminho do chão, abaixei os braços e deixei a transformação ocorrer. Uma luz ofuscante disparou de dentro de mim, iluminando todos os meus poros e fazendo meu corpo brilhar como metal em brasa. Vi Xavier proteger os olhos e recuar. Senti as asas irromperem de trás dos meus ombros. Elas atravessaram minha blusa, arrebentando o tecido leve. Totalmente abertas, lançavam uma longa sombra na areia, como se eu fosse uma espécie de pássaro majestoso.

Xavier se agachara, e eu sabia que a luz pulsante o estava cegando. Senti-me exposta e nua pairando ali, com as asas batendo para me segurar, mas ao mesmo tempo estava estranhamente eufórica. Sentia os tendões que ligavam as asas ao meu corpo se esticarem, pedindo para serem exercitados. Elas tinham passado muito tempo apertadas debaixo das minhas roupas. Resisti ao impulso de voar mais alto e mergulhar nas nuvens. Fiquei pairando um pouco antes de pousar delicadamente na areia. A incandescência ardente que me rodeava diminuiu no momento em que meus pés tocaram novamente a terra firme.

Xavier esfregou os olhos e piscou, tentando recuperar a visão. Finalmente,

me viu. Deu um passo para trás, aturdido, com as mãos caídas ao longo do corpo como se não soubesse o que fazer com elas. Fiquei parada na frente dele, a pele ainda brilhando. Os vestígios da minha camisa pendiam como tentáculos, e das minhas costas saía um par de asas altas, leves como uma pluma, mas que insinuavam um poder enorme. Meu cabelo ondulava atrás de mim, e sabia que a auréola luminosa acima da minha cabeça estava mais brilhante do que nunca.

— Deus do Céu, o que foi isso?! — exclamou Xavier.

— Será que dá para não dizer nome santo em vão? — pedi com delicadeza. Ele ficou me olhando, tentando achar as palavras certas. — Eu sei. — Suspirei. — Aposto que por essa você não esperava. — Fiz um sinal com a mão na direção da praia. — Pode ir embora agora se quiser.

Xavier ficou imóvel, me lançando um olhar esbugalhado. Então me rodeou lentamente, e senti seus dedos tocarem muito de leve as minhas asas. Embora parecessem pesadas, elas eram finas como pergaminho e não pesavam quase nada.

Dava para ver pela expressão dele que ele estava maravilhado com as plumas brancas e as minúsculas membranas frágeis que eram visíveis por baixo da pele translúcida.

— Uau! — exclamou ele, sem saber o que dizer. — Isso é tão...

— Estranho?

— Incrível — disse ele. — Mas o que você é? — Não pode ser...

— Um *anjo*? — disse eu. — Acertou em cheio.

Xavier esfregou o nariz como se tentando processar a informação.

— Isso não pode ser real — acabou dizendo. — Não entendo.

— Claro que não — confirmei. — Entre o seu mundo e o meu há uma distância incomensurável.

— Seu mundo? — perguntou ele incrédulo. — Isso é loucura.

— O quê?

— Isso é tudo fantasia. Simplesmente não acontece na vida real!

— Isso é real. Eu sou real.

— Eu sei — retrucou ele. — A parte mais assustadora é que acredito em você. Desculpe, preciso de um minuto...

Ele sentou na areia, o rosto contraído como se estivesse tentando solucionar um enigma impossível. Tentei imaginar o que estaria se passando em sua cabeça. Devia ser caótico. Ele devia ter muitas perguntas.

— Está zangado? — perguntei.

— Zangado? — repetiu ele. — Por que deveria estar zangado?

— Porque não lhe contei antes.

— Só estou tentando entender tudo isso — disse ele.

— Eu sei que não é fácil. Leve o tempo que precisar.

Ele ficou um bom tempo calado. O movimento convulsivo do seu peito subindo e descendo levava a crer que ele estava travando uma luta interna. Ele levantou e então passou lentamente a mão acima da minha cabeça. Sabia que seus dedos sentiriam o calor emitido pelo meu halo.

— Tudo bem, então anjos existem — cedeu ele, por fim, ralando devagar, como se tentasse explicar as coisas para si. — Mas o que você está fazendo aqui na Terra?

— Neste momento, há milhares de nós com o aspecto humano espalhados por todo o mundo — respondi. —

Fomos enviados numa missão.

— Uma missão para alcançar o quê?

— É difícil explicar. Estamos aqui para ajudar as pessoas a se ligarem umas às outras, a se amarem. — Como Xavier pareceu confuso, tentei aprofundar a explicação. — Há muita raiva no mundo, muito ódio. Isso está despertando e agitando as forças das trevas. Quando elas se desencadeiam, é quase impossível controlá-las. É nosso trabalho tentar neutralizar essa negatividade e evitar que um desastre maior aconteça. Este lugar já foi bastante afetado.

— Então você está dizendo que as coisas ruins que aconteceram aqui são decorrentes das forças das trevas?

— Em grande parte.

— E por forças das trevas você se refere ao diabo?

— Bem, aos representantes dele, pelo menos. Xavier fez menção de que ia rir, mas depois se conteve.

— Isso é loucura. Quem enviou você nessa missão?

— Achei que essa parte era óbvia. Xavier me olhou incrédulo.

— Você não quer dizer...

— Quero.

Xavier parecia abalado, como se o vento o tivesse levado pelos ares e jogado de novo contra o chão. Seus dedos cocavam o cabelo da nuca.

— Está me dizendo que Deus existe mesmo?

— Não sou autorizada a falar sobre isso — respondi, achando melhor cortar a conversa antes que ela fosse adiante.

— Algumas coisas estão além da compreensão humana. Eu teria muitos problemas se tentasse explicar isso. Não devíamos sequer pronunciar o nome

Dele. Xavier fez que sim com a cabeça.

— Mas existe vida após a morte? — perguntou. — Um paraíso?

— Sem dúvida.

— Então... — Ele esfregou o queixo pensativamente. — Se existe um paraíso, pela lógica... deve também existir...

Terminei o raciocínio dele.

— Sim, isso existe também. Mas, por favor, chega de perguntas por ora.

Xavier massageou as têmporas como se tentasse imaginar a melhor maneira de processar aquelas informações.

— Sinto muito — disse eu. — Sei que isso deve ser massacrante.

Ele ignorou minha preocupação, mais concentrado em organizar as ideias de forma mais convincente.

— Veja se entendi direito — disse ele. — Vocês são anjos numa missão para ajudar a humanidade e foram incumbidos de vir para Venus Cove?

— Na verdade Gabriel é um arcanjo — corrigi. — Mas, sim.

— Bem, isso explica por que ele é tão difícil de impressionar — disse Xavier com desenvoltura.

— Você é a única pessoa que sabe disso. Não pode pensar em dizer uma palavra sequer para ninguém.

— Para quem eu contaria? — perguntou ele. — Quem acreditaria em mim, afinal?

— Boa pergunta. Ele riu.

— Minha namorada é um *anjo* — disse ele, depois repetindo isso mais alto, mudando a ênfase e testando o som das palavras. — Minha *namorada* é um *anjo*.

— Xavier, fale baixo — alertei.

Dito em voz alta, aquilo parecia tão chocante e, no entanto, ao mesmo tempo, tão simples que eu não pude deixar de rir também. Para qualquer outra pessoa, o emprego da palavra *anjo* soaria como nada mais do que a manifestação de carinho de um adolescente apaixonado. Só nós dois entendíamos de outra forma, e agora ambos tínhamos um segredo — um segredo perigoso que nos aproximava mais do que nunca. Era como se tivéssemos acabado de selar o laço entre nós, como se tivéssemos eliminado a distância e tornado nosso vínculo definitivo.

— Estava com muito medo de que você não quisesse me conhecer quando descobrisse. — Suspirei, aliviada.

— Está brincando? — Xavier pegou uma mecha do meu cabelo e a enrolou

no dedo. — Devo ser o cara mais sortudo do mundo.

— Por quê?

— Não é óbvio? Tenho meu próprio pedacinho do Céu aqui mesmo.

Ele me envolveu nos braços, me puxando mais para perto dele. Encostei o nariz no seu peito, sentindo seu cheiro.

— Pode me prometer não fazer muitas perguntas?

— Se você responder a pelo menos uma — respondeu Xavier. — Acho que isso faz de nós um grande... Terminou a frase agitando o dedo e estalando a língua. Fiquei feliz de ver que o choque passara e ele estava agindo de modo um pouco mais natural.

— Não só grande — disse eu. — O maior.

— Não se preocupe, Beth. Adoro um desafio.

15
A Aliança

— Então, o que acontece agora? — perguntou Xavier.

— Como assim?

— Agora que sei sobre você?

— Honestamente, não sei. Nunca tivemos uma situação assim antes — admiti.

— Então ser anjo não significa... — Ele hesitou.

— Não significa que eu tenha resposta para tudo — concluí por ele.

— Só presumi que isso poderia ser uma das vantagens.

— Infelizmente não.

— Bem, me parece que, desde que ninguém saiba, você não corre perigo. E quando se trata de segredos, sou um túmulo. Pergunte aos meus amigos.

— Sei que posso confiar em você. Mas tem mais uma coisa que você precisa saber. — Fiz uma pausa.

Esta era a parte mais difícil — mais difícil do que tudo o que eu acabara de fazer.

— Tudo bem...

Xavier pareceu estar se preparando dessa vez.

— Você tem que entender que, mais cedo ou mais tarde, essa missão vai terminar, e vamos voltar para casa.

— Por casa você quer dizer... — Ele olhou para o céu.

— Exatamente.

Embora ele já devesse esperar a resposta, seu rosto de repente ficou tenso. Seus olhos azuis escureceram, e sua boca se contraiu como se estivesse zangado.

— Se for embora, você volta algum dia? — perguntou ele com a voz embargada.

— Acho que não — respondi calmamente. — Mas, se voltar, não é provável que seja logo e nem para o mesmo lugar.

— Seu corpo inteiro se contraiu ao meu lado.

— Então você não tem escolha? — disse ele com uma voz incrédula. — O que aconteceu com o livre-arbítrio?

— Esse direito foi concedido à humanidade, lembra? Não vale para nós. Escute, se tem um jeito de eu ficar, ainda não descobri qual é. Quando vim para

cá, sabia que não seria definitivo, que um dia teríamos que ir embora. Mas não esperava encontrar você, e agora que encontrei...

— Bem, você não pode ir — disse Xavier simplesmente.

Pelo seu tom ele poderia estar dando a previsão do tempo: Hoje haverá pancadas de chuva ao fim do dia. Falava com uma confiança que desafiava qualquer um que contestasse a decisão.

— Sinto a mesma coisa — disse eu, pressionando os dedos nos seus ombros numa tentativa de aliviar sua visível tensão —, mas não depende de mim.

— É a sua vida — argumentou Xavier.

— Não, isso não é totalmente verdade. Estou mais ou menos emprestada.

— Então só teremos que renegociar os termos do empréstimo.

— E como acha que dá para fazer isso? Não é como dar um telefonema.

— Deixe eu pensar no assunto.

Tinha que admitir que a determinação dele era impressionante e tipicamente humana. Cheguei mais perto para me aconchegar nos seus braços.

— Não vamos falar mais nisso esta noite — sugeri, tentando não estragar o momento discutindo coisas que não podíamos mudar. Por ora, era suficiente ele querer que eu ficasse e se preparar para desenvolver poderes que não tinha para fazer isso acontecer. — Estamos aqui juntos, agora, não vamos nos preocupar com o futuro. Certo?

Xavier fez que sim com a cabeça e correspondeu quando encostei os lábios nos dele. Pouco depois, a tensão pareceu se desvanecer e nos deitamos na areia. Eu sentia os contornos dos nossos corpos se encaixando perfeitamente. Os braços dele envolviam minha cintura enquanto eu corria os dedos por seu cabelo macio e afagava seu rosto. Nunca tinha beijado ninguém antes dele, e era como se outro ser tivesse se apossado do meu corpo — um ser que sabia exatamente o que fazia. Inclinei a cabeça para cobri-lo de beijos, da mandíbula, passando pela nuca e indo até seu ombro. Ele parou de respirar um instante. Suas mãos vieram segurar meu rosto, acariciando meu cabelo e colocando-o atrás das minhas orelhas.

Eu não sabia ao certo quanto tempo ficamos daquele jeito, enroscados na areia, ora abraçados, ora olhando a lua ou os penhascos. Tudo o que eu sabia era que, quando me dei conta da hora, havia passado mais tempo do que eu pensara. Levantei-me, limpando a areia da roupa e do corpo.

— Está ficando tarde — disse eu. — Tenho que ir para casa.

A pose de Xavier, esparramado na areia, com o cabelo castanho despenteado e um meio sorriso sonhador nos lábios, era tão encantadora que

fiquei tentada a deitar ao lado dele novamente. Mas consegui me conter e virar para voltar pelo mesmo caminho pelo qual tínhamos vindo.

— Ei, Beth — disse Xavier se levantando. — Talvez você queira, hã... se cobrir.

Custei um pouco a perceber que as asas ainda estavam aparecendo por baixo da blusa rasgada. — Ah, certo, obrigada!

Ele me jogou seu moletom, que enfiei pela cabeça. Era grande demais para mim, batia nas coxas, mas era quente, confortável e tinha o cheiro delicioso dele. Quando afinal nos separamos, fui correndo pelo resto do caminho até em casa, como se ele continuasse ao meu lado. Eu sabia que dormiria com o moletom naquela noite e ficaria com o cheiro na memória.

Quando cheguei ao quintal invadido pelo mato da Byron, passei os dedos apressadamente pelo cabelo e endireitei a roupa, tentando dar mais a impressão de ter feito um passeio inocente com amigos do que tendo um encontro amoroso secreto ao luar. Então, joguei-me no pesado balanço de madeira, que rangeu com meu peso. Encostei o rosto na corda áspera presa no galho nodoso do carvalho e olhei para a casa. Pela janela, dava para ver a sala, onde meus irmãos estavam sentados com a luz acesa, Ivy tricotando um par de luvas e Gabriel dedilhando o violão. Olhando para eles, senti o gelo da culpa tomar meu peito.

Era lua cheia, e uma luz azulada inundava o jardim, iluminando uma estátua caindo aos pedaços que havia no meio da grama crescida. Era de um anjo severo, olhando para o céu, as mãos juntas no peito num gesto de devoção. Gabriel a considerava uma réplica medíocre e um tanto ofensiva, mas Ivy dizia que era simpática.

Particularmente, eu sempre a achara meio sinistra. Não sabia ao certo se era a luz me pregando uma peça ou apenas minha imaginação, mas, quando olhei para a estátua no escuro, julguei ter visto seus dedos se contraírem num gesto de acusação e seus olhos se virarem para mim.

A ilusão durou só um segundo, o suficiente para eu saltar do balanço, que bateu no tronco da árvore fazendo barulho. Antes que pudesse tornar a examinar o anjo para avaliar meu estado de sanidade, fui distraída pelo barulho das portas de vidro se abrindo. Ivy saiu para o deque parecendo um fantasma. O luar iluminava sua pele alva, destacando as veias azuladas dos seus braços e do seu peito.

— Bethany, é você? — A voz dela era doce, e a expressão no seu rosto, dolorosamente confiante. Meu estômago se contorceu, e fiquei enjoada. Ela viu metade do meu corpo coberto pela sombra da árvore. — O que está fazendo aí?

Venha para dentro.

Tudo era tranquilizadoramente familiar na casa: a luz amarela do abajur refletia no assoalho, a cama de Phantom com estampa de patas estava no lugar de sempre, ao lado do sofá, e a seleção de livros de arte clássica e revistas de decoração cuidadosamente organizada por Ivy estava sobre a mesa de centro.

Gabriel ergueu os olhos quando entrei.

— A noite foi boa? — perguntou com um sorriso.

Tentei sorrir de volta, mas estava com os músculos da face paralisados. Tinha a sensação de que o peso do que eu fizera me pressionava, como uma onda quebrando em cima de mim, forçando minha cabeça a mergulhar na água e não me deixando respirar. Quando estava com Xavier, era fácil esquecer que havia qualquer outro lugar no mundo, que devia fidelidade a qualquer outra pessoa.

Não me arrependi de revelar a verdade a ele, mas odiava subterfúgios, especialmente envolvendo minha família. Tinha medo da reação dos meus irmãos quando descobrissem o que eu havia feito. Será que teriam a capacidade de entender por que eu fizera aquilo? Mas, acima de tudo, eu temia que os poderes no Céu encerrassem nossa missão ou ordenassem a minha volta imediata. De uma forma ou de outra, eu seria afastada da Terra, afastada da pessoa que mais importava para mim.

Gabriel deve ter reparado que eu usava o moletom de Xavier, mas não fez nenhum comentário. Embora parte de mim quisesse confessar tudo no ato, me forcei a ficar calada. Pedi desculpas pelo atraso, disse que estava cansada e pedi licença para ir deitar, recusando o leite com chocolate e os biscoitos que Ivy fizera naquela tarde.

Quando cheguei ao pé da escada, Gabriel me chamou, e esperei enquanto ele vinha a mim. Meu coração palpitava no peito. Meu irmão era assustadoramente observador, e eu tinha certeza de que ele notara que eu estava diferente. Esperava que ele examinasse o meu rosto, fizesse perguntas constrangedoras ou alguma acusação, mas tudo o que ele fez foi pôr a mão com os anéis frios de metal na minha bochecha e me dar um beijo na testa. Seu rosto perfeito parecia tran¬qüilo naquela noite. Seu cabelo louro escapava do elástico em que ele às vezes o prendia. Seus olhos cor de chuva tinham perdido um pouco da severidade, e ele me olhava com amor fraternal.

— Estou orgulhoso de você, Bethany — disse. — Você progrediu em pouquíssimo tempo e está aprendendo a tomar decisões melhores. Leve Phantom para cima com você. Ele estava nervoso com a sua ausência.

Usei toda a minha determinação para conter as lágrimas.

Já deitada com o corpo quente de Phantom ao meu lado, deixei as lágrimas rolarem. Jurava que podia sentir as mentiras deslizando pelo corpo como cobras, se enroscando em mim e me apertando. Senti que espremiam o ar para fora dos meus pulmões, e apertavam meu coração. Além da culpa que corria em minha corrente sangüínea como um veneno, havia também um medo terrível. Será que, quando acordasse, continuaria na Terra? Não sabia. Quis rezar, mas não consegui. Estava muito envergonhada para falar com Nosso Pai após os pecados que eu cometera. Só tinha guardado o segredo por algumas horas e já estava esgotada.

Junto com a culpa e a vergonha, eu sentia uma raiva latente da ideia de não ser dona do meu próprio destino. Xavier pusera isso na minha cabeça. Alguém decidiria minha relação com ele, e o pior era que eu não sabia quando isso aconteceria. Meu tempo na Terra vinha com data de validade desconhecida. E se nem ao menos eu conseguisse me despedir dele? Joguei longe as cobertas, mesmo me sentindo gelada. Não conseguiria imaginar uma existência sem Xavier. Não queria imaginar.

Horas depois, minha cabeça ainda fervilhava com pensamentos, e tudo continuava na mesma, a não ser por meu travesseiro encharcado de lágrimas. Meu sono ia e voltava. Às vezes, me sentava na cama, procurando no escuro pelo sinal de algo ou de alguém que tivesse vindo infligir meu castigo. A mim pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor. Houve um momento em que acordei e vi uma figura encapuzada que imaginei ter vindo em busca de vingança, mas depois vi que era só meu casaco pendurado num cabide ao lado da porta. Fiquei com medo de fechar os olhos depois disso, como se fosse ficar mais vulnerável se o fizesse. Era irracional me sentir daquele jeito. Sabia que, se viessem me buscar, não faria a menor diferença eu estar dormindo ou acordada. Eu continuaria absolutamente impotente.

Quando amanheceu, vi que, psicologicamente, eu estava em frangalhos. Quando lavei o rosto e me olhei no espelho, constatei que fisicamente também. Minha pele pálida estava ainda mais branca, e minhas olheiras, mais fundas. Naquele estado, eu até me parecia, em parte, com um anjo caído em desgraça.

Quando encontrei a cozinha vazia, vi logo que havia alguma coisa errada. Não me lembrava de uma manhã sequer em que Gabriel não estivesse à minha espera com o café já sendo preparado. Eu lhe dissera várias vezes que podia prepará-lo eu mesma, mas, como um irmão coruja, ele insistia que gostava de fazer isso. Hoje a mesa estava vazia, e a cozinha, em silêncio. Eu disse a mim

mesma que aquilo nada mais era senão um pequeno desvio da rotina. Fui à geladeira para pegar um copo de suco de laranja, mas minhas mãos tremiam tanto que derramei metade na bancada. Peguei uma toalha de papel e limpei a bagunça, lutando contra o medo que apertava minha garganta.

Senti a presença de Ivy e Gabriel antes de ouvi-los entrar. Os dois estavam juntos parados no portal, unidos numa con¬denação silenciosa, com os rostos imóveis e sem expressão. Eu não precisava que eles dissessem as palavras em voz alta. Eles sabiam. Teria sido minha agitação que me traíra? Eu já devia ter esperado aquela reação, mas ainda assim ela doía como um tapa no rosto. Por vários minutos, não consegui dizer uma palavra. Queria correr e esconder o rosto na camisa de Gabriel, implorar por perdão e sentir seus braços em volta de mim; mas sabia que não encontraria consolo ali. Embora os anjos fossem vistos como infinitamente amorosos e misericordiosos, eu sabia que havia outro lado, que podia ser severo e implacável. O perdão era reservado aos humanos. Eles sempre eram isentos das responsabilidades. Tínhamos propensão a infantilizá-los, a concluir que os "pobres coitados" não sabiam o que faziam. Mas de mim se esperava mais. Eu não era humana, era um deles, e não havia desculpa.

Não se ouvia nenhum ruído, a não ser os pingos da torneira na pia e minha respiração descompassada. Não conseguia aguentar o silêncio. Teria sido mais fácil se eles tivessem esbravejado diretamente, me censurado ou me expulsado de casa; qualquer coisa, menos aquele silêncio ensurdecedor.

— Sei como isso deve parecer para vocês, mas tive que contar a ele! — desabafei.

A expressão de Ivy se congelou numa máscara de horror, mas a de Gabriel estava impassível.

— Sinto muito — continuei. — Não posso evitar sentir o que sinto por ele. Ele significa muito para mim. Ninguém disse nada.

— Por favor, digam alguma coisa — implorei. — O que vai acontecer agora? Vamos ser chamados de volta ao Reino? Nunca mais vou vê-lo.

Desatei a soluçar sem derramar lágrimas e me agarrei à bancada para me apoiar. Nenhum dos meus irmãos fez menção de me consolar. Eu não os culpava. Foi Gabriel quem quebrou o silêncio. Voltou aqueles olhos cor de aço, incandescentes, em minha direção. Quando falou, dava para ouvir a raiva que inundava sua voz.

— Tem alguma ideia do que você fez? — perguntou. — Percebe o perigo em que nos colocou?

A raiva dele estava aumentando, os sinais eram evidentes. Lá fora, um

vento forte começou a soprar, chacoalhando as vidraças das janelas e derrubando um copo da bancada, fazendo-o quebrar em pedacinhos. Ivy pôs as mãos nos ombros de Gabriel. Seu toque fez Gabriel voltar um pouco a si, e ele deixou que ela o conduzisse para a mesa, onde se sentou de costas para mim. Seus ombros subiam e desciam enquanto ele tentava controlar a raiva. Onde estava sua paciência infinita?

— Por favor — disse eu, num tom pouco acima de um sussurro. — Isso não justifica, mas acho...

— Não diga isso. — Ivy virou-se para mim com uma expressão de advertência. — Não diga que o ama.

— Quer que eu minta para vocês? — perguntei. — Já tentei não me sentir assim, tentei mesmo, mas ele não é igual aos outros humanos. É diferente... ele entende.

— Entende? — Gabriel tinha a voz trêmula, muito diferente de sua calma habitual. Eu sempre achara que nada poderia tirá-lo do sério. — Pouquíssimos mortais ao longo da história chegaram perto de entender o divino. Está sugerindo que seu amigo de escola é um deles?

Eu me encolhi. Nunca ouvira Gabriel falar naquele tom antes.

— O que posso fazer? — perguntei baixinho, as lágrimas correndo soltas pelo rosto. — Estou apaixonada por ele.

— Pode até estar, mas seu amor é inútil — disse Gabriel, inflexível. — É seu dever mostrar compreensão e compaixão por toda a humanidade, mas seu carinho exclusivo por esse garoto é errado. Vocês são de mundos diferentes. É inadmissível. Você pôs em risco a sua vida e a dele.

— A dele? — perguntei, em pânico. — Como assim?

— Calma, Gabriel — disse Ivy. Ela apertou seu ombro. — Essa situação surgiu e tem que ser enfrentada.

— Preciso saber o que vai acontecer! — exclamei. — Será que vão nos chamar de volta ao Reino? Por favor, tenho o direito de saber.

Eu odiava ser vista tão desesperada, tão completamente fora de controle, mas sabia que, se quisesse evitar que meu mundo desmoronasse, Xavier teria que continuar nele.

— Me parece que você renunciou a quaisquer direitos que tivesse. Só há uma coisa que pode ser feita — disse Gabriel.

— O quê? — perguntei, tentando conter a histeria.

— Preciso falar com a Aliança.

Eu sabia que ele se referia ao círculo de arcanjos que eram chamados para

intervir só nas situações mais extremas. Eles eram os mais sábios e mais poderosos da nossa espécie, abaixo apenas do Nosso Criador. Gabriel obviamente sentia que precisava de reforços.

— Vai explicar como aconteceu? — perguntei.

— Não vai ser preciso — respondeu Gabriel. — Eles já vão saber.

— Então, o que vai acontecer?

— Eles darão o veredicto, e nós obedeceremos.

Sem dizer mais nada, Gabriel saiu imponentemente da cozinha, e, pouco depois, ouvimos a porta de entrada se fechar atrás dele.

† † †

A ESPERA FOI EXCRUCIANTE. Ivy preparou xícaras de chá de camomila e sentou-se comigo na sala, mas parecia que uma nuvem negra tinha descido sobre nós. Estávamos na mesma sala, mas um oceano nos separava. Phantom também ficou incomodado, sentindo que as coisas não estavam certas, e enterrou o focinho no meu colo. Tentei bloquear a ideia de que, dependendo do veredicto, também poderia nunca mais vê-lo.

Não sabíamos aonde Gabriel tinha ido, mas Ivy disse que o mais provável é que fosse algum lugar desolado e ermo onde pudesse se comunicar com os arcanjos sem interferência humana. Era quase como usar internet sem fio — a gente tinha que encontrar o melhor lugar para se conectar e, quanto menor o número de humanos em volta, melhor a conexão. Gabriel precisava de algum canto onde pudesse meditar facilmente e entrar em contato com as forças no Universo.

Eu não sabia muito sobre os outros seis no arco de Gabriel. Só os conhecia de nome e pela reputação que tinham. Perguntei-me se algum deles simpatizaria com a minha causa.

Miguel era o líder do arco. Era o Príncipe da Luz, o anjo da virtude, da honestidade e da salvação.

Diferentemente dos outros, Miguel era o único que fazia serviços como Anjo da Morte. Rafael era conhecido como a Medicina de Deus, porque era um curador e seu dever era supervisionar o bem-estar físico daqueles sob seus cuidados na Terra. Era tido como o mais carinhoso dos arcanjos. Uriel era considerado o Fogo do Senhor, uma vez que era o anjo da punição, e foi um dos convocados para devastar Sodoma e Gomorra. Raguel tinha a função de velar sobre os outros no arco e assegurar que eles agissem de acordo com o código

estabelecido pelo Senhor. Anjo do sol, Zeraquiel mantinha vigilância constante sobre o Céu e a Terra. Ramiel tinha que inspecionar as visões divinas concedidas aos eleitos na Terra. Era também seu dever levar as almas a julgamento quando a hora delas chegasse.

E, naturalmente, havia Gabriel. Ele era conhecido como o Herói de Deus, guerreiro-chefe do Reino, e dizia-se que se sentava à esquerda do Pai. Mas, diferentemente dos outros, que eram distantes, eu via Gabriel como meu irmão, meu protetor e amigo. Um ditado sobre a força dos laços de sangue me vinha à cabeça. Era assim que me sentia em relação a Gabe e Ivy — éramos do mesmo espírito. Esperava não ter destruído esse laço com um único ato imprudente.

— O que acha que eles vão dizer? — perguntei a Ivy pela quinta vez suspirando.

— Honestamente não sei, Bethany. — A voz dela soava distante. — Recebemos instruções claras de não nos expor. Como ninguém esperava que essa regra fosse quebrada, as consequências nunca foram discutidas.

— Você deve me odiar — disse eu baixinho. Ela olhou para mim.

— Não posso fingir entender o que você estava pensando — retrucou ela. — Mas você ainda é minha irmã.

— Sei que não posso justificar o que fiz.

— Sua encarnação é diferente da nossa. Você sente tudo com muito afinco. Para nós, Xavier é como qualquer outro ser humano; para você, é uma coisa completamente diferente.

— Ele é tudo.

— Isso é errado.

— Eu sei.

— Fazer de uma pessoa o centro do seu mundo sempre acaba em desastre. Há muitos fatores que não podem ser controlados.

— Eu sei — repeti com um suspiro.

— Há alguma chance de você renunciar aos seus sentimentos? — perguntou Ivy. — Ou isso está fora de questão?

Fiz que não com a cabeça.

— É tarde demais.

— É o que achei que você diria.

— Por que sou tão diferente? — perguntei um instante depois. — Por que tenho esses sentimentos? Você e Gabe podem mandar no que sentem. Já eu pareço não ter o menor controle.

— Você é jovem — disse Ivy lentamente.

— Não é isso. — Torci as mãos. — Deve haver mais alguma coisa.

— Sim — concordou minha irmã. — Você é mais humana que qualquer anjo que já tenha conhecido. Se identificou muito com a Terra. Seu irmão e eu sentimos falta do nosso mundo. Este lugar é estranho para nós. Mas você... você se encaixa nele. É como se seu lugar sempre tivesse sido aqui.

— Por quê? — perguntei. Minha irmã balançou a cabeça.

— Não sei.

Por um momento, captei um olhar nostálgico em seu rosto, e me perguntei se, no fundo, ela desejava poder entender meu amor ardente por Xavier. Mas o olhar desapareceu antes que eu pudesse me fixar nele.

— Acha que Gabriel algum dia vai me perdoar?

— Nosso irmão habita um plano de existência diferente — explicou Ivy, — Não está acostumado a lidar com o erro. Acha que as falhas que você cometeu se tornam as dele. Vai considerar isso um fracasso dele, não seu. Consegue entender isso?

Assenti com a cabeça e não me dei ao trabalho de fazer outras perguntas. Não havia nada a fazer senão aguardar, e isso podíamos fazer em silêncio.

Os segundos passavam lentamente, e os minutos viravam horas. Meu medo aumentava e desaparecia em intervalos variados, como ondas num oceano. Eu sabia que, se voltasse ao Reino, estaria novamente com meus irmãos, mas ao mesmo tempo sozinha, com o resto da eternidade para desejar o que tivera na Terra. Isso se eu fosse readmitida no Reino. Nosso Criador, apesar de generoso e amoroso, não reagia bem a desafios. Havia uma chance de eu ser excomungada. Recusava-me a imaginar como poderia ser o Inferno. Já tinha ouvido histórias, e isso era o suficiente. Dizia a lenda que os pecadores eram pendurados pelas pálpebras, queimados, torturados, esquartejados e costurados novamente. Diziam que o lugar fedia a carne tostada e cabelo chamuscado e que os rios eram de sangue. Obviamente, eu não acreditava em nada daquilo, mas a ideia me dava arrepios.

Eu sabia que muita gente na Terra não acreditava que existisse um lugar como o Inferno, mas essas pessoas não tinham noção de como estavam enganadas. Anjos como eu não faziam ideia de como era o Inferno, mas eu sabia que não queria descobrir. Um arcanjo como Gabriel saberia mais sobre o reino das trevas, mas era proibido de tocar no assunto.

Dei um pulo quando ouvi a porta da frente bater, e meu coração disparou. Dentro de instantes Gabriel estava parado diante de nós, com os braços cruzados no peito e o rosto aflito, mas impenetrável como sempre. Ivy se levantou e foi

para o seu lado, não demonstrando estar ansiosa para ouvir o veredicto.

— O que foi decidido? — perguntei, não suportando mais o suspense.

— A Aliança lamenta ter indicado Bethany para essa missão na Terra — disse Gabriel, com os olhos penetrantes focados em mim. — Esperava-se mais de um anjo desse escalão.

Comecei a tremer. Pronto: estava tudo acabado. Eu ia voltar para o lugar de onde viera. Considerei sair correndo, mas era inútil. Não havia um canto sequer da Terra em que pudesse me esconder. Fiquei de pé, inclinei a cabeça e segui em direção à escada.

Gabriel apertou o olhar.

— Aonde pensa que vai?

— Vou me preparar para partir — respondi, tentando encontrar forças para olhá-lo nos olhos.

— Partir para onde?

— Para casa.

— Bethany, você não vai para casa. Nenhum de nós vai — disse ele. — Você não me deixou terminar. O desapontamento com seus atos é grande, mas a sugestão da Aliança de abortar a missão foi recusada. Fiquei perplexa.

— Por quem?

— Por um poder superior.

Agarrei-me com toda força a esse raio de esperança.

— Quer dizer que vamos ficar? Não vão me levar embora?

— Parece que o investimento nessa missão foi muito grande para permitir que ela seja encerrada devido a um contratempo menor. Portanto, a resposta é sim, vamos ficar.

— E Xavier? — perguntei. — Estou autorizada a vê-lo?

Gabriel pareceu irritado, como se a decisão tomada a esse respeito fosse absolutamente irrelevante.

— Está autorizada a continuar saindo com o garoto enquanto estivermos aqui. Como ele já sabe da nossa identidade, proibir você de vê-lo poderia complicar ainda mais as coisas.

— Ah, obrigada! — comecei, mas Gabriel me interrompeu.

— A decisão não foi minha, então não mereço nenhum agradecimento. Ficamos calados por vários minutos, até que me aventurei a quebrar o silêncio.

— Por favor, não fique zangado comigo, Gabriel. Na verdade, você tem todo o direito de estar zangado, mas pelo menos entenda que não fiz isso por mal.

— Não estou interessado em ouvir o que você tem a dizer, Bethany. Você tem o seu namorado, se dê por satisfeita.

Ele virou as costas para mim. Em seguida, senti o toque reconfortante de Ivy em meus ombros. Em instantes, passei de um estado de espírito cataclísmico a outro nada mais que rotineiro, o que confirmava, mais categoricamente do que qualquer coisa que Gabriel pudesse dizer, que continuaríamos na Terra.

— Preciso ir ao supermercado — disse Ivy. — Uma ajudinha seria boa. Olhei para Gabriel esperando a aprovação.

— Vá ajudar Ivy — disse ele num tom mais agradável, com uma ideia vindo à cabeça. — Vamos ser quatro para jantar hoje.

16
Laços de Família

A declaração de Gabriel de que Xavier teria a honra de ser o nosso primeiro convidado para jantar me deixou desconfiada. Eu não podia deixar de questionar o motivo por trás do convite. Até então, os únicos sentimentos que Gabriel tinha Manifestado em relação a Xavier oscilavam entre o desdém e a indiferença.

— Por que está convidando o Xavier para jantar? — perguntei.

— Por que não? – retrucou Gabriel. — Ele sabe a nosso respeito, portanto não vejo mal nenhum nisso. Além do mais, há algumas regras básicas que precisamos deixar claras.

— Por exemplo...?

— Por exemplo, a importância da confidencialidade, para início de conversa.

— Você não conhece o Xavier. Ele é tão discreto quanto eu — garanti, percebendo a ironia assim que terminei de falar.

— Bem, isso não inspira muita confiança, inspira? — comentou Gabriel.

— Não se preocupe, Bethany, só queremos conhecê-lo — disse Ivy, me dando um tapinha maternal no braço. Olhou deliberadamente para Gabe. — Queremos que ele se sinta à vontade. Se vamos confiar nele, ele tem que ser capaz de confiar em nós.

— E se ele estiver ocupado hoje à noite? — me esquivei.

— Não vamos saber se você não o convidar — retrucou Gabriel.

— Nem tenho mais o telefone dele.

Gabriel foi a um armário no hall e voltou com um catálogo pesado, que jogou sem cerimônia em cima da mesa.

— Garanto que é possível encontrá-lo aqui — afirmou num tom sinistro.

Como estava evidente que Gabriel não seria dissuadido da idéia, não discuti mais e fui me arrastando ligar para Xavier. O único protesto que fiz foi me certificar de subir a escada batendo o pé e fazendo o máximo de barulho possível. Nunca tinha ligado para a casa de Xavier, e uma voz desconhecida atendeu.

— Alô, Claire falando.

A voz era segura e extremamente educada. No fundo, estava torcendo para que ninguém atendesse. Se havia uma coisa que eu achava que poderia afugentar

Xavier, era uma noite com a minha família bizarra. Cogitei desligar o telefone e dizer a Gabriel que eu não conseguira falar, mas sabia que isso pouco adiantaria. Ele saberia que eu estava mentindo e me faria ligar de novo. Ou pior, poderia dizer que ele mesmo ia ligar.

— Alô, aqui é Bethany Church – disse eu, com uma voz tão mansa que quase não me reconheci. – Posso falar com o Xavier?

— Claro – respondeu a menina. — Já vou chamar. — Ouvi o fone sendo apoiado em uma superfície, depois a voz dela chamando pela casa. — Xavier! Telefone!

Escutei um farfalhar e depois crianças brigando. Finalmente, ouvi passos e a voz sonhadora de Xavier ecoou na linha.

— Alô.

— Oi, sou eu.

— Oi, eu. — O tom da voz dele subiu um pouco. — Está tudo bem?

— Bem, depende do ponto de vista — respondi.

— O que aconteceu, Beth? — Sua voz de repente ficou séria.

— Minha família sabe que você sabe. Não precisei contar.

— Puxa, isso foi rápido. Como eles reagiram?

— Mal – admiti. – Mas Gabriel se reuniu com a Aliança e...

— Desculpe. Aliança?

— É um círculo de poderes. É muito complicado para explicar agora, nas eles são consultados quando as coisas, hã, saem dos trilhos.

— Certo... e o que eles decidiram fazer?

—- Bem... nada.

— Como assim *na d a* ?

— Eles disseram que por ora as coisas podem continuar como estão.

— E a gente? O que acontece com a gente?

—- Aparentemente estou autorizada a continuar saindo com você.

—- Bem, essa é uma boa noticia, não?

— Acho que sim, mas não tenho certeza. Escute, o Gabe está agindo de maneira estranha. Ele quer que você venha *ja nta r* aqui em casa hoje.

— Bem, parece uma coisa boa. – Fiquei calada, sem partilhar do seu otimismo. – Relaxe, Beth, acho que consigo enfrentar isso.

— Não tenho certeza se *eu* consigo.

— Vamos enfrentar juntos – disse Xavier. — A que horas quer que eu esteja aí?

— Às sete, pode ser?

— Xavier... —disse eu, roendo as unhas. – Estou preocupada. Estamos numa situação complicada aqui. E se isso der errado? E se ele tiver más notícias? Acha que vamos ter más notícias?

— Não, não acho; agora pare de se estressar. Por favor. Por mim.

— Tudo bem. Desculpe. É só que a nossa relação está por um fio, e eles foram Indulgentes até esse momento, mas esse jantar pode ou arrumar as coisas, ou acabar com tudo, e não sei bem por que Gabe...

— Ihh – gemeu Xavier. – Está vendo o que você fez? Estou assustado.

— Não! Você é o estável!

Xavier riu, e percebi que tinha fingido a aflição para tentar me convencer. Ele não estava nada preocupado.

— Relaxe. Vá tomar um banho quente ou uma dose de conhaque.

— Tudo bem.

— A segunda parte foi brincadeira. Nós dois sabemos que você não aguenta bebida.

— Você parece muito tranquilo em relação a tudo isso.

— É que estou mesmo. Beth, a calma não devia ser a sua *qua lid a d e* ? Você se preocupa demais. Estou sendo sincero, vou me sentir bem. Vou me aprontar para a ocasião especial.

— Não, venha como você é! – implorei ao telefone, mas ele já tinha desligado.

Xavier chegou pontualmente, usando um terno cinza de risca de giz e uma gravata de seda vermelha. Passara alguma coisa no cabelo, que estava penteado para trás e não caía no rosto. Embaixo do braço, trazia um buquê de rosas amarelas de caule cumprido embrulhado em celofane verde e amarrado com ráfia. Demorei um instante para reagir depois de abrir a porta. Xavier riu quando me viu.

— Exagerei? – perguntou.

— Não, está ótimo! – disse eu, genuinamente satisfeita com seu esforço. Mas logo fiquei de novo apreensiva.

— Então por que está com essa cara tão apavorada? – Ele me deu uma piscadela segura. – Eles vão me adorar.

— Só não faça nenhuma piada. Eles não entendem muito. – Eu estava histérica e começava a ficar com as pernas bambas.

— Tudo bem, nenhuma piada. Será que devo me oferecer para fazer a oração antes do jantar?

Tive que rir; não consegui me controlar. Embora eu devesse ter feito o papel

de anfitriã e o acompanhado à sala, ficamos na porta como dois cúmplices conspirando. Sem saber o que a noite nos reservava, meu instinto foi adiá-la ao máximo. Além disso, naquele momento, só conseguia pensar que Xavier era meu e que pertencíamos um ao outro. Ele podia estar com uma roupa formal demais para um jantar informal improvisado, mas fazia uma bela figura com aqueles ombros largos, os olhos azuis insondáveis e aquele cabelo penteado para trás. Ele era o meu próprio príncipe de contos de fada. E, como um príncipe de contos de fadas, eu sabia que podia contar com o fato de que ele não fugiria da raia quando as coisas apertassem. Xavier manteria sua posição, e qualquer decisão que tomasse seria da cabeça dele. Em todo caso, eu sabia que podia contar com ele.

Ivy adotou com naturalidade o papel de anfitriã. Ficou encantada com as flores conversou sobre trivialidades, alem de se empenhar ao máximo em fazer com que Xavier se sentisse à vontade durante o jantar. Ivy não era de fazer julgamentos, e seu coração amolecia quando achava que uma pessoa era sincera. E a sinceridade de Xavier era autêntica. Foi essa autenticidade que lhe deu o papel de representante da escola e a grande aceitação entre os alunos. Gabriel, por outro lado, observava Xavier com cautela.

Minha irmã se esmerara muito no cardápio; fizera uma sopa aromática de batata com alho-poró seguida de truta assada e uma travessa de legumes ao forno. Eu sabia que a sobremesa seria *crem e b rul é,* pois tinha visto os potinhos na geladeira. Ivy até mandara Gabe à cidade para procurar um maçarico próprio para caramelizar a crosta de açúcar. Também pusera a mesacom nossa prataria e nossa melhor louça. O vinho no decantador tinha sabor de frutas vermelhas, e havia água com gás numa garrafa de cristal.

As velas na mesa iluminavam nossos rostos. Comemos em silêncio a princípio, e a tensão era palpável. Ivy olhava de mim para Xavier e sorria exageradamente, enquanto Gabriel partia a comida com raiva, como se imaginasse que as batatas em seu prato fossem a cabeça de Xavier.

— O jantar está ótimo – disse Xavier por fim, afrouxando a gravata, as Bochechas coradas por causa do vinho.

— Obrigada. – Ivy sorria de orelha a orelha. – Não sabia do que você poderia gostar.

— Não tenho um paladar difícil, mas o cardápio está de altíssimo nível – disse Xavier, ganhando mais um sorriso largo da minha irmã.

Já eu continuava tentando entender o objetivo daquela reunião nada ortodoxa. Seguramente os planos de Gabriel incluíam mais do que uma simples

social. Será que estava tentando entender a personalidade de Xavier? Será que continuava não confiando nele? Não sabia o que pensar, e Gabriel não tinha trocado mais que duas palavras com qualquer um de nós.

Por fim, até Ivy perdeu a animação, e a conversa morreu completamente. Percebi que Xavier lançava um olhar fixo para o prato, como se os legumes que ainda restavam pudessem revelar o significado dos mistérios do Universo. Tentei cutucar Ivy por baixo da mesa com o pé, esperando iniciar mais comentários da sua parte, mas, sem querer, acertei a canela de Xavier. Ele reagiu com um sobressalto, dando um pulo na cadeira e quase derramando a bebida. Retirei o pé com um sorriso de desculpas e fiquei quieta.

— Então, Xavier – disse Ivy, pousando o garfo embora ainda estivesse com o prato cheio. – Por que tipo de coisas você se interessa?

Xavier engoliu sem jeito.

— Hã... coisas normais... – Pigarreou. — Esportes, estudos, música.

— Que tipo de esportes você pratica? — perguntou Ivy, um pouco interessada demais.

— Polo aquático, rúgbi, beisebol e futebol – disse Xavier de uma só vez.

— Ele é muito bom – tentei ser útil. — Você devia vê-lo jogar. Na verdade, ele é o capitão do time de pólo aquático. — Não conseguia parar de tagarelar. — Também é o representante da escola... mas você já sabia disso.

Ivy optou por um tema mais seguro.

— Há quanto tempo mora aqui em Venus Cove?

— Desde que nasci. Nunca morei em outro lugar.

— Tem irmãos?

— Ao todo, somos seis.

— Deve ser divertido te uma família grande.

— Às vezes, sim – concordou Xavier. – Mas às vezes é um pouco barulhento e nunca há muita privacidade.

— Gabriel aproveitou este momento para intervir fazendo um corte brusco e nada cortês.

— Por falar em privacidade, acho que recentemente você fez uma descoberta interessante.

— Interessante, não é bem a palavra que eu usaria – respondeu Xavier, de modo algum pego desprevenido pela pergunta repentina.

— Que palavra usaria?

— Algo próximo de surpreendente.

— Seja lá como queira descrever, precisamos esclarecer um ponto.

— Não vou contar a ninguém, se é com isso que está preocupado – respondeu Xavier imediatamente. – Quero proteger Beth tanto quanto você.

— Brethany tem você em altíssimo conceito – disse Gabriel. – Espero que a afeição dela não seja infundada.

— Tudo que posso dizer é que a Beth é muito importante para mim, e pretendo tomar conta dela.

— De onde viemos, as pessoas não são julgadas por suas palavras – disse Gabriel. Xavier não se abalou.

— Então terá que esperar e me julgar pelo meus atos.

Embora não tivesse tentado descontrais o clima, vi pela expressão nos olhos de Gabriel que ele estava admirado com a maneira como Xavier enfrentava a situação. Não se deixou intimidar, e seu maior trunfo era a honestidade. Qualquer um podia ver que Xavier era movido por sua ética. Até Gabe tinha que admitir isso.

-— Está vendo, você e eu temos uma coisa vital em comum – prosseguiu Xavier. – *Am b os* amamos a Beth.

Um silêncio impenetrável se instalou na sala. Gabriel e Ivy não estavam esperando uma declaração dessas e ficaram perplexos. Talvez, no fundo, tivessem subestimado a intensidade dos sentimentos que Xavier tinha por mim. Nem eu conseguia acreditar direito que ele falara aquilo em voz alta. Tentei manter o controle e continuar comendo calmamente, mas não consegui evitar que um sorriso se abrisse em meu rosto e estiquei o braço para pegar a mão de Xavier. Gabriel olhou fixamente para o outro lado, mas eu só apertei com mais força a mão que eu segurava. A palavra *am or* ecoava em minha mente, reverberando como se a tivessem gritado num alto- falante. Ele *m e a m a va* . Xavier Woods não ligava que eu fosse branca como um fantasma, que eu não entendesse quase nada do seu mundo e que eu tivesse uma tendência a soltar plumas brancas. Ele ainda me queria. Ele *m e a m a va* . Estava tão feliz que, se não estivesse presa à Mão dele, era capaz de sair por ali flutuando.

— Nesse caso, podemos passar rapidamente ao segundo assunto de pauta de hoje – disse Gabriel, estranhamente pouco à vontade. – Bethany tende a se meter em problemas, e, no momento, só tem a nós para tomar conta dela.

Estava irritada com o fato de ele estar falando de mim na terceira pessoa, como se eu não estivesse presente, mas achei que não era hora de interromper.

— Se vão passar mais tempo juntos, precisamos saber que será capaz de protegê-la – prosseguiu Gabriel.

— Xavier já não provou isso? – perguntei impaciente. Estava ansiosa para

terminar com o interrogatório do jantar.

— Ele me socorreu na festa de Molly, e as coisas nunca dão errado quando ele está por perto.

— Bethany não entende muito bem este mundo – disse Gabriel, como se eu não tivesse falado nada. – Ainda tem muito a aprender, e isso faz dela uma pessoa vulnerável.

— Você precisa falar como se eu precisasse de uma babá 24 horas? – perguntei secamente.

— Por acaso tenho experiência como babá – brincou Xavier. – Posso lhes mostrar meu Currículo, se quiserem. Ivy foi obrigada a rir por trás do guardanapo ao ouvir isso, mas, quando olhei para o rosto de Gabriel à procura de uma mudança de expressão, não vi nada.

— Tem certeza de que sabe onde está se metendo? – perguntou Ivy, encarando Xavier.

— Não – admitiu ele. – Mas estou disposto a descobrir.

— Você não pode voltar atrás uma vez que nos prometeu sua lealdade.

— Não tem ninguém indo para a guerra – murmurei baixinho. Todos me ignoraram.

— Entendo – disse Xavier, retribuindo o olhar de Ivy.

— Acho que não – disse Gabriel com delicadeza. – Mas entenderá.

— Mas alguma coisa que acha que eu deva saber? – perguntou Xavier.

— Tudo no seu devido tempo – disse Gabriel.

† † †

APÓS ALGUM TEMPO, FIQUEI A SÓS COM XAVIER. Ele estava sentado na beirada da banheira enquanto eu escovava os dentes. Eu os escovava depois de cada refeição; um hábito que adquiri.

— Não foi tão ruim. – Xavier recostou o corpo na parede. – Esperava algo pior.

— Quer dizer que eles não o assustaram?

— Não – disse Xavier com naturalidade. – Seu irmão é um pouco sério, mas a comida da sua irmã compensa. Dei uma risada.

— Não se preocupe com o Gabe. Ele é sempre assim.

— Não estou preocupado. Ele meio que lembra a minha mãe.

— Não diga isso a ele – disse eu, rindo.

— Pensei que você não usasse maquiagem – comentou Xavier, pegando um

lápis delineador na bancada.

— Comprei isso para deixar a Molly feliz – justifiquei, tateando para pegar o enxaguante bucal. – Ela resolveu dar um jeito em mim.

— Sério? – disse Xavier. – Bem, gosto de você do jeito que você é.

— Obrigado. Mas acho que *voc ê* bem que está precisando de um retoque. Sorri e acenei com o delineador para ele.

— Nada disso – disse Xavier, se esquivando de mim. – De jeito nenhum.

— Por quê? – perguntei, fazendo bico.

— Porque sou homem – disse Xavier. – E homem não usa maquiagem, a menos que seja *em o* ou membro de uma *b oy b a nd* .

— Por favor? – pedi, tentando usar meu charme.

Seus olhos azuis brilhantes e amendoados pareciam cintilar.

— Tudo bem...

— Sério? – me animei.

— Não! Não sou de me fazer levar facilmente.

— Tudo bem – lamente. — Só vou ter que deixar você com cheiro de menina...

Antes que ele pudesse me impedir, eu já tinha pegado um vidro de perfume e esguichado o líquido no peito dele. Ele cheirou a camisa com curiosidade.

— Frutado — concluiu —, com toque de almíscar. Caí na gargalhada.

— Você é ridículo.

— Acho que quis dizer irresistível – corrigiu Xavier.

— Sim – concordei —, ridiculamente irresistível.

Inclinei-me para dar um beijo nele e, bem nessa hora, bateram à porta. Ivy apareceu com a cabeça dentro do banheiro, e Xavier e eu nos separamos às pressas.

— Seu irmão me mandou dar uma olhada em vocês – disse ela, erguendo uma sobrancelha.

— Para garantir que não estivessem fazendo besteira.

— Na verdade – comecei indignada -, só estávamos...

— De saída – terminou Xavier. Abri a boca para falar, mas ele me lançou um olhar penetrante. É a casa deles; eles ditam as regras, e nós obedecemos – murmurou.

Enquanto ele me dirigia para fora dali, notei que Ivy o olhava respeitando-o.

No quintal, sentamos abraçados no balanço. Xavier me soltou um instante para arregaçar as mangas e depois jogar a bola de tênis desfiada de Phantom do

outro lado do gramado. Phantom sempre ia buscá-la, mas depois não a largava, e a bola babada tinha que ser arrancada dos seus dentes. Xavier tomou impulso para atirar novamente a bola e depois limpou a mão na grama. Senti o cheiro da sua colônia com notas de madeira. Tudo em que eu conseguia pensar era que tínhamos sobrevivido ao nosso primeiro teste relativamente ilesos. Xavier cumprira sua palavra e não se deixara intimidar. Pelo contrário, mantivera-se firme com uma convicção inabalável. Além de admirá-lo mais do que nunca, também estava encantada com a presença dele na minha casa, desta vez como um convidado legitimo, e não como um intruso.

— Poderia passar a noite toda aqui – murmurei, encostada nele.

— Sabe algo que é muito estranho? – perguntou ele.

— O quê?

— O quanto isso parece normal.

Ele enrolou meu cabelo no dedo, e vi nesse gesto o reflexo das nossas vidas entrelaçadas.

— Ivy estava sendo dramática quando disse que não tinha como voltar atrás – disse eu.

— Tudo bem, Beth. Não quero que a minha vida volte a ser o que era antes de conhecer você. Achei que tivesse tudo, mas realmente me faltava alguma coisa. Sinto-me outra pessoa agora. Pode parecer piegas, mas me sinto como se tivesse passado muito tempo dormindo e você simplesmente tivesse me acordado... – Ele fez uma pausa. – Não acredito que eu disse isso. O que você está fazendo comigo?

— Transformando você em um poeta – provoquei.

— Eu? – perguntou, se fingindo de revoltado. – Poesia é coisa para mulher.

— Você foi maravilhoso no jantar. Estou muito orgulhosa de como se portou.

— Queria que a gente tivesse esse tempo todo – suspirei e, na mesma hora me arrependi do que disse. As palavras simplesmente escaparam. Seria capaz de me esbofetear de tão burra que era; que maneira perfeita de estragar o clima! Xavier estava tão calado que me perguntei se ele tinha sequer me ouvido. Então senti seus dedos quentes embaixo do meu queixo e ele levantou minha cabeça para olharmos olho no olho. Ele se abaixou e me beijou suavemente, com a doçura dos seus lábios persistindo em minha boca mesmo depois de ele ter se afastado. Chegou perto do meu ouvido e murmurou.

— Vamos encontrar um jeito. Prometo.

— Você não pode fazer isso. É diferente...

— Beth. – Xavier encostou um dedo nos meus lábios. — Não quebro as minhas promessas.

— Mas...

— Nada de mas... apenas confie em mim.

Quando Xavier foi embora, ninguém queria ir se deitar, apesar de já passar da meia-noite. Gabriel, como sabíamos, sofria de insônia. Não era raro ele e Ivy ficarem acordados até de madrugada. Mas, dessa vez, nós três estávamos agitados e alertas. Ivy sugeriu um bebida quente e já estava pegando leite na geladeira quando Gabriel interveio.

— Tenho uma ideia melhor – disse. — acho que todos nós merecemos relaxar.

Ivy e eu adivinhamos logo o que ele queria dizer, e não nos demos ao trabalho de esconder a empolgação.

— Você diz... agora? — espantou-se Ivy, a caixa de leite quase escorregando da sua mão.

— Claro, agora mesmo. Mas temos que nos apressar; em algumas horas vai estar claro. Ivy deixou escapar um gritinho.

— Só dê um tempinho para a gente se arrumar! Já voltamos.

Eu também mal conseguia conter a ansiedade. Essa seria a maneira perfeita de expressar a euforia que eu sentia depois do rumo que a minha relação com Xavier tinha tomado. Já fazia muito tempo que eu não tinha a chance de realmente abrir as asas. Minha encenação no penhasco para Xavier mal podia ser considerada um exercício. Quando muito, só servia para atiçar minha vontade e me lembrar do quão enferrujadas elas estavam.

Já tinha tentado abri-las e voar pelo quarto com as cortinas fechadas, mas tudo o que consegui foi bater no ventilador de teto e trombar com as pernas nos móveis. Quando vesti uma camiseta folgada, senti uma descarga de adrenalina percorrer o meu corpo. Ia realmente saborear esse vôo na calada da noite. Desci, e seguimos os três para o jipe preto estacionado na garagem. Era uma experiência dirigir pela estrada litorânea completamente vazia de madrugada. O ar recendia a pinho, e as arvores tinham as pontas verdes. O mar parecia liso, como um manto de veludo que tivesse sido jogado sobre parte da Terra. Nas regiões residenciais, as venezianas estavam todas fechadas, e as ruas, desertas, como se seus ocupantes tivessem subitamente feito as malas e ido embora.

A cidade, quando a atravessamos, também se encontrava deserta. Nunca vira Venus Cove adormecida. Estava acostumada a ver gente em toda parte: andando de bicicleta, comendo batata frita no píer, colocando contas no cabelo

ou comprando jóias de um artista local que montava sua banca num pedaço de calçada quase todo fim de semana. Mas, àquela hora da madrugada, havia um silêncio que me fez imaginar que éramos os únicos seres vivos do mundo. Perguntei-me pó que as pessoas se referiam às primeiras horas do dia como “macabra” quando, na verdade, esta era a melhor hora para se ligar às forças divinas.

Gabriel dirigiu por cerca de uma hora por um trecho de estrada reto, depois entrou numa trilha acidentada pelo meio do mato, que parecia subir serpeando como um saca-rolha. Eu sabia onde estávamos. Gabriel estava pegando o caminho para a montanha Branca, que tinha esse nome porque, embora fosse próxima à costa, às vezes ficava com o pico coberto de neve. Dava para ver o contorno da montanha de Venus Cove, como um monólito cinza-claro contra o céu noturno estrelado. Havia névoa no cume, e, quanto mais subíamos, mais densa ficava a cerração. Quando já não conseguia enxergar a estrada à sua frente, Gabriel estacionou e saltamos do carro.

Estávamos parados numa estrada estreita e sinuosa que continuava subindo. Abetos altos nos cercavam de todos os lados como soldados, bloqueando quase completamente a visão do céu. As pontas das árvores estavam cravejadas de gotas de orvalho, e dava para ver o vapor saindo de nossas bocas no ar frio. O chão era como um tapete de folhas e cascas de árvores, abafando nossos passos. Galhos cobertos de musgo e gavinhas de samambaias roçavam nosso rosto. Saímos da estrada e entramos na floresta fechada. Raios de luar atravessavam o teto de folhas em alguns pontos, como pequenas luminárias clareando nosso caminho. As árvores sussurravam baixinho umas para as outras, e ouvíamos o farfalhar delicado e a correria de pequenas patas. Apesar da escuridão, nenhum de nós tinha medo. Sabíamos que a montanha era completamente isolada. Ninguém nos encontraria ali.

Ivy foi a primeira a tirar a jaqueta e fazer aquilo por que tanto ansiávamos. Ficou parada de frente para nós, as costas retas e a cabeça jogada para trás de modo que seu cabelo claro caía ondulado como um halo dourado em volta de seu rosto e seus ombros. Ela brilhava ao luar como uma lâmpada, e seu corpo escultural parecia de mármore, branco e imaculado. Tinha curvas perfeitas, os membros compridos e elegantes como árvores jovens.

— Vejo vocês lá em cima — disse ela, como uma criança excitada.

Fechou os olhos rapidamente, respirou fundo e saiu em disparada. Corria com agilidade pelo meio das árvores, os pés mal tocando o chão, tomando velocidade até virar quase um vulto indistinto. Então, subitamente, estava no ar.

Fazia aquilo com uma destreza espantosa – Ivy parecia um cisne alçando voo. Suas asa, esguias, mas poderosas, atravessaram a camiseta folgada que ela usava e assomaram em direção ao céu como entidades vivas. As asas, que pareciam duras como pedra quando paradas, brilhavam como cetim no céu noturno.

Tomei impulso e, enquanto corria, senti as asas começarem a pulsar e depois Romperem o pano que as aprisionava. Uma vez liberadas, bateram mais depressa, e também alcei vôo para ir ao encontro de Ivy. Voamos em sincronia por algum tempo, deslizando devagarinho para o alto, depois baixando de repente e por fim pousando com as solas dos pés nos galhos de uma árvore próxima. Olhamos radiantes para Gabriel lá em cima.

Ivy se abaixou e deixou seu corpo cair da árvore. A envergadura das suas asas interrompeu a queda, e ela tornou a subir com um suspiro de prazer.

— O que está esperando? – gritou para Gabriel, antes de entrar numa nuvem e sumir.

Gabriel, que nunca fazia nada às pressas, se livrou de algumas peças de roupa e descalçou as botas metodicamente. Tirou a camiseta pela cabeça, e ficamos vendo suas asas se desfraldarem até que o respeitável professor de música tivesse sumido e dado lugar ao majestoso guerreiro celestial que fora criado para ser. Este era o anjo que, séculos atrás, reduzira sozinho uma cidade inteira a cinzas e pedras. Ele brilhava como metal polido. Mesmo voando, seu estilo era diferente do nosso, sem movimentos bruscos, mas estruturado e meditativo.

Acima da copa das árvores, fui envolvida por névoa e nuvens. Gotículas se acumulavam nas minhas costas, e senti seu contato frio. Minhas asas batiam furiosamente e me levaram mais alto. Abandonei o pensamento e subi, deixando o corpo oscilar, de um lado para o outro, rodeando as árvores. Senti a liberação da energia que passara tanto tempo reprimida. Vi Gabriel parar no ar em um momento para se assegurar de que eu não perdera o controle. Ivy, eu só via de vez em quando, como um brilho em meio à névoa.

No geral, a interação foi mínima. Esta era a hora pessoal que cada um tinha para se sentir pleno de novo e aproveitar o tipo de liberdade que só podia verdadeiramente ser sentida no Reino dos Céus. Nossa união estava além do poder de expressão das palavras. A humanidade que havia em nós diminuía quando experimentávamos nossa verdadeira forma.

Voamos por várias horas, até Gabriel emitir um zumbido grave e melancólico, como a nota de um oboé, que sabíamos ser o sinal para descer. Quando subimos no jipe, achei que não havia a menor chance de eu adormecer

quando chegasse em casa. Estava muito eufórica, e levaria horas até sair daquele estado. Mas estava errada. A viagem de volta pela estrada sinuosa foi tão rítmica que adormeci encolhida no banco traseiro como um gatinho muito antes de chegar à Byron.

17
Calmaria Antes da Tempestade

Meu relacionamento com Xavier pareceu ter ficado mais profundo após o jantar com a minha família. Sentimos que havíamos recebido autorização para expressar nossas emoções sem medo de retaliações. Começamos a pensar e a agir em sincronia, como uma única entidade ocupando corpos distintos. Apesar do esforço consciente de não nos afastarmos de todos à nossa volta, às vezes isso era inevitável. Chegamos a tentar determinar períodos específicos para passar com outras pessoas, mas, quando fazíamos, as horas se arrastavam e nosso comportamento parecia tão artificial que em menos de uma hora já estávamos juntos de novo.

Xavier e eu adotamos o hábito de almoçar juntos na nossa mesa particular, nos fundos da cantina. De vez em quando, alguém aparecia para contar uma piada ou pedir informações sobre uma regata de barcos a remo, mas raramente esboçavam uma tentativa de partilhar a nossa mesa ou comentar nosso relacionamento. Em vez disso, as pessoas orbitavam à nossa volta, mantendo uma distância respeitosa. Se acaso sentiam que havia segredos entre nós, ao menos se mostravam educados o suficiente para não se intrometerem.

— Vamos sair daqui — disse Xavier, juntando seus livros.

— Não até você acabar seu trabalho.

— Já acabei.

— Você escreveu três linhas.

— Cuidadosamente ponderadas — argumentou Xavier. — Qualidade conta mais que quantidade, sabia?

— Só estou tentando fazer você não perder o foco. Não quero ser responsável por distraí-lo e desviá-lo dos seus objetivos.

— É meio tarde para isso — brincou Xavier. — Você é uma baita distração e uma péssima influência.

— Que absurdo! — brinquei. — É impossível para mim ser má influência para alguém.

— Não diga! Por quê?

— Porque sou a personificação da bondade. Sou tão boa que dói!

Xavier franziu as sobrancelhas enquanto refletia sobre a minha declaração.

— Humm... — acrescentou, passado um momento. — Vamos ter que tomar

alguma providência quanto a isso.

— Qualquer desculpa vale para escapar do dever de casa! — concordei.

— Talvez seja porque tenho o resto da vida para correr atrás dos meus objetivos. Quem sabe quanto tempo terei com você?

Senti o clima leve abandonar a conversa tão logo foram ditas essas palavras. Em geral driblávamos o assunto que quase sempre provocava confusão, como acontece com as coisas que escapam à nossa esfera de controle.

— Não vamos pensar nisso.

— Como posso evitar pensar nisso? Você não fica acordada matutando? A conversa ia tomando um rumo que não me agradou.

— Claro que penso nisso — respondi. — Mas não vejo motivo para estragar o tempo que passamos juntos.

— Acho que devíamos estar fazendo alguma coisa a respeito disso — disse ele com raiva. Sabia que essa raiva não era dirigida a mim, e ela rapidamente se transformava em tristeza.

— Devíamos ao menos tentar.

— Não há nada a fazer — emendei baixinho. — Acho que você ainda não entendeu com o que estamos lidando. Não dá para brincar com as forças do Universo!

— E onde fica o livre-arbítrio? Ou será que é só um mito?

— Não está se esquecendo de um detalhe? Não sou como você; por isso essas regras não valem para mim.

— Talvez devessem valer.

— Talvez... Mas o que vamos fazer? Um abaixo-assinado?

— Não tem graça, Beth. Você quer ir para casa? — indagou Xavier, os olhos fixos nos meus. Sabia que ele não estava se referindo à Byron.

— Não acredito que está me fazendo essa pergunta.

— Então por que o assunto não incomoda você tanto quanto incomoda a mim?

— Se eu soubesse um jeito de poder ficar aqui, acha que eu pensaria duas vezes? — perguntei, alterando um pouco a voz. — Acha que eu estaria disposta a abandonar a coisa mais importante da minha vida?

Xavier se virou para me olhar os olhos azul-turquesa faiscando, os lábios cerrados.

— Eles, sejam lá quem forem, não deveriam ter controle sobre a nossa vida — respondeu. — Não estou a fim de perder você. Já passei por isso antes e farei o que for preciso para evitar que aconteça de novo.

— Xavier... — comecei, mas ele pôs os dedos sobre os meus lábios.

— Responda a uma pergunta apenas. Se quisermos lutar, quais são as nossas opções?

—Não sei!

— Mas existem opções, alguém para pedir ajuda, algo que a gente possa tentar, mesmo que seja um tiro no escuro? — insistiu ele.

Olhei dentro dos seus olhos e vi uma urgência que jamais estivera ali. Xavier era sempre tão calmo e bem- humorado...

— Beth, preciso saber. Existe uma chance, ainda que pequena?

— Talvez — disse eu. — Mas tenho medo de descobrir.

— Também tenho, mas não podemos pensar assim. Precisamos ter fé.

— Ainda que não dê em nada?

— Você mesma disse que havia uma chance — respondeu Xavier, entrelaçando seus dedos nos meus. — É tudo de que precisamos.

† † †

AO LONGO DAS ÚLTIMAS SEMANAS, vinha me sentindo meio culpada por ter me afastado de Molly, mas ela não via problemas em se encontrar comigo apenas quando Xavier estivesse Ocupado com outra coisa. Sabia que ela não devia gostar do fato de Xavier estar monopolizando meu tempo e minha atenção, mas Molly era realista e achava que as amizades deviam ficar em segundo plano quando um relacionamento começava — sobretudo se o relacionamento fosse tão intenso quanto o meu com Xavier. Aparentemente, ela tinha superado a irritação que Xavier lhe despertara no início, e embora estivesse longe de aceitá-lo como seu amigo, parecia disposta a vê-lo como amigo meu.

Uma tarde, Xavier e eu estávamos a caminho da cidade quando vimos Ivy à sombra de um carvalho com um aluno do terceiro ano da Bryce Hamilton, um rapaz de cabelo escuro. Ele usava um boné de beisebol ao contrário e as mangas da camisa arregaçadas para exibir os braços musculosos. Não parava de sorrir de modo sugestivo enquanto falava. Nunca vi minha irmã tão sem graça. Estava imprensada pelo rapaz e segurava uma sacola de compras com uma das mãos, enquanto com a outra prendia, nervosamente, uma mecha de cabelo atrás da orelha, dando a nítida impressão de que procurava um jeito de escapar dali.

Cutuquei Xavier.

— O que está havendo ali?

— Acho que Chris Bucknall finalmente tomou coragem para convidá-la

para sair — respondeu Xavier.

— Você o conhece?

— Está no meu time de polo aquático.

— Não é o tipo de pessoa com quem Ivy conversaria.

— Bem, não é de se admirar — concordou Xavier. — Ele é um completo idiota.

— O que podemos fazer?

— Ei, Bucknall — chamou Xavier, — Posso falar com você?

— Estou meio ocupado, cara — respondeu o rapaz.

— Já soube da novidade? — indagou Xavier. — O treinador quer todo mundo na sala dele hoje à noite depois do jogo.

— Ah, é? Para quê? — perguntou Chris, sem se virar.

— Não sei ao certo. Alguma coisa sobre a escalação para as eliminatórias da próxima temporada. Quem não se apresentar será cortado.

Chris Bucknall pareceu assustado.

— Preciso ir agora — disse ele. Mas não se preocupe, gatinha, a gente se vê depois. Ivy abriu um sorriso agradecido para Xavier quando o garoto se afastou.

† † †

GABRIEL E IVY PARECIAM TER ACEITADO XAVIER. Ele não invadiu nosso espaço, mas acabou se tornando um elemento constante nele. Comecei a desconfiar de que meus irmãos realmente apreciavam sua companhia, primeiro porque confiavam nele para ficar de olho em mim e, segundo, porque Xavier era útil quando se tratava de lidar com aparelhos eletrônicos, Gabriel reparara que seus alunos vinham lhe lançando olhares estranhos toda vez que demonstrava não saber ligar o DVD, e Ivy queria divulgar seu programa de serviço social por meio do sistema de e-mail da escola. Ambos pediram ajuda a Xavier. Mesmo com todo o conhecimento que tinham, a tecnologia era um campo minado para os irmãos porque mudava o tempo todo. Gabriel também deixou, a contragosto, que Xavier lhe mostrasse como enviar e-mails para seus colegas professores na Bryce Hamilton e lhe ensinasse como funcionava um iPod. Às vezes tinha a impressão de que Xavier falava uma língua completamente diferente, usando termos estranhos como *bluetooth*, *gigabyte* e *wi-fi*. Se fosse outra pessoa, eu simplesmente ignoraria, mas eu adorava o som da sua voz, independentemente do que ele estivesse falando. Podia passar horas observando seu jeito de andar, ouvindo-o falar, registrando tudo aquilo na

memória.

Além de nosso anjo da guarda tecnológico, Xavier assumiu tão seriamente a função de meu guarda-costas que me vi precisando lhe recordar que não era feita de vidro e que tinha me virado bastante bem antes da sua chegada. Encarregado por Gabriel e Ivy de cuidar de mim, Xavier estava decidido a manter sua palavra e convencê-los da sua integridade moral. Era ele quem me lembrava de beber muita água e quem afastava as perguntas sobre a minha família vindas dos meus colegas de turma. Chegou a responder por mim um dia, quando o sr. Collins perguntou por que eu não tinha conseguido terminar meu dever de casa no prazo estipulado.

— A Beth está com uma série de compromissos no momento — explicou. — Ela vai entregar o trabalho até o fim da semana.

Eu sabia que, se me esquecesse, Xavier terminaria o trabalho para mim e o entregaria sem que eu soubesse.

Tornava-se ferozmente protetor quando alguém que não aprovava chegava a uma distância de meio metro de mim.

— Não e não — respondeu, balançando a cabeça, quando um garoto chamado Tom Snooks perguntou se eu queria “dar uma volta” com ele e os amigos uma tarde.

— Por que não? — indaguei de mau humor. — Ele parece bem legal.

— Não é o tipo de pessoa para ter contato com você.

— Por quê?

— Você faz muitas perguntas, sabia?

— Sabia. Agora me responde.

— Ora, porque ele vive se encontrando com a fada verde. Encarei-o tão perplexa que ele foi obrigado a explicar.

— Ele é muito amigo do dragão que solta fumaça. — Tendo dado a dica, Xavier esperou que eu entendesse, revirando os olhos quando viu que isso não aconteceu. — Você é muito bobinha mesmo...

Se Xavier não agisse como um escudo, minha vida na Bryce Hamilton seria bem mais difícil. Tinha tendência a me meter em situações delicadas. As encrencas aparentemente me perseguiam, embora eu fizesse o possível para evitá-las. Foi o que aconteceu um dia, quando eu atravessava o estacionamento para ir à aula de inglês.

— E aí, gatinha!

Virei-me num pulo quando ouvi a voz atrás de mim. Era um aluno magricela do terceiro ano, de cabelo louro oleoso e pele cheia de espinhas.

Estava na minha turma de biologia, mas raramente aparecia. Já o tinha visto atrás das caçambas de lixo, fumando e dando cavalo de pau em seu carro, na companhia de três outros garotos, todos exibindo amplos sorrisos maldosos.

— Oi — respondi, nervosa.

— Acho que não fomos devidamente apresentados — disse ele, com um sorriso forçado. — Meu nome é Kirk.

— Muito prazer — respondi, sem encará-lo. Alguma coisa na sua atitude me deixou sem graça.

— Alguém já lhe disse que você tem belas prateleiras? — perguntou Kirk. Os garotos atrás dele lutaram para conter o riso.

— O quê? — indaguei, sem saber o que ele queria dizer.

— A gente podia se conhecer melhor, o que acha? — disse Kirk, dando um passo na minha direção. Imediatamente me afastei dele. — Não seja tímida, gracinha.

— Preciso ir para a aula.

— Garanto que tem uns minutinhos — disse ele, com um sorriso malicioso. — Só quero uma rapidinha — completou, segurando meu ombro.

— Não toque em mim!

— Uau! Mais difícil do que parece! — exclamou ele, rindo e apertando meu ombro com mais força.

— Tire as mãos dela.

Soltei um suspiro de alívio quando Xavier surgiu à minha frente, alto, forte e protetor. Instintivamente, me aproximei dele, agradecida pela segurança da sua presença. O cabelo cor de noz-moscada estava penteado para trás, e os olhos azuis-turquesa, tão conhecidos meus, faiscavam de raiva.

— Não falei com você — disse Kirk, tirando a mão do meu ombro. — Isto não é da sua conta.

— O que é da conta dela é da minha conta.

— Sério? Acha que pode me fazer parar?

Encoste nela de novo e vai ver — avisou Xavier.

— Quer criar confusão só por isso?

— Foi você que pediu — disse Xavier tirando o blazer e arregaçando as mangas. A gravata do uniforme estava frouxa, e vi o crucifixo que pendia do seu pescoço. O tecido da camisa delineava os músculos esculpidos dos braços. Seu peito era muito mais largo que o de Kirk, que fazia uma rápida avaliação da força do adversário.

— Esqueça, cara — aconselhou um dos amigos de Kirk, em seguida

baixando a voz. — Este é o Xavier Woods.

Ao que parece, a informação o intimidou.

— Dane-se — concluiu Kirk, cuspindo no chão e me lançando um olhar infame antes de se afastar.

Xavier envolveu meus ombros com um braço, e eu cheguei mais perto dele, sentindo seu cheiro puro e fresco.

— Tem gente que realmente precisa levar umas lições de boas maneiras — comentou com desprezo. Olhei para ele.

— Você teria mesmo entrado numa briga por minha causa? Claro — respondeu sem hesitar.

— Mas eles eram quatro.

— Beth, eu enfrentaria o exército do Megatron para proteger você.

— Quem?

Xavier balançou a cabeça e riu.

— Sempre me esqueço de que nossas referências são diferentes. Digamos que não tenho medo de enfrentar quatro pivetes.

† † †

XAVIER NÃO SABIA MUlTA COISA SOBRE ANJOS, mas sabia um bocado sobre gente. Sabia identificar a intenção dos outros muito melhor que eu, e por isso era capaz de julgar melhor em quem confiar e de quem manter distância. Eu sabia que Ivy e Gabriel ainda se preocupavam com os desdobramentos do nosso relacionamento, mas sentiam que Xavier me dava uma força e uma autoconfiança que me deixavam mais preparada independentemente do papel que eu tivesse que desempenhar em nossa missão. Embora não entendesse totalmente qual era o nosso objetivo na Terra, de repente ele se deu conta de que não podia me desviar dele. Além disso, sua preocupação com o meu bem-estar beirava a obsessão, já que as menores coisas o afligiam, como a minha reserva de energia.

— Não precisa se preocupar comigo — lembrei a ele um dia na cantina. — Embora Gabriel ache que não, sei me virar sozinha.

— Só estou fazendo o que me cabe — respondeu Xavier. A propósito, você já almoçou?

— Não estou com fome. Gabriel sempre prepara um baita café da manhã.

— Tome, coma isto ordenou, jogando uma barrinha de cereal no meu colo. Por ser atleta, ele sempre carregava um estoque delas. O rótulo me informou que

a barrinha continha castanhas de caju, coco, damasco e sementes.

— Não posso comer isto. Tem alpiste!

— São sementes de gergelim, ricas em energia. Não quero que você apague.

— E por que apagaria?

— Porque sua glicose deve estar baixa. Não discuta.

Às vezes era mais fácil não discutir com Xavier quando o que ele queria era cuidar de mim.

— Certo, mamãe concordei, dando uma mordida na barrinha. — Por sinal, isto tem gosto de papelão. Deitei a cabeça nos braços fortes e bronzeados dele, sentindo, como sempre, sua solidez me tranquilizar.

— Com sono? — perguntou Xavier.

— O Phantom roncou a noite toda e não tive coragem de botá-lo para fora. Xavier suspirou e afagou minha cabeça.

— Você tem o coração tão bom que acaba no prejuízo. E não pense que não reparei que só deu uma mordida na barrinha de cereal. Trate de comer tudo.

— Xavier, que vergonha, alguém pode ouvir!

Ele pegou a barrinha e a ergueu no ar fazendo um ruído com a boca.

— Vai ser bem mais vergonhoso se começarmos a brincar de aviãozinho.

— O que é isso?

— Uma brincadeira que as mães fazem para obrigar crianças teimosas a comerem.

Soltei uma gargalhada e, aproveitando a oportunidade, Xavier enfiou a barrinha direto na minha boca. Ele adorava contar histórias da sua família, e eu adorava ouvi-las. Sempre que ele falava, eu ficava praticamente hipnotizada prestando atenção. Ultimamente suas histórias giravam em torno do casamento da irmã mais velha, o qual se aproximava. Muitas vezes eu o interrompia com perguntas, louca para saber detalhes omitidos. De que cor eram os vestidos das damas? Qual o nome do priminho escolhido para levar as alianças? Quem preferia uma orquestra em lugar de um quarteto de cordas? Os sapatos da noiva seriam de cetim branco? Quando não sabia a resposta, ele prometia investigar.

Enquanto eu comia, Xavier explicou que a mãe e a irmã batiam de frente naquele momento quanto aos preparativos do casamento. Claire, a irmã, queria uma cerimônia no jardim botânico local, mas a mãe achava isso primitivo demais. A família Woods era assídua da paróquia de Saint Mark, com a qual tinha uma relação de longa data. A sra. Woods queria que o casamento fosse lá. Na última briga, ameaçara não comparecer à cerimônia se ela não acontecesse na

Casa de Deus. Segundo ela, os votos não seriam válidos se não fossem feitos em um lugar santificado. Por isso, as duas acabaram cedendo — a cerimônia aconteceria na igreja, e a recepção, num salão à beira-mar. Xavier riu quando me contou a história, achando graça nas maluquices das mulheres da sua família. Não pude deixar de pensar em como a mãe dele se daria bem com Gabriel.

Às vezes me sentia muito distante desse lado da vida de Xavier. Era como se ele levasse uma vida dupla: uma parte que partilhava com a família e os amigos, e a outra que era basicamente seu profundo envolvimento comigo.

— Você já pensou que não servimos um para o outro? — perguntei, apoiando o queixo nas mãos e tentando interpretar a expressão no rosto dele.

— Não, não penso nisso — respondeu Xavier sem um segundo de hesitação. — Você pensa?

— Bem, sei que não era para isto acontecer. Alguém lá em cima pisou feio na bola.

— *Não somos* um erro — insistiu Xavier.

— Não, mas burlamos o destino. Não foi isso que planejaram para nós.

— Fico feliz com a escorregadela, você não?

— Por mim, sim...

—Mas...?

— Mas não quero me tornar um fardo para você.

— Você não é um fardo. Às vezes é irritante e nunca ouve conselhos, mas fardo, jamais!

— *Não sou* irritante.

— Esqueci de dizer que também não é muito boa em avaliar o caráter das pessoas, inclusive o próprio. Despenteei o cabelo dele, sentindo a maciez dos fios em meus dedos.

— Você acha que a sua família gostaria de mim? — indaguei.

— Claro. Eles confiam, quase sempre, nas minhas escolhas.

— Sim, mas e se me acharem esquisita?

— Eles não são assim, mas por que não descobre isso você mesma? Apareça lá em casa para conhecê-los este fim de semana. Eu ia mesmo convidar você.

— Não sei — me esquivei. — Não me sinto à vontade com gente desconhecida.

— Eles não são desconhecidos — retrucou. — Eu os conheço a vida toda.

— Desconhecidos para mim.

— Eles são parte da minha vida, Beth. É muito importante para mim que

eles conheçam você. Já ouviram um bocado a seu respeito.

— O que contou a eles?

— Como você é legal.

— Não sou tão legal assim. Se fosse, não estaríamos nesta situação.

— Garotas legais demais nunca me atraíram. E aí, você vai?

— Vou pensar no assunto.

Eu tinha esperado esse convite e estava disposta a aceitar, mas parte de mim temia se sentir diferente deles. Depois do que ouvi sobre sua mãe conservadora, estava com medo de ser avaliada. Xavier percebeu a expressão em meu rosto.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Se sua mãe é religiosa, talvez reconheça um anjo caído quando vir um.

Depois que as palavras saíram da minha boca, me dei conta de como soavam idiotas em voz alta.

— Você não é um anjo caído. Precisa ser tão melodramática?

— Sou um anjo caído, sim, comparada a Ivy e Gabriel.

— Bem, acho difícil minha mãe notar. Tive que enfrentar o pelotão de Deus, lembra? E não fugi da raia.

— Nisso você tem razão.

— Combinado, então. Pego você no sábado por volta das cinco. Sua aula de literatura já vai começar. Vou andando com você até a sala.

Enquanto eu recolhia os livros, o barulho de um trovão ecoou pela cantina, e a luminosidade que penetrava pelas janelas se foi. O céu escureceu, prenunciando chuva. Não era novidade para ninguém que o bem-vindo calorzinho da primavera estava com os dias contados, mas ainda assim a mudança era decepcionante. O período chuvoso era implacável nessa parte do litoral.

— Tem chuva vindo — observou Xavier, olhando para o céu.

— Adeus, sol — suspirei.

Nem bem falei e as primeiras gotas grossas começaram a cair. As nuvens pesadas tomaram todo o céu, e a chuva despencava em pancadas constantes, martelando o telhado da cantina. Vi os alunos correndo pelo pátio, protegendo os rostos com as pastas. Uma dupla de alunas da primeira série ficou do lado de fora, deixando-se ensopar e gargalhando histericamente. Teriam problemas quando finalmente fossem para a aula, ensopadas. Vi Gabriel a caminho do centro de música, com uma expressão preocupada. O guarda-chuva que segurava tinha sido vergado pela ventania.

— Você vem? — indagou Xavier.

— Vamos apreciar um pouquinho a chuva. Não tem grande coisa acontecendo na aula de literatura no momento.

— Essa é a Beth malvada falando?

— Acho que precisamos rever sua definição de malvada. Qual o problema de faltar a esta aula para ficar com você?

— Para depois seu irmão me acusar de ser uma influência ruim? Nem pensar. Aliás, ouvi dizer que chegou um aluno novo. Veio da Inglaterra pelo programa de intercâmbio. Acho que está na sua sala. Não está curiosa?

— Não muito. Tudo de que preciso está bem aqui — completei, passeando com o dedo por seu rosto, sentindo cada contorno.

Xavier afastou meu dedo, beijando a pontinha antes de devolvê-lo, decidido, ao meu colo.

— Talvez esse garoto seja dos *seus*. Dizem que já foi expulso de três escolas e mandado para cá a fim de se *encontrar*. Talvez porque não há nada por aqui que possa metê-lo confusão. O pai é um magnata da mídia, ou algo no gênero. Está interessada agora?

— Talvez... Só um pouquinho.

— Então, vá para a aula de literatura e veja com seus próprios olhos.

— Está bem, Xavier, mas já tenho uma consciência, e ela a me dá um bocado de trabalho. Não preciso de outra.

— Também te amo, Beth.

† † †

MAIS TARDE, REPASSANDO OS ACONTECIMENTOS DESSE DIA, via a chuva e o rosto de Xavier. Aquela mudança no tempo também marcou uma mudança em nossas vidas, uma mudança que nenhum de nós poderia prever. Até então, minha vida na Terra envolvia pequenos dramas e a angústia da juventude, mas eu tava prestes a aprender que aqueles eram problemas infantis comparados ao que nos aguardava. Acredito que aquilo o que passamos serviu para nos ensinar um bocado a respeito do que é importante na vida. Acho que não poderíamos ter evitado, pois fazia parte da nossa história desde o início. Afinal, as coisas vinham correndo bastante bem, e era de se esperar que houvesse alguma pedra no caminho. Só não contávamos que ela fosse tão grande.

A pedra veio da Inglaterra e tinha nome: Jake Thorn.

18
O Príncipe Negro

Embora fosse, de longe, a matéria mais interessante na minha grade, eu não estava a fim de assistir à aula de literatura. Queria passar mais tempo com Xavier. Ficar longe dele sempre me causava uma dor física, uma espécie de cãibra no peito. Quando chegamos à porta da sala, apertei sua mão na minha e o puxei para perto. Por mais tempo que passássemos juntos, nunca estava satisfeita — queria sempre mais. Quando se tratava de Xavier, meu apetite era absolutamente insaciável.

— Não faz mal eu chegar uns minutinhos atrasada — insisti.

— Nada disso — teimou Xavier, afastando meus dedos, que agarravam a manga da sua camisa. — Você vai ser pontual.

— Você virou uma mãe perfeita — chiei. Ele ignorou meu comentário e depositou os livros em meus braços. Ultimamente, ele quase nunca me permitia carregar alguma coisa por mais tempo que o necessário. Eu devia parecer uma preguiçosa, sempre com Xavier ao lado carregando meu material. — Quer saber? Posso carregar minhas coisas, Xavier, não sou uma inválida.

— Sei disso — respondeu ele, fazendo cintilar aquele adorável meio sorriso. — Mas adoro ficar à sua disposição.

Antes que ele pudesse me deter, passei os braços em volta do seu pescoço e o puxei para um cantinho entre os armários. Na verdade, a culpa foi dele, por ficar ali parado com o cabelo macio caindo nos olhos, a camisa do uniforme meio para fora da calça e a pulseira de couro trançado apertando o pulse bronzeado, como se fizesse parte do seu corpo. Se não queria ser assediado, não devia ter ficado no caminho.

Xavier largou os próprios livros e me beijou intensamente, com as mãos no meu pescoço e o corpo grudado ao meu. Os poucos alunos que corriam para as aulas nos encararam abertamente.

— Arrumem um quarto — sugeriu alguém, mas eu ignorei.

Naquele momento, o tempo e o espaço não existiam. Havia apenas nós dois em nossa dimensão particular, e eu sequer me lembrava de onde estava ou de quem era. Não conseguia distinguir o ponto em que o meu ser acabava e o dele começava.

Isso me fez lembrar um trecho de *Jane Eyre*, em que Rochester diz a Jane

que a ama como se fosse sua própria carne. Era exatamente assim que eu me sentia em relação a Xavier.

Então ele se afastou.

— É uma jovenzinha muito malvada, srta. Church — censurou ele, meio ofegante, com um sorriso querendo tomar os lábios. Mudando o tom de voz, concluiu: — Não resisto ao seu charme. Agora acho que estamos *ambos* atrasados para a aula.

A minha sorte era que a srta. Castle não era o tipo de professora que se importava com pontualidade. Entregou- me um folheto quando entrei, e me sentei numa das carteiras da frente.

— Oi, Beth — cumprimentou. — Estávamos falando sobre o início do terceiro trimestre. Resolvi dar a vocês uma tarefa de redação em dupla. Juntos, vocês terão que compor um poema para ser lido para a turma. O tema é amor, para servir como uma prévia ao estudo dos grandes poetas românticos; Wordsworth, Shelley, Keats e Byron. Alguém tem um poema preferido que gostaria de declamar para nós antes de começarmos?

— Eu tenho — respondeu uma voz desinibida no fundo da sala.

Varri a sala com o olhar tentando identificar o aluno com típico sotaque inglês. Um silêncio admirado pairou sobre a turma. Era o novato. Quanta coragem, pensei, se expor daquela maneira logo no primeiro dia. Mas vai ver não passava de um exibido.

— Obrigada, Jake! — agradeceu, entusiasmada, a srta. Castle. — Quer vir aqui na frente recitá-lo?

— Claro.

O garoto que se aproximou da professora não era o que eu esperava. Alguma coisa em sua aparência fez meu coração afundar no estômago. Alto e esguio, tinha o cabelo escuro e liso na altura dos ombros. As maças do rosto eram salientes, dando ao rosto uma expressão emaciada, cavernosa. O nariz era encurvado ligeiramente na ponta, e os olhos escuros nos observavam obstinados sob sobrancelhas espessas.

Vestia um jeans preto e uma camiseta preta e tinha uma tatuagem escura de uma serpente se enrascando no antebraço. Mostrava-se totalmente à vontade com o fato de não estar usando o uniforme da escola. Na verdade, tinha um andar confiante, como alguém que se considera acima das regras. Não havia como negar: ele era lindo. Mas sua imagem sugeria mais que beleza. Seria graça, elegância, charme ou algo mais perigoso?

O olhar incandescente de Jake percorreu a sala. Antes que eu pudesse

baixar a cabeça, seus olhos encontraram os meus e ali pararam por um tempo. Ele abriu um sorriso confiante antes de começar.

— Annabel Lee, uma balada de Edgar Allan Poe — anunciou tranquilamente. — Talvez interesse a vocês saber que Poe se casou com a sobrinha de 13 anos, Virginia, quando tinha 27. Ela morreu dois anos depois, de tuberculose.

A classe o contemplou, hipnotizada. Quando se fez ouvir, a voz dele parecia escorrer como mel, inundando a sala.

Foi há muitos e muitos anos já, Num reino de ao pé do mar, Como sabeis todos, vivia lá Aquela que eu soube amar;

E vivia sem outro pensamento

Que amar-me e eu a adorar.

Eu era criança e ela era criança, Neste reino ao pé do mar;

Mas o nosso amor era mais que amor —

O meu e o dela a amar;

Um amor que os anjos do Céu vieram

A ambos nos invejar.

E foi esta a razão por que, há muitos anos, Neste reino ao pé do mar,

Um vento saiu duma nuvem, gelando

A linda que eu soube amar; E o seu parente fidalgo veio De longe ame a tirar,

Para a fechar num sepulcro

Neste reino ao pé do mar.

E os anjos, menos felizes no Céu, Ainda a nos invejar...

Sim, foi essa a razão (como sabem todos, Neste reino ao pé do mar)

Que o vento saiu da nuvem de noite

Gelando e matando a que eu soube amar.

Mas o nosso amor era mais que o amor

De muitos mais velhos a amar,

De muitos de mais meditar,

E nem os anjos do Céu lá em cima, Nem demônios debaixo do mar Poderão separar a minha alma da alma Da linda que eu soube amar.

Porque os luares tristonhos só me trazem sonhos

Da linda que eu soube amar;

E as estrelas nos ares só me lembram olhares

Da linda que eu soube amar;

E assim ‘stou deitado toda a noite ao lado
Do meu anjo, meu anjo, meu sonho e meu fado, No sepulcro ao pé do mar,
Ao pé do murmúrio do mar.

Quando Jake terminou, não pude deixar de notar que todas as mulheres na sala, inclusive a srta. Castle, estavam extasiadas, admirando-o como se o príncipe encantado em seu cavalo branco tivesse acabado de chegar para resgatá-las. Até eu, admito, me impressionei. A declamação do poema foi emocionante, dando a impressão de que Annabel Lee realmente tinha sido o amor da vida dele. Algumas garotas, a julgar pela expressão em seus rostos, estavam prontas para correr e consolá-lo pela perda.

— Foi uma atuação muito expressiva — murmurou a srta. Castle. — Não podemos nos esquecer de você quando nos prepararmos para a noite de jazz e poesia. Muito bem, gente. Garanto que isso serviu de inspiração para suas próprias idéias. Gostaria que escolhessem seus pares e discutissem sugestões para o poema que vão compor. A forma fica totalmente a critério de cada um. Soltem as rédeas, vocês têm completa licença poética!

A turma começou a se reagrupar de modo a todos se reagruparem aos pares e em círculo. A caminho do seu lugar, Jake parou diante da minha carteira.

— Quer ser meu par? — ronronou. — Soube que também é nova aqui.

— Já estou aqui faz algum tempo — respondi, sem gostar da comparação.

Jake interpretou minha resposta como um "sim" e, sem cerimônia, ocupou o lugar ao meu lado. Recostou-se na cadeira com as mãos confortavelmente entrelaçadas na nuca.

— Meu nome é Jake Thorn — acrescentou, me olhando com aqueles olhos escuros velados. Então, estendeu a mão, o próprio modelo de cordialidade.

— Bethany Church — retribuí, oferecendo cautelosamente a minha.

Em vez de apertá-la, como seria de se esperar, ele a virou e levou-a aos lábios, num gesto galanteador absolutamente ridículo.

— Encantado em conhecê-la.

Quase soltei urna gargalhada. Será que ele pretendia ser levado a sério? Onde supunha estar? Eu teria rido, caso não me pegasse olhando nos seus olhos. Eram verde-escuros e tinham uma intensidade penetrante, embora seu rosto es¬tampasse uma expressão cansada que sugeria que ele já tinha visto muito mais do mundo do que a maioria dos jovens da mesma idade. Seu olhar me escaneou, e tive a impressão de que não deixou passar nadinha. Usava um cordão no pescoço, e preso a ele havia um pingete de prata: uma meia-lua em

que se encontravam gravados símbolos estranhos.

— E aí? — perguntou, enquanto tamborilava na mesa. — Alguma ideia? Olhei para ele sem entender.

— Para o poema — disse ele, erguendo uma sobrancelha.

— Você começa — respondi. — Ainda estou pensando.

— Muito bem. Tem preferência por alguma metáfora específica? Florestas tropicais e arco-íris, que tal? — indagou, rindo da própria gracinha. — Eu, por exemplo, tenho uma queda por répteis.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, curiosa.

— Ter uma queda por alguma coisa significa gostar dela.

— Eu sei o que quer dizer ter uma queda. Mas por que répteis?

— São resistentes e têm sangue frio — respondeu Jake, abrindo um sorriso.

De repente, ele me deu as costas, rabiscou um recado num pedaço de papel, amassou-o até virar uma bola e jogou-o na direção das duas meninas góticas, Alicia e Alexandra, que estavam sentadas à nossa frente, inclinadas sobre os cadernos escrevendo apressadas. As duas ergueram os olhos irritadas, mas a irritação passou assim que notaram quem tinha jogado o papel. Na mesma hora leram o conteúdo do bilhete, sussurrando excitadamente uma para a outra. Alicia olhou de soslaio para Jake por debaixo da franja espessa e fez que sim com a cabeça num movimento quase que imperceptível. Jake piscou e, aparentando satisfação com o resultado da empreitada, acomodou-se de novo na cadeira.

— Então, o tema é o amor — disse ele, voltando a falar comigo.

— O quê? — perguntei tolamente.

— O tema do nosso poema. — Seu olhar deslizou sobre mim. — Esqueceu outra vez?

— Estava distraída, só isso.

— Imaginando o que eu disse àquelas garotas? — perguntou com malícia.

— Não! — exclamei, um pouco rápido demais.

— Estou só tentando fazer amizades — emendou ele, assumindo, repentinamente, uma expressão franca e honesta. —- É duro ser o novato.

Senti uma onda de solidariedade.

— Garanto que logo vai fazer amigos. Todos foram muito receptivos quando cheguei. E estou às ordens se precisar de alguém para lhe mostrar a cidade.

Seus lábios esboçaram um sorriso.

— Obrigado, Bethany. Pode apostar que vou aceitar a oferta.

Ficamos em silêncio ponderando algumas ideias até que Jake voltou a falar.

— E para se divertir, rola o quê?

— A maioria do pessoal sai em grupo para ir à praia e coisas assim — respondi.

— Não. Quero saber o que você faz.

— Bom... Passo a maior parte do tempo com a minha família... e com meu namorado.

— Ah, existe um namorado? Que caretice — disse Jake, com um sorriso. — Não que me espante. Claro que você tem namorado. Com um rostinho desses... Quem é o felizardo?

— Xavier Woods — respondi, envergonhada com o elogio.

— Ele está pensando em entrar para o seminário? Fechei a cara.

— É um nome bonito — acrescentei, na defensiva. — Significa luz. Já ouviu falar de são Francisco Xavier? Jake riu.

— Não é aquele que pirou e se mudou para uma caverna?

— Na verdade, acho que foi uma decisão consciente de levar uma vida simples e renunciar aos confortos materiais — corrigi.

— Entendi — disse Jake. — Falha minha. Me remexi, desconfortável, na carteira.

— Está gostando do seu novo lar? — perguntou ele, por fim.

— Venus Cove é um lugar legal para morar, e as pessoas são autênticas — respondi —, mas alguém como você talvez considere a cidade monótona.

— Acho que não — disse ele, me encarando. — Não agora, não com gente como você morando aqui. O sinal tocou, e rapidamente recolhi meus livros, ansiosa para sair e me encontrar com Xavier.

— A gente se vê, Bethany. Talvez o trabalho seja mais produtivo da próxima vez.

Fui tomada por uma súbita onda de insegurança quando encontrei com Xavier junto aos armários. Por algum motivo, me senti perturbada, e tudo que eu queria era que ele pusesse seus braços protetores à minha volta, embora já passassem a maior parte do dia nessa posição. Quando ele guardou os livros, me joguei nos seus braços e grudei nele como um carrapato.

— Uau! — exclamou Xavier, me envolvendo num abraço. — É bom ver você também. Está tudo bem?

— Está — respondi, enterrando o rosto em sua camisa e sentindo aquele cheiro tão conhecido. — Estava com saudade, só isso.

— Ficamos separados durante uma hora — comentou Xavier, rindo. — Vamos embora.

Caminhamos juntos até o estacionamento. Gabriel e Ivy tinham autorizado Xavier a me levar de carro para casa de vez em quando, o que ele considerava um grande avanço. Seu carro estava estacionado na vaga de sempre, sob a sombra de uma fileira de carvalhos, e ele fez questão de abrir a porta para mim. Não sei o que ele achava que pudesse acontecer se me deixasse abrir a porta sozinha. Talvez temesse que ela se soltasse e me esmagasse ou que eu torcesse o pulso durante tentativa. Ou talvez isso se devesse apenas ao fato de ter recebido uma educação à moda antiga.

Xavier deixou minha bolsa no banco traseiro e esperou que eu colocasse o cinto de segurança para dar partida. Gabriel lhe avisara que, dos três, eu era a única suscetível a sentir dor e sofrer ferimentos. Minha forma humana podia ser danificada. Xavier estava levando tudo ao pé da letra e saiu do estacionamento com uma expressão de profunda concentração.

Mas nem todo o seu cuidado foi capaz de evitar o que aconteceu em seguida. Quando íamos entrar na rua principal, uma moto negra e lustrosa saiu aparentemente do nada e nos fechou. Xavier pisou no freio, fazendo o carro dar um impulso para frente, evitando por pouco uma batida. Derrapamos para a direita, batendo no meio- fio. Fui jogada para a frente, sendo aparada pelo cinto de segurança, que me atirou de volta com força de encontro ao encosto do banco. A moto desceu a rua fazendo barulho, deixando para trás uma nuvem de fumaça. Xavier ficou olhando, atônito, e depois se virou rapidamente para mim a fim de se assegurar de que eu saíra ilesa. Só quando se convenceu disso conseguiu extravasar sua raiva.

— Que diabos foi isso? — indagou, enfurecido. — Que idiota! Conseguiu ver quem estava dirigindo? Se eu descobrir quem era, que Deus me perdoe, vou apresentar a cabeça dele a um poste.

— Não deu para ver direito o rosto por causa do capacete — respondi baixinho.

— Logo vamos descobrir — rosnou Xavier. — Não se vêem muitas Kawasaki Ninja ZX-14 por aqui.

— Como você sabe de que modelo é a moto? — perguntei.

— Sou homem. Gostamos de veículos.

Xavier me levou em casa, observando de cara amarrada o tráfego e os motoristas dos outros carros, como se fosse provável a repetição do incidente. Quando paramos em frente à Byron, já parecia um pouco mais calmo.

— Fiz limonada — disse Ivy, ao abrir a porta da frente. Tinha uma aparência tão doméstica em seu avental que não conseguimos não abrir um

sorriso. — Por que não entra, Xavier? Vocês podem fazer o dever de casa juntos.

— Ah, não, obrigado. Prometi fazer umas coisas para minha mãe — esquivou-se Xavier.

— O Gabriel saiu.

— Nesse caso, aceito, claro. Obrigado.

Minha irmã nos fez entrar e fechou a porta. Phantom veio correndo da cozinha ao ouvir nossas vozes e se chocou contra nossas pernas como forma de cumprimento.

— Primeiro o dever, depois o passeio — disse eu.

Espalhamos nossos livros na mesa da sala de jantar. Xavier precisava terminar um relatório de psicologia, e eu tinha de analisar uma charge política para a aula de história. A charge mostrava o rei Luís XVI de pé ao lado de um trono, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. O trabalho pedia para interpretar o significado dos objetos à sua volta.

— Como se chama isso que ele está segurando? — perguntei. — Não consigo ver direito.

— Para mim, parece um atiçador de lareira — respondeu Xavier.

— Duvido muito que Luís XVI atiçasse a própria lareira. Acho que é um cetro. E o que ele está vestindo?

— Hummm... Um xale? — sugeriu Xavier. Revirei os olhos.

— Vou tirar dez com a sua ajuda.

Na verdade, o dever de casa, bem como as notas que eu receberia pelo meu esforço, não me interessava em nada. As coisas que eu queria aprender não estavam em livros didáticos, mas resultavam de experiências e interações. Mas Xavier se concentrou no relatório de psicologia, e, para não distraí-lo, baixei a cabeça e examinei a charge. Minha concentração durou pouco tempo.

— Se você pudesse desfazer uma única coisa na sua vida, o que seria? — indaguei, fazendo cócegas no focinho de Phantom com a minha caneta com enfeite felpudo. Ele abocanhou a caneta, achando que se tratava de algum animal, e foi embora triunfante.

Xavier parou de escrever e me olhou com uma expressão indagadora.

— Será que você não quis dizer "qual é a variável independente no Experimento da Prisão de Stanford?"

— Não!

—- Lamento dizer que alguns de nós não têm o dom do conhecimento divino. Suspirei.

— Não acredito que esse troço realmente interesse a você!

— Não interessa, mas não tenho escolha, Beth. Preciso entrar na faculdade e arrumar um emprego se quiser progredir. É a realidade -— disse ele, rindo. — Bem, acho que não é a sua, mas sem dúvida é a minha.

Não soube o que responder. A ideia de Xavier envelhecer, ter de trabalhar no mesmo emprego todos os dias e sustentar uma família até morrer me deu vontade de chorar. Queria que sua vida fosse fácil e queria que a passasse ao meu lado.

— Sinto muito — me desculpei baixinho. Ele aproximou sua cadeira da minha.

— Não precisa — disse ele. — Prefiro mil vezes fazer isto... — completou, inclinando-se e beijando meu cabelo. Seus lábios continuaram o caminho até encontrarem meu queixo e, finalmente, a minha boca. — Eu preferia mil vezes passar o tempo todo falando com você, junto de você, descobrindo você — prosseguiu. — Mas só porque entrei nessa fantasia louca não quer dizer que posso abandonar meus outros planos, por mais que queira. Meus pais esperam que eu entre para uma universidade conceituada — explicou ele, franzindo o cenho.

— É importante para eles.

— É importante para você?

— Acho que sim. Que outra opção eu teria?

Assenti. Sabia o que significava ter que estar à altura das expectativas da família.

— Você precisa fazer o que gosta também — argumentei.

— Por isso tenho você.

— Como acha que vou conseguir estudar com você dizendo essas coisas? — reclamei.

— O estoque delas é enorme — brincou Xavier.

— É isso que você faz no seu tempo livre?

— Acertou. Passo o tempo escrevendo elogios para impressionar as mulheres.

— Mulheres?

— Desculpe. Uma mulher. Uma mulher que vale por mil.

— Ah, pare com isso. Não adianta tentar consertar.

— Tão gentil — comentou Xavier, balançando a cabeça. — Sempre pronta a perdoar, a ser generosa...

— É melhor parar — avisei, adotando um tom ameaçador. Xavier baixou a cabeça.

— Peço desculpas... Caramba, me lasquei.

Continuei a fazer o dever de história enquanto Xavier terminava seu relatório. Ele ainda tinha um bocado de deveres, mas eu sempre acabava distraindo o coitado. Mal tinha completado o terceiro problema de trigonometria, senti sua mão deslizar para o meu colo. Dei um tapinha carinhoso nela.

— Continue estudando — insisti, quando ele ergueu os olhos do caderno. — Ninguém autorizou o intervalo. Ele sorriu e rabiscou qualquer coisa no pé da folha. A resposta era:

Encontre x, sendo (x) = 2sen 3x, sobre o domínio $-2\pi<X<2\pi$ **x =** Beth

— Chega de palhaçada — reclamei.

— Não estou fazendo palhaçada, estou reconhecendo uma verdade. Você é a minha solução para tudo — declarou Xavier. — O resultado final é sempre você. X é sempre igual a Beth.

19
A Visita aos Wood

Estava nervosa com a ideia de conhecer a família de Xavier no sábado. Ele já tinha me convidado várias vezes e não dava mais para recusar, ou ele acharia que não estava interessada. Além disso, ele não aceitaria um —não como resposta. Não que eu não quisesse conhecê-los, mas estava morrendo de medo da reação deles quando me vissem.

Na escola, depois que o nervosismo dos primeiros dias evaporou, deixei de me preocupar tanto com a opinião dos outros. A família de Xavier, porém, era diferente. Realmente me importava com ela. Queria que gostassem de mim e que se convencessem de que eu era um ponto positivo na vida do filho. Resumindo, eu queria a aprovação deles. Molly me contou um monte de historias sobre o ex-namorado, Kyle, que seus pais desaprovavam por completo, chegando a proibi-lo de freqüentar a casa dela. Eu tinha certeza de que o clã Woods não seria tão rigoroso comigo, mas, se eu não agradasse, talvez sua influência afetasse os sentimentos de Xavier por mim.

Quando o sábado chegou, o carro de Xavier parou na porta da nossa casa pontualmente dois minutos antes da cinco, conforme o combinado. Seguimos para a casa dele, que ficava do outro lado da cidade, a cerca de dez minutos. À medida que nos aproximávamos, centenas de pensamentos negativos começaram a formigar na minha cabeça. E se achassem que a minha palidez se devia a alguma doença ou uso de drogas? E se julgassem que eu não era boa o bastante para Xavier e que ele podia encontrar coisa melhor? E se, sem quere, eu dissesse ou fizesse algo constrangedor, como em geral acontecia quando estava nervosa? E se seus pais, que eram médicos, percebessem que havia algo de diferente em mim? Não era isso que eles faziam para ganhar a vida afinal? E se Claire ou Nicola achassem minha roupa estava fora de moda? Nesse item, ao menos, eu me sentia segura, porque Ivy me ajudara a escolher o que usar: um vestido de crepe azul-marinho de gola redonda, fechado na frente com botões creme. Como diria Molly, um visual clássico e francês. Mas tudo o mais continuava a ser um grande ponto de interrogação.

— Dá para ficar calma? – disse Xavier, quando passei a Mao no cabelo e alisei o vestido pela décima vez. – Posso ouvir seu coração daqui. Eles não passam de boas pessoas que vão à igreja todo domingo. Vão gostar de você.

Mesmo que não gostem, o que é impossível, você nem vai notar. Mas eles vão adorá-la. Já adoram.

— Como assim?

— Contei a eles tudo sobre você, e há séculos eles estão loucos para conhecê-la. Então não precisa agir como se fosse encontrar seus carrascos.

— Você podia ser um pouco mais solidário – desabafei, irritada. – Tenho muito com o que me preocupar. Você é abominável às vezes!

Xavier desatou a rir.

— Você me chamou de abominável?

— Chamei. Não dá a mínima se estou nervosa!

— Claro que dou – disse ele, paciente. - Mas estou lhe garantindo que não há nada com o que se preocupar. Minha mãe já é sua maior fã, e os outros estão ansiosos para conhecê-la. No início, eles acharam que você era invenção minha. Estou lhe contando para que se sinta melhor, porque *m e im p ort o* . Agora, exijo que retire a ofensa. Não vou conviver com o estigma de ser rotulado de *a b om iná v el*.

— Eu retiro concordei, rindo. – Mas você é um chato.

— Minha auto estima está levando uma surra hoje — disse ele, balançando a cabeça. — Primeiro, sou abominável, depois um chato... Acho que isso faz de mim um chato abominável.

— Só estou preocupada – resumi, incapaz de continuar sorrindo. — E se eles me compararem com a Emily? Se acharem que não chego aos pés dela?

— Beth – disse Xavier, segurando meu rosto com as mãos e me obrigando a encará-lo -, você é incrível. Eles verão isso de cara. Além disso, minha mãe não gostava da Emily.

— Por quê?

— Ela era impulsiva demais.

— Como assim, impulsiva? – indaguei, confusa.

— Ela tinha uns problemas — respondeu Xavier. — Os pais eram divorciados, ela não se dava com o pai e às vezes fazia coisas sem pensar. Eu sempre estava lá para protegê-la, graças a Deus, mas isso não ajudava muito a melhorar o conceito dela com a minha família.

— Se você pudesse mudar as coisas e tê-la de volta, faria isso?

— Emily está morta – disse Xavier. – Foi assim que a vida quis. Então você apareceu. Eu podia estar apaixonado por ela naquela época, mas agora estou apaixonado por você. E se ela voltasse hoje, ainda seria minha amiga mais antiga, mas você continuaria sendo a minha namorada.

— Desculpe, Xavier. É que às vezes acho que você está comigo só porque perdeu a pessoa com quem devia ficar.

— Mas, Beth, você não está vendo? – insistiu Xavier. – Não era para eu ficar com a Emily. Eu estava fadado a amá-la e depois perdê-la. É com você que devo ficar.

— Acho que agora entendo – concordei, pegando sua mão e apertando-a de leve. — Obrigada por me explicar. Sei que pareço um bebezinho.

Xavier piscou.

— Um bebezinho adorável.

† † †

TUDO NA CASA DE XAVIER ERA LIGADO à ideia de conforto. Era uma casa grande e recém- construída, em estilo neogeorgiano, com cercas vivas bem-cuidadas e colunas ladeando a lustrosa porta principal. No lado de dentro, as paredes eram brancas, e o assoalho, de madeira desenhada. A parte da frente, com uma sala de estar luxuosa, destinava-se a receber visitas, enquanto a área aberta, que dava para o deque e a piscina, servia, na maior parte do tempo, de espaço de lazer para os oito membros. Sofás amplos, cobertos de almofadas fofas, ficavam de frente para uma televisão de plasma pendurada na parede. Sobre a mesa de jantar havia uma montanha de objetos típicos de meninas; num canto estava uma cesta de roupa lavada; e vários pares de tênis se enfileiravam junto à porta dos fundos. Do lado oposto à televisão, ficava um cantinho de brinquedos, com uma variedade de bonecas Barbie, caminhões e quebra-cabeças para entreter as crianças mais novas. Um gato de pelo castanho dormia enroscado numa cesta.

Talvez devido ao aroma de quitutes sendo preparados ou, quem sabe, ao som de vozes por toda a casa, o lugar transmitia uma sensação de aconchego, apesar do tamanho.

Xavier me levou à enorme cozinha, onde a mãe tentava, a todo custo, terminar o almoço e arrumar a casa ao mesmo tempo. Ela parecia trabalhar num ritmo frenético, mas, mesmo assim, conseguiu me lançar um sorriso caloroso quando entrei. Dava para identificar, de cara, os traços de Xavier em seu rosto. Tinham o mesmo nariz retilíneo e os mesmos vividos olhos azuis.

— Você deve ser a Beth! – exclamou ela, pousando uma panela no fogão e se aproximando para me abraçar. –

Ouvimos muito a seu respeito! Meu nome é Bernadette, mas pode me

chamar de Bernie, como todo mundo.

— É um prazer conhecê-la, Bernie. Está precisando de ajuda? – indaguei imediatamente.

— Essa é uma oferta que não costumo ouvir com frequência por aqui – respondeu Bernie.

Pegando meu braço, ela me mostrou uma pilha de guardanapos para dobrar e travessas para enxugar. O pai de Xavier entrou na cozinha, vindo do deque onde acabara de acender a churrasqueira, à sombra de barcos ancorados de velas brancas e triangulares. Era alto e magro, tinha cabelos castanhos e usava óculos redondos como os de um professor. Pude ver de quem Xavier herdara a estatura.

— Já botaram você para fazer o trabalho domestico? – disse ele com uma risadinha.

Apertou minha mão e se apresentou como Peter. Depois de dar um aperto em meu ombro tentando me tranquilizar. Xavier foi ajudar o pai com o churrasco. Enquanto punha a mesa com Bernie, dei uma olhada em volta para apreciar a maravilhosa desordem domestica da casa. Na televisão passava um jogo de beisebol. Dava para ouvir o barulho de pés correndo no andar de cima, ao mesmo tempo que alguém ensaiava um trecho bastante básico no clarinete. Bernie andava de um lado para o outro afobada, levando os pratos para a mesa. Tudo era gloriosamente normal.

— Desculpe a bagunça – disse Bernie. – O aniversario de Jasmine foi outro dia, e o caos se instaurou por aqui. Sorri. Não me importava se havia ou não bagunça – sentia-me curiosamente em casa.

— Já disse a você para não pegar minha gilete – gritou alguém que descia a escada fazendo barulho. Xavier, que havia entrado para pegar alguns pratos, soltou um suspiro exagerado.

— Este seria um bom momento para você escapar – sussurrou para mim.

— Pelo amor de Deus, você tem um pacote cheio. Pare de reclamar – reclamou outra voz.

— Era a minha última, e agora está cheia das suas células epiteliais nojentas.

Uma porta bateu, e surgiu uma garota de cabelos castanhos, com os cachos presos por uma faixa. Vestia um short de Lycra, como se tivesse acabado de fazer ginástica, e um top vermelho.

— Mãe, dá para falar para a Claire não entrar no meu quarto? – pediu.

— Por que você não se muda logo e vai morar com o Luke? – gritou a irmã.

— Se pudesse eu ia, acredite.

— Eu odeio você! Isso não é justo.

A garota de repente percebeu a minha presença e parou de gritar para me lançar um olhar de cima a baixo.

— Quem é essa? – indagou num tom rude.

— Nicola! – repreendeu Bernie. – Cadê sua educação? Esta é Beth. Beth, minha filha de 15 anos, Nicola.

— Muito prazer – disse a garota, de má vontade. – Não sei que graça você pode achar em sair com *ele* – acrescentou, apontando com a cabeça na direção de Xavier. – Ele é um retardado, e as piadas dele são um horror.

— Nicola está em plena crise de adolescência e perdeu toda a capacidade de achar graça das coisas – explicou Xavier.

— Do contrário, adoraria meu senso de humor afiado. Nicola olhou furiosa para o irmão.

Fui poupada de esboçar qualquer tipo de reação pela entrada da Irmã mais velha de Xavier, Claire. Seu cabelo era liso como o dele e caia solto nos ombros. Vestia um cardigã preto de tricô e botas de cano alto. A despeito do concurso de gritos, notei que sua expressão era amistosa.

— Uau, Xavier, você não falou que a Beth era tão deslumbrante! – observou Claire, se aproximando e me dando um abraço.

— Na verdade, falei, sim – respondeu Xavier.

— Bem, eu não acreditei – confessou Claire, rindo. – Oi, Beth, bem-vinda ao zoológico.

— Parabéns pelo noivado – cumprimentei.

— Obrigada, mas é tudo tão estressante... Não sei se Xavier lhe contou. Ontem, por exemplo, ligaram do bufê dizendo...

Xavier sorriu e nos deixou conversando. Eu não tinha muito a dizer, mas Claire falou dos preparativos para o casamento, e eu estava mais que satisfeita em ouvi-la. Fiquei pensando por que uma ocasião tão feliz tinha que ser tão turbulenta.

Segundo Claire, tudo que podia dar errado estava dando, e ela se perguntava se havia quebrado um espelho ou algo do gênero para atrair tanta má sorte. Bernie voltou à cozinha para procurar Xavier, que surgiu na porta dos fundos, segurando um espeto.

— Xavier, querido, corra e traga os pequenos para conhecer Beth. Estão assistindo ao *R ei L eã o* – pediu Bernie, antes de virar-se para mim e acrescentar:

— É o único jeito de ficarem quietos nem que seja por meia hora.

Xavier piscou para mim e sumiu no corredor. Uns minutinhos depois, ouvi seus passos descendo a escada, seguidos, por pezinhos descalços e batendo no chão.

Jasmine, Madeline e Michael irromperam na sala. Congelaram a meio passo Quando me viram e me encararam abertamente, do jeito que só as crianças pequenas podem fazer sem parecer falta de educação . Madeline e Michael eram os caçulas e ambos tinham cabelo louro, enorme olhos castanhos e os rostinhos sujos de chocolate. Jasmine, que acabara de fazer nove anos, era uma menina de expressão séria com grandes olhos azuis. Seu cabelo comprido, estilo Alice no País das Maravilhas, estava preso com uma fita de cetim.

— Beth! – gritaram Michael e Madeline em uníssono, superando a timidez inicial.

Depois de correrem até onde eu estava, cada um me puxou por uma das mãos para me levar ao cantinho dos brinquedos. Bernie pareceu meio preocupada, mas não estavam incomodando. Gostava das almas infantis, e aquilo não era muito diferente, apenas mais confuso.

— Quer brincar com a gente? – imploraram os dois.

— Agora não – disse Bernie. – Esperem o fim do jantar para perturbar a pobre da Beth.

— Vou me sentar ao lado dela na mesa – anunciou Michael.

— Não, eu é que vou – contestou Madeline, empurrando o irmão. – Vi a Beth primeiro.

— Não viu, não!

— Vi, sim!

— Ei, os dois podem se sentar perto da Beth – interveio Claire, envolvendo ambos em um abraço e lhes fazendo cócegas.

De repente, me dei conta de uma figurinha ao meu lado Jasmine tinha os olhos grandes e claros fixos em mim.

— Eles são muito barulhentos – disse ela, baixinho. – Gosto mais do silêncio. Xavier, em pé ao meu lado, riu e fez um cafuné carinhoso na irmã.

— Esta aqui é muito pensativa – comentou. – Está sempre longe, com as fadas.

— Acredito em fadas – emendou Jasmine. – Você também?

— Com certeza – respondi, ajoelhando-me ao lado dela. – Acredito em todas essas coisas, em fadas, sereias, anjos .

— Sério?

— Sério. E cá entre nós, já vi alguns deles.

Os olhos de Jasmine se esbugalharam, e a boquinha de botão se abriu de surpresa.

— Já viu? Eu também queria poder ver.

— Ora, você pode – garanti. – É olhar com atenção. Às vezes eles estão onde a gente menos espera.

Quando chegou a hora de comer, vi que Bernie e Peter haviam preparado um banquete. Olhei as travessas de carne de porco, linguiça, costelas assadas na churrasqueira e fiquei seriamente preocupada. Xavier devia ter se esquecido de avisar que não comemos carne. Não apenas por uma questão de principio, mas porque nosso organismo não aceita bem esse tipo de comida. É difícil de digerir e nos deixa zonzos. Mas, mesmo se não fosse esse o caso, não me apeteceria comer carne. Só de pensar nisso, meu estômago ficava embrulhado. Mas os donos da casa tinham se esforçado tanto que não tive coragem de dizer nada. Felizmente, não foi preciso.

— A Beth não come carne – disse Xavier com naturalidade. – Não contei para vocês?

— Por que não? – perguntou Nicola?

— Procure a palavra *veget a ria no* no dicionário – respondeu Xavier com sarcasmo.

— Tudo bem, querida – disse Bernie, pegando meu prato e enchendo-o de batatas assadas, legumes grelhados e salada de arroz. – Não tem problema algum – acrescentou, continuando a me servir, embora o prato já estivesse cheio.

— Mãe! Exclamou Xavier, tirando o prato prestes a transbordar da mão dela e pondo-o diante de mim. – Acho que já está bom.

Quando todos já tinham sido servidos. Nicola pegou o garfo e preparou-se para levar à boca um punhado de arroz. Bernie, então, lançou-lhe um olhar repreendedor.

— Xavier, querido, quer fazer a oração de agradecimento?

Nicola, de propósito, colocou ruidosamente o garfo de volta na mesa.

— Shhh – comandou Jasmine, e a família toda inclinou a cabeça. Claire se encarregou de manter Madeline e Michael quietos, segurando a mão dos dois para tentar acalmá-los. Xavier fez o sinal da cruz.

— Que o Senhor nos faça ser genuinamente gratos pelo alimento que vamos receber e que estejamos sempre atentos às necessidades do próximo, por Jesus Cristo, amém.

Ele terminou e ergueu os olhos, encontrando os meus por uma fração de segundo, antes de desviá-los e tomar um gole de refrigerante. Pude ver tanta

compreensão entre nós em seu olhar, tamanha conexão na fé, que naquele momento não poderia tê-lo amado mais.

— E então, Beth – disse Peter. – Xavier nos contou que você se mudou para cá com seus irmãos.

— Isso mesmo – concordei, sentindo a comida entalar na garganta enquanto me preparava para a famigerada pergunta — E seus pais? —, mas ela não veio.

— Adoraria conhecer seus irmãos – foi tudo o que disse Bernie. – Também são vegetarianos? Sorri.

— Somos todos.

— Que coisa esquisita! – exclamou Nicola.

Bernie lançou-lhe um olhar furioso, mas Xavier apenas riu.

— Você ficaria surpresa com a quantidade de vegetarianos que existe no mundo, Nic – disse ele.

— Você é a namorada de Xavier? – interrompeu Michael, espalhando os feijões no prato e cutucando-os com o garfo.

— Não brinque com a comida – advertiu Bernie, mas Michael não a ouviu. Em vez disso, olhou para mim, à espera de uma resposta.

Virei-me para Xavier, indecisa sobre o que devia dizer diante da sua família.

— Não sou um cara de sorte? – brincou Xavier com o irmãozinho.

— Por favor, me poupe – disse Nicola, mas Claire calou-a com um cutucão.

— Também vou arrumar uma namorada – disse Michael num tom sério, e todos riram.

— Você tem tempo de sobra para isso, meu filho – emendou o pai. – Não precisa se apressar.

— Bom, pai, eu não quero um namorado – disse Madeline. – Os meninos são sujos e fazem muita bagunça quando comem.

— Principalmente os de seis anos – concordou Xavier, com um risinho. – Mas não se preocupe, eles melhoram com a idade.

— Mesmo assim. Não quero um namorado – insistiu Madeline.

— Estou com você – disse Nicola.

— Que papo é esse? Você tem um namorado – interveio Xavier. – Embora se comporte como se não tivesse.

— Cale a boca – rebateu Nicola. – Faz duas horas que não tenho mais. Ninguém. à exceção de mim, pareceu se preocupar ao ouvir o que ela disse.

— Que pena! – exclamei. – Você está bem? Claire riu.

— Ela e Hamish terminam o namoro no mínimo uma vez por semana –

explicou. – Sempre fazem as pazes no fim de semana seguinte.

Nicola armou um bico.

— Desta vez é definitivo. E estou bem, Beth. Obrigada por perguntar – disse ela, fulminado os demais com os olhos.

— Nic vai acabar uma velha solteirona – disse Michael, com uma risadinha.

—O quê? – perguntou Nicola, zangada. – Aliás, como é que você sabe o que é isso? Você só tem quatro anos.

— Foi a mamãe que falou – respondeu Michael.

Bernie tossiu, quase engasgando com a comida, enquanto Peter e Xavier esconderam o riso com o guardanapo.

— Obrigado, Michael – disse Bernie. – O que eu quis dizer foi que *ta lvez* você devesse pensar melhor na maneira como trata as pessoas se não quiser afastá-las. Não há necessidade de se irritar tanto com tudo.

— Eu nunca me irrito! – revoltou-se Nicola, batendo o copo com força na mesa e derramando parte do conteúdo.

— Você atirou uma bola de tênis na cabeça de Hamish – discordou Claire.

— Ele falou que o meu vestido era curto demais! – gritou Nicola.

— E daí? – quis saber Xavier.

— Ele devia ter ficado quieto, guardado o comentário para si.

— E, como não guardou, merecia ter os miolos esmagados por uma bola de tênis? – emendou Xavier, fazendo que sim com a cabeça. – Faz todo sentido.

— Acho ótimo recer, finalmente, uma menina para jantar conosco – comentou Bernie, tentando encerrar a discussão. – Luke e Hamish estão sempre aqui, mas a visita de Beth é muito especial.

— Obrigada. – agradeci. – Estou muito feliz de estar aqui.

O celular de Claire tocou, e ela se desculpou antes de levantar da mesa para atendê-lo. Segundos depois, voltou, com a mão cobrindo o bocal.

— É o Luke. Está atrasado, mas não demora – explicou, fazendo uma pausa. – Seria tão mais fácil se ele pudesse dormir aqui.

— Você sabe o que seu pai e eu achamos disso. Já conversamos com você a respeito.

Claire voltou-se com uma expressão suplicante para o pai, que fingiu estar concentrado na comida.

— Não depende de mim – murmurou ele, sem graça.

— Será que já não está na hora de facilitar um pouco as coisas? – perguntou Xavier à mãe. – Eles já têm data e tudo.

Bernie não se deixou convencer.

— Não é certo. Pense no exemplo que ela daria. Xavier afundou a cabeça nas mãos.

— Ele pode dormir no quarto de hóspedes.

— Você se candidata a montar vigília a noite toda? Não, acho que não. Enquanto vocês morarem debaixo deste teto, terão que seguir as nossas regras. Xavier gemeu como se já tivesse ouvido aquele discurso antes.

— Não precisa reagir assim – disse Bernie. – Criei meus filhos para viverem de acordo com certos princípios, e sexo antes do casamento não é algo que esta família aprove. Espero que não tenha mudado sua postura em relação a isso, certo, Xavier?

— Longe de mim! – respondeu Xavier, com uma seriedade zombeteira. – Só a ideia me dá arrepios.

As irmãs não conseguiram se conter e caíram na gargalhada, amenizando o clima. Imediatamente foram seguidas pelos irmãos mais novos, que não faziam ideia do motivo de tanto riso, mas não queriam ser deixados de fora.

— Desculpe, Beth – disse Claire, quando recuperou o fôlego. – A mamãe gosta de um sermão de vez em quando, e ele não tem hora para acontecer.

— Não precisa se desculpar, querida. Garanto que a Beth entende o que eu disse. Ela parece uma pessoa muito responsável. Sua família é religiosa?

— Muito – respondi com um sorriso. – Acho que você se daria bem com eles.

Passamos o restante da noite falando de assuntos menos delicados. Bernie fez uma série de perguntas inofensivas sobre os meus interesses acadêmicos e meus sonhos para o futuro. Xavier havia previsto o rumo da conversa, e por isso eu ensaiara minhas respostas de antemão. Claire trouxe para a mesa um grosso exemplar da revista *Noivas* e pediu minha opinião sobre inúmeros vestidos e bolos. Nicola ficou de cara amarrada e fez observações sarcásticas sempre que era incluída na conversa. Os mais novos vieram sentar-se no meu colo quando chegou a hora da sobremesa, e Peter contou o que Jasmine rotulou de piadas do papai.

Xavier simplesmente sentou-se ao meu lado, com o braço envolvendo meus ombros, parecendo muito contente e contribuindopara a conversa com comentários a intervalos irregulares. Aquela noite foi a experiência mais próxima da realidade terrena de que já tive, e adorei cada momento. A família de Xavier, apesar dos conflitos típicos, era muito unida, muito amorosa, muito humana, e desejei mais que tudo compartilhar aquilo. Conheciam a força e a fraqueza uns dos outros e aceitavam-se a despeito disso. Achei incrível que

fossem tão abertos e o que sabiam uns sobre os outros - até coisas triviais, como o sabor predileto de sorvete e os filmes de que mais gostavam.

— Vocês acham que devo assistir ao filme novo de James Bond? – indagou Nicola a certa altura.

— Acho que não, Nic – respondeu Xavier. – Tem ação demais para o seu gosto.

Gabriel, Ivy e eu tínhamos um laço de confiança, mas não nos conhecíamos tanto assim. A maioria de nossas reflexões se dava interiormente e jamais era verbalizada. Talvez por não precisarmos de personalidades exclusivamente nossas, não perdíamos tempo desenvolvendo-as. Sendo apenas expectadores, não havia decisões a tomar, dilemas morais a resolver. Alcançar a unidade com o Universo significava poder dispensar conexões pessoais. O único amor que nos cabia experimentar era um amor genérico, que abrangia todas as coisas vivas.

Percebi com certo choque que estava começando a me identificar mais com os humanos do que com a minha própria espécie. Pelo visto, os humanos tinham uma necessidade de se conectarem profundamente entre si. Ansiavam pela intimidade ao mesmo tempo que a temiam. Numa família, era impossível guardar segredos. Se Nicola estava de mau humor, todo mundo sabia. Se a mãe se decepcionava, bastava olhar para o seu rosto para saber. Fingir alguma coisa era o mesmo que desperdiçar tempo e energia. No final da noite, senti-me imensamente grata a Xavier. Permitir que eu conhecesse sua família foi um dos maiores presentes que ele podia ter me dado.

— E então, como está se sentindo? – perguntou ele ao me deixar em casa.

— Exausta – admiti. – Mas feliz.

Naquela noite pensei em algo que nunca me ocorrera antes. O comentário de Bernie a respeito de sexo antes do casamento me deixou intrigada. Sabia que Xavier e eu podíamos fazer sexo, porque eu havia assumido A forma humana e estava apta a interagir fisicamente como um humano. Mas quais seriam as consequências de um ato desses? Decidi abordar o assunto com Ivy – mas não naquela noite. Não queria estragar minha satisfação.

20
Sinal de Alerta

Abri a porta da sala para a aula de literatura e encontrei Jake Thorn sentado, muito à vontade, na beirada da mesa da srta. Castle, com os olhos fixos no rosto enrubescido da professora. Percebi que não tinham notado a minha presença, pois entrei e nenhum dos dois olhou na minha direção. O cabelo escuro e sedoso de Jake estava penteado para trás, deixando suas feições totalmente descobertas. As maçãs do rosto se destacavam, proeminentes, e os olhos verdes de gato observavam intensamente a srta. Castle com a expressão hipnotizadora de uma cobra prestes a dar o bote. Havia uma rosa vermelha sobre a mesa, e vi que as mãos longas e magras de Jake estavam levemente pousadas sobre as da professora. O único som na sala vinha da respiração ofegante da srta. Castle.

— Isto é inadequado — sussurrou ela.

— Segundo que leis? — indagou Jake numa voz grave e confiante.

— Para começar, as da escola. Você é meu aluno! Jake deu uma risadinha.

— Sou um adulto. Tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões.

— E se formos pegos? Posso perder meu emprego, nunca mais conseguir trabalhar como professora, eu... Percebi seu suspiro abafado quando Jake pôs o dedo em seus lábios e depois o fez escorregar até pousá-lo na base do pescoço.

— Podemos ser discretos.

No momento em que ele se inclinou sobre a srta. Castle e ela fechou os olhos, ouviu-se um pequeno estrondo atrás de mim, seguido por uma série de palavrões. Ben tinha acabado de chegar e sem querer bateu com a mochila na porta. Jake pulou da mesa com uma graciosidade felina, enquanto a srta. Castle, com o rosto vermelho de vergonha, mexia os papéis à sua frente e tentava arrumar o cabelo.

— Oi — grunhiu Ben, passando por mim e se dirigindo à própria carteira, indiferente à cena que tinha acabado de interromper. Atirou-se na cadeira e fez uma careta para o relógio.— Ora, nem estou atrasado.

Ocupei o lugar que ficava atrás de Ben, à medida que os outros alunos chegavam e olhavam com curiosidade para a minha carteira. Alguém rabiscara no tampo: *Inglês é a morte. A morte é uma merda.* Não queria olhar para Jake, pois continuava chocada com o que tinha visto. Mas sabia que não tinha esse

direito. Jake, aos 18 anos, podia paquerar quem quisesse. E o pior, isso não era da minha conta.

Eu devia ter previsto que ele não iria permitir que eu o ignorasse. Sentou-se ao meu lado.

— Oi — cumprimentou numa voz conquistadora. Os olhos eram ainda mais cativantes que a voz. Quando olhei para dentro deles, foi difícil olhar em outra direção.

† † †

AS COISAS COMEÇAVAM A MUDAR NA BRYCE HAMILTON. Não dava para identificar o que exatamente tinha mudado nem quando, mas a escola parecia diferente. Havia união onde antes só existia disparidade. A participação nas atividades escolar nunca tinha sido tão grande e, a julgar por alguns dos cartaz nos corredores, uma nova consciência a respeito dos problemas globais vinha surgindo. Eu não podia reivindicar o mérito por nenhum desses avanços, já que estava demasiado preocupada em me ambientar e em conhecer melhor Xavier para pensar em qualquer outra coisa. Sabia que a mudança se devia inteiramente à influência de Gabriel e Ivy.

Os moradores de Venus Cove perceberam de imediato a intenção de Ivy de ajudar os outros. Embora não frequentasse a escola, ela fazia questão de conseguir apoio a várias causas, do bem-estar dos animais às questões do meio ambiente. Defendia essas causas com a sua habitual meiguice — não precisava ser agressiva para convencer ninguém. A Bryce Hamilton a convidara para falar em assembléias no intuito de informar aos alunos sobre campanhas de caridade e eventos para levantar fundos programados na cidade. Se havia um mutirão para angariar recursos em prol de uma boa causa, seja lavando carros, preparando bolos ou mesmo organizando um concurso Miss Venus Cove, Ivy em geral era a idealizadora. Ela criara um programa de serviço social na cidade, e um número pequeno, porém crescente, de voluntários se dispôs a ajudá-la nas tardes de quarta-feira. A escola chegou mesmo a elaborar um programa de participação voluntária como alternativa para os esportes vespertinos, que abrangia a atuação em grupos de caridade locais, ajuda a idosos nas compras e trabalho no sopão para os pobres em Port Circe. Alguns admitiam que o interesse pelas atividades era na verdade uma desculpa para se aproximarem de Ivy, mas a maioria se dedicava porque realmente via a importância das causas.

Entretanto, faltando apenas duas semanas para a formatura das turmas de

terceiro ano, todos os projetos sociais foram temporariamente abandonados. As garotas da escola estavam praticamente obcecadas. Era difícil acreditar que o tempo passara tão rápido. Parecia ter sido ontem que Molly marcara a data do baile na minha agenda, reprovando a minha falta de entusiasmo. Com surpresa, me vi tão ansiosa quanto todas as outras com relação ao grande evento. Ficava agitada e um tanto histérica como as demais meninas sempre que o assunto surgia, sem me importar de parecer infantil.

Na sexta-feira, encontrei-me com Molly e as garotas depois da aula para a nossa tão esperada excursão de compras a Port Circe, uma cidade grande a apenas meia hora de trem de Venus Cove. Com cerca de duzentos mil habitantes, superava em muito o tamanho de Venus Cove, e vários moradores da nossa monótona cidade empreendiam essa jornada diariamente para trabalhar, enquanto os adolescentes iam lá para fazer compras ou tentar entrar nas boates com suas identidades falsificadas.

Gabriel me dera um cartão de crédito acompanhado de instruções para que eu fosse moderada e me lembrasse da irrelevância dos bens materiais. Ele estava ciente dos perigos de deixar um bando de garotas à solta com um cartão de crédito na mão, mas não precisava se preocupar, já que as minhas chances de encontrar algo de que eu gostasse pareciam remotas. Eu era extremamente exigente quando se tratava de roupas e tinha uma ideia muito clara de como queria me vestir para a noite da formatura. Criara uma expectativa exagerada. Nessa noite, eu não queria só me sentir, mas também parecer um anjo na Terra.

Bateu-me um nervosismo enquanto nos dirigíamos pela rua principal à estação ferroviária. Seria a minha primeira experiência com o transporte público. Por mais que ansiasse por ela, não pude evitar um leve receio, Quando chegamos à estação, segui as outras meninas por uma passagem subterrânea até uma plataforma em estilo antigo. Fizemos fila no guichê e compramos as passagens com um homem de bigode grisalho. Ele balançou a cabeça, reprovando a algazarra das garotas, mas eu lhe dei um amplo sorriso e em seguida enfiei o bilhete dentro da carteira.

Fomos nos sentar nos bancos de madeira da plataforma e aguardamos o expresso das 16h15. As meninas continuavam a tagarelar e a enviar torpedos na velocidade da luz, combinando de encontrar os garotos da Saint Dominique em Port Circe. Molly anunciou que estava com sede e comprou uma lata de refrigerante diet numa máquina. Já eu estava tranquila e relaxada, até que a chegada do trem me causou um choque.

Começou como nada mais que um ronco a distância, como um trovão, mas

o barulho cresceu, e logo a plataforma passou a vibrar sob meus pés. Então, aparentemente de lugar nenhum, surgiu o trem deslizando sobre os trilhos numa velocidade tamanha que me perguntei como o maquinista conseguiria parar. Dei um salto e me encostei à parede do saguão de espera enquanto os vagões do trem, que pareciam pouco seguros, paravam ruidosamente. As meninas me encararam.

— O que você está fazendo? — indagou Taylah, olhando em volta envergonhada para se assegurar de que ninguém tinha visto meu show.

Observei o trem desconfiada.

— É normal fazer tanto barulho?

As portas de metal se abriram, e uma onda de pessoas foi despejada. Vi as portas de um vagão voltarem a se fechar, prendendo a barra do paletó de um homem. Engoli em seco, e as garotas caíram na gargalhada. O homem bateu furiosamente nas portas do trem, e elas se abriram de novo. Ele saiu a toda, lançando um olhar zangado em nossa direção.

— Nossa, Beth! — exclamou Molly, segurando o estômago enquanto tremia de tanto rir. — Parece até que você nunca viu um trem.

A pesada fileira de caixas de metal interligadas parecia mais uma arma de destruição em massa do que qualquer meio de transporte confiável.

— Não me parece nada seguro — disse eu.

— Não seja infantil! — censurou Molly, me pegando pelo braço e me empurrando para uma das portas abertas.

— Vamos perdê-lo!

O interior do trem não era tão ruim. Molly e as amigas desabaram num banco, ignorando os olhares irritados dos passageiros cujo espaço fora invadido. Enquanto sacolejávamos a caminho de Port Circe, acomodada na pontinha do meu assento, observei as pessoas à volta. Fiquei surpresa com o leque de figuras que o transporte de massa atraía, de executivos em ternos formais a estudantes suarentos, passando por uma mendiga idosa calçando mocassins forrados de pele. Não me senti muito à vontade cercada por toda essa gente e correndo o risco de ser atirada para a frente toda vez que o trem parava com um solavanco, mas disse a mim mesma que devia agradecer cada experiência humana que tinha a oportunidade de vivenciar. Em breve tudo isso acabaria.

Quando chegamos ao destino, descemos com a multidão que se espremia para sair do trem e alcançar a praça principal de Port Circe, a qual, sem dúvida, não lembrava em nada a sonífera Venus Cove. As ruas eram amplas, retangulares e margeadas de árvores, e torres de igreja e arranha-céus se destacavam no

horizonte. Molly insistiu para atravessarmos as ruas em meio ao tráfego congestionado, em vez de usar as faixas para pedestres. Por todo lado havia gente com sacolas de compras na mão. Passamos por um sem-teto de barba branca sentado na escadaria da catedral. As rugas em torno de seus olhos caídos eram fundas como fendas. Ele tinha um cobertor cinza do Exército em volta dos ombros e sacudia uma latinha com algumas moedas dentro. Procurei por algum trocado no bolso, mas Molly me impediu.

— Você não pode se aproximar de estranhos assim — advertiu. — É perigoso. Ele provavelmente é um viciado ou algo do gênero.

— Ele parece um viciado? — argumentei.

Molly deu de ombros e seguiu em frente, mas eu voltei para enfiar uma nota de dez dólares na mão do sujeito, que agarrou meu braço e me disse Deus a abençoe. Quando olhei diretamente para ele, percebi que era cego.

As garotas decidiram que devíamos nos separar. Umas foram para uma pequena butique numa rua de paralelepípedos fechada ao tráfego, enquanto Molly, Taylah e eu partimos para uma grande loja de departamentos com portas automáticas e chão de mármore quadriculado. Fiquei satisfeita por me afastar da agitação das ruas e ergui o rosto para sentir o vento frio vindo das saídas do ar-condicionado no teto.

— Estamos na Madisons — explicou Molly, como se falasse com um marciano. — Aqui você encontra todo tipo de produtos espalhados por diferentes andares.

— Obrigada, Molly, acho que peguei o espírito da coisa. Em que andar ficam as roupas femininas?

— Não vamos nem passar perto de lá. Só tem roupa brega. Vamos direto para a Mademoiseile, no terceiro andar. Tem coisas ótimas e é mais barato do que aquelas butiques chiques. Só porque Megan nada em dinheiro...

Somente depois de duas horas de garimpagem nas araras com a ajuda de vendedoras muito pacientes, Molly e Taylah finalmente encontraram vestidos que as satisfizessem. Examinaram arara após arara, descartando modelos que pareciam frescos demais, vulgares demais, madura demais, sem graça demais ou pouco sexy. Esquecendo-se de que já tinham discutido o assunto, entraram numa polêmica acerca do comprimento perfeito. Pelo que entendi, logo acima do joelho era muito adolescente; abaixo do joelho, geriátrico; e no meio da canela, apenas para quem comprava roupa em brechó. Sobravam, assim, apenas duas opçóes aceitáveis: mini ou longo. Essa questão foi abordada como um problema de importância nacional, até que passaram a discutir se a roupa devia ser com ou

sem babadinhos, tomara que caia ou não, de cetim ou de seda. Eu as seguia como uma sonâmbula, me esforçando ao máximo para acompanhá-las e não deixar transparecer o cansaço.

Depois do que me pareceram horas de indecisão, Taylah optou por um vestido curto de tafetá, de frente única e cor de pêssego que arrebitava na barra. Cumpria perfeitamente o objetivo de exibir as pernas bem-torneadas, ainda que, na minha opinião, isso a fizesse parecer um profiterole sem calda de chocolate.

Vislumbrei algo que me pareceu combinar muito bem com o tom de pele de Molly e mostrei a ela. A vendedora concordou comigo na mesma hora.

— Essa cor vai ficar ótima em você — garantiu a vendedora.

— É lindo — disse Molly.

— E então? Vá logo experimentar — insistiu Taylah.

Quando Molly saiu do provador, foi como se tivesse sofrido uma transformação, indo de adolescente desengonçada a deusa. Até os outros clientes pararam para admirá-la. Nós a fizemos girar para avaliar o figurino de todos os ângulos. O vestido era de um ombro só, em estilo grego, com uma delicada alça dourada no ombro nu. O tecido caía sobre o corpo curvilíneo de Molly em camadas suaves, chegando ao chão como se fosse líquido. O mais incrível, porém, era a cor, um bronze estonteante que cintilava sob a luz. Enfatizava o tom avermelhado dos cachos de Molly e destacava o rosa-pêssego da sua pele.

— Uau! — exclamou Taylah. — Acho que encontramos o seu vestido. Você e Ryan vão formar um casal deslumbrante.

— Espere aí. Ele convidou você? — perguntei. Molly fez que sim com a cabeça.

— Demorou, mas convidou.

— Por que não me contou?

— Não chega a ser uma notícia bombástica.

— Está brincando? — gritou Taylah. — Você vem correndo atrás disso há semanas. Deu certo, você conseguiu o queria.

— Acho que sim — concordou Molly, mas seu rosto mostrava o entusiasmo habitual.

Estaria pensando em Gabriel? Talvez Molly tivesse mudado, e Ryan Robertson, com toda a sua beleza e seus músculos definidos, já não bastasse para ela.

Para Taylah e Molly a busca angustiante tinha chegado ao fim, e a expressão de ambas mostrava alívio. Sapatos e acessórios podiam esperar. As duas haviam encontrado vestidos que lhes caíam como luvas. Em compensação,

eu não vira nada remotamente empolgante. Os vestidos eram mais ou menos os mesmos — ou excessivamente trabalhados, cheios de bordados e laços, ou sem graça. Queria algo simples, porém arrasador, algo que me destacasse na multidão e deixasse Xavier sem fala. Sabia que aquilo era pedir demais e que as chances de encontrá-lo eram pequenas. Parte de mim tinha vergonha dessa vaidade recém-descoberta, mas meu desejo de impressionar Xavier falava mais alto.

— Vamos lá, Beth! — disse Molly, cruzando os braços resoluta. — Deve haver alguma coisa que lhe agrade! Não vamos embora até você encontrar.

Tentei protestar, mas, agora que já tinha encontrado seu figurino, Molly estava inteiramente disposta a me ajudar. Por insistência dela, experimentei vestido após vestido, sem que nenhum deles parecesse o certo.

— Você é doida — disse ela, passada uma hora. — Tudo fica maravilhoso em você.

— É mesmo. Você é tão magrinha... — emendou Taylah, cerrando os dentes.

— Este aqui! — gritou Molly, tirando da arara um vestido de cetim branco plissado que se abria como um leque.

— Uma réplica de Marilyn Monroe. Experimente!

— É lindo — concordei. — Mas não é o que procuro. Molly soltou um suspiro e devolveu o vestido à arara.

Saí da Madisons com as modestas compras de um vidro de esmalte chamado Whisper Pink e um par de brincos de argola de prata. Não tinham chegado nem perto de valer o tempo e o esforço.

Encontramos as outras meninas na Starbucks. Várias sacolas de grife espalhavam-se a seus pés, e dois rapazes de blazers listrados com as camisas para fora das calças as acompanhavam.

— Estou morta de fome — anunciou Molly. — Daria tudo por um daqueles cookies gigantes. Taylah balançou o dedo diante dela.

— Até o baile, só salada.

— Tem razão — gemeu Molly. — Café está liberado?

— Com leite desnatado e sem açúcar.

Quando cheguei em casa, o desânimo era difícil de disfarçar. A excursão de compras falhara, e eu não sabia onde encontrar um vestido. Percorrera as lojas de Venus Cove semanas antes e restavam apenas dois ou três brechós.

— Não deu sorte? — perguntou Ivy, sem parecer surpresa. — Ao menos se divertiu?

— Não muito. Foi uma perda de tempo. Depois de experimentar vários

vestidos, todos começam a parecer iguais.

— Não se preocupe, vai achar alguma coisa. Ainda há tempo.

— Não adianta. O que eu quero não existe. Nem devia me dar ao trabalho de ir.

— Ora, Beth — disse Ivy. — Você não pode fazer isso com Xavier. Tenho uma ideia. Por que não me diz que tipo de vestido deseja e eu mesma costuro?

—- Não posso lhe pedir isso! Você tem coisas mais importantes com que se ocupar.

— Quero fazer isso por você. Além disso, não vai me tomar tanto tempo, e você sabe que posso criar exatamente o que você procura.

Eu sabia que ela estava certa. Ivy podia se transformar numa exímia costureira em questão de horas. Não havia nada que ela e Gabriel não fossem capazes de fazer caso estivessem dispostos a isso.

— Por que não tiramos umas horinhas hoje à tarde para olhar revistas e ver se gosta de alguma ideia? — perguntou Ivy.

— Não preciso olhar revistas. Já tenho o vestido na cabeça. Minha irmã sorriu.

— Ótimo. Feche os olhos, então, e mande o vestido para mim.

Fechei os olhos e imaginei a noite da festa. Vi a mim e Xavier em pé, de braços dados, sob uma cobertura iluminada, ele de smoking, cheiroso, com uma mecha de cabelo caindo nos olhos. A seu lado, me vi usando o modelo dos meus sonhos, um vestido marfim cintilante feito a partir de uma combinação de seda creme e uma veste de renda antiga. O corpete era bordado com pérolas, e as mangas eram justas e arrematadas com botões de cetim. Uma gola em leque, arrematada por uma barra de delicados botões de rosa dourados, completava o conjunto. O tecido dava a impressão de entrelaçar pequenos fragmentos de luz e emitia um brilho perolado. Meus pés calçavam incríveis sapatilhas de cetim bordadas com contas.

Olhei sem graça para Ivy. Não era propriamente um pedido simples.

— Mamão com açúcar — comentou minha irmã. — Dou conta dele rapidinho.

† † †

SEGUNDA-FEIRA, NA HORA DO ALMOÇO, sentei-me sozinha na cantina. Xavier estava no treino de polo aquático, e Molly e as garotas, numa reunião da comissão de formatura, discutindo os últimos detalhes da decoração e

a distribuição de pessoas nas mesas. Sentada ali, espalhando folhas murchas de alface no prato, fui alvo de olhares curiosos, provavelmente por estar desacompanhada, mas nem dei atenção. Como sempre, Xavier ocupava meus pensamentos, ainda mais quando estávamos fisicamente distantes. Quando me peguei calculando quantos minutos mais teria que aguentar até poder vê-lo novamente, resolvi aproveitar melhor o meu tempo e me dirigi à biblioteca. A biblioteca do terceiro ano era o único espaço onde a atividade solitária não causava estranheza. Decidi preencher o restante do horário de almoço pesquisando as causas da Revolução Francesa.

Tinha acabado de pegar meus livros no armário e estava atravessando a passarela de pedestres que encurtava o caminho quando escutei uma voz atrás de mim.

— Olá.

Virei-me e vi Jake Thorn encostado na parede, os braços cruzados sobre o peito. O cabelo escuro emoldurava o rosto pálido, e os lábios esboçavam um sorriso sarcástico. Dessa vez estava vestindo o uniforme da Bryce Hamilton, mas com seu estilo peculiar: sem gravata, com o colarinho da camisa levantado e, em vez de blazer, um casaco cinza com capuz. A calça lhe caía folgada sobre os quadris estreitos. Em vez do sapato imposto pela escola, calçava sapatos Oxford brancos. Percebi pela primeira vez o brinco de brilhante que usava na orelha esquerda e voltei a ver o pingente misterioso preso ao cordão que levava no pescoço. Dando uma longa tragada no cigarro, ele soprou um anel de fumaça no ar.

— Você não devia fumar aqui — alertei-o, imaginando como alguém era capaz de infringir tão abertamente as regras da escola. Vai arrumar problemas.

— Será? — indagou Jake, fingindo preocupação. — Por acaso aqui é o canto dos fumantes.

— Mesmo assim, os professores vigiam.

— Já vi que eles nunca vêm aqui. Costumam ficar por perto da sala dos professores contando os minutos que faltam para voltarem ao cafezinho e às palavras cruzadas.

— Acho que é melhor você apagar isso antes que alguém veja — insisti.

— Se você faz questão...

Ele esmagou a guimba com o calcanhar e depois chutou-a para a jardineira segundos antes de a srta. Pace, a bibliotecária velha e ranzinza, passar, lançando um olhar desconfiado para nós.

— Obrigado, Beth — disse ele, quando ela já não podia mais ouvir. —

Acho que acabou de salvar a minha pele.

— De nada — respondi, enrubescendo diante da sua dramática demonstração de gratidão. — É difícil quando ainda somos novos em algum lugar. Você devia ter um bocado de liberdade na sua outra escola.

— Digamos que eu gostava de correr riscos. Alguns não valeram a pena, por isso meu exílio aqui. Os antigos romanos preferiam a morte ao exílio, sabia? Pelo menos, o meu não é permanente.

— Quanto tempo vai ficar por aqui?

— O tempo necessário para meu caráter ser regenerado. Achei graça.

— Existe alguma chance?

— Eu diria que toda a chance do mundo, desde que sob a influência das pessoas certas — respondeu Jake sugestivamente.

Apertou de repente os olhos, como se algo acabasse de lhe ocorrer.

— Não costumo ver você sozinha. Por onde anda o seu asfixiante Príncipe Encantado? Espero que não esteja doente.

— *Xavier* está treinando — respondi depressa.

— Ah, os esportes, a invenção dos pedagogos para tentar neutralizar os efeitos dos hormônios em ebulição.

—O quê?

— Esqueça — disse Jake, coçando a barba por fazer, pensativo. — Me diga uma coisa: sei que seu namorado é um atleta, mas ele é bom em poesia?

— Xavier é bom em quase tudo — me gabei.

— Sério? Sorte sua — disse Jake, erguendo uma sobrancelha.

Seu comportamento me deixava confusa, mas certamente não iria deixá-lo perceber isso. Resolvi que o mais seguro era mudar de assunto.

— Então, você está morando onde? Perto da escola?

— No momento, moro em cima do estúdio de tatuagem — respondeu. — Até que eu consiga uma acomodação melhor.

— Achei que estava hospedado com uma família — comentei, surpresa.

— Bom, isso equivaleria a me hospedar com parentes chatos, não é mesmo? Prefiro a minha própria companhia.

— E seus pais aprovam?

A ideia de Jake morar sozinho não me deixava à vontade. Embora parecesse maduro e experiente, ele não passava de um adolescente.

— Eu falo dos meus pais se você falar dos seus — disse ele. Seus olhos escuros acertaram os meus como lasers.

— Acho que temos muito mais em comum do que imaginamos. Por falar

nisso, o que você vai fazer domingo de manhã? Achei que podíamos trabalhar na nossa obra-prima.

— Vou à igreja domingo de manhã.

— Ah, é.

— Você pode ir também, se quiser.

— Obrigado pelo convite, mas sou alérgico a incenso.

— Que pena.

— É um veneno para mim.

— Bom, preciso estudar — disse eu, passando por ele, consciente de que os minutos corriam. Como quem não quer nada, ele bloqueou minha passagem.

— Antes de ir embora, quero lhe mostrar o primeiro verso do nosso poema.

Ele pescou uma bola de papel amassado no bolso e a atirou com delicadeza para mim.

— Não seja dura demais comigo. É apenas o começo. Podemos tomar qualquer direção a partir daí.

Abriu um sorriso para mim e se afastou despreocupado. Aproximei-me do banco mais próximo e desamassei o papel. A caligrafia de Jake era elegante e delicada, com letras alongadas. Não lembrava nem um pouco a escrita infantil de Xavier. Xavier odiava letras cursivas; dizia que davam trabalho demais e pareciam excessivamente enfeitadas. A letra de Jake lembrava a de um calígrafo, enroscando-se sobre o papel como se dançasse. Mas foram as sete palavras escritas ali que fizeram a minha cabeça rodar:

Ela tinha o rosto de um anjo.

21
Quase Afogada

O que Jake queria dizer com *Ela tinha o rosto de um anjo?* Senti que as palavras tinham sido marcadas a ferro em meu cérebro, como se, em uma fração de segundo, Jake tivesse me despido e me deixado exposta e trêmula. Será que ele adivinhara o meu segredo? Seria essa a sua ideia de uma piada de mau gosto?

Então, algo tomou conta de mim. Senti uma raiva repentina me dominar. Esquecendo-me de que tinha planejado pesquisar sobre a Revolução Francesa, voltei correndo ao prédio principal para procurar Jake. Saí em disparada por corredores vazios e voltei à cantina, onde observei atentamente os alunos reunidos em grupinhos. Mas ele não estava em nenhum deles. Um tremor de medo brotou no meu peito, e vi logo que a sensação ia aumentar se eu não fizesse algo para impedir. Precisava localizar Jake e lhe perguntar sobre o poema antes do início da aula seguinte, ou esse medo acabaria comigo.

Encontrei-o junto ao seu armário.

— O que significa isso? — indaguei, aproximando-me dele e balançando o papel diante do seu nariz.

— Como assim?

— Não tem graça nenhuma.

— Não era para ter.

— Não estou a fim de joguinhos. Diga logo o que significa isso.

— Humm... Acho que você não gostou — disse ele. — Não se preocupe, podemos começar de outra forma, não precisa ficar nervosa.

— No que você estava pensando quando escreveu?

— Apenas que seria um bom início — respondeu Jake, dando de ombros. — Ofendi você ou algo assim? Respirei fundo e me obriguei a lembrar como a srta. Castle havia apresentado o trabalho à turma. Ela nos deu um rápidc resumo da tradição do amor cortejador e leu alguns trechos de Petrarca, bem como alguns sonetos de Shakespeare. Falou sobre a idealização da mulher de lugares longínquos e a tendência a venerá-la. Estaria Jake apenas seguindo o tema à risca? Minha fúria então se voltou contra mim mesma por ter tirado conclusões precipitadas.

— Não estou ofendida — respondi, sentindo-me ridícula.

Tanto meu ódio quanto meu medo sumiram com a mesma rapidez com que

tinham brotado. Não era culpa de Jake ter pensado na palavra *anjo* no contexto de um poema de amor. Estava paranoica em relação a todas as referências celestiais. O uso da palavra por Jake devia ter sido inocente. Nem mesmo era original. Quantos poetas ao longo do tempo fizeram comparações similares?

— Tudo bem — acrescentei. — Trabalharemos mais no poema durante a aula. Desculpe se me excedi.

— Sem problema. Todos nós temos nossos momentos de excentricidades.

Ele me deu um sorriso, um sorriso adequado dessa vez, sem malícia ou arrogância. Estendeu a mão e tocou meu braço, num gesto tranquilizador.

— Obrigada por não fazer drama — agradeci, repetindo o que Molly teria dito numa situação parecida.

— Esse é o meu jeito — completou ele.

Observei-o se afastar e se juntar a um pequeno grupo que incluía Alicia, Alexandra e Ben, da nossa turma de literatura, além de alguns outros que identifiquei como alunos de música devido ao cabelo despenteado e às gravatas frouxas. Os jovens o cercaram como devotos e aparentemente mergulharam de imediato numa discussão profunda. Fiquei satisfeita por ele ter descoberto um grupo em que se incluir.

Segui em direção a meu armário, ainda com a sensação de que algo estava errado. Somente depois de pegar os livros, quando já esperava por Xavier, me dei conta de que meu desconforto era físico. Concentrei-me um instante e localizei a sensação. Não se tratava realmente de uma dor; era mais como uma queimadura de sol. A pele do meu braço, logo abaixo do cotovelo, ardia precisamente no lugar em que Jake me tocara. Mas como era possível que seu toque tivesse me machucado? Ele apenas passara a mão, delicadamente, no meu braço, e na hora não senti nada de estranho.

— Você parece distraída — comentou Xavier enquanto caminhávamos juntos para a aula de francês. Ele me conhecia tão bem que não perdia um detalhe.

— Estou pensando na formatura, só isso —justifiquei.

— E isso a deixa triste?

Decidi tirar Jake Thorn da cabeça. A dor no meu braço provavelmente não tinha a ver com ele. Devia ter esbarrado em um armário ou numa mesa sem perceber. Precisava parar de ter reações exageradas.

— Não estou triste — falei num tom leve. — Esta é a minha expressão pensativa. Francamente, Xavier, você ainda não me conhece?

— Foi um deslize.

— Que desculpa mais esfarrapada...

— Sei disso. Sinta-se à vontade para me castigar como quiser.

— Já mencionei que finalmente escolhi um apelido para você?

— Eu nem sabia que você estava procurando um.

— Bem, venho pensando seriamente no assunto.

— E qual foi a sua ideia?

— Biscoito — anunciei, orgulhosa. Xavier fez uma careta.

— Nem pensar.

— Não gostou? Que tal Dengoso?

— Pior ainda.

— Fofinho?

— Tem cianureto aí para me emprestar?

— Tem gente que é difícil de agradar.

Cruzamos com algumas garotas admirando vestidos de celebridades numa revista, e me lembrei da minha outra novidade.

— Já contei que Ivy vai fazer o meu vestido? Espero não estar dando trabalho demais a ela.

— Para que servem as irmãs?

— Estou tão feliz porque vamos juntos... — disse eu com um suspiro. — Vai ser perfeito.

— Você está feliz? — sussurrou Xavier. — Sou eu que vou com um anjo.

— Shhh! — exclamei, pondo a mão sobre sua boca. — Lembre-se do que prometemos a Gabe.

— Tudo bem, Beth. Não tem ninguém por aqui com ouvido biônico — garantiu ele, me beijando no rosto. —

E a formatura vai ser o máximo. Me fale do vestido. Franzi os lábios e me recusei a fornecer qualquer detalhe.

— Ah, qual é!

— Não. Você vai ter que esperar.

— Posso ao menos saber de que cor é?

— Não.

— As mulheres são muito cruéis.

— Xavier?

— Sim, meu bem.

— Você faria um poema para mim se eu pedisse? Xavier me olhou, curioso.

— Estamos falando de poemas de amor?

— Acho que sim.

— Bom, eu não diria que é meu forte, mas terei algo para você até o final do dia.

-— Não precisa fazer isso — disse eu, rindo. — Perguntei por curiosidade.

Sempre me surpreendia a disposição de Xavier para me agradar. Haveria alguma coisa que ele não fizesse por mim se eu pedisse?

Xavier e eu estávamos escalados para apresentar um trabalho na aula de francês e tínhamos escolhido falar de Paris, a cidade do amor. Na verdade, não tínhamos sequer feito uma pesquisa. Gabriel nos deu todas as informações necessárias, sem que tivéssemos que recorrer a um único livro ou página na internet. Quando o sr. Collins chamou nossos nomes, Xavier falou primeiro e notei que as alunas da classe o observavam. Tentei me imaginar no lugar delas, observando-o, encantadas, de longe, sem conhecê-lo de verdade. Olhei para a sua pele morena e macia, os olhos azuis sedutores, seu meio sorriso, os braços fortes e o cabelo castanho-claro lhe caindo no rosto. Ele ainda usava o crucifixo de prata pendurado no cordão de couro em volta do pescoço. Era tão bonito... E todo meu.

Estava tão concentrada em admirá-lo que perdi a deixa para começar a falar. Xavier pigarreou, me trazendo de volta ao presente, e rapidamente mergulhei na minha parte da apresentação, sobre os passeios românticos e a maravilhosa cozinha parisiense. Enquanto falava, percebi que, em vez de olhar para os demais alunos e tentar impressioná-los, eu lançava olhares de esguelha para Xavier. Aparentemente, não conseguia tirar os olhos dele um minuto sequer.

Quando terminei, Xavier, num ato espontâneo, me tomou nos braços.

— Eca, dá para vocês dois arrumarem logo um quarto? — comentou Taylah. — Isso é *trés* nojento.

— Já chega — disse o sr. Collins, desfazendo nosso abraço.

— Desculpe, sr. Collins — disse Xavier com um sorriso. — Estávamos apenas tentando tornar a nossa apresentação mais autêntica.

O sr. Collins nos lançou um olhar fulminante, mas o resto da classe riu.

Notícias da nossa performance em francês circularam pela escola, e Molly me imprensou na parede na primeira oportunidade.

— Então você e Xavier estão mesmo se curtindo? — indagou com inveja.

— Estamos — respondi, tentando não parecer empolgada demais, como em geral acontecia quando eu pensava nele.

— Ainda não acredito que você esteja namorando Xavier Woods — disse Molly, balançando a cabeça. — Quer dizer, não me entenda mal, você é linda, mas as garotas o perseguem há séculos e ele nem pisca. O pessoal achava que ele

jamais esqueceria Emily, mas aí você apareceu e...

— Às vezes nem eu acredito — concordei com modéstia.

— Admita que é um bocado romântico o jeito como ele cuida de você, parecendo um cavaleiro galante em seu cavalo branco — emendou Molly, com um suspiro. — Quem dera um cara me tratasse assim.

— Tem um monte de garotos loucamente apaixonados por você, abanando o rabo que nem cachorrinhos.

— É, mas não é a mesma coisa — discordou Molly. — Vocês dois parecem ligados. Os outros só querem aquilo. Quer dizer, é claro que você e Xavier estão curtindo um bocado de coisas boas, mas parece que é mais que isso.

— Que tipo de coisa boa? — indaguei, curiosa.

— Tipo... que se faz no quarto — respondeu Molly rindo. — Não precisa ficar com vergonha de me contar, também já fiz tudo isso. Quer dizer, quase tudo.

— Não estou com vergonha. É que realmente não fizemos nada de mais. Os olhos de Molly se esbugalharam.

— Você e Xavier não...?

— Shhh! — Abanei as mãos diante dela quando os garotos da mesa ao lado se viraram para nos encarar. —

Claro que não!

— Desculpe — disse Molly. — Fiquei surpresa, só isso. Quer dizer... Bom, achei que já tinham... Mas já fizeram outras coisas, certo?

— Claro. Passeamos, andamos de mãos dadas, dividimos o almoço...

— Credo, Beth, quantos anos você tem? — gemeu Molly. — Preciso desenhar tudo para você? Espere aí, você ao menos já viu?

— Vi o quê? — explodi.

— Você sabe — disse ela, enfaticamente. — *Aquilo!* — completou Molly, apontando para a região entre as pernas. Finalmente, entendi.

— Nossa! —- exclamei. — Jamais faria isso!

— Ora, ele nunca sugeriu que quer mais?

— Não — respondi, indignada. — Xavier não dá bola para esse tipo de coisa.

— É o que todos dizem no começo — afirmou Molly com cinismo. — Dê tempo ao tempo. Por melhor que Xavier seja, todos os caras querem a mesma coisa.

— É mesmo?

— Claro, meu bem — confirmou Molly, com uma palmadinha no meu

braço. — Acho que você deve ficar preparada.

Calei a boca. Quando se tratava de rapazes, eu confiava totalmente na opinião de Molly. Era a sua especialidade, e ela tinha experiência suficiente para saber do que falava. De repente, me senti desconfortável. Tinha suposto que Xavier não se incomodava com a minha incapacidade de satisfazer todos os aspectos do nosso relacionamento. Afinal, ele jamais abordara esse assunto, sequer sugerira expectativas a esse respeito. Será que estava me escondendo seus verdadeiros desejos? O fato de nunca ter falado nada não queria dizer que não pensava no assunto. Ele me amava porque eu era diferente, mas os seres humanos têm certas necessidades, algumas delas impossíveis de ignorar por muito tempo.

— Ai, meu Deus. Você já viu o novato?

Molly interrompeu minhas divagações, e ergui os olhos a tempo de ver Jake Thorn passar por nós. Sem olhar para mim, ele atravessou a cantina para ocupar um lugar na cabeceira de uma mesa onde estavam uns quinze terceiranistas, que o encararam com uma estranha mistura de adoração e respeito.

— Ele não demorou para recrutar amigos — comentei.

— Está surpresa? — indagou Molly. — O cara é quente.

—- Você acha?

— Claro. De um jeito sinistro, fechadão. Com aquele rosto podia até ser modelo.

Os seguidores de Jake se pareciam com ele. Estavam sempre com olheiras, em geral mantinham a cabeça baixa e não olhavam nos olhos de quem não fizesse parte do grupo. Observei a forma como Jake os encarava, com um sorriso satisfeito, como um gato diante de um prato de leite.

— Ele está na minha turma de literatura — comentei num tom indiferente.

— Ai, que sorte você tem! — gemeu Molly — E aí, como ele é? Parece um rebelde para mim.

— Na verdade, é bem inteligente.

— Droga — disse Molly, aborrecida. — Esses caras nunca se interessam por mim. Só conquisto os babacas. Mas, afinal, não custa tentar, não é?

— Não sei se é uma boa ideia — avisei.

— Você diz isso porque tem o Xavier.

De repente fomos distraídas por um grito vindo da cozinha, seguido pelo som de vozes em pânico e pessoas correndo.

Os alunos trocaram olhares nervosos, e alguns se levantaram hesitantes para investigar o ocorrido. Um deles, Simon Laurence, congelou na entrada da

cozinha e levou a mão à boca. Ele recuou com o rosto ficando cinza, dando a impressão de que ia vomitar.

— Ei, o que houve? — perguntou Molly, parando Simon quando ele passou por nós.

— Uma das cozinheiras... A fritadeira com óleo fervendo virou. Queimou as pernas dela. Estão chamando uma ambulância.

Simon saiu meio zonzo, chocado.

Olhei para o meu prato e tentei me concentrar em enviar energia curativa na direção da cozinha ou pelo menos algo que anestesiasse a dor. Seria mais eficaz se eu visse a pessoa ferida ou a tocasse, mas sabia que despertaria suspeitas e provavelmente acabaria expulsa da cozinha antes de chegar perto da cozinheira. Por isso, fiquei onde estava e me esforcei ao máximo. Mas havia algo de errado: não consegui me conectar corretamente. Toda vez que tentava, sentia um bloqueio, e minha energia ricocheteava, como se outra força interceptasse a minha, uma força tão impenetrável quanto uma parede de concreto e capaz de rechaçar a energia curativa. Talvez eu estivesse cansada. Esforcei-me mais, porém a resistência foi ainda maior.

— Beth? O que deu em você? Está com cara de quem está com prisão de ventre — disse Molly, me arrancando do transe.

Sacudi a cabeça para voltar à realidade e dei um sorriso forçado.

— É que está quente aqui.

— Tem razão, vamos embora. Não podemos fazer grande coisa mesmo — sugeriu, chegando a cadeira para trás e levantando-se.

Eu a segui sem dizer uma palavra.

Quando passamos pela mesa em que Jake Thorn e os amigos estavam, ele olhou para mim. Nossos olhos se encontraram, e por uma fração de segundo senti que me afogava nas profundezas daquele olhar.

22
A Palavra com S

No fim de semana, Molly foi pela primeira vez à Byron. Há algum tempo ela vinha fazendo insinuações disfarçadas de que queria aparecer por lá, então finalmente cedi e a convidei. Não demorou para Molly se sentir à vontade. Desabou no sofá macio, apoiando os pés na mesinha de centro.

— Este lugar é o máximo – comentou. – Você podia dar uma festa e tanto aqui.

— Acho difícil isso acontecer – discordei.

Ignorando a minha falta de entusiasmo, Molly levantou-se de um salto para examinar mais de perto uma obra de arte pendurada sobre a lareira. Era um quadro abstrato, retratando uma imensidão branca com um símbolo circular no meio. Círculos azuis concêntricos ampliavam-se à volta, esmaecendo à medida que se aproximavam das extremidades da tela.

— O que é isso? – indagou Molly, em dúvida.

Olhei para os círculos azuis contra o fundo branco, e uma série de ideias sobre o significado daquele quadro me veio à cabeça. Tive a impressão de que a imagem expressava uma realidade maior, que retratava o papel do Nosso Criador no Universo, a fonte e o núcleo de todas as coisas. Dele partia a teia da vida, mas tudo se ligava de forma absoluta a Ele. Os círculos podiam representar a extensão da Sua soberania, e o branco podia ser uma alegoria do tempo e do espaço. Seu poder, Seu próprio, ser ampliado até as extremidades da tela, num indício de que ia além, preenchendo todos os espaços. Não apenas o mundo Lhe pertencia, mas também o Universo. Tratava-se da representação do infinito e do que ficava além dele. A única verdadeira realidade impossível de negar era Ele.

Claro que eu não tentaria explicar nada disso a Molly. Não que eu me sentisse superior e achasse que a compreensão humana não seria capaz de captar tal explicação, mas a verdade é que os humanos temiam a vida fora do seu próprio mundo e, embora alguns questionassem o que existia fora dele, jamais chegavam sequer perto de entender esse conceito. A vida humana acabaria, e um dia a própria Terra chegaria ao fim. A existência, porém, continuaria.

Molly perdeu o interesse pelo quarto e então pegou o violão, que estava encostado numa cadeira, segurando-o com cuidado.

— É do Gabriel?

— É, e ele adora esse negócio – esclareci, na esperança de que ela o largasse.

Olhei furtivamente à volta, para me assegurar de que Gabriel e Ivy não estivessem à espreita, mas ambos tinham sido delicados o suficiente para nos dar um pouco de privacidade. Molly passou os dedos, cautelosamente, pelas cordas esticadas, com uma expressão de absoluto fascínio.

— Como eu queria ter talento para música. Toquei piano quando pequena, mas jamais tive disciplina para praticar. Parecia trabalhoso demais. Adoraria ouvir seu irmão tocar.

— Ora, a gente pode pedir a ele quando voltar. Quer fazer um lanche?

A ideia da comida a distraiu, e levei-a à cozinha, onde Ivy havia deixado para nós uma variedade de bolinhos e um prato de frutas. Meus irmãos finalmente tinham se recuperado do incidente da festa e aceitado Molly como minha amiga. Na verdade, não lhes restavam muitas alternativas, pois aparentemente eu vinha desenvolvendo uma vontade própria.

— Uau! – exclamou Molly, dando uma mordida em um bolinho de amora e revirando os olhos para enfatizar sua admiração pelo talento culinário de Ivy. De repente, ela congelou e fez uma expressão preocupada.

— Isso não conta como salada, conta?

Naquele exato momento, Gabriel surgiu na porta dos fundos carregando uma prancha de surfe, com a camiseta úmida grudada ao corpo perfeito. Fazia algumas semanas que tinha adotado o surfe como passatempo para descarregar a tensão. Obviamente, não precisara ter aulas. Qual a necessidade delas, já que as próprias ondas cumpriam suas ordens? Gabriel era muito ativo em sua forma humana. Necessitava de atividade física, como natação, corrida ou levantamento de peso a fim de relaxar e ficar menos inquieto.

Quando viu Gabriel, Molly discretamente largou no prato o bolinho, comido pela metade.

— Oi, Molly – saudou meu irmão.

Nada jamais lhe escapava, e sua atenção foi atraída pelo resto do bolinho deixado no prato. Deve ter se perguntado o que tinha feito para tirar o apetite de Molly.

— Bethany, será que Molly não prefere comer outra coisa? – indagou com a maior educação. – Parece que ela não gostou dos bolinhos de Ivy.

— Imagine! Estão deliciosos – Interveio Molly.

— Não se preocupe, Gabe – respondi, rindo. – Molly está fazendo regime para a festa de formatura. Gabriel balançou a cabeça.

— Regimes radicais são ruins para a saúde de garotas da idade de vocês – alertou. – Além disso, no seu caso, Molly, eu não recomendaria que emagrecesse. É totalmente desnecessário.

Molly encarou-o durante um momento, antes de responder.

— Você só está sendo gentil. Eu bem que podia perder uns quilinhos – insistiu ela, segurando a pele na região da cintura para enfatizar o que dizia.

Gabriel encostou-se à bancada da cozinha e a estudou.

— Molly – disse ele, afinal -, o corpo humano é bonito, independente do tamanho ou da forma que tenha, e um dia você vai entender isso.

— Mas algumas formas são mais bonitas que outras, não? – indagou ela. — Como as das modelos, por exemplo?

— Nada é mais encantador do que uma jovem com uma admiração saudável por comida – disse Gabriel.

O comentário me surpreendeu, pois jamais ouvira meu irmão expressar qualquer opinião sobre o que era atraente nas mulheres. Ele costumava ser totalmente imune a qualquer tipo de encanto feminino. Não prestando a mínima atenção nisso.

— Concordo plenamente! – disse Molly, voltando a mordiscar o bolinho.

Gabriel deu a impressão de ficar satisfeito com o fato de tê-la convencido e se virou para sair da cozinha.

— Espere! Você vai à festa de formatura? – perguntou Molly enquanto ele saía.

Gabriel olhou-a com uma expressão quase de divertimento cintilando em seus olhos cor de prata.

— Vou. Infelizmente, meu cargo exige.

— Talvez você se divirta – sugeriu Molly, sem graça.

— Veremos.

A despeito da natureza indiferente da resposta de Gabe, Molly se mostrou imensamente satisfeita.

— A gente se vê lá, então – concluiu ela.

Passamos o restante da tarde folheando revistas e pesquisando no Google do laptop de Molly ideias para penteados. Ela resolvera usar o cabelo preso, ou num coque banana ou como uma coroa de cachos. Eu ainda não sabia o que queria, mas com certeza Ivy teria alguma idea.

— Andei pensando no que você falou sobre Xavier e... hã... A parte física do nosso relacionamento – desembuchei de repente, enquanto Molly imprimia uma foto da Gwyneth Paltrow como Emma Woodhouse.

— Meu Deus! Gritou Molly. – Conte-me tudo. Como foi? Você curtiu? Se não gostou, não faz mal. Nem sempre a primeira vez é boa. Melhora com a prática.

— Não. Não aconteceu nada – respondi. – Fiquei pensando se devo tocar no assunto com Xavier.

— Tocar no assunto? Para quê?

— Para saber o que ele acha.

— Se estivesse insatisfeito, ele já teria falado com você. Para que se estressar?

— Bom, quero saber o que ele quer, o que espera, o que o deixaria feliz...

— Beth, você não tem que fazer coisa alguma só para satisfazer um garoto – disse Molly. – Se não está pronta, deve esperar. Bem que eu queria ter esperado.

— Mas quero falar disso com ele. Não quero parecer uma criancinha.

— Beth – insistiu Molly, saindo do site que estava visitando e se virando e se virando para me olhar com uma expressão séria de amiga conselheira. – Esse é um assunto que os casais acabam tendo que conversar mais cedo ou mais tarde. O melhor é agir com honestidade, não fingir ser quem a gente não é. Eles sabem que você não tem experiência, certo?

Assenti, calada.

— Então, isso é bom, não vai haver nenhuma surpresa. Você só precisa dizer que anda pensando nisso e gostaria de saber como ele se sente. Aí, os dois vão descobrir em que pé estão.

— Obrigada – agradeci com um sorriso. — Você é o máximo.

Molly riu.

— Sei disso. Por falar nesse assunto, cheguei a mencionar que bolei um plano incrível?

— Não. Plano para quê?

— Chamar a atenção de Gabriel. Gemi por dentro.

— Ai, Molly, de novo? Já falamos sobre isso.

— Eu sei, mas nunca conheci ninguém como ele. E as cosas estão diferentes... Eu estou diferente.

— Como assim?

— Bom, percebi uma coisa – respondeu ela, sorrindo. – O único jeito de conseguir fazer Gabriel gostar de mim é me transformar em uma pessoa melhor. Por isso... Resolvi adotar uma consciência social, sabe, mostrar mais *p a rticip a çã o c om unitá ria* .

— Como, exatamente, planeja fazer isso?

— Sendo voluntaria no lar para idosos. Você tem que admitir que é uma ótima estratégia.

— A maioria das pessoas não faz trabalho voluntário por uma questão estratégica, sabia? Você não deveria fazer isso por puro interesse. Gabe, não gostaria nem um pouco.

— Ora, ele não sabe, sabe? De todo jeito, estou agindo pelos motivos certos.Sei que, agora, ele não me vê do jeito que eu o vejo, mas, um dia, quem sabe? Não posso esperar que do nada ele mude de ideia. Preciso mostrar que mereço.

— Mas como vai mostrar isso a ele fingindo? – perguntei.

— Talvez eu queira mudar de verdade.

— Molls...

Ela me interrompeu.

— Não tente me fazer desistir. Quero ir até o fim e ver no que dá. Preciso tentar.

— Não vai dar em nada. Não pode dar em nada, pensei, recordando os avisos que recebera não muito tempo antes.

— Você não sabe nadinha sobre o Gabriel – insisti. – Ele não é o que parece. Tem tanto sentimento quanto aquele anjo de pedra no jardim.

— Como você pode falar assim? – exclamou Molly. – Todo mundo tem sentimentos, mas algumas pessoas demora mais para serem conquistadas. Não me incomodo de esperar.

— Está perdendo seu tempo com Gabriel. Ele não sente as coisas como as outras pessoas.

— Se você tem certeza disso, então vou deixar para lá.

— Desculpe. Não estou querendo te deixar chateada, mas também não quero que se iluda para mais tarde se magoar.

— Sei que é arriscado gostar dele – reconheceu Molly - , mas esse é um risco que me disponho a correr. Além disso, é tarde demais para voltar atrás agora. Como vou gostar de alguém depois dele?

Olhei para ela com atenção. Seu rosto transmitia tamanha franqueza que não me restou outra coisa senão acreditar. Seus olhos brilhavam de desejo.

— Ele não deu nenhum motivo para você achar que alguma coisa pode acontecer, deu?

— Ainda não – concordou Molly. – Continuo esperando um sinal.

— Por que você gosta tanto assim dele? É porque ele é bonito?

— No princípio, era – admitiu Molly. – Mas tem algo mais. Sempre que encontro com ele, tenho essa sensação estranha de já ter estado com ele antes. É meio assustador, mas ao mesmo tempo incrível. Às vezes parece que eu sei o que ele vai dizer ou fazer.

Ela balançou os cachos, decidida.

— Então, vai me ajudar?

— O que mais eu posso fazer? – perguntei.

— Me ajudar com o plano. Me levar da próxima vez que for a Fairhaven.

Será que o interesse de Molly pelo lar de idosos fazia parte do plano divino? Estávamos tentando estimular um espírito caridoso, ainda que a motivação fosse questionável.

— Acho que isso eu posso fazer, mas prometa que não vai criar expectativas exageradas.

Quando chegou a hora de Molly ir embora, já estava escurecendo. Gabriel, educadamente, ofereceu-se para levá- la de carro.

— Não precisa – disse ela, não querendo ser um estorvo. – Vou a pé mesmo. Não é longe.

— Não posso permitir isso – respondeu Gabriel, pegando a chave do jipe. – A rua não é lugar para uma jovem a esta hora da noite.

Gabriel não o era do tipo de pessoa com quem dava para discutir, então Molly apenas piscou e me deu um beijo de despedida.

— Um sinal! – sussurrou no meu ouvido, antes de seguir Gabriel até o carro, caminhando da maneira mais recatada possível em se tratando de Molly.

Lá em cima, no meu quarto, tentei continuar me dedicando ao poema da aula de literatura, mas descobri que estava sofrendo de um grave bloqueio. Não surgia uma única idéia na minha cabeça. Rabisquei algumas coisas, mas tudo parecia tão banal que acabava indo parar na lata de lixo. Como Jake tinha começado, eu me sentia como se o poema não fosse meu, e nada do que vinha à cabeça combinada com ele. Acabei desistindo e desci para ligar para Xavier.

† † †

NO FIM DAS CONTAS, MINHA FALTA DE CRIATIVIDADE não foi um problema.

— Tomei a liberdade de redigir o restante da primeira estrofe – anunciou Jake, quando nos sentamos juntos no fundo da classe de literatura no dia seguinte –Espero que não se importe.

— Não, até agradeço. Posso ouvir?

Num floreio, ele abriu a agenda na página certa. Com uma voz líquida, começou a ler:

Ela tinha o rosto de um anjo
Em seus olhos vi espelhos
Éramos um único e mesmo ser, ela e eu. Que da mentira nasceu.

Ergui lentamente os olhos, incerta sobre o que eu mesma esperava. A expressão de Jake continuava amigável.

— Muito ruim? – indagou.

Seus olhos percorreram meu rosto em busca de uma reação. Podia jurar que eram verdes da última vez que os vi, mas hoje estavam negros como carvão.

— Está bom – respondi debilmente. – Você tem jeito para a coisa.

— Obrigada. Tentei me imaginar como Heathcliff escrevendo sobre Cathy. Ninguém jamais foi tão importante para ele quanto para ela. Ele a amou tanto que não sobrou para mais ninguém.

— É um amor avassalador – concordei.

Baixei os olhos, mas Jake pegou minha mão e, com o dedo, começou a desenhar espirais em torno do meu pulso. Seus dedos eram quentes, e os senti queimarem minha pele. Era como se ele estivesse tentando me enviar uma mensagem sem precisar falar comigo.

— Você é linda – murmurou. – Nunca vi pele tão delicada, como uma flor. Mas suponho que você ouvi isso o tempo todo.

Puxei minha mão.

— Não. Nunca ouvi isso antes.

— Gostaria de falar muito mais, se você me desse a oportunidade – disse Jake, quase em transe. – Podia lhe mostrar o que realmente é estar apaixonado.

— Eu *estou* apaixonada. Não preciso da *sua* ajuda.

— Podia fazer você sentir coisas que jamais sentiu.

— Xavier me dá tudo o que quero – rebati.

— Eu podia lhe dar prazer numa escala que você jamais imaginou – persistiu Jake, num tom hipnotizador.

— Acho que Xavier não gostaria disso – observei com frieza.

— Pense no que você gostaria, Bethany. Parece que você conta coisas demais a Xavier. Se fosse você, passaria apenas as informações necessárias.

Fiquei chocada com a intromissão dele.

— Só que não sou você, e não é assim que eu faço as coisas. Meu relacionamento com Xavier se baseia na confiança, algo que aparentemente você desconhece – retruquei, na tentativa de enfatizar o abismo que nos separava em termos de moral.

Afastei minha cadeira e me levantei. Um punhado de outros alunos virou-se para me encarar num misto de curiosidade e expectativa. Até a srta. Castle ergueu os olhos da pilha de trabalhos que corrigia.

— Não se zangue comigo, Beth – disse Jake, de repente suplicante. – Por favor, sente-se.

Com relutância, voltei a me sentar, mas apenas porque não queria chamar atenção e alimentar as fofocas da Bryce Hamilton.

— Acho que não quero continuar a fazer este trabalho com você – falei. – Aposto que a srta. Castle irá entender.

— Não faça isso. Sinto muito. Não podemos simplesmente esquecer o que eu disse?

Bufei, irritada, e cruzei os braços, mas a inocência estampada no rosto de Jake não era páreo para mim.

— Preciso que você seja minha amiga – disse ele. – me dê mais uma chance.

— Só se você prometer nunca mais me dizer nada parecido.

— Tudo bem, tudo bem – concordou Jake, erguendo as mãos e admitindo a derrota. –Prometo. Nem mais uma palavra.

Quando encontrei Xavier depois da aula, não mencionei a conversa com Jake. Imaginei que isso só o deixaria zangado e acabaria gerando uma discussão. Além disso, Xavier e eu já tínhamos muito em que pensar. Por que adicionar Jake à pauta? Ainda assim, esconder alguma coisa dele me causava desconforto. Mais tarde, olhando em retrospecto, percebi que era precisamente o efeito desejado por Jake Thorn.

† † †

— POSSO CONVERSAR COM VOCÊ SOBRE UMA COISA? – perguntei a Xavier, enquanto estávamos deitados na areia depois da aula.

Pretendíamos ir direto para casa a fim de estudar para as provas do penúltimo trimestre, mas acabamos sendo desviados pela idéia tentadora de tomar sorvete. Compramos casquinhas e pegamos o caminho mais longo para casa, margeando a praia, andando de mãos dadas. Como era de se esperar, quis

molhar os pés no mar, e, quando nos demos conta, já estávamos correndo um atrás do outro, até que Xavier me pegou e desabamos na areia.

Xavier rolou de lado para me encarar, limpando os grãos de areia do meu nariz.

— Você pode conversar comigo sobre o que quiser.

— Bom... – comecei sem graça. – Não sei como abordar este assunto... E não quero que soe mal... Xavier sentou-se e afastou o cabelo dos olhos, assumindo uma expressão séria.

— Você está pensando em terminar comigo? – indagou.

— O quê? – perguntei – Claro que não. Pelo contrário.

— Ah bom – disse ele, voltando a deitar-se e abrindo um sorriso preguiçoso. – Então, deve estar pensando em me pedir em casamento. Sabe, não estamos num ano bissexto...

— Você não está facilitando as coisas – queixei-me.

— Desculpe – disse ele, me olhando atentamente. – Do que você quer falar?

— Quero saber o que você acha...Como se sente com relação a ... Fiz uma pausa a baixei a voz.

— À palavra que começa com S. Xavier apoiou o queixo na mão.

— Sou péssimo com adivinhações. Você precisa ser mais clara.

Mudei de posição, constrangida, sem querer me expressar em voz alta.

— Qual é a segunda letra? – perguntou Xavier, rindo e tentando me ajudar a prosseguir.

— E – respondi -, seguido de X.

— Você quer falar de sexo?

— Falar, não. Só quero saber se... Bom, se você pensa nisso.

— De onde saiu essa ideia? – perguntou Xavier com delicadeza. – Não parece coisa sua.

— Andei falando com a Molly, e ela achou estranho a gente nunca ter... Você sabe, nunca ter feito nada. Xavier fez cara feia.

— Você acha mesmo necessário contar a Molly todos os detalhes do nosso relacionamento?

— Você não pensa em mim desse jeito? – perguntei, sentindo, de repente, uma tensão no peito. Essa possibilidade não tinha passado pela minha cabeça. – Tem algo de errado comigo?

— Ora, claro que não! – exclamou Xavier, estendendo o braço e pegando a minha mão. – Beth, para muitos caras sexo é a única coisa que segura um

relacionamento, mas não somos assim. Temos muito mais. Nunca toquei no assunto com você porque nunca achei necessário – disse ele, me encarando. – Garanto que você vai se surpreender, mas amo você pelo que você é, não pelo que pode me oferecer.

— Você e Emily tinham um relacionamento físico? – perguntei, mal tendo ouvido o que ele disse.

— Meu Deus! – exclamou Xavier, desabando novamente na areia. – De novo não.

— Tinham ou não?

— Isso importa?

— Responda!

— Sim, tínhamos. Satisfeita?

— Está vendo? Essa é a outra coisa que ela podia dar a você e eu não posso.

— Beth, um relacionamento não se baseia só nisso – respondeu ele, calmamente.

— Mas a parte física faz parte dele – protestei.

— Claro, mas não é o mantém duas pessoas juntas ou separadas.

— Você é homem, será que não tem... *necessid a d es* ? – indaguei em voz baixa. Xavier riu.

— Quando conhecemos uma família de mensageiros celestiais, em geral nos esquecemos das nossas *ne ces sid a d e s* e nos concentramos no contexto mais amplo.

— E se eu lhe dissesse que tenho vontade? – perguntei, subitamente, surpresa de ouvir as palavras saírem da minha boca.

O que eu tinha na cabeça? Será que fazia ideia de onde estava me metendo? Tudo o que eu sabia era que amava Xavier mais do que qualquer coisa neste mundo, e ficar longe dele me causava dor física. Odiava a ideia de que houvesse alguma parte dele desconhecida para mim, uma parte dele a que eu não tivesse acesso. Queria conhecê-lo do direito e do avesso, memorizar seu corpo e gravá-lo na memória. Queria me aproximar dele o máximo possível fisicamente, me fundir a ele de corpo e alma.

— E então? – perguntei baixinho. – Você concordaria?

— De jeito nenhum.

— Por quê?

— Porque acho que você não está preparada.

— Não acha que essa decisão cabe a mim? – insisti, teimosa. – Você não pode me impedir.

— Acho que você vai descobrir que uma andorinha só não faz verão – argumentou Xavier, afagando meu rosto.

– Beth, eu adoro você e nada me faz mais feliz do que estar ao seu lado. Você é inebriante.

— Então...?

— Então, se quiser mesmo ir em frente, sou mais do que a favor, mas não antes de pensarmos no assunto com muito cuidado.

— Quando?

— Quando você estiver realmente pronta para refletir e quando não estiver sob a influência da Molly. Soltei um suspiro.

— Isso não tem nada a ver com a Molly.

— Beth, você já pensou nas consequências de uma coisa dessas?

— Acho que sim...

— E não mudou de idéia? Isso é loucura.

— Você não entende? – perguntei baixinho. – Não me importo mais. Ergui a cabeça para o Céu.

— Meu lar não é mais lá. Meu lar é você.

Xavier me envolveu nos braços e me puxou para perto de si.

— E o meu é você. Mas eu jamais faria alguma coisa que pudesse magoá-la. Temos que obedecer às regras.

— Não é justo. Não quero que eles governem a minha vida.

— Sei disso, mas no momento não há nada a fazer.

— Podíamos fazer o que tivermos vontade.

Tentei me refrear, mas as palavras saíam descontroladas, palavras que, me dei conta, eu vinha reprimindo fá muito tempo.

— Podíamos no mudar, podíamos esquecer que os outros existem. Podíamos nos esconder, e ninguém jamais nos encontraria.

— Eles nos encontrariam, *sim* , e não estou disposto a perder você, Beth – disse Xavier, decidido. - E se isso significa obedecer às regras deles, paciência. Sei que você está zangada, mas quero que reflita sobre o que sugeriu. *Pens e* um pouquinho.

— Tipo uns dois dias?

— Uns dois meses.

Suspirei, mas Xavier se mostrou irredutível.

— Não vou permitir que você faça, sem pensar, alguma coisa de que se arrependa depois. Vá com calma. Precisamos ter paciência e juízo. Pode fazer isso por mim?

Encostei a cabeça em seu peito e senti a raiva reprimida abandonar meu corpo.

— Por você, posso fazer qualquer coisa.

† † †

— O QUE ACONTECERIA SE UM ANJO e um humano fizessem amor? – perguntei a Ivy naquela noite enquanto me servia de uma caneca de leite.

Ela me olhou atentamente.

— Por que está me perguntando isso, Bethany? Não me diga que você...

— Claro que não – interrompi. – Só estou curiosa.

— Bem... – começou minha irmã, pensativa. – A finalidade da nossa existência e servir a Deus ajudando os homens, não nos misturando a eles.

— Já aconteceu alguma vez?

— Já, com consequências desastrosas.

— Como assim?

— Humano e divino não devem se fundir. Se acontece, creio que o anjo perde sua divindade. Não poderia haver redenção depois de uma transgressão como essa.

— E o humano?

— O humano jamais poderia voltar a ter uma existência normal.

— Por quê?

— Porque o ato superaria todas as experiências humanas – explicou Ivy.

— Ele ficaria prejudicado para toda a vida?

— Isso mesmo. Diria que essa é uma das maneiras de interpretar a questão. Acho que seria uma crueldade, como dar a um humano um vislumbre de uma outra dimensão e depois negar-lhe acesso a ela. Os anjos existem fora do tempo e do espaço e podem viajar livremente entre os mundos. Nossa existência é praticamente incompreensível para os humanos.

Embora o conceito fosse complexo e estivesse pouco claro para mim, de uma coisa eu sabia; não poderia ma apressar em fazer nada com Xavier, por mais que tivesse vontade. Uma união dessas era perigosa e proibida. Faria com que o Céu e a Terra se unissem de forma antinatural, provocando uma colisão de dois mundos.E pelo que Ivy dissera, o impacto poderia ser potencialmente devastador.

† † †

— XAVIER E EU DECIDIMOS ESPERAR – contei a Molly quando ela me encheu de perguntas na cantina da escola.

Ás vezes me dava a impressão de que ela tinha um interesse doentio pela minha vida amorosa. Eu não podia explicar o que Ivy dissera, razão pela qual lhe dei o melhor motivo que me ocorreu.

— Não precisamos fazer coisa alguma para provar o que sentimos um pelo outro.

— Mas você não tem vontade? – perguntou Molly. – Não está curiosa?

— Acho que sim , mas não estamos com pressa.

— Cara, vocês realmente vivem em outra época – observou Molly, rindo. – Não tem quem não queira fazer isso sempre que aparece a oportunidade.

— Fazer o quê? – indagou Taylah, surgindo por trás de Molly chupando um pirulito. Balancei a cabeça para indicar que devíamos mudar de assunto, mas Molly me ignorou.

— Partir para o rala e rola – disse ela.

— Nossa, está querendo perder o lacre? – perguntou Taylah, sentando-se ao nosso lado. Devo ter ficado com uma cara assustada, porque Molly desatou a rir.

— Relaxe, meu bem, Taylah é confiável. Talvez possa ajudar você.

— Se tive alguma dúvida sobre sexo, sou a pessoa certa para esclarecer – garantiu Taylah.

Hesitei. Eu confiava em Molly, mas as amigas delas tinham uma língua comprida e eram pouco discretas.

— Tudo bem – disse eu -, não é nada de mais.

— Quer um conselho? – indagou Taylah, aparentemente não se importando em saber se seu conselho era ou não bem-vindo. – Não faça isso com alguém que você ame.

— O quê? – perguntei, encarando-a. ela havia jogado por água abaixo todas as minhas crenças com meras palavrinhas. – Você não quis dizer justo o oposto?

— Ai, Tay, não vá dizer aquilo a ela – interveio Molly.

— É sério – disse Taylah, balançando um dedo diante do meu nariz. – Se você perder a virgindade com alguém que ama, vai tudo para o espaço.

— Por quê?

— Porque, quando acabar, você terá dado a ele algo realmente especial, e não vai poder pedir de volta. Se você tiver dado sua virgindade a alguém que não signifique nada, vai ficar menos magoada.

— E se não acabar? – perguntei, sentindo um bolo desagradável se formar

na minha garganta.

— Acredite em mim, Beth – disse Taylah num tom solene. – Tudo acaba.

Nesse momento fui tomada de súbito por uma vontade incontrolável de sair dali e ficar o mais afastada delas quanto fosse possível.

— Beth, não dê atenção a ela – disse Molly, quando me levantei. – Viu? Você assustou a garota!

— Não estou assustada – menti, tentando manter a voz firme. – Tenho um compromisso. Vejo vocês mais tarde. Obrigada pelo conselho, Taylah.

Apressei o passo assim que saí da cantina. Precisava encontrar Xavier. Precisava que ele me abraçasse para conseguir respirar de novo e para que seu perfume e seu toque me livrassem das violentas ondas de náuseas que irrompiam dentro de mim. Encontrei-o junto ao seu armário prestes a seguir para o treino de pólo aquático e trombei com ele, tamanha a minha ansiedade de conforto.

— Não vai acabar, vai? Afundei o rosto em seu peito. – Prometa que você não vai deixar que a gente acabe.

— Beth, o que houve? – indagou Xavier, me afastando com firmeza, porém carinhosamente, e me fazendo olhar nos seus olhos. – O que aconteceu?

— Nada – respondi com uma voz hesitante. – É que Taylah disse...

— Beth – murmurou Xavier -, quando você vai parar de dar ouvidos a essas garotas?

— Ela disse que tudo acaba – sussurrei, sentindo os braços de Xavier ficarem tensos em torno de mim e percebendo que a idéia era tão dolorosa para ele quanto para mim. - Eu não aguentaria se isso acontecesse conosco. Tudo viria abaixo, não haveria motivo para viver. Se nós terminarmos, será o fim.

— Não fale desse jeito – disse Xavier. – Estou aqui, e você também. Nenhum de nós vai a lugar algum.

— E você nunca vai me abandonar?

— Não enquanto eu estiver vivo.

— Como vou saber se isso é verdade?

— Porque, quando olho para você, vejo meu mundo. Não pretendo ir embora, não pretendo ir embora, não sobraria nada para mim.

— Mas por que me escolheu? – perguntei. Eu conhecia a resposta, sabia o quanto ele me amava, mas precisava ouvir da sua boca.

— Porque você me deixa mais próximo de Deus e de mim mesmo – respondeu Xavier. – Quando estou com você, entendo coisas que jamais imaginei entender, e meus sentimento por você parecem dominar tudo. O mundo podia desabar na minha cabeça, e eu não daria a mínima, se ainda tivesse você.

— Quer ouvir uma coisa maluca? – sussurrei. – Ás vezes, de noite, consigo sentir sua alma ao meu lado.

— Isso não tem nada de maluco – disse ele, sorrindo.

— Vamos criar um lugar – sugeri, colando meu corpo ao dele. – Um lugar só nosso, um lugar onde a gente possa sempre se encontrar, se as coisas derem errado um dia.

— Como nos penhascos da Costa do Naufrágio?

— Não. Um lugar em nossa mente – respondi. – Que a gente possa visitar, caso estejamos perdidos ou distantes ou simplesmente se precisarmos entrar em contato um com o outro. Será o único lugar onde ninguém irá nos procurar.

— Acho ótimo – disse Xavier. – Por que não o batizamos de Ponto Branco?

— Perfeito.

23
Descanse em Paz

Segundo as crenças da maioria dos humanos, há apenas duas dimensões: a dos vivos e a dos mortos. Eles não percebem que existem muitas outras. As pessoas na Terra vivem paralelamente a outros seres que estão ao alcance das mãos, mas são invisíveis ao olho não treinado. Alguns são chamados de Seres do Arco-Íris, imortais capazes de viajar entre os mundos, feitos unicamente de sabedoria e compreensão. Às vezes, os humanos os vislumbram, na passagem entre um domínio e outro. Parecem-se com um raio de luz branca e cintilante ou com o brilho pálido de um arco-íris suspenso no ar. A maioria dos humanos supõe estar testemunhando um efeito luminoso. Poucos podem sentir uma presença divina. Agradava-me pensar que Xavier era um desses privilegiados.

† † †

ENCONTREI XAVIER NA CANTINA, sentei-me a seu lado e peguei alguns nachos do saquinho que ele me ofereceu. Quando ele mudou de posição na cadeira e sua coxa se arrastou na minha, senti um calafrio percorrer meu corpo. Não pude aproveitar a sensação durante muito tempo, pois o som de vozes alteradas chegou a nós vindo do balcão. Dois adolescentes bem jovens brigavam por um lugar na fila.

— Cara, você furou a fila!

— Furei nada, estava aqui o tempo todo.

— Mentira! Pergunte a quem quiser!

Sem nenhum professor à vista, a discussão evoluiu para empurrões e troca de palavrões. Algumas meninas do primeiro ano logo atrás dos dois começaram a ficar preocupadas quando um deles agarrou o outro pelo pescoço.

Xavier se levantou em um salto para intervir, porém voltou a sentar-se quando alguém se antecipou a ele. Era Lachian Merton, um garoto de cabelo descolorido que passava o tempo todo de iPod no ouvido e não entregara um único trabalho ao longo de todo o ano. Em geral, não tomava o menor conhecimento do que acontecia à sua volta. Naquele momento, porém, se interpôs entre os dois brigões para apartá-los. Não dava para ouvir o que ele dizia, mas os garotos relutantemente se afastaram, chegando a acatar a instrução

de Lachlan para apertarem as mãos um do outro.

Xavier e eu trocamos olhares.

— Lachian Merton agindo com bom senso? Isso é novidade — observou Xavier.

Ocorreu-me que tínhamos assistido a um exemplo de peso da sutil transformação na maneira de pensar na Bryce Hamilton. Na mesma hora, concluí que Ivy e Gabriel adorariam saber que seu esforço estava sendo recompensado. Obviamente, existiam lugares mais necessitados no mundo do que Venus Cove, mas eles não faziam parte da nossa missão, estavam entregues a outros vigilantes. Em segredo, sentia-me grata por não ter sido enviada a uma parte do mundo destroçada pela guerra, pela pobreza ou por catástrofes naturais. As imagens desses lugares nos noticiários já eram suficientemente desafiadoras. Eu evitava assistir aos telejornais, pois em geral me causavam uma sensação de desespero. Era impossível para mim ver na tela crianças vítimas da fome e das doenças provocadas pela falta de água potável. Quando pensava no tipo de coisas que os humanos eram capazes de encarar com indiferença, me dava vontade de chorar. O que fazia uma pessoa ser mais ou menos merecedora que outra? Ninguém deveria sentir fome, solidão ou desejar a morte. Embora rezasse pedindo a intervenção divina, às vezes essa noção me deixava com raiva.

Quando conversava a respeito com Gabriel, ele dizia que eu ainda não estava pronta para entender, mas que um dia estaria.

— Lide com o que você é capaz de lidar — era seu conselho.

Na manhã seguinte, nós três tomamos o caminho de Fairhaven, o asilo local. Eu visitara Alice uma ou duas vezes conforme prometera, mas as visitas tinham ficado mais escassas desde que passei a dedicar a maior parte do meu tempo livre a Xavier. Porém, Gabriel e Ivy iam lá com frequência, e sempre levavam Phantom. Segundo ambos, sempre ia direto a Alice sem precisar que lhe mostrassem onde ela estava.

Como Molly também tinha se oferecido para o trabalho voluntário, fizemos um desvio para apanhá-la, e a encontramos pronta, apesar de serem nove horas da manhã de um sábado, dia em que eu sabia que ela raramente saía da cama antes do meio-dia. Ficamos surpresos ao reparar que ela estava produzida como se estivesse indo para uma sessão de fotos, de minissaia jeans, salto alto e blusa quadriculada. Taylah dormira na casa dela e parecia chocada com a disposição da amiga de perder uma maratona de *Gossip Girl* na televisão para cuidar de idosos.

— O que você vai fazer num asilo? — ouvi-a perguntar quando abri a porta

do carro para Molly.

— Todo mundo acaba indo parar lá um dia — respondeu Molly com um sorriso, enquanto checava o brilho labial na janela do carro.

— Eu não — protestou Taylah. — Esses lugares fedem.

— Ligo para você depois — prometeu Molly antes de se sentar ao meu lado.

— Mas Molly — insistiu Taylah —, Adam e Chris iam se encontrar conosco agora de manhã.

— Diga a eles que eu mandei um oi.

Taylah ficou olhando enquanto nosso carro se afastava, obviamente imaginando quem havia sequestrado sua melhor amiga e deixado em seu lugar aquela impostora.

Quando chegamos a Fairhaven, os funcionários nos receberam com satisfação. Estavam habituados às visitas de Gabriel e Ivy, mas a presença de Molly surpreendeu a todos.

— Esta é Molly — disse Gabriel —, que gentilmente se ofereceu para nos ajudar hoje.

— Ficamos sempre agradecidos por qualquer ajuda extra — disse Helen, uma das enfermeiras daquela ala —, principalmente quando estamos tão desfalcados como hoje. — Ela parecia exausta.

— Ficou feliz de poder ajudar — disse Molly, articulando as palavras lentamente, como se Helen tivesse problemas de audição. — É muito importante retribuir à comunidade de alguma forma.

Molly lançou um olhar de esguelha para Gabriel, mas ele estava ocupado abrindo a capa do violão e não reparou.

— Vocês chegaram bem a tempo para o café da manhã — disse Helen.

— Obrigada, mas já tomei o meu — agradeceu Molly. O rosto de Helen estampou uma expressão confusa.

— Eu quis dizer o café dos residentes. Você pode nos ajudar, se quiser.

Nós a seguimos por um corredor lúgubre até o refeitório, que estava em péssimo estado e tinha um ar desolador, apesar da música de Vivaldi que preenchia o ambiente vinda de um antigo aparelho de CD. O carpete floral estava gasto, e a estampa de flores das cortinas, desbotada. Os residentes ocupavam cadeiras de plástico distribuídas ao redor de mesas de fórmica. Os incapazes de se manter eretos sentavam em fundas cadeiras de couro chamadas de banheiras. A despeito dos purificadores de ar conectados às tomadas nas paredes, sentia-se claramente um odor de amônia misturado ao cheiro de

legumes cozidos. Uma televisão portátil, ligada num dos cantos, transmitia um documentário sobre a vida selvagem. Os funcionários, em sua maioria do sexo feminino, ocupavam-se com a tarefa rotineira de dobrar guardanapos, servir as mesas e prender babadores nos residentes incapazes de cuidar de si. Alguns rostos demonstraram expectativa quando entramos, já outros pareciam mal saber onde se encontravam.

As bandejas de café da manhã se encontravam empilhadas em um carrinho e as refeições estavam em pratos de papel de alumínio lacrados. Na parte inferior viam-se fileiras de canecas de plástico.

Não vi Alice por ali, então passei a meia hora seguinte dando de comer a uma mulher chamada Dora, sentada numa cadeira de rodas com uma manta multicolorida sobre as pernas, o corpo esparramado, a boca aberta e os olhos inexpressivos. Sua pele tinha um aspecto amarelado, e as mãos eram cheias de manchas escuras. No rosto, pequenos vasos rompidos transpareciam sob a pele fina como papel. Eu não sabia ao certo o que tinha no café da manhã em Fairhaven, mas a aparência era de uma pasta grudenta amarelo-clara. Eu sabia que alguns residentes ingeriam comida pastosa para evitar o risco de engasgar.

— O que é isso? — perguntei a Helen.

— Ovos mexidos — respondeu ela, antes de se afastar com o carrinho.

Um senhor idoso tentou ingerir o conteúdo de uma colher, mas suas mãos tremiam tanto que ele acabou derramando tudo no colo. Em um instante, Gabriel já estava a seu lado.

— Pode deixar comigo — disse ele, recolhendo a comida com uma toalha de papel. Molly ficou tão deslumbrada com a cena que se esqueceu da senhora que estava ajudando, que manteve a boca aberta à espera de ser alimentada.

Depois de ajudar Dora, passei para Mabel, que tinha a fama de ser a residente mais truculenta de Fairhaven. Ela empurrou a colher que lhe ofereci e fechou a boca resolutamente.

— Não está com fome? — indaguei.

— Ora, não se preocupe com Mabel - ldisse Helen. — Ela está esperando por Gabriel. Quando ele está, ela não aceita comer com mais ninguém.

— Tudo bem — respondi. Não vi Alice hoje.

— Ela foi transferida para um quarto particular respondeu Helen. — Infelizmente, seu estado piorou desde que você a viu pela última vez. Está enxergando muito mal e se recuperando de uma infecção pulmonar. O quarto fica ali naquele corredor, a primeira porta à direita. Tenho certeza de que a sua visita vai lhe fazer muito bem.

Por que Gabriel e Ivy não tinham me contado nada? Será que acharam que eu estava tão entretida no meu próprio mundo que não iria me importar? Atravessei o corredor a caminho do quarto de Alice com uma crescente sensação de medo.

Phantom se antecipou e chegou antes de mim, postando-se, vigilante, à porta. Quando a abri e ambos entramos, quase não reconheci a mulher deitada na cama. Não se parecia em nada com a Alice de que eu me lembrava. A doença devastara seu rosto e a transformara. O corpo parecia frágil como o de um passarinho, e o cabelo ralo estava despenteado. Não usava mais os casaquinhos coloridos, substituídos por uma camisola branca comum.

Não abriu os olhos quando a chamei pelo nome, mas estendeu a mão para mim. Phantom afagou-a com o focinho antes que eu pudesse apanhá-la.

— É você, Phantom? — perguntou Alice numa voz rouca.

— Phantom e Bethany — respondi. — Viemos fazer uma visita.

— Bethany... — repetiu Alice. — Que bom que você veio. Senti saudades suas.

Seus olhos continuavam fechados, como se o esforço de abri-los fosse grande demais.

— Como você está? — perguntei. — Quer que eu pegue algo?

— Não, querida, obrigada.

— Desculpe ter passado tanto tempo sem aparecer. É que...

Eu não sabia que justificativa oferecer para explicar meu comportamento negligente.

— Eu sei — disse ela. — A vida atrapalha. Não precisa se desculpar. Você está aqui, e isso é o que importa. Espero que Phantom esteja se comportando bem.

Phantom reagiu com um breve latido ao ouvir o próprio nome.

— Ele é o companheiro perfeito.

— Bom garoto — elogiou Alice.

— Que história é essa de você estar doente? — perguntei num tom animado. — Vamos ter que botar você em pé rapidinho!

— Não sei ao certo se é isso o que quero. Acho que talvez já esteja na hora...

— Não diga isso. Você só precisa de um pouco de repouso e...

A cabeça de Alice de repente se inclinou e seus olhos se abriram, embora sem focalizar coisa alguma, encarando apenas o nada.

— Eu sei quem você é — disse ela, numa voz rouca.

— Que ótimo — respondi, sentindo um aperto de medo no peito. — Ainda bem que não me esqueceu.

— Você veio para me levar — disse ela, — Não agora, mas em breve.

— Para onde vamos? — perguntei. Eu não queria aceitar o que ela estava dizendo.

— Para o Céu — respondeu Alice. — Não posso ver seu rosto, Bethany, mas vejo sua luz. Encarei-a, sem fala.

— Você vai me mostrar o caminho, não vai?

Toquei seu pulso e chequei os batimentos cardíacos. Parecia uma vela consumida quase até o fim. Eu sabia que não devia permitir que a ligação existente entre nós me impedisse de cumprir a missão que me cabia. Fechei os olhos e me lembrei da entidade que eu era no Reino: um guia, um mentor de almas em transição. Minha função consistia em consolar as almas das crianças ao fazerem a transição.

— Quando chegar a hora, você não estará sozinha.

— Estou com medo. Bethany, haverá escuridão?

— Não, Alice, só luz.

— E os meus pecados? Nem sempre fui um modelo de bondade — confessou, com um toque do seu velho jeito destemido vindo à tona.

— O Pai que conheço perdoa tudo.

— Vou ver novamente aqueles que amo?

— Você vai entrar para uma família muito maior. Será como uma só em conjunto com todas as criaturas deste mundo e além.

Alice afundou novamente a cabeça nos travesseiros, parecendo satisfeita, mas cansada. As pálpebras estremeceram.

— Tente dormir um pouco agora — sugeri.

Fechei os dedos em torno daquela mãozinha frágil, e Phantom encostou a cabeça no braço da sua dona. Juntos, ficamos observando ela adormecer.

A caminho de casa, continuei a pensar em Alice e no que ela dissera. Observar a morte de cima era triste, mas vivenciá-la na Terra partia o coração. Era uma dor física para a qual não havia remédio. Senti uma pontada de culpa no peito por me permitir ficar obcecada por meu amor por Xavier a ponto de negligenciar minhas outras responsabilidades. O Céu aprovava o nosso relacionamento, ao menos por enquanto, e eu não podia permitir que ele me consumisse. Ao mesmo tempo, tudo o que eu queria era encontrá-lo e sentir seu cheiro reconfortante. Nenhuma outra pessoa que conheci jamais foi capaz de me fazer sentir tão viva.

No dia seguinte soubemos que Alice falecera dormindo. Não me surpreendi, já que eu despertara durante a noite com a chuva batendo na janela e vira seu espírito pairando lá fora. Ela sorria e parecia totalmente em paz. Alice tivera uma existência plena e rica e estava pronta para seguir em frente. A perda seria mais dolorosa para a família, que não aproveitara ao máximo a convivência com ela. Eles ainda não sabiam, mas um dia teriam uma segunda chance.

Senti seu espírito quando ele deixou este mundo, empolgado com a expectativa do desconhecido. Alice já não sentia medo, apenas ansiedade pelo que haveria depois. Aproximei-me dela mentalmente num último gesto de despedida.

24
Apenas Humano

O tempo nublou no dia do enterro de Alice. O céu estava cinza, e a grama amanhecera molhada por causa da leve garoa que caíra durante a noite. Apenas um punhado de pessoas compareceu ao funeral, entre elas funcionários de Fairhaven e o padre Mel, que oficiou a cerimônia. O túmulo ficava numa colina gramada à sombra de uma árvore, e imaginei que ela gostaria de saber que sua última morada uma bela vista.

O falecimento de Alice mexeu comigo. Fez com que me focasse novamente no propósito da nossa missão, incentivando-me a aumentar a quantidade de horas dedicadas ao serviço comunitário. Foi um gesto bem pequeno diante do contexto maior das coisas, e me senti meio tola com ele, visto que nosso objetivo era salvar a Terra das forças das trevas e dos decaídos, mas a decisão me convenceu de estar contribuindo para a nossa causa e me concentrando no que realmente importava. Xavier me acompanhava com frequencia. Sua família prestava serviço voluntário na igreja há anos, e nada disso era novidade para ele.

— Você não precisa vir sempre comigo – disse a ele uma noite, enquanto esperávamos o trem que nos levaria ao sopão dos necessitados em Point Circe.

— Sei disso. Eu quero ir. Fui criado acreditando na importância da comunidade.

— Mas você já tem muita coisa para se preocupar. Não quero acrescentar mais pressão.

— Não se preocupe. Sei administrar o meu tempo.

— Você não tem prova oral de francês amanhã?

— Não. *Nós* temos prova oral de francês amanhã. Por isso, eu trouxe isto aqui – disse ele, tirando um livro da mochila. – Podemos estudar no caminho.

Aos poucos eu vinha me habituando aos trens, e a companhia de Xavier ajudava muito. Encontramos lugares num vagão vazio, salvo por um senhor encarquilhado que cochilava babando na cozinha. Havia uma garrafa num saco de papel entre seus pés. Abrimos o livro, e, logo após começarmos a ler, Xavier ergueu os olhos.

— O Céu deve ser bem grande – disse ele, em voz baixa, razão pela qual não lhe pedi que evitasse aquele assunto, já que estávamos em público. – Quanto espaço seria necessário para acomodar todas essas almas? Acho que a minha

cabeça não consegue entender o conceito de infinito.

— Na verdade, existem sete reinos no Céu – retruquei de repente, querendo partilhar meu conhecimento com Xavier, embora soubesse que isso era contra as nossas regras. Xavier deu um suspiro e afundou no assento.

— Logo agora que achei que estava começando a entender! Como assim, sete?

— No primeiro Céu há apenas um trono. E os anjos que pregam a palavra do Senhor. O Pai, o Filho e o Espírito Santo habitam o sétimo Céu, que é o Reino máximo.

— Mas por que isso?

— Cada reino tem uma função. É como se você se esforçasse para subir até o nível do presidente da empresa. Xavier massageou as têmporas.

— Tenho muito que aprender, não é?

— É que existem inúmeras regras para memorizar – respondi. – O segundo Céu é tão distante da terra quanto o primeiro, e os anjos da direita são sempre mais gloriosos que os da esquerda. A entrada do sexto Céu é bastante complicada, e sei que tudo isso parece confuso, mas você vai acabar sabendo diferenciar por que os Céus inferiores são mais escuros se comparados ao brilho do sétimo...

— Chega – pediu Xavier. – Pare antes que meu cérebro exploda.

— Desculpe – disse eu, percebendo o quão rápido tinha ido. – Acho que é muita coisa para registrar. Xavier sorriu para mim.

— Tente lembrar que sou apenas humano.

† † †

XAVIER ME CONVIDOU PARA ASSISTIR A SEU TIME de rúgbi jogar a última partida da temporada. Eu sabia que era importante para ele, então combinei de ir com Molly e suas amigas, as Líderes de torcida habituais da Bryce Hamilton. O que elas chamavam de espírito de equipe para mim mais parecia uma desculpa para admirar os garotos de short correndo suados em volta de um campo. As meninas sempre faziam questão de estar a postos para oferecer bebidas geladas nos intervalos, na esperança de serem recompensadas com um elogio ou, melhor ainda, um convite para sair.

Era um jogo em casa, por isso me dirigi para o campo com Molly e as outras meninas. O time já estava lá quando chegamos, fazendo aquecendo e usando os uniformes listrados de preto e vermelho. O adversário, a equipe da

Escola Preparatória Middleton, ocupava o outro lado do campo e vestia as cores verde e amarela.

Ouviam atentamente o treinador já vermelho como um pimentão, mas parecendo à beira de um derrame. Xavier fez um breve aceno quando me viu e continuou se aquecendo. Antes do inicio do jogo, o time da Bryce Hamilton fez uma roda e entoou uma espécie de mantra motivador sobe o *poderoso exercito vermelho e preto*. Correram sem sair do lugar e se abraçaram enquanto aguardavam o apito do árbitro.

— Impressionante... — murmurou Molly. — Nada como o esporte para arrancar alguma emoção deles.

Assim que a partida começou, me dei conta de que nunca seria uma fã de rúgbi. Era um esporte agressivo demais, que consistia, basicamente, de jogadores trombando uns nos outros na tentativa de arrancar a bola das mãos do adversário. Vi um dos companheiros de Xavier correr pelo campo com a bola debaixo do braço. Escapou de dois jogadores da Middleton que o perseguiam obstinados e, quando estava a poucos metros do gol, atirou-se no chão, com os braços esticados acima da cabeça. As mãos, segurando com força a bola, ultrapassavam um tantinho a linha. Um dos jogadores da Middleton, que tinha se jogado na esperança de detê- lo, aterrissou sobre ele. O time da Bryce Harnilton irrompeu em gritos e aplausos, ajudando seu jogador a ficar de pé e lhe dando tapinhas nas costas enquanto ele cambaleava de volta ao centro do campo.

Eu estava com os olhos tapados para evitar ver a trombada de dois jogadores, quando Molly me cutucou.

— Quem é aquele cara? — perguntou, apontando para uma figura em pé do lado oposto. Era um jovem com um casaco de couro comprido. Não dava para ver seu rosto, em boa parte coberto por um chapéu de feltro e um longo cachecol.

— Não sei — respondi. — Talvez seja o pai de alguém.

— Um pai muito esquisito, não? — perguntou Molly. — Por que ficar ali sozinho?

Logo esquecemos o sujeito estranho e voltamos a assistir ao jogo. Meu nervosismo aumentava à medida que a partida prosseguia. Os rapazes da Middleton eram impiedosos e quase todos pareciam uns tanques. Meu coração e a minha respiração se aceleravam toda vez que um deles se aproximava de Xavier, o que, devido à natureza do jogo, acontecia com frequência, e não era do feitio de Xavier ficar parado. Ele queria estar sempre no calor da ação, competitivo como o restante da equipe. Tive de admitir que, apesar de eu não

gostar do esporte, Xavier era um jogador talentoso. Rápido, forte e, o mais importante, jogava limpo. Vi quando disparou na direção do gol e bateu com a bola no chão. Sempre que um dos outros o agarrava e derrubava, Xavier se punha de pé em questão de segundos. Nada tirava sua garra. Acabei relaxando e perdendo o medo de eventuais arranhões e hematomas, parando de temer por sua segurança. Comecei a sentir orgulho dele e a gritar e sacudir no ar os pompons de Molly toda vez que a bola estava em suas mãos.

No intervalo, a Bryce Hamilton liderava por três pontos. Xavier correu até a lateral, e fui até lá para encontrá-lo.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu, ofegante. — Sei que essa não é a sua praia — reconheceu, me dando seu encantador meio sorriso enquanto despejava uma garrafa de água na cabeça.

— Você foi fantástico em campo — elogiei, afastando do seu rosto o cabelo molhado que grudara em sua testa.

— Mas você precisa ter cuidado. Os caras da Middleton são enormes.

— Talento conta mais que tamanho — disse ele.

Olhei, agoniada, para o corte comprido que Xavier tinha no braço.

— Como isso aconteceu?

— É só um arranhão — respondeu ele, rindo da minha preocupação.

— Para você, pode ser um arranhão, mas é um arranhão no *meu braço*, que, por acaso, não quero ver danificado.

—Quer dizer que tudo está tomado como propriedade de Bethany Church, ou só o braço?

— Cada centímetro seu. Por isso, é bom ter cuidado.

— Entendido, treinadora.

— Estou falando sério. Espero que você se dê conta de que nunca mais vai poder pegar no meu pé por eu não ser cuidadosa — disse eu.

— Benzinho, os ferimentos são inevitáveis. Faz parte do jogo. Você pode dar uma de enfermeira depois, se quiser — completou, piscando para mim por cima do ombro, ao mesmo tempo que soava o sinal para o reinício do jogo. - Não se preocupe, sou invencível.

Observei-o caminhar apressado ao encontro dos companheiros e percebi que o rapaz do casaco de couro continuava de pé na lateral oposta, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ainda não dava para ver seu rosto.

Faltando dez minutos para o final da partida, a vitória parecia certa para os jogadores da Bryce Hamilton. O treinador adversário não parava de balançar a cabeça e enxugar o suor da testa, enquanto seus comandados se mostravam

furiosos e desesperados. Não demorou para que começassem a apelar para táticas desonestas. Xavier segurava a bola e corria pelo campo, quando dois jogadores da Middleton investiram contra ele como trens de carga, pelos dois lados. Xavier desviou, tentando evitar a colisão, mas os outros desviaram também e chegaram mais perto. Gritei quando um deles esticou a perna e pegou Xavier pelo tornozelo. O choque o lançou à frente, cambaleante, com a bola escapando de suas mãos. Vi sua cabeça bater no chão e os olhos se fecharem de dor. Os companheiros da Bryce Hamilton protestaram enfurecidos, e o juiz apitou marcando a falta, mas já era tarde demais.

Dois jogadores correram para ajudar Xavier, que ainda estava prostrado. Ele tentou se levantar, mas o tornozelo esquerdo se projetava num ângulo estranho, e, ao apoiar o peso do corpo sobre o pé, Xavier fez uma careta de dor e escorregou. Os companheiros o levaram a um banco, e o enfermeiro se aproximou para examinar o tamanho do estrago. Xavier na parecia zonzo, como se estivesse prestes a desmaiar.

De onde eu estava, não conseguia ouvir o que diziam. Vi o enfermeiro olhar com uma lanterninha dentro dos olhos de Xavier e balançar a cabeça para o treinador. Xavier cerrou os dentes e baixou a cabeça, frustrado. Tentei passai pelas garotas para chegar até ele, mas Molly me impediu.

— Não, Beth, eles sabem o que estão fazendo. Você só vai atrapalhar.

Antes que eu pudesse discutir, Xavier foi posto numa maca e levado para a ambulância, que estava de prontidão na lateral para o caso de um acidente. Permaneci ali, congelada, vendo o jogo recomeçar, passado o momento de crise. A ambulância partiu. Percebi vagamente, em meio ao meu pânico, que o rapaz na lateral do campo não estava mais lá.

— Para onde vão levá-lo? — indaguei.

— Para o hospital, é claro — respondeu Molly, a expressão se suavizando ao ver meus olhos se encherem de lágrimas. — Olha, não parecia muito sério, provavelmente é só uma torção. Vão enfaixar o tornozelo e mandá- lo para casa. Veja; — exclamou, apontando para o placar—, mesmo assim vamos ganhar por seis pontos!

Mas eu não tinha coisa alguma para comemorar, então me desculpei e parti para casa ao encontro de Gabriel e Ivy para lhes pedir que me levassem ao hospital. Fiz contato mental enquanto corria, para o caso de não estarem em casa. Estava tão preocupada com Xavier que acabei dando um encontrão em Jake Thorn no estacionamento.

— Nossa, alguém aqui está com pressa! — exclamou ele, me ajudando a

levantar e limpando a terra do meu casaco. — O que aconteceu?

— Xavier sofreu um acidente durante o jogo de rúgbi — expliquei, esfregando os olhos com os punhos, como uma criança. Àquela altura, eu não estava nem aí para a minha aparência. Precisava ver se Xavier estava bem.

— Sério? Que pena. É grave?

— Não sei — respondi, com a voz embargada. — Foi levado para o hospital para ser examinado.

— Entendi. Garanto que vai dar tudo certo. Faz parte do jogo.

— Eu devia ter adivinhado... — murmurei zangada, para mim mesma que para ele.

— Adivinhado o quê? — indagou Jake, observando meu rosto de perto. — Não é culpa sua. Não chore...

Deu um passo à frente e me apertou nos braços. Seu abraço não se parecia nem um pouco com o de Xavier. Ele era magro para ter um abraço reconfortante, mas solucei rosto colado em sua camisa assim mesmo e deixei que abraçasse. Quando tentei me afastar, percebi que seus braços me apertavam forte e tive dificuldade para me soltar deles.

— Desculpe — disse Jake, com um olhar estranho. — Só quero ter certeza de que você está bem.

— Obrigada, Jake, mas realmente preciso ir — insisti, as lágrimas me ardendo nos olhos e as palavras se atropelando.

Subi correndo a escadaria principal da escola e atravessei o corredor central, agora deserto, onde avistei com enorme alívio Ivy e Gabriel vindo na minha direção.

— Ouvimos você chamar — disse Ivy, quando abri a boca para lhe contar a história.

— Sabemos o que houve.

— Preciso ir agora para o hospital. Posso ajudá-lo! — gritei. Gabriel impediu que eu passasse e me segurou pelos ombros.

— Bethany, acalme-se! Você não pode fazer isso agora. Ele já está sendo atendido.

— Por que não?

— *Pense*, Bethany! — exclamou Ivy, exasperada. — Ele já foi levado para o hospital, os pais dele já foram chamados. Se o ferimento sarar miraculosamente, que reação você acha que as pessoas vão ter?

— Mas ele precisa de mim!

— Ele precisa que você tenha juízo e aja com bom senso — disse Gabriel.

— Xavier é jovem e saudável. Seu ferimento será curado naturalmente, sem levantar suspeitas. Se você quiser apressar o processo depois, tudo bem, mas no momento tente manter a cabeça fria. Ele não corre perigo.

— Posso ao menos ir vê-lo? — indaguei, odiando o fato de eles terem razão, o que significava que a recuperação de Xavier levaria mais tempo.

— Pode. Iremos os três.

Não gostei do hospital da cidade. Era cinzento e inóspito, e os sapatos das enfermeiras rangiam no chão de linóleo. Pude sentir o sofrimento e o sentimento de perda no ar assim que atravessei as portas automáticas. Sabia que havia aqueles que não se recuperariam, vítimas de acidentes de carro ou de doenças incuráveis. A todo momento, alguém poderia perder a mãe ou o pai, o marido, o irmão ou o filho. Dava para sentir a dor aprisionada entre aquelas paredes como se fosse um tapa no rosto. Esse era o lugar de onde muitos embarcavam na viagem para o Céu. Lembrei-me das várias almas cuja transição fui capaz de amenizar. É impressionante o número de pessoas que recuperam a fé em seus últimos dias na Terra. Existem muitas almas com uma necessidade desesperada de orientação, de conforto, e é meu dever atendê-las. Porém, como de hábito, no momento em que vislumbrei mentalmente o rosto de Xavier, quaisquer noções de responsabilidade ou culpa sumiram, e só conseguia pensar em encontrá-lo.

Segui Ivy e Gabriel a passos largos pelo amplo corredor com iluminação fluorescente e mobília hospitalar. Xavier ocupava um quarto no quinto andar. Quando chegamos, toda a sua família estava de saída, enchendo o corredor.

— Beth! — exclamou Bernie ao me ver.

Imediatamente fui cercada pelos membros da família de Xavier, todos eles fornecendo informações sobre seu estado de saúde. Gabriel e Ivy observavam, curiosos.

— Obrigada por ter vindo, querida — disse Bernie. — Saiam de cima dela! Xavier está bem, Beth, não se preocupe tanto. Um pouco de ânimo vai fazer bem a ele.

Lançando um olhar inquiridor para Gabriel e Ivy, Bernie comentou.

— Estes devem ser seu irmão e sua irmã.

Estendeu-lhes a mão, e meus irmãos retribuíram o cumprimento.

— Estamos de saída. Entre, Beth. Ele vai gostar de vê-la — completou ela. Uma cama estava vazia e a outra tinha as cortinas fechadas.

— Toc, toc — disse baixinho.

— Beth? - indagou Xavier lá de dentro. — Entre!

Ele estava recostado em travesseiros, usando uma pulseirinha azul em volta

do pulso.

— Por que demorou tanto? — perguntou, os olhos se iluminando ao me verem.

Corri até a cama, segurei seu rosto nas mãos e o examinei. Gabe e Ivy esperavam lá fora, sem querer se intrometer.

— Invencível, hein? Como está seu tornozelo?

Ele ergueu uma bolsa de gelo para mostrar o tornozelo extremamente inchado.

— Tiraram radiografias e viram que está quebrado. Vão ter que engessar assim que o inchaço passar. Parece que vou andar de muleta durante algum tempo.

— Bom, isso é ruim, mas não o fim do mundo. Vou ter a oportunidade de cuidar de você, para variar.

— Vou ficar bom — disse Xavier. — Vou ter que passar a noite aqui em observação, mas terei alta pela manhã. Só não posso pôr o pé no chão durante algumas semanas...

— Que ótimo! — comentei, radiante.

— Tem mais uma coisa.

Xavier fez uma expressão constrangida, quase envergonhado de admitir uma fraqueza.

—O que é?

— *Aparentemente*, tenho uma concussão — disse ele, enfatizando a palavra aparentemente, como se não levasse a coisa a sério — Disse que estou bem, mas eles não quiseram me ouvir. Preciso ficar na cama alguns dias por ordem médica.

— Parece sério — comentei. — Você está bem?

— Estou ótimo, a não ser por uma dor de cabeça bem forte.

— Tudo bem, eu cuido de você. Não me importo.

— Beth, você está se esquecendo de uma coisa.

— Eu sei, eu sei. Você não gosta de se sentir um inválido. Mas esse é o resultado quando se entra num jogo violento como...

— Não, Beth, você não está entendendo — interveio Xavier balançando a cabeça, frustrado. — A festa de formatura é na sexta-feira.

Senti um aperto no estômago.

— Não ligo a mínima! — exclamei, com uma falsa animação. — Eu não vou.

— Você tem que ir. Está esperando essa festa há semanas, Ivy fez o seu

vestido, as limusines foram alugadas, e todo mundo espera que você vá.

— Mas só quero ir se for com você. Do contrário, a festa tem graça nenhuma.

— Lamento que isso tenha acontecido — disse Xavier, cerrando o punho. — Sou um idiota.

— Xavier, a culpa não foi sua.

— Eu devia ter sido mais cuidadoso.

A raiva desapareceu do seu rosto, e sua expressão se suavizou.

— Por favor, não deixe de ir. Para eu não me sentir tão culpado. Não quero que você perca a festa por minha causa. Embora não estejamos juntos, ao menos você vai poder se divertir. Esse é o acontecimento do ano, e quero que você me cada detalhe depois.

— Não sei...

— Por favor, faça isso por mim. Revirei os olhos.

— Bom, com essa chantagem emocional, não posso me recusar.

Eu sabia que Xavier se sentiria culpado pelos próximos cinco anos se eu faltasse à festa de formatura por sua causa.

— Então, estamos combinados?

— Tudo bem, mas saiba que vou pensar em você a noite toda. Ele sorriu.

— Não se esqueça de tirar fotos.

— Promete passar lá em casa no dia, antes da festa? Para me ver com o vestido?

— Eu não perderia isso por nada no mundo.

— Detesto largar você aqui, sem ninguém para lhe fazer companhia — queixei-me, afundando na cadeira ao lado da cama.

— Vou ficar bem sozinho — tranquilizou-me. — E se conheço a minha mãe, ela provavelmente vai trazer um colchonete e passar a noite aqui.

— Mas você tem que se ocupar com alguma coisa.

Xavier apontou com a cabeça para a mesinha de cabeceira, onde um livro grosso de capa preta com letras douradas se encontrava aberto.

— Posso ler a Bíblia e saber mais sobre a danação eterna.

— Essa é a sua ideia de diversão? — perguntei com sarcasmo.

— É uma história um bocado dramática. O bom e velho Lúcifer apimentando um pouquinho as coisas.

— Você conhece a história toda? — indaguei.

— Sei que Lúcifer era um arcanjo — respondeu ele, enquanto eu erguia uma sobrancelha, surpresa. — Ele saiu feio da linha.

— Isso quer dizer que você prestou atenção ao catecismo — comentei, brincando. — O nome dele significa doador da luz. No Reino, era o favorito do Nosso Pai, Foi criado para ser o máximo da beleza e da inteligência; era consultado quando havia problemas e adorado pelos outros anjos.

— Mas não estava satisfeito — acrescentou Xavier.

— Não. Tornou-se arrogante e ressentido com os humanos, não entendia por que Nosso Pai achava que eles eram Sua maior criação. Acreditava que apenas os anjos deviam ser exaltados e começou a achar que podia desbancar Deus.

— Foi aí que levou um chute.

— Isso. Nosso Pai ouviu seus pensamentos e o expulsou, juntamente com seus seguidores, que se tornaram demônios. Lúcifer conseguiu o que queria e tornou-se a contraparte do Nosso Pai, governante do Mundo Inferior, e todos os outros anjos caídos viraram demônios.

— Você sabe como é lá embaixo? — indagou Xavier.

— Não, mas Gabriel sabe. Ele conheceu Lúcifer. Eram irmãos, todos os arcanjos eram irmãos. Mas jamais toca no assunto.

A conversa foi ab-ruptamente interrompida quando Gabriel e Ivy puxaram a cortina para ver como o paciente estava.

† † †

— VOCÊ ESTÁ FALANDO SÉRIO? — perguntou Molly, horrorizada.

— Achei que a ida dele para o hospital fosse só por precaução. Ele tem mesmo uma concussão? Isso é uma catástrofe! Você vai ter que ir à festa de formatura sozinha!

Comecei a me arrepender de ter dado a notícia. A reação de Molly não era animadora. A festa de formatura deveria ser uma noite mágica, partilhada com Xavier e planejada por mim para jamais ser esquecida. Agora, estava arruinada.

— Eu não queria ir. Só vou porque Xavier me pediu. Ela deu um suspiro.

— Que gracinha.

— Também acho, e por isso não ligo de ir desacompanhada.

— Vamos pensar em alguma solução — disse Molly para me tranquilizar. — Deve haver alguém para substituí- lo de última hora. Deixe comigo.

Captei o que ela estava pensando. No começo da festa quando os casais entrassem juntos, seriam fotografados por profissionais. Chegar sozinha, para ela, seria o equivalente a um suicídio social.

Na verdade, Molly não precisava ter se preocupado em encontrar uma solução, pois ela se apresentou naquela mesma tarde.

Eu estava sentada com Jake Thorn em nosso lugar habitual, no fundo da classe de literatura. Ele rabiscava em sua agenda, calado, enquanto eu tentava me concentrar na estrofe final do nosso poema.

— Isso é um bocado difícil, já que você escreveu do ponto de vista masculino — queixei-me.

— Minhas sinceras desculpas — respondeu Jake com o exagero de costume. — Mas sinta-se livre para adotar uma certa licença criativa. A primeira estrofe pode ser de um homem para uma mulher, mas a seguinte poderia muito bem ser o oposto. Não leve uma eternidade, Beth. Nem estou ligando para essa tarefa. Vamos acabar logo para poder falar de assuntos mais interessantes.

— Não posso ser pressionada — repliquei num tom rude. — Não sei quanto a você, mas eu quero me sair bem neste trabalho.

— Por quê? Você não está precisando de nota.

— Como assim? Por que não?

— Sair-se bem é um dom. A srta. Castle gosta de mim — disse ele, com um sorriso superior e ignorando a minha pergunta, antes de voltar a escrever em sua agenda. Não perguntei o que estava escrevendo, e ele não se ofereceu para dar qualquer informação.

A sugestão feita por ele libertou minha imaginação, e foi bem mais fácil compor o verso seguinte, já que podia escrever sobre Xavier. Bastou fazer um retrato mental do seu rosto, e as palavras fluíram como se a caneta tivesse vida própria. Na verdade, a estrofe de quatro versos que me cabia acabou parecendo pouco. Senti como se pudesse encher todos os cadernos do mundo com meus pensamentos sobre Xavier. Poderia preencher páginas e mais páginas descrevendo sua voz, seu toque, seu cheiro e todos os outros detalhes. Assim, antes que pudesse perceber, meu texto fluente já enchia a folha logo abaixo da caligrafia rebuscada de Jake:

Ela tinha o rosto de um anjo

Em seus olhos vi espelhos Éramos um único e mesmo ser, ela e eu, Que da mentira nasceu.

Nele vi meu futuro

Nele vi um anjo

Nele vi meu destino

Vi meu início e meu fim.

— Funciona — disse Jake. — Talvez haja um lado poeta em você no fim das contas.

— Obrigada — agradeci. — O que você anda tão ocupado escrevendo?

— Comentários... Observações — respondeu Jake.

— O que observou até agora?

—Que as pessoas são *muito* ingênuas e *muito* previsíveis.

— Isso é uma crítica?

— Acho patético — disse ele, de um jeito tão amargo que cheguei a me encolher. — Avaliá-las é tão fácil que sequer é um desafio.

— As pessoas não existem para diverti-lo — protestei. — Elas não são um passatempo.

— Para mim, são. A maioria é um livro aberto... Menos você. Você me confunde.

— Eu? indaguei, fingindo rir. — Não há nada em mim para confundi-lo. Sou exatamente igual a todo mundo.

— Não exatamente.

Lá estava Jake sendo enigmático de novo. Começava a ficar perturbador.

— Não sei do que você está falando — insisti, mas tive que virar o rosto para que ele não visse minhas bochechas ficarem vermelhas.

— Se você pensa assim... — concluiu Jake, deixando o assunto morrer. Alicia e Alexandra se aproximaram e esperaram que ele as cumprimentasse.

— O que foi? — perguntou Jake, ao perceber que as duas não faziam menção de ir embora. Eu nunca o vira usar um tom tão ríspido.

— A gente vai se ver hoje à noite?, sussurrou Alicia. Jake fitou-a, exasperado.

— Vocês não viram a minha mensagem?

— Vimos.

— Então, qual é o problema?

— Nenhum — respondeu Alicia, com uma expressão mortificada.

— Então encontro as duas mais tarde — disse ele calmamente.

As meninas trocaram sorrisos velados e voltaram a seus lugares. Jake deu de ombros em resposta ao meu olhar inquisidor, como se dissesse que estava tão atônito quanto eu com a atenção das duas.

— Ansiosa para sexta-feira? — perguntou, mudando de assunto. — Soube que, devido a um pequeno percalço esportivo, perdeu sua companhia. É uma pena ele deixar você na mão.

Seus olhos escuros brilharam, e ele arreganhou levemente os dentes, sarcástico.

— As notícias correm rápido por aqui — comentei num tom neutro, optando por ignorar sua gozação. Agora que estava mais preocupada do que animada com a festa, o lembrete não era bem-vindo – Quem você vai levar?

– perguntei por educação.

— Também vou fazer um voo solo.

— Por quê? E o seu fã-clube?

— Fãs são aceitáveis apenas em pequenas doses. Inconscientemente, suspirei fundo.

— A vida é injusta, não é?

Estava me esforçando ao máximo para encarar a situação de forma positiva, mas aparentemente não ia funcionar.

— Não precisa ser desse jeito — disse Jake. — Sei que todo rindo espera comparecer a uma festa dessas de braço dado com pessoa amada, mas às vezes é preciso ser pragmático, principalmente quando a pessoa amada pertence a outra pessoa.

Seu discurso exagerado conseguiu me fazer sorrir.

— Assim está melhor — disse ele. — Tristeza não lhe cai bem — comentou, ajeitando-se na cadeira. — Bethany, sei que não sou sua primeira opção, mas você me daria a honra de ser seu acompanhante na festa de modo a ajudá-la a contornar seu infortúnio momentâneo?

Talvez fosse uma generosidade genuína, mas não me senti bem em aceitar.

— Não sei — respondi. — Obrigada por se prontificar, mas preciso conversar sobre isso com Xavier. Jake assentiu.

— Claro. Mas saiba que o convite está de pé, caso decida aceitá-lo.

† † †

QUANDO ABORDEI O ASSUNTO COM XAVIER, ele não hesitou.

— É claro que você deve ir com outra pessoa.

Ele estava recostado no sofá, de frente para a televisão. Seu tédio era visível. Para alguém tão ativo, assistir à televisão de era uma alternativa muito ruim. Vestia um moletom cinza e estava com o tornozelo apoiado numa almofada. Parecia inquieto e não parava de mudar de posição. Não se queixava, mas eu sabia que sua cabeça ainda latejava devido ao impacto da trombada.

— É um baile. As pessoas vão para dançar — prosseguiu com um sorrido

animador. — Você vai precisar de um par, já que estou inutilizado.

— Está bem — concordei, falando devagar. — E o que acha de o meu par ser Jake Thorn?

— Sério? — indagou, deixando de sorrir e apertando o olhar quase imperceptivelmente. — Algo não me agrada naquele cara.

— Bem, foi ele quem me convidou. Xavier deu um suspiro.

— Beth, qualquer um agarraria a chance de acompanhar você.

— Mas Jake é meu amigo.

— Tem certeza? — perguntou Xavier.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, é que você o conhece há pouco tempo. Alguma coisa nele não cheira bem.

— Xavier... — Peguei a mão dele e a encostei no meu rosto. — É só uma noite.

— Sei disso, Beth. E quero que você aproveite ao máximo a festa de formatura. Só preferia que fosse com outro garoto... *qualquer* outro.

— Não importa com quem eu vá. Vou pensar em você o tempo todo.

— Muito bem, me convença com elogios — disse Xavier, sorrindo novamente. — Se tem certeza sobre Jake, vá com ele. Só não se comporte como se estivesse comigo.

— Como se alguém pudesse se comparar a você!

Ele se inclinou para me beijar e, como sempre, um beijo não foi o bastante. Desabamos no sofá, deslizei minhas mãos em seus cabelos, e ele me envolveu pela cintura. Nossos corpos se colaram. Na mesma hora, nós dois percebemos o tornozelo engessado projetando-se num ângulo estranho e caímos na gargalhada.

25
O Substituto

— Excelente! exclamou Jake quando lhe contei a novidade. — Vamos formar um casal deslumbrante.

— Hã-rã — concordei.

No fundo, ainda havia uma dúvida insistente que me incomodava, uma espécie de pressentimento que provocava um leve arrepio na minha espinha. Quando estava segura nos braços de Xavier, a ideia não me parecia tão ruim; porém, pensando melhor, já começava a me arrepender de ter aceitado. Mas não podia explicar esse desconforto e optei por ignorá-lo. Além disso, não dava para fugir da raia e desapontar Jake.

— Você não vai se arrepender — disse ele, numa voz sedosa, como se lesse meus pensamentos. — Vou fazer você se divertir. Passo para pegá-la às sete?

Hesitei um instante antes de responder.

— Sete e meia é melhor.

† † †

O QUEIXO DE MOLLY CAIU QUANDO ela soube da mudança de planos.

— O que você tem, afinal? indagou, erguendo os braços, exasperada. — Parece um ímã para os caras mais quentes da escola. Não acredito que pensou em recusar o convite dele.

— Ele não é o Xavier — contestei, amuada. — Não vai ser a mesma coisa.

Eu sabia que começava a soar como um disco arranhado, mas a minha decepção era avassaladora.

— Mas Jake não é um mau substituto!

Lancei um olhar duro para Molly e dei um suspiro.

— Acho que ele vai ter que quebrar o galho — emendou ela. — Você vai ter que sofrer em silêncio com um modelo a seu lado... Que peninha.

— Pare com isso, Molly.

— Sério, Beth. O Jake é bacana. Metade das garotas da escola está apaixonada por ele. Ele vai fazer Xavier abrir o olho e valorizar você ainda mais.

Bufei, exasperada.

— Tudo bem, sei que para você ninguém chega aos pés de Xavier Woods, mas ele ficaria chateado se você não tentasse se divertir.

Isso era mesmo indiscutível.

Ciente de que a febre da formatura seria contagiosa e que praticamente ninguém do último ano iria para a aula, a escola nos deu a tarde de sexta-feira para os preparativos. Claro que ninguém foi capaz de se concentrar nos estudos na parte da manhã, e a maioria dos professores sequer tentou se fazer ouvir acima da algazarra que pairava em todas as classes.

Molly e as amigas já tinham começado os preparativos na noite anterior e chegaram à escola parecendo amêndoas torradas, após um banho de spray bronzeador. Já tinham feito luzes nos cabelos, e as unhas estavam pintadas à francesinha. O cabelo de Taylah, mais louro impossível, dava a impressão de ter recebido talco.

Quando o sinal tocou às onze horas, Molly agarrou meu braço e me arrastou da sala de aula. Seu passo não diminuiu, nem meu braço foi liberado até estarmos apertadas pelos cintos de segurança no banco traseiro do carro de Taylah. Dava para perceber pelas expressões em seus rostos que todas estavam realmente empenhadas.

— Primeira parada, maquiagem — entoou Molly, em seu melhor tom de comando. Enfiando a cabeça entre os dois bancos da frente, completou: - Vamos lá!

Seguimos até a rua principal e paramos em frente ao Swan Aesthetics, um dos dois salões de beleza da cidade. O lugar cheirava a baunilha, com espelhos em todas as paredes, onde também ficavam expostas as novidades em produtos de beleza. Os proprietários tinham optado por um ambiente boêmio, naturalista, com colares de contas ornamentando as portas e incenso queimando em pequenos potinhos enfeitados com pedras semipreciosas, enquanto alto-falantes ocultos derramavam sons de floresta tropical. Na sala de espera, cheia de almofadões no chão e arranjos de flores, podia-se tomar chá de ervas, bastando servir-se nos samovares dispostos numa mesinha baixa.

As funcionárias que nos receberam não pareciam nem um pouco antenadas com a natureza, com seus cabelos louros, suas camisetas colantes e suas maquiagens teatrais. Deu para ver que Molly era íntima das duas, pois foi abraçada carinhosamente ao entrar. Apresentou-as como Melinda e Mara.

— Hoje é a noite especiail — exclamaram as duas em uníssono. — Vocês estão a mil por hora, hein? Bem, meninas, mãos à obra. Temos que dar tempo para a maquiagem assentar.

Sentaram a gente em cadeiras giratórias altas diante de uma parede de espelhos. Torci para que a maquiagem que elas usavam não fosse um prenúncio de como ficaria a nossa depois de pronta.

— Quero um *look* de bonequinha — ronronou Taylah. — Sombra cintilante, batom rosa-claro...

— Quero uma maquiagem clássica de Mulher-Gato dos anos sessenta. Muito delineador e, sem dúvida, cílios postiços — decretou Hayley.

— Quero uma aparência suave e misteriosa — disse Molly.

— Eu só quero que não pareça que estou maquiada — pedi quando chegou a minha vez.

— Acredite, você não precisa mesmo — disse Melinda, estudando a minha pele.

Escutei as profissionais listarem os tratamentos de beleza programados para a tarde, tentando não me contorcer na cadeira. Para mim, elas nem pareciam estar falando a nossa língua.

— Primeiro, vamos extrair todas as impurezas da pele de vocês, usando uma máscara de ervas e um esfoliante suave — explicou Mara. — Depois, aplicamos uma camada de *primer* e usamos um bastão corretor marfim para esconder todas as manchas e imperfeições. Em seguida vem a base, seja num tom amarelado ou cor-de-rosa, para combinar com a cor da pele. Por último, é a vez do *blush*, da sombra, dos cílios e do brilho labial!

— Você não tem manchas nem tons desiguais na pele — disse Melinda. — Que produtos você usa?

— Não uso nada. Apenas lavo o rosto à noite. Melinda revirou os olhos.

— Segredo absoluto, hein?

— Não. Estou falando sério. Não uso produtos de beleza.

— Certo, como quiser.

— É verdade, Mel — interveio Molly. — A família de Beth provavelmente nem acredita em produtos de beleza. Eles são meio parecidos com os amish.

— Pelo jeito, a leitura da Bíblia opera milagres na pele — murmurou Melinda.

† † †

EMBORA MELINDA NÁO ME PARECESSE CALOROSA, tive que admitir que de maquiagem ela entendia. Quando me mostrou o resultado no espelho, perdi a fala. Pela primeira vez havia cor no meu rosto, que cintilava,

suavemente rosado. Meus lábios pareciam carnudos e vermelhos, ainda que um pouco brilhantes demais. Cílios delicados emolduravam meus olhos, que estavam enormes e brilhantes com as pálpebras cobertas por uma leve camada de sombra prateada e os contornos acentuados por uma fina linha de delineador preto. Quase não me reconheci de tão glamorosa que estava. A melhor parte é que eu continuava com o meu rosto, ao contrário de Molly e das outras, que pareciam estar usando máscaras com aqueles rostos bronzeados e cheios de maquiagem pesada.

Da Swan Aesthetics, Molly e as amigas seguiram diretamente para o cabeleireiro, mas eu resolvi voltar para casa e deixar que Ivy se ocupasse do meu penteado. Já me cansara daquela maratona e não teria condições de aguentar mais nenhum ritual de produção. Além do mais, não havia ninguém em quem eu confiasse mais do que em Ivy.

Quando cheguei em casa, Gabriel e Ivy já tinham terminado de se aprontar. Gabriel estava sentado à mesa da cozinha, vestindo um smoking. O cabelo louro, penteado para trás, fazia com que ele parecesse um misto de astro de Hollywood e nobre inglês do século XVIII. Ivy, em pé diante da pia, lavava louça usando um vestido longo verde-esmeralda. O cabelo estava preso em um coque frouxo na base do pescoço. Era estranho vê-la; parecia mais uma miragem do que um ser humano, junto à pia e com as mãos enfiadas em luvas de borracha cor-de-rosa. Isso só comprovava quão pouco ela se importava com a beleza física. Acenou para mim quando entrei, ainda segurando a esponja.

— Você está linda — observou. — Vamos subir e preparar seu penteado?

Primeiro, Ivy me ajudou com o vestido, alisando e ajustando o tecido para que ficasse com o caimento perfeito. O vestido me fazia lembrar um raio de luar cintilante. A pontinha das delicadas sapatilhas prateadas aparecia por baixo das camadas. Meu encantamento era evidente.

— Que bom que gostou — disse minha irmã, radiante. — Sei que as coisas não saíram exatamente como você queria, mas continuo torcendo para que você brilhe e se divirta como nunca.

— Você é a melhor irmã que eu poderia ter disse eu, abraçando-a.

— Não vá com tanta pressa recomendou ela, rindo. — Primeiro é melhor ver o que consigo fazer com seu cabelo.

— Nada de complicado — pedi, enquanto ela começava a soltá-lo. — Só quero... ficar com a minha cara.

— Não se preocupe — disse ela, passando a mão na minha cabeça. — Sei exatamente o que você quer dizer — tranquilizou-me.

Não demorou muito para que os dedos ágeis de Ivy arrumassem lindamente o meu cabelo, deixando-o cair em ondas naturais. Ela pegou duas mechas grossas de cada lado, as trançou e prendeu no alto da minha cabeça, como se fosse uma tiara, finalizando com um cordão de pérolas minúsculas que combinava admiravelmente com o vestido.

— Perfeito — elogiei. — Não sei o que faria sem você.

Às seis em ponto, Xavier chegou para me ver com o vestido, de modo a podermos fingir, ao menos por alguns momentos, que a nossa noite perfeita não tinha sido estragada por uma trombada inoportuna. Eu o ouvi conversar com Gabriel lá embaixo e, na mesma hora, senti um enorme frio na barriga. Não entendi o motivo do meu nervosismo, já que a presença de Xavier sempre me deixava tão à vontade. Acho que era apenas porque queria impressioná-lo e me assegurar do seu amor vendo sua expressão ao me ver.

Ivy pulverizou um pouco de spray no meu cabelo, pegou minha mão e me levou à escada.

— Você desce primeiro? — perguntei, engolindo em seco.

— Claro — respondeu ela. — Mas acho que não é a mim que ele quer ver.

Observei-a descer graciosamente e me perguntei por que eu lhe pedira para ir na frente. Ninguém era capaz de parecer elegante a seu lado, uma missão impossível, e eu já podia me dar por vencida. Ouvi Xavier aplaudir baixinho e fazer elogios. Sabia que Gabriel a estaria esperando ao pé da escada para lhe dar o braço. Então foi minha vez, e haveria um grupo me aguardando silenciosamente lá embaixo.

— Você está vindo, Bethany? — ouvi Gabriel perguntar.

Respirei fundo e comecei minha descida hesitante. E se Xavier não gostasse do vestido? E se eu tropeçasse? E se ele me visse e concluísse que eu não estava à altura da imagem que idealizara mentalmente? Os pensamentos se atropelavam na minha cabeça como pequenos relâmpagos, mas assim que, do alto da escada, vi Xavier me esperando, todas as minhas preocupações e inibições se dispersaram, como poeira ao vento. Seu rosto, erguido na minha direção, se iluminou, os olhos se arregalaram, virando duas reluzentes piscinas, e a boca se abriu levemente de surpresa. Ele estava encostado ao corrimão da escada, com o tornozelo esquerdo engessado. Parecia zonzo, e me perguntei se a reação era causada por mim ou se era resultado da concussão.

Quando cheguei lá embaixo, ele tomou a minha mão e me ajudou a descer o último degrau, em nenhum momento desgrudando os olhos de mim, percorrendo os contornos do meu rosto e do meu corpo, absorvendo tudo com o olhar.

— O que achou? — indaguei, mordendo o lábio.

Xavier abriu a boca, balançou a cabeça e fechou a boca novamente. Os olhos azuis me fitaram com uma expressão que nem eu fui capaz de traduzir.

Ivy riu.

— Xavier, você é um homem de poucas palavras.

— É que elas fugiram de mim — disse ele, aparentemente recuperado. O canto da boca se elevou para formar o conhecido meio sorriso. — Palavras serviriam apenas para dizer o óbvio. Beth, você está deslumbrante.

— Obrigada — murmurei. — Não precisa me elogiar.

— Não. Estou dizendo a verdade. Mal posso acreditar que você seja real. Tenho a impressão de que você vai sumir se eu fechar os olhos. Daria tudo para estar lá e ver a cara de todo mundo quando você entrar por aquela porta.

— Não seja bobo — repreendi. — Todos vão estar lindos.

— Beth, você se olhou no espelho? — perguntou Xavier. — Você irradia luz. Nunca vi ninguém tão parecido com... Bem, com um *anjo*.

Corei, e ele carinhosamente prendeu um pequeno buquê de minúsculos botões de rosa brancos em torno do meu pulso. Tive vontade de abraçá-lo pela cintura, afundar meus dedos naquele cabelo de garoto, acariciar a pele macia do seu rosto e beijar seu lábios perfeitos. Mas me detive para não arruinar o cuidadoso trabalho de Ivy e, em vez disso, inclinei-me com cuidado e lhe dei um único beijo.

Tive a impressão de que mal havíamos trocado duas palavras quando ouvimos uma batida à porta. Gabriel foi atender e voltou acompanhado de Jake Thorn.

Não sei se foi imaginação minha, mas Gabriel, que segundos antes parecia perfeitamente à vontade, assumia uma postura mais ereta. Sua boca estava cerrada, e dava para ver as veias do pescoço latejarem. Ivy também se retesou ao avistar Jake, e seus olhos cinza-chuva assumiram uma incomum expressão vidrada que significava que algo a estava deixando assustada.

A reação de ambos foi perturbadora e fez com que minhas próprias dúvidas sobre Jake brotassem novamente. Vi de relance o olhar desconfiado de Xavier, o que me levava a crer que a sensação de desconforto era mútua.

Gabriel pousou uma das mãos pesadamente em meu ombro antes de partir para a cozinha para providenciar bebidas para os convidados. Meus irmãos costumavam ser cautelosos com estranhos. Já tinham se acostumado com Xavier e Molly e os acolhido calorosamente, porém essas eram exceções. Ainda assim, a desconfiança que demonstraram com relação a Jake me deixou nervosa, O que

teriam sentido? O que Jake teria feito na vida para que sua presença causasse tanto alarme em anjos? Eu sabia que Ivy e Gabriel jamais estragariam a minha noite fazendo uma cena, então me convenci a tentar tirar ideias tolas da cabeça e aproveitar a festa o máximo possível. Percebendo meu nervosismo, Xavier postou-se ao meu lado, com a mão quente e reconfortante apertando de leve a base do meu pescoço num gesto de apoio.

Jake, por outro lado, aparentou não ter percebido nem um pouco o efeito que tivera sobre nós. Não usava um smoking, como eu já esperava, mas uma calça preta justa e uma jaqueta de couro de aviador. Pode apostar que ele vai fazer uma opção pouco convencional, pensei. O figurino era radical, do jeito que ele gostava das coisas.

— Boa noite a todos — saudou, vindo em minha direção. — Oi, meu bem. Você está linda.

— Oi,Jake.

Dei um passo à frente para cumprimentá-lo, e ele pegou minha mão e levou-a aos lábios. Vi Xavier assumir uma expressão fechada, mas em instantes voltou ao normal, e também deu um passo à frente para apertar a mão de Jake.

— Prazer em conhecê-lo — disse ele, mas com uma leve aspereza na voz.

— Igualmente — respondeu Jake. — Já era tempo de sermos apresentados.

Ao contrário de Xavier, Phantom não fez esforço algum para ser sociável. Sentou-se num baque e soltou um rosnado gutural.

— E aí, garoto? — disse Jake, inclinando-se e estendendo a mão.

Phantom se pôs de pé num salto, latindo furiosamente e mostrando os dentes. Jake retirou a mão, e Ivy o arrastou pela coleira para a cozinha.

— Desculpe — disse eu a Jake. — Ele não costuma se comportar assim.

— Não se preocupe.

Tirando do bolso da jaqueta uma caixa pequena, ele me disse.

— Para você. Acho que buquês para amarrar no pulso já estão meio ultrapassados. Xavier fechou a cara, mas refreou qualquer comentário.

— Obrigada! Não precisava — agradeci, pegando a caixinha.

Dentro, havia um par de delicados brincos de ouro branco. Fiquei meio sem graça diante de um presente tão caro.

— Não é nada — interveio Jake —, apenas uma lembrancinha. Xavier escolheu esse momento para intervir.

— Obrigado por cuidar da Beth esta noite — atalhou num tom agradável. Como pode ver, estou meio indisposto.

— O prazer é meu de ser útil a Bethany — retrucou Jake. Como sempre,

seu tom soou artificial e um tanto pretensioso. - Lamento sobre o seu acidente. Uma pena ele acontecer justamente às vésperas da formatura. Mas não se preocupe, farei tudo para que Beth se divirta. É o mínimo que cabe a um *amigo*.

— Bom, como *namorado* dela, gostaria de poder estar presente — rebateu Xavier. — Mas vou compensá-la de alguma forma.

Foi, então, a vez de Jake ficar com a expressão fechada Xavier lhe deu as costas e pegou meu rosto nas mãos, dando um beijo suave na minha bochecha antes de envolver meus ombros com o xale prateado.

— Todos prontos? — indagou.

Na verdade, tudo o que eu queria era ficar em casa encolhida no sofá com Xavier e esquecer totalmente a formatura Queria tirar o vestido, pôr uma calça de moletom e me aninhar nos seus braços, onde me sentia segura. Não queria sair de casa, muito menos de braço dado com outro garoto. Mas não lhe disse nada disso.

Abri um sorriso forçado e fiz que sim com a cabeça.

— Cuide bem dela — disse Xavier a Jake. Sua expressão era amistosa, mas havia um certo tom de advertência em sua voz.

— Estarei de olho nela a noite toda.

Jake me ofereceu o braço e saímos. Lá fora, uma limusine nos aguardava. Percebi, pela expressão de Gabriel, que ele achava aquilo um exagero. Antes que eu saísse, Ivy se inclinou para mexer na alça do meu vestido.

— Estaremos por perto a noite toda, se precisar de nós — sussurrou.

Achei que ela estava sendo um tantinho dramática demais. O que poderia acontecer de ruim em um salão de baile em meio a centenas de pessoas? Ainda assim, suas palavras me confortaram.

A limusine parecia uma nave alienígena, brilhante, comprida e com vidros escuros. Achei-a mais vulgar do que glamorosa.

Dentro, era ainda mais espaçosa do que eu havia imaginado. Um assento modulado em couro branco margeava as paredes internas. A iluminação era roxa e azul e vinha de luzes halógenas presas ao teto. À direita, um bar embutido continha abajures azuis que iluminavam fileiras de copos e as garrafas de bebida trazidas por festeiros menores de idade. Uma tela de televisão ocupava uma lateral inteira, e havia alto-falantes no teto. Uma música que falava de garotas se divertindo tocava a todo volume, fazendo o interior do veículo vibrar, O carro já estava quase cheio quando entramos, pois fomos os últimos a ser apanhados. Molly abriu um enorme sorriso quando me viu e mandou beijinhos para mim do lado oposto do carro, em vez de me dar um abraço. Algumas das outras meninas

me olharam de cima a baixo, e seus sorrisos congelaram.

— Que doença terrível é a inveja — sussurrou Jake no meu ouvido. — Você é, de longe, a mais deslumbrante, além de séria candidata ao título de rainha do baile.

— Esse título não significa nada para mim. Além disso, você não viu o restante da concorrência.

— Nem preciso — respondeu Jake. Estou apostando tudo em você.

26
A Festa de Formatura

A festa de formatura acontecia no Pavilion Tennis Club. Com seu terreno espaçoso e inúmeros salões com vista para a baía, sem dúvida era o melhor local da região para abrigar recepções.

A limusine passou deslizando diante do alto muro de pedra e atravessou os portões de ferro batido para entrar em um caminho sinuoso de cascalho cercado de gramados e arbustos. Fontes de pedra ornamentavam o jardim, uma delas com no formato de um majestoso leão com uma pata erguida em posição de ataque e um arco de água escorrendo em cascata de cada uma das garras. Havia até um pequeno lago com uma ponte e um caramanchão, que mais pareciam pertencer a um castelo antigo de algum lugar da Europa do que a uma cidade tão descontraída quanto Venus Cove. Era impossível não ficar maravilhada com tanto luxo. Jake, por outro lado, me passou impressão de indiferença. Manteve a expressão perpetuamente entediada e a boca enrugada num sorriso forçado sempre que nossos olhares se cruzavam.

Conforme a limusine prosseguia, passamos pelas quadras de tênis, que reluziam como piscinas verde-esmeralda sob a iluminacao, e nos aproximamos do pavilhão em si, um prédio envidraçado, grande e circular, com um telhado inclinado e contornado por amplas varandas brancas. Uma fila interminável de casais ia entrando, os rapazes empertigados e as moças agarradas a suas bolsas de festa e ajeitando as alças dos vestidos. Embora estivessem deslumbrantes nos smokings, os rapazes não passavam, na verdade, de acompanhantes. A noite pertencia nitidamente às garotas. Cada rosto feminino que vi estampava a mesma expressão de expectativa.

Alguns grupos tinham chegado em limusines e carros com motoristas, enquanto outros haviam optado por um ônibus fretado de dois andares, que acabara de encostar para permitir que seus passageiros empolgados desembarcassem. Percebi que o interior do ônibus fora redecorado para parecer uma boate, com direito a luzes estroboscópicas e música alta.

Ao menos por essa noite, a filosofia feminista tinha sido abandonada, e as meninas, como princesas de contos de fadas, se permitiam ser conduzidas escada acima até o saião. À minha direita, Molly estava entretida demais com o cenário para conversar com Ryan Robertson, que definitivamente estava elegante de

terno. *À* minha esquerda, Taylah tirava centenas de fotos, ansiosa para registrar os mínimos detalhes. Não parava de lançar olhares furtivos para Jake, sempre que achava que ele não estava vendo. Até que Jake percebeu um desses olhares e a recompensou com uma piscadela. As bochechas dela coraram tanto que achei um milagre a maquiagem não ter derretido.

Dr. Chester, o diretor da Bryce Hamilton, se postara logo na entrada do salão, vestindo um terno cinza-claro e cercado de pedestais com arranjos de flores. Outros funcionários haviam se posicionado estrategicamente, a fim de admirar a entrada dos jovens casais. Notei algumas gotas de suor brotando na testa imponente do dr. Chester, o único sinal que denunciava o estresse de forma explícita. Apesar do sorriso de orelha a orelha, seus olhos confessavam que ele preferia ter ficado em casa sentado em sua poltrona favorita, em vez de supervisionar um grupo de formandos mimados decididos a fazer daquela noite a mais memorável de suas vidas.

Jake e eu entramos na fila de casais produzidos que aguardavam para entrar. Molly e Ryan estavam à nossa frente, e eu os observei atentamente para memorizar o protocolo e não passar vergonha.

— Dr. Chester, meu par, Molly Amelia Harrison — apresentou Ryan num tom formal.

Parecia um comportamento estranho, vindo de um rapaz que costumava se divertir com os amigos desenhando genitais gigantes no asfalto na frente da escola. Eu sabia que Molly o instruíra para ser o mais comportado possível nessa noite. O dr. Chester sorriu, benevolente, apertou a mão de Ryan e fez sinal para o casal entrar.

Vínhamos em seguida. Jake enlaçou meu braço no dele.

— Dr. Chester, meu par, Bethany Rose Church — disse galantemente, como se estivesse numa corte imperial. O dr. Chester me lançou um caloroso sorriso de aprovação.

— Como você sabe meu nome do meio? — indaguei depois de entrarmos.

— Não cheguei a comentar que sou vidente? — respondeu Jake.

Seguimos uma onda de gente até o salão de baile, que era ainda mais luxuoso do que eu imaginara. As paredes eram envidraçadas do teto ao chão, o carpete exuberante era cor de vinho escuro, e a pista de dança de parquete reluzia sob os lustres de cristal, que projetavam pequenas meias-luas de luz ao redor. Através do vidro dava para ver um pedaço do oceano oscilando e uma pequena coluna branca que lembrava um saleiro. Levei alguns segundos para perceber que se tratava do farol. Havia mesas espalhadas por todo o salão,

cobertas por toalhas brancas e com porcelana de boa qualidade. Os centros de mesa eram arranjos de botões de rosa amarelos e cor- de-rosa, e as toalhas tinham sido salpicadas de lantejoulas prateadas. Nos fundos do salão, a orquestra afinava os instrumentos, e garçons corriam de lá para cá, carregando bandejas de ponche sem álcool.

Vi Gabriel e Ivy sozinhos num canto observando a movimentação, parecendo tão surreais que quase doía olhar para os dois. A expressão de Gabriel era indecifrável, mas percebi que não estava curtindo a noite. Os alunos admiravam Ivy num silêncio embevecido ao passar, mas ninguém tinha coragem de chegar mais perto. Vi os olhos de Gabriel varrerem o salão até encontrarem Jake Thorn. Sua visão de laser estudou-o com uma intensidade penetrante durante alguns segundos antes de se desviar.

— Vocês estão na nossa mesa! — exclamou Molly, me abraçando por trás. — Vamos sentar, meu sapato já está me matando.

No entanto, depois que pôs os olhos em Gabriel, emendou:

— Pensando bem, é melhor primeiro eu dar boa-noite ao seu irmão... Não quero parecer mal-educada!

Encarregamos Jake de encontrar nossos lugares e nos dingimos aonde estava o meu irmão. Gabriel, em pé com as mãos para trás, exibia uma expressão fechada, observando a cena.

— Oi — disse Molly, equilibrando-se sobre os sapatos tirinhas e salto agulha.

— Boa noite, Molly — retribuiu Gabriel. – Você esta cativante esta noite. Molly me lançou um olhar desconfiado.

— Ele quis dizer que você está bonita — sussurrei , vendo o rosto dela se iluminar.

— Obrigada! — agradeceu. — Você também está muito *cativante.* Está se divertindo?

— Essa talvez não seja a palavra mais apta para descrever minha disposição — respondeu Gabriel. — Nunca apreciei muito os eventos sociais.

— Entendi — concordou Molly. — A parte do baile é sempre meio chata. As coisas ficam boas mesmo na pós- festa. Você vai?

O rosto de pedra de Gabriel suavizou-se durante um momento, e os cantos da boca começaram a formar um sorriso. Em segundos, porém, ele se recompôs.

— Como professor, acho que é meu dever fingir que não ouvi falar de uma pós-festa — disse Gabriel. — O dr. Chester as proibiu.

— É. Bem, ele não pode fazer grande coisa quanto a isso, não é? —

indagou Molly, rindo.

— Quem é seu par? — perguntou Gabriel, mudando de assunto. — Acho que não o conheço.

— O nome dele é Ryan, está sentado ali naquela mesa.

Molly apontou para onde Ryan e um amigo disputavam queda de braço na mesa impecavelmente arrumada. Um deles derrubou um copo, que saiu rolando pelo chão. Gabriel observou os dois com um olhar repreendedor.

O rosto de Molly enrubesceu de vergonha, e ela olhou em outra direção.

— Ryan é meio imaturo às vezes, mas é um bom rapaz. Bem, acho melhor eu voltar antes que ele destrua algo de valor e expulsem a gente! Nos vemos mais tarde. Guardei uma dança para você.

Fui obrigada a praticamente empurrar Molly até a nossa mesa, onde ela continuou olhando para Gabriel, sem disfaçar que estava absolutamente hipnotizada. Ryan não chegou a perceber.

Logo me dei conta de que, a despeito do ambiente mágico, eu também não estava me divertindo. Minhas conversas eram triviais, e várias vezes me peguei olhando em volta à procura um relógio. Comecei a pensar se eu poderia pedir licença e me afastar por um tempo para ligar para Xavier. No entanto, ainda que pedisse emprestado o celular de Molly, não havia nenhum lugar para falar com privacidade. Os professores estavam parados à porta principal a fim de impedir que alguém fugisse para o jardim, e os banheiros estavam repletos de garotas retocando a maquiagem.

A noite me parecia sem brilho depois de tanta expectativa. A culpa não era de Jake. Dava para ver que ele estava se esforçando. Era um acompanhante atencioso e ora queria saber se eu me divertia, ora contava piadas aos outros ocupantes da mesa. Porém, quando olhei à volta para as garotas que beliscavam a comida e espanavam com a mão fiapos imaginários dos vestidos, não pude deixar de pensar que aparentemente a única finalidade do evento era ficar sentada ali toda produzida. Depois de todo mundo olhar todo mundo de cima a baixo, restava pouco a fazer.

Mesmo enquanto batia papo com os outros, os olhos de Jake raramente se desviavam de mim. Dava a impressão de que fazia questão de seguir todos os meus movimentos. Às vezes eu tentava me incluir na conversa fazendo perguntas, mas respondia à maioria delas de forma monossilábica, sem tirar os olhos das mãos. Não era minha intenção estragar a noite de ninguém ou ficar lá de cara emburrada, mas meus pensamentos giravam apenas em torno de Xavier. A certa altura, me peguei pensando no que ele estava fazendo, imaginando como

a noite poderia ser diferente se ele estivesse ao meu lado. Eu estava no lugar certo, usando o vestido certo, mas com o garoto errado, e não conseguia impedir que isso me deixasse um pouco melancólica.

— Qual é o problema, princesa? - indagou Jake, quando me pegou lançando um olhar nostálgico para o mar.

— Nenhum — respondi rapidamente. — Estou adorando.

— Que mentira! — brincou ele. — Que tal jogarmos um joguinho?

— Se você quiser.

— Tudo bem... Como você me definiria em uma única palavra?

— Motivado? — sugeri.

— Errado. Motivado é a última coisa que sou. Engraçado você dizer isso, porque nunca faço meus trabalhos. O que mais me torna único?

— Seu gel de cabelo? Seu jeito galante? Seus seis dedos do pé?

— Ora, essa foi injusta. O sexto dedo foi amputado anos atrás — disse ele, abrindo um sorriso. — Agora, defina a você mesma em uma só palavra.

— Ai... — hesitei. — Não sei... É dificil.

— Ótimo! Eu jamais poderia gostar de uma garota que se definisse em uma palavra. Não há complexidade nisso. E sem complexidade não há empolgação.

— Você gosta de empolgação? — perguntei. — Segundo Molly, tudo que um rapaz quer é uma garota tranquila.

— Tranquila significa fácil de ser levada para a cama - respondeu Jake —, mas suponho que não haja nada de errado nisso.

— Não seria o oposto de empolgada? Decida-se!

— Um jogo de xadrez pode ser empolgante.

— Ah... Pode, sim. Talvez garotas e peças de xadrez sejam mais ou menos a mesma coisa para você.

— De jeito nenhum — disse Jake. — Você já partiu algum coração?

— Não — respondi. — E espero nunca partir. E você?

—Já. Muitos. Mas nunca sem um bom motivo.

— Que tipo de motivos?

— As garotas não eram certas para mim.

— Espero que você tenha terminado pessoalmente - observei. — Não pelo telefone ou algo assim.

— O que você acha que eu sou? — indignou-se Jake. — Isso é o mínimo que elas mereciam. Aquele tantinho de dignidade foi tudo que lhes restou no final.

— Não entendi — disse eu, curiosa.

— Digamos que você ama e você perde — respondeu Jake.

Ouvimos um discurso chatérrimo do dr. Chester sobre como essa era a nossa noite especial e como todos esperavam que agíssemos com responsabilidade e não fizéssemos nada para manchar a reputação da Bryce Hamilton. O dr. Chester afirmou ter certeza de que voltaríamos direto para casa quando a festa terminasse. Houve alguns risinhos contidos na plateia a essa altura, que o diretor optou por ignorar. Em vez disso, nos lembrou de que tinha enviado cartas a nossos pais desencorajando pós-festas e alertando-os para pensar duas vezes antes de oferecer a casa para esse tipo de evento.

O que o dr. Chester não sabia era que a pós-festa tinha sido planejada meses antes, e os organizadores não eram tão ingênuos a ponto de achar que conseguiriam se safar usando a casa de alguém enquanto os pais dormiam no andar de cima. A pós-festa aconteceria numa velha fábrica abandonada, nos arredores da cidade. O pai de um dos formandos era um dos arquitetos responsáveis por converter o imóvel em um prédio de apartamentos. Ele enfrentara protestos dos grupos ambientalistas locais, e o projeto estava temporariamente suspenso enquanto as licenças não saíam. A fábrica era espaçosa, escura e, o mais importante, isolada. Ninguém na cidade poderia imaginar que seria o local da pós-festa. Por mais alta que fosse a música, ninguém reclamaria, porque não havia ruas residenciais nas proximidades. Um dos alunos conhecia um DJ profissional que oferecera seus serviços de graça. Todos mal podiam esperar o término da festa de formatura para que a festa de verdade começasse, mas mesmo que Xavier estivesse comigo eu não consideraria a hipótese de ir. Eu tinha comparecido a uma única festa em toda a minha vida humana e já estava traumatizada a ponto de não querer repetir a dose.

Após o discurso veio o jantar, e, quando terminamos de comer, ficamos em fila num palco improvisado para tirar fotos para a revista da escola. A maioria dos casais adotou uma pose padrão, com o braço em volta do seu par, as garotas sorrindo recatadamente e os rapazes retos e imóveis, com medo de fazer um movimento errado e estragar a fotografia — crime pelo qual jamais seriam perdoados.

Eu devia ter adivinhado que Jake escolheria algo diferente. Quando chegou a nossa vez, ele pôs um joelho no chão, arrancou uma rosa do arranjo de mesa e a prendeu entre os dentes.

— Sorria, princesa — sussurrou no meu ouvido.

O fotógrafo, que vinha batendo as fotos de forma absolutamente mecânica,

animou-se quando viu a cena, grato pela variação. Quando descemos do palco, vi outras garotas olhando de esguelha para seus pares. Seus olhos diziam: Será que você não podia ser romântico como Jake Thorn? Senti pena do rapaz que tentou imitar o gesto de Jake e acabou machucando o lábio nos espinhos da rosa, tendo que ser levado ao banheiro pela companheira, roxa de raiva.

Depois das fotos, foi a hora da sobremesa, um *crème brulée*. Em seguida, veio a dança, e, finalmente, fomos convidados a voltar para nossos lugares para ouvir o anúncio dos vencedores do concurso. Observamos o comitê de formatura, que incluía MoIly e Taylah, subir ao palco levando envelopes e troféus.

— Temos o enorme prazer de anunciar os vencedores do concurso de formatura da Bryce Hamilton deste ano — começou uma garota chamada Beila. — Refletimos muito até a escolha dos nomes e, antes de começar, queremos dizer que todos vocês são vencedores!

Ouvi Jake reprimir o riso.

— Este ano acrescentamos mais categorias à lista, reconhecendo o esforço que todos fizeram esta noite — prosseguiu a garota. — Vamos começar com o prêmio de Melhor Penteado.

Tive a impressão de que o mundo havia enlouquecido. Devolvi o olhar de desânimo de Jake enquanto eram anunciados os vencedores dos prêmios de Melhor Penteado, Melhor Vestido, Melhor Transformação, Melhor Gravata, Melhor Sapato, Melhor Maquiagem, Mais Glamorosa e Beleza Natural. Finalmente, tendo sido entregues os prêmios menores, chegou a hora que todos aguardavam: o anúncio de Rei e Rainha do Baile de Formatura. Sussurros excitados tomaram conta do salão.

Esse era o prêmio mais disputado. Todas as garotas da plateia prenderam o fôlego, enquanto os rapazes fingiam não estar ligando. Eu não sabia ao certo o motivo de tanto alvoroço. Não se tratava, exatamente, de algo a ser incluído no currículo.

— Os vencedores deste ano são... — começou a encarregada de apresentar o prêmio, que fez uma pausa para aumentar o suspense. A plateia gemia de frustração. — Bethany Church e Jake Thorn!

O salão explodiu em aplausos, e por uma fração de segundo cheguei a olhar em volta à procura dos ganhadores, até me dar conta de que o meu nome é que havia sido chamado. Devia estar com uma expressão bem diferente quando subi ao palco com Jake, embora seu desagrado aparentemente tivesse se transformado em divertimento. As coisas simplesmente não pareciam fazer sentido enquanto

Molly me coroava e me entregava a faixa. Jake, em compensação, dava a impressão de estar adorando ser o centro das atenções. Era dever do rei e da rainha abrir o salão com uma valsa. Dei minha mão a Jake. e ele me enlaçou pela cintura. Embora tivesse treinado valsa com Xavier, não me sentia tão confiante sem ele. Felizmente, os anjos contam com a vantagem de aprender qualquer coisa com relativa facilidade. Segui Jake, e logo o ritmo da músca registrou-se em minha mente. Minhas pernas se moviam como água, e fiquei surpresa ao ver que Jake também deslizava pelo salão com movimentos graciosos.

Ivy e Gabriel passaram por nós, seus corpos em sincronia, flutuando como seda. Os pés mal tocavam o chão. Mesmo com a expressão fria que estampavam no rosto, era tão fascinante observá-los que todos paravam para admirar, abrindo espaço para o casal na pista de dança. Meus irmãos logo se cansaram de ser a atração da noite e voltaram para a mesa.

Aproveitando a deixa de uma mudança na música, Jake me fez rodopiar até a lateral da pista. Inclinou-se para frente. e seus lábios roçaram meu ouvido.

— Você está deslumbrante.

— Você também — retribuí, rindo e tentando manter o clima leve. — Todas as garotas acham isso.

—E você?

— Bom... Acho você bastante charmoso.

— Charmoso — repetiu ele, pensativo. — Acho que por ora vou ter que me contentar com isso. Nunca conheci uma garota com um rosto como o seu, sabia? Sua pele tem a cor do luar, e seus olhos são indecifráveis.

— Você já está exagerando — brinquei. Percebi que Jake se preparava para uma de suas tiradas e tentei impedi- lo a todo custo.

— Você não sabe receber elogios, não é? — disse ele. Senti minhas bochechas ficarem vermelhas.

— É verdade. Nunca sei como responder.

— Que tal um simples obrigada?

— Obrigada, Jake.

— Não doeu, doeu? Eu bem que podia respirar um ar fresco, você não?

— É meio difícil sair — respondi, apontando com a cabeça para os professores que vigiavam as saídas.

— Bolei uma rota de fuga. Venha, vou lhe mostrar.

A rota de fuga de Jake se baseava em uma porta nos fundos que, aparentemente, havia sido esquecida. Ficava depois dos banheiros e do almoxarifado, na parte de trás do prédio. Jake me ajudou a driblar os baldes e

escovões junto às paredes. De repente, me vi sozinha com ele na varanda que contornava toda a parte externa do pavilhão. A noite estava clara, e o Céu, cheio de estrelas. A brisa refrescou minha pele. Pelas janelas pude ver que os casais ainda dançavam, as meninas, já abatidas pelo cansaço, permitiam agradecidas que seus pares as sustentassem. A alguma distância dos demais, vi Gabriel e Ivy, cintilando como se estivessem cobertos de poeira de estrelas.

— Tantas estrelas... – murmurou Jake, tao baixinho que parecia falar consigo mesmo. – Mas nenhuma é tão bonita quanto você.

Ele estava tão próximo que pude sentir seu hálito no meu rosto. Baixei os olhos, torcendo para que parasse de me elogiar. Tentei voltar o foco da conversa com ele.

— Quem me dera ser tão segura assim. Nada abala você.

— Porque abalaria? – perguntou Jake. – A vida é um jogo, que, por acaso, sei jogar.

— Mas todos nós cometemos erros de vez em quando.

— É precisamente esse tipo de postura que impede as pessoas de vencerem — disse ele.

— Todo mundo passa pela experiência de ser derrotado, mais cedo ou mais tarde. Mas a gente aprende com a derrota.

— Quem disse? — gracejou ele, balançando a cabeça, os olhos cor de esmeralda fixos nos meus. — Não gosto de perder e sempre consigo o que quero.

— Quer dizer que no momento você tem tudo que quer?

— Quase — respondeu. — Está faltando uma coisa.

— E o que é? — perguntei, cautelosa. Algo me dizia que estava entrando em terreno perigoso.

— Você — respondeu Jake.

Eu não sabia como reagir. Não me agradava o rumo que a conversa vinha tomando.

— O comentário foi lisonjeiro, Jake, mas você sabe que não estou disponível.

— Isso é irrelevante.

— Não para mim! — exclamei, dando um passo atrás. — Estou apaixonada por Xavier. Jake me olhou com frieza.

— Não lhe parece óbvio que você escolheu a pessoa errada?

— Ele não é a pessoa errada — retorqui. — Suponho que você seja arrogante o suficiente para se considerar a certa.

— Só acho que mereço uma chance.

— Você prometeu não tocar mais nesse assunto — recor dei — Somos amigos, e você devia dar valor a isso.

— Eu dou, mas não é o bastante para mim.

— Não cabe a você decidir! Não sou um brinquedo. Você não pode, simplesmente, apontar o dedo para mim e me ter.

— Discordo.

De repente, ele se inclinou, agarrando meus ombros e me puxando para mais perto. Fez nossos corpos colarem e buscou meus lábios com os seus. Virei o rosto em protesto, mas com a mão ele me forçou a desvirá-lo. Sua boca se fechou sobre a minha. Algo faiscou no Céu, embora não houvesse sinal de chuva, O beijo de Jake foi duro e insistente, e suas mãos me seguravam como garras de ferro. Lutei, empurrando seu peito, e finalmente consegui me afastar.

— O que acha que está fazendo? — gritei, dominada pela raiva.

— Dando a nós dois o que ambos queremos — respondeu ele.

— Eu não quero isso! — insisti. — O que foi que eu fiz para que você pensasse o contrário?

— Conheço você, Bethany Church. Você não tem nada de boba - rosnou Jake. — Vi o jeito como olha para mim e senti uma ligação entre nós.

— Não tem ligação nenhuma — teimei. — Não com você. Lamento se você interpretou as coisas de outra maneira.

Seus olhos cintilaram de forma ameaçadora.

— Você está realmente me dispensando?

— Estou, não há dúvida — respondi. — Eu namoro o Xavier. Já lhe disse mil vezes. Não tenho culpa se você optou por não acreditar.

Jake deu um passo na minha direção, o rosto tomado por ódio.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— Nunca tive tanta certeza de alguma coisa — respondi friamente. — Jake, você e eu podemos ser apenas amigos.

Ele deu uma gargalhada gutural.

— Não, obrigado. Não estou interessado.

— Será que você não pode ao menos tentar ser maduro quanto a isso?

— Acho que você não entendeu, Beth. O destino nos quer juntos. Esperei por você a minha vida toda.

— Como assim?

— Procuro você há séculos. Já tinha quase perdido a esperança. Senti um frio estranho no peito. Do que ele estaria falando?

— Nunca, nem nos mais loucos devaneios, poderia imaginar que você seria**...,** *um deles*. No início, lutei contra isso, mas não adiantou. Nosso destino está escrito nas estrelas.

— Deve ser um engano — atalhei. — Não temos nenhum destino juntos.

— Você sabe o que é vagar sem rumo pela Terra em busca de alguém que pode estar em qualquer lugar? Não estou disposto a desistir agora.

— Talvez não lhe reste alternativa.

— Vou dar mais uma chance a você — insistiu ele, num tom grave. Não sei se tem noção disso, mas está cometendo um erro terrível, um erro que vai lhe custar muito caro.

— Não tenho medo de ameaças — respondi com desdém.

— Muito bem — retorquiu Jake, fechando a expressão em seu rosto e dando um passo para se afastar. Seu corpo estremeceu violentamente, como se o mero ato de olhar para mim o enfurecesse. — Cansei de ser bonzinho com os anjos.

27
Brincando com Fogo

No momento seguinte, Jake virou as costas e desapareceu, voltando pelo mesmo caminho que havíamos feito.

Permaneci ali, grudada ao chão, um arrepio perpassando meu corpo. Perguntei a mim mesma se teria interpretado mal a ameaça implícita nas suas palavras de despedida. Mas sabia que não. De repente me senti como se a noite estivesse me sufocando. De duas coisas eu tinha certeza: primeiro, Jake Thorn sabia a verdade a nosso respeito; segundo, ele era perigoso. Percebi que estava totalmente cega por não ter enxergado isso antes. Desejara de tal maneira ver seu lado bom que ignorei os sinais evidentes denunciando o contrário. Esses sinais faiscavam como luzes de neon.

Alguém agarrou meu cotovelo, e prendi a respiração. Vi, com alívio, que era Molly.

— O que está havendo? — perguntou ela. — Vimos você pela janela. Está com jake agora? Você e Xavier brigaram?

— Não! — explodi. — Não estou com Jake, nem pensar! Ele só... Não sei o que houve... Preciso ir para casa.

— O quê? Por quê? Você não pode ir embora, E a pós-festa? — quis saber Molly, mas a essa altura eu já tinha saído dali em disparada.

Encontrei Gabriel e Ivy sentados à mesa dos professores e os chamei de lado.

— Temos que ir embora — pedi, puxando a manga do paletó de Gabe.

Fiquei na dúvida se ele já sabia ou não o que tinha acontecido ou se apenas sentiu a urgência em minha voz. O fato é que não fez nenhuma pergunta. Ele e Ivy recolheram silenciosamente seus pertences e saíram comigo. No jipe, a caminho de casa, os dois ouviram calados enquanto eu explicava o ocorrido com Jake e repetia as palavras ditas por ele ao se despedir.

— Não acredito que fui tão burra — gemi, pondo a cabeça entre as mãos. — Eu devia ter notado... Eu devia ter percebido.

— A culpa não é sua, Bethany — disse Ivy.

— Qual é o meu problema? — indaguei. — Por que não vi logo? Vocês sentiram algo de errado, não foi? Vocês souberam, assim que ele pôs os pés lá em casa.

— Sentimos uma energia negativa — admitiu Gabe.

— Por que não disseram nada? Por que não me impediram de sair com ele?

— Não tínhamos certeza — justificou Gabriel. A mente dele estava bem-defendida, era praticamente impossível obter alguma informação. — Podia não ser nada de mais, e não quisemos preocupar você à toa.

— Humanos problemáticos às vezes têm auras negativas — acrescentou Ivy —, devido a uma série de experiências: tra¬gédias, luto, sofrimento...

— E más intenções — acrescentei.

— Também — admitiu Gabriel. — Não queríamos que você tirasse conclusões apressadas, mas se esse rapaz sabe o que somos é bem provável que ele seja... Bem, que seja mais forte do que um humano normal.

— Mais forte quanto?

— Não sei — respondeu Gabriel. — A menos que... Você não acha que o Xavier... Lancei um olhar furioso na direção do meu irmão.

— Xavier jamais contaria a alguém o nosso segredo — disse eu. — Não acredito que você sequer tenha coragem de pensar nessa possibilidade. A esta altura, já devia conhecê-lo o suficiente.

— Certo. Digamos que Xavier não tenha nada a ver com isso. Existe algo nesse Jake Thorn que não é natural. Posso sentir, e você também, Bethany.

— Então, o que fazemos? — perguntei.

— Precisamos ter paciência — respondeu Gabriel. — Os fatos vão se desenrolar de forma natural. Não podemos nos apressar. Se ele é mesmo perigoso, vai se revelar mais cedo ou mais tarde.

Quando chegamos em casa, Ivy se ofereceu para preparar um chocolate quente, mas recusei. Subi para o quarto e tirei o vestido com a sensação de que um grande peso tinha caído sobre meus ombros. As coisas vinham correndo tão bem, e esse garoto ameaçava destruir tudo. Arranquei as pérolas do cabelo e tirei a maquiagem, me sentindo de repente nada mais que uma impostora. Era tarde demais para ligar para Xavier, embora eu soubesse que falar com ele me faria bem. Em vez disso, vesti meu pijama e me enfiei na cama, abraçada com um bicho de pelúcia que Xavier me dera de presente. Deixei que as lágrimas corressem dos meus olhos fechados e molhassem o travesseiro. Não estava mais com raiva nem amedrontada, mas simplesmente triste. Queria tanto que as coisas pudessem ser mais fáceis e simples. Por que a nossa missão envolvia tantas complicações? Eu sabia que era uma postura infantil, mas só conseguia pensar na injustiça daquilo tudo. Meu cansaço me obrigou a adormecer, mas eu estava convencida de que uma tempestade estava a caminho.

Xavier não me ligou durante todo o fim de semana. Supus que ele não estivesse a par do incidente na festa de forma¬tura, e eu não quis estressá-lo. Jake tinha me deixado tão agoniada que sequer parei para pensar por que Xavier não ligava. Raramente passávamos mais de algumas horas sem nos falarmos.

Por outro lado, não precisei esperar muito para ter notícias de Jake Thorn. Na segunda de manha, na escola, quando abri meu armário, um pedaço de papel escapou e caiu lentamente, flutuando até o chão, como uma pétala enrugada. Apanhei o papel, achando que era um bilhete de Xavier, que me faria suspirar de paixão ou rir como uma bobinha. Mas a caligrafia não era a dele, mas aquela, elaborada e firme, que eu conhecia da aula de literatura. Quando li o que estava escrito, meu sangue congelou nas veias.

O anjo veio
O anjo viu
O anjo caiu

Mostrei o bilhete a Gabriel, que o leu e depois amassou, frustrado, sem dizer uma palavra. Tentei não pensar em Jake pelo resto do dia, mas não foi fácil. Xavier não estava na escola, e eu queria desesperadamente falar com ele. Tive a sensação de que se passara uma eternidade desde sexta-feira, com tanta coisa acontecendo.

O dia transcorreu em meio a uma névoa. Fiquei um pouco animada durante uns cinco minutos, no almoço, quando pedi emprestado o celular de Molly para ligar para Xavier. Mas meu estado de ânimo logo voltou a ficar encoberto quando a ligação caiu na caixa postal. Ficar sem contato com ele me deixava letargica e pesada. Uma nuvem parecia ter se instalado em minha mente, e eu não era capaz de captar nenhum dos pensamentos que me passavam pela cabeça, pois eles desapareciam rápido demais.

No final do dia, voltei para casa com meus irmãos e nada de Xavier. Liguei novamente para ele de casa, mas a mensagem da caixa postal só me deu vontade de chorar. Sentei e esperei a tarde toda e durante o jantar por um telefonema ou uma visita dele, mas nada aconteceu. Será que não estava interessado em saber sobre a formatura? Qual seria o motivo do silêncio repentino? Eu não conseguia entender.

— Não consigo falar com o Xavier — comentei com voz de choro durante o jantar. — Ele não foi à escola e não atende aos meus telefonemas.

Ivy e Gabriel se entreolharam.

— Não precisa entrar em pânico, Bethany — disse Ivy, carinhosamente. — Existem muitos motivos que podem explicar o fato de ele não ter atendido.

— E se estiver doente?

— Nós teríamos sentido — garantiu Gabriel.

Assenti e tentei engolir meu jantar, mas a comida grudava como cola na garganta. Não falei mais nada com Ivy ou Gabriel, simplesmente me arrastei até a cama sentindo as paredes se fecharem à minha volta.

Quando notei que Xavier faltara novamente à escola no dia seguinte, meus olhos começaram a arder e me senti tonta e febril. Queria me encolher no chão e esperar que alguém me levasse embora. Não seria capaz de passar mais um dia sem ele, mal aguentaria mais um minuto. Onde ele estava? Por que estava fazendo aquilo comigo?

Molly me viu abatida, encostada no armário. Aproximou-se e pôs a mão, delicadamente, no meu ombro.

— Bethie, tudo bem com você?

— Preciso falar com Xavier, mas não consigo encontrá-lo. Molly mordeu o lábio.

— Acho que você precisa ver uma coisa — disse ela baixinho.

— O quê? — perguntei, num leve tom de pânico. — Xavier está bem?

— Está ótimo — respondeu Molly. — Vem comigo.

Ela me levou ao terceiro andar, e entramos num dos laboratórios de informática. Era uma sala fria, com carpete cinza e sem janelas. Fileiras de computadores com as telas desligadas nos encaravam. Molly ligou um deles e puxou duas cadeiras. Batia as unhas de acrílico na mesa, impaciente. Quando o computador entrou em atividade, ela clicou num ícone e rapidamente digitou alguma coisa na barra de ferramentas.

— O que você está fazendo? — perguntei. Ela se virou para mim.

— Lembra de quando eu falei do Facebook e de como era incrível?

Assenti sem entender.

— Bem, tem uma parte que não é tão incrível assim.

— Como o quê?

— Bom... Não tem muita privacidade, para começar.

— Não entendi.

Molly queria chegar a algum lugar, mas não conseguia saber aonde, e, a julgar pela expressão dela, desconfiei que talvez não quisesse descobrir. Molly me olhava com um misto de preocupação e temor. Ela tinha tendência a exagerar as coisas, então tentei não entrar em pânico. Nossas noções de tragédia eram

totalmente diferentes. Molly respirou fundo.

— Muito bem... Vou lhe mostrar uma coisa.

Ela pressionou uma tecla, e sua página no Facebook apareceu na tela. Em voz alta ela leu o slogan escrito no cabeçalho: "O Facebook ajuda você a se conectar e partilhar seus momentos com as pessoas da sua vida."

— Só que, nesse caso, trata-se de uma coisa que não queríamos partilhar — explicou, enigmática. Eu já estava ficando cansada de tanto mistério.

— Diga logo do que se trata. Não pode ser tão ruim assim — pedi.

— Está bem, está bem. Prepare-se.

Então ela clicou num álbum de fotos intitulado "Fotos da festa de formatura, por Kristy Peters".

— Quem é essa?

— Uma garota da nossa série que tirou fotos a noite toda.

— Espere, está dizendo aí que apareço nesse álbum.

— Isso mesmo — confirmou Molly. — Você e... mais alguém.

Molly clicou numa imagem em miniatura e esperei que a foto em tamanho real carregasse na tela. Meu coração ba¬tia disparado. O que poderia ser? Será que Kristy conseguira pegar minhas asas com a câmera? Ou seria apenas uma foto pouco favorável que Molly rotulara de "emergência"? Quando, porém, a fotografia encheu a tela, percebi que não se tratava de nada disso. Era pior, muito, muito pior. Fui tomada por um acesso de náusea, e, com a visão turva, tudo que pude ver foram dois rostos: o meu e o de Jake Thorn colados num beijo. Sentei- me e fixei os olhos na tela durante um bom tempo. As mãos de Jake me agarravam pelas costas, e as minhas encostavam em seus ombros, tentando empurrá-lo. Meus olhos estavam fechados, em choque. Quem não tivesse assistido à cena teria a impressão de que estava absorta num momento de paixão.

— Precisamos nos livrar disso — gritei, agarrando o mouse. — Jogar fora!

— Não podemos nos livrar disso — retrucou Molly.

— Como assim? — perguntei numa voz sufocada. — Não podemos simplesmente apagar?

— Só a Kristy pode tirar as fotos do Facebook dela — respondeu Molly. — A gente pode apagar seu nome, mas todo mundo continuará vendo sua foto na página da Kristy.

— Mas tem que haver um jeito! — implorei. — Xavier não pode ver! Molly me olhou, solidária.

— Beth, querida. Acho que ele já viu.

† † †

SAÍ EM DISPARADA DO LABORATÓRIO E CORRI até chegar à rua. Não sabia onde estava Gabriel, mas não podia me dar ao luxo de esperá-lo. Xavier tinha de ouvir a história toda, e tinha de ser imediatamente.

A casa dele não ficava longe dali, e corri até lá, com meu senso de direção infalível mostrando o caminho. Como o dia estava bem na metade, Bernie e Peter estavam trabalhando, Claire, na costureira com as damas de honra para uma prova do vestido de noiva, e os outros, na escola. Assim, quando toquei a campainha, o próprio Xavier atendeu. Vestia um moletom cinza folgado e uma calça de corrida, e não fizera a barba. Tinha tirado o gesso do tornozelo, mas vi que ainda se apoiava nas muletas. O cabelo estava ligeiramente revolto, e o rosto estampava a mesma beleza e sinceridade de sempre. Havia, entretanto, alguma coisa diferente em seus olhos. Os conhecidos olhos azul-turquesa, que sempre brilharam para mim, pareciam hostis.

Xavier não disse nada quando me viu. Simplesmente virou as costas, deixando a porta aberta. Não estava certa se ele queria que eu o seguisse, mas fui em frente mesmo assim. Encontrei-o na cozinha, comendo um prato de cereais quando bati à porta, embora fosse quase a hora do almoço. Ele não olhou para mim.

— Eu posso explicar — comecei, baixinho. — Não é o que parece.

— Não? — indagou ele, também em voz baixa. — Acho que é exatamente o que parece. O que mais poderia ser?

— Xavier, por favor! — insisti, contendo as lágrimas. — Existe uma explicação, me escute.

— Você estava fazendo respiração boca a boca nele? — perguntou Xavier com sarcasmo. — Colhendo amostras de saliva para uma pesquisa? Ele tem uma doença rara, e esse era seu último desejo? Não brinque comigo, Beth, não estou a fim.

Corri para ele e peguei sua mão, mas ele a puxou de mim. Fiquei enjoada. Não era para ser assim. O que estava havendo? Não dava para agüentar a distância que eu sentia entre nós. Xavier erguera um muro invisível, uma barreira. Essa pessoa fria, desligada, não era o Xavier que eu conhecia.

— Jake me beijou — disse eu, com veemência. — E aquela foto foi tirada um segundo antes de eu o empurrar.

— Muito conveniente — murmurou Xavier. — Você acha que sou tão burro

assim? Talvez eu não seja um anjo, mas isso não faz de mim um completo idiota.

— Pergunte à Molly — insisti. — Ou ao Gabriel ou à Ivy. Eles dirão a você.

— Eu confiava em você — disse Xavier. — E bastou uma noite sem mim para você me trocar por outro.

— Não é verdade!

— Você podia, pelo menos, ter tido a decência de me contar pessoalmente que estava tudo acabado, em vez de deixar que eu soubesse pelos outros.

— Não está acabado! — exclamei. — Não diga isso! Por favor...

— Você ao menos se dá conta do quão humilhante isso é para mim? Uma foto da minha namorada aos beijos com outro cara, enquanto eu fico em casa cuidando de uma concussão idiota. Todos os meus amigos me ligaram para saber se levei o fora pelo telefone.

— Sei disso — reconheci. — Sei disso e sinto muito, mas...

— Mas o quê?

— Bem... você...

— Sou um idiota, eu sei — interveio Xavier. — Deixar você ir ao baile de formatura com Jake. Acho que confiei demais em você. Não vou cometer esse erro de novo.

—- Por que não me escuta? — sussurrei. — Por que está tão decidido a acreditar em todo mundo, menos em mim?

— Achei que a gente tinha uma relação — disse Xavier, me olhando com lágrimas pendendo dos olhos. Ele as engoliu, zangado. — Depois de tudo por que passamos para ficar juntos, você tinha de... O nosso relacionamento obviamente não significava muito para você.

Não consegui me conter e explodi em lágrimas. Meus ombros sacudiam com cada soluço. Vi Xavier instintivamente se levantar para me consolar, mas pensou melhor e desistiu. Seus lábios estavam cerrados, como se doesse me ver tão nervosa e não poder fazer nada a respeito.

— Por favor — voltei a insistir, chorando. — Eu amo você. Eu disse isso ajake. Sei que sou complicada, mas não desista de mim.

— Preciso ficar sozinho para pensar — disse ele, sem deixar seu olhar cruzar com o meu.

Saí correndo da cozinha e da casa de Xavier. Não parei de correr até chegar à praia, onde desabei na areia e solucei até ficar sem forças. Era como se alguma coisa dentro de mim tivesse se quebrado, como se eu tivesse me despedaçado e não houvesse reparo. Eu amava tanto Xavier que chegava a doer, e mesmo assim

ele me dava as costas. Não tentei me consolar, apenas deixei a dor se instalar. Não sei durante quanto tempo fiquei aü, mas a certa altura percebi que as ondas começavam a bater nos meus pés. Não dei bola. Torci para que o mar me levasse, me atirasse para lá e para cá, me obrigasse a ficar debaixo d'água, arrancando a energia do meu corpo e os pensamentos da minha cabeça. O vento uivava, e a maré subia cada vez mais, porém não me mexi. Seria essa a maneira escolhida por Nosso Pai para me punir? Meu crime tinha sido tão grave a ponto de ser isso que eu merecia — experimentar o amor e depois tê-lo arrancado de mim, como os pontos de uma ferida? Será que Xavier ainda me amava? Será que me odiava? Ou teria simplesmente perdido por completo a confiança em mim?

A água já estava chegando à minha cintura quando Ivy e Gabriel me encontraram. Eu tremia, mas praticamente sem me dar conta. Não me mexi ou falei, nem mesmo quando Gabriel me ergueu nos braços e me levou para casa. Ivy me ajudou a entrar no banho e voltou meia hora depois, vendo que eu mal sabia onde estava, inerte sob o chuveiro aberto. Gabriel levou o jantar para mim, mas não consegui comer. Sentei na cama, olhando para o vazio sem fazer coisa alguma, a não ser pensar em Xavier e, ao mesmo tempo, tentar não pensar nele. A separação me fez perceber o quanto eu me sentia segura com ele. Ansiava pelo toque das suas mãos, pelo seu cheiro, peia certeza de tê-lo por perto. Mas agora era como se ele estivesse a quilômetros de distância e eu não pudesse alcançá-lo, o que me deixava prestes a me desfazer, a não mais existir.

Quando o sono finalmente chegou, foi um alívio, ainda que eu soubesse que pela manhã tudo começaria de novo. Mesmo dormindo, continuei a ser assombrada. Naquela noite o pesadelo foi pior.

Sonhei que estava do lado de fora do farol da Costa do Naufrágio. Estava escuro, e eu mal podia ver em meio à neblina, mas vislumbrei uma figura encolhida no chão. Quando a pessoa gemeu e se virou, reconheci imediatamente o rosto de Xavier. Gritei e tentei correr até ele, mas dezenas de pares de mãos pegajosas me impediram. Jake Thorn saiu do farol, os olhos brilhantes e afiados como vidro partido. O cabelo comprido estava afastado do rosto, e ele vestia um longo casaco de couro preto com a gola levantada por causa do vento.

— Eu não queria que chegasse a este ponto, Bethany — murmurou. — Mas às vezes não nos resta alternativa.

— O que você fez com ele? — perguntei, soluçando, enquanto Xavier se contorcia no chão. — Solte-o.

— Estou apenas terminando o que devia ter começado há muito tempo — rosnou Jake. — Não se preocupe, não vai doer. Afinal, ele já está semimorto...

Com um movimento, Jake pôs Xavier de pé e o empurrou para a beira do penhasco. Xavier teria derrotado Jake com facilidade numa briga, mas não podia competir com poderes sobrenaturais.

— Sonhe com os anjos — disse Jake, no preciso momento em que os pés de Xavier escorregaram da borda do precipício.

Meus gritos foram engolidos pela noite.

† † †

OS DIAS QUE SE SEGUIRAM FORAM como um borrão. Não parecia que eu estivesse vivendo de verdade, apenas observando a vida de longe. Faltei à escola, e Ivy e Gabriel não fizeram menção de me obrigar a ir. Quase não comi. Não saí de casa. Na verdade, pouco fiz durante aqueles dias além de dormir. O sono era a única maneira de escapar à dor que a saudade de Xavier provocava em mim.

Phantom foi meu único consolo. Pareceu perceber o meu desespero e passava o tempo todo comigo, me obrigando a sorrir com suas brincadeiras. Tirou peças de roupa íntima das minhas gavetas abertas e espalhou-as pelo quarto, enrolou-se no tricô de Ivy precisando ser libertado e levou um pacote inteiro de biscoitos caninos para o meu quarto na esperança de ser premiado com um. Essas travessuras me faziam esquecer brevemente do silêncio interminável e o vazio que se estendia diante de mim, mas quando acabavam eu me prostrava novamente naquele coma.

A preocupação de Ivy e Gabriel aumentava a cada dia. Transformei-me no fantasma de uma pessoa e de um anjo. Já não contribuía com nenhum afazer na administração da casa.

— Isso não pode continuar assim — decretou Gabriel uma tarde ao voltar da escola. — Não é jeito de viver.

— Desculpe — disse eu com uma voz sem entonação. — Vou me esforçar mais.

— Não. Ivy e eu trataremos desse assunto hoje à noite.

— Como?

— Você vai ver — respondeu meu irmão, recusando-se a fornecer detalhes.

Depois do jantar, ele e Ivy saíram juntos, enquanto fiquei deitada na cama, olhando para o teto. Achava que nada que eles fizessem solucionaria o problema, embora estivesse grata pela tentativa.

Levantei da cama com esforço e fui ao banheiro me olhar no espelho.

Definitivamente, eu estava diferente. Mesmo vestindo meu pijama folgado, dava para ver que eu emagrecera muito em questão de dias. Meu rosto encovado e os ossos aparentes perto do pescoço comprovavam isso. O cabelo parecia sem brilho nem graça, assim como meus olhos, grandes, sombrios e tristes. Meu rosto estava sem vida e, em vez de uma postura ereta, eu me vi encurvada, como se mal pudesse suportar meu próprio peso. Perguntei-me se algum dia seria capaz de colar os pedaços da minha vida na Terra, estilhaçada no instante em que Xavier me abandonou. Ocorreu-me por um momento que ele não tinha rompido formalmente o namoro, mas deixara isso implícito. Eu tinha visto a sua expressão. Não éramos mais namorados. Voltei para a cama arrastando os pés e me encolhi debaixo do edredom.

Cerca de uma hora mais tarde, alguém bateu na porta do quarto, mas mal ouvi a batida em meio ao miasma que me envolvia. Bateram de novo, dessa vez com mais força. Ouvi a porta se abrir e alguém entrar. Cobri a cabeça com o travesseiro. Não queria que me obrigassem a descer.

— Nossa, Beth! — exclamou a voz de Xavier. — O que está fazendo consigo mesma?

Fiquei imóvel, recusando-me a acreditar que era mesmo ele. Prendi a respiração, convencida de que quando erguesse a cabeça o quarto estaria vazio. Mas então ele voltou a falar.

— Beth? Gabriel explicou tudo... O que Jake fez e como ameaçou você. Meu Deus, me desculpe.

Sentei-me na cama. Lá estava ele, usando uma camiseta branca folgada e uma calça jeans desbotada, alto e bonito, exatamente como na minha memória. O rosto estava um pouco mais pálido que o habitual, e ele tinha olheiras — os únicos sinais de sofrimento. Percebi que se encolheu quando viu como eu estava exausta e abatida.

— Achei que nunca mais fosse ver você — sussurrei, olhando-o de cima a baixo, a fim de provar a mim mesma que ele era real e que viera me visitar.

Xavier se aproximou da cama e pegou minha mão, apertando-a contra o peito. Estremeci com seu toque e fitei aqueles olhos cor de safira tão cheios de preocupação. Não consegui impedir as lágrimas.

— Estou aqui — murmurou Xavier. — Não chore. Estou aqui. — Ele repetiu essas palavras vez após vez, e deixei que me envolvesse em seus braços. — Eu jamais devia ter deixado você sair da minha casa daquele jeito. Mas estava zangado. Achei... Bom, você sabe o que eu achei.

— Sei — concordei. — Você podia ter confiado em mim e me deixado

explicar.

— Tem razão. Eu amo você e devia ter acreditado quando me contou a verdade. Não sei por que fui tão burro!

— Pensei que tinha perdido você para sempre — sussurrei, com as lágrimas ainda rolando em meu rosto. — Achei que você tinha desistido de tudo porque fracassei, porque destruí a única coisa importante para mim. Esperei por você, mas você não apareceu.

— Desculpe. — A voz de Xavier falhou. Ele engoliu em seco e olhou para as mãos. — Faço o que for preciso para você ficar bem. Eu... Impedi que continuasse pondo um dedo sobre seus lábios.

— Está tudo bem agora. Quero esquecer que isso aconteceu.

— Claro — concordou ele. — Como você quiser.

Ficamos deitados em silêncio na minha cama durante algum tempo, felizes na companhia um do outro. Continuei segurando forte a sua camisa, como se tivesse medo de que ele sumisse. Xavier me contou que Gabriel e Ivy foram à cidade para nos dar espaço para esclarecer tudo.

— Sabe — começou Xavier —, ficar sem falar com você esses dias foi a coisa mais difícil que já fiz na vida.

— Sei muito bem como foi — emendei, baixinho. -— Eu só queria morrer. Ele me soltou bruscamente.

— Nunca pense nisso, Beth, não importa o que aconteça. Eu não tenho esse valor.

— Acho que tem, sim — discordei, e ele suspirou.

— Não digo que não entendo — admitiu. — Parece o fim do mundo, não é?

— O fim de toda a felicidade — acrescentei. — De tudo que conhecemos. É o que acontece quando transformamos alguém em tudo.

Xavier sorriu.

— Acho que não fomos muito espertos. Mas eu não voltaria atrás.

— Nem eu. — Fiquei calada alguns momentos e depois cutuquei os dedos dele com a pontinha do nariz. —

Xavier...

— O quê?

Inclinando a cabeça, ele encostou seu nariz no meu.

— Se uns diazinhos de afastamento quase nos mataram, o que vai acontecer quando...

— Agora não — interrompeu ele. — Acabei de recuperar você. Não quero pensar em perdê-la novamente. Não vai acontecer.

— Você não vai poder impedir — insisti. — Ser um jogador de rúgbi não significa ter poderes para enfrentar as forças do Céu. Não há nada que eu deseje mais do que ficar com você, mas tenho muito medo.

— Um homem apaixonado é capaz de feitos extraordinários — afirmou Xavier. — Não me importa que você seja um anjo, você é o meu anjo e não vou deixar que vá embora.

— E se não nos derem nenhum aviso? — indaguei, desesperada. — E se um dia eu acordar e estiver de volta ao lugar de onde vim? Já pensou nisso?

Xavier apertou o olhar.

— Qual você pensa que é o meu maior medo, Beth? Será que sabe como me assusta a possibilidade de um dia chegar à escola e não encontrar você? De vir aqui atrás de você e ninguém atender a campainha? Ninguém na cidade ia saber para onde você foi, com exceção de mim, que terei a certeza de não poder trazer você de volta. Por isso não me pergunte se já pensei nisso, porque a resposta é sim, e diariamente.

Ele tornou a se deitar e olhou zangado para o ventilador de teto, como se toda a situação fosse culpa daquele aparelho com espátulas giratórias.

Enquanto o observava, percebi que todo o meu mundo estava ali na minha frente, tinha um pouco mais de um metro e oitenta de altura e estava deitado na minha cama. Percebi, ao mesmo tempo, que jamais poderia deixá- lo. Jamais poderia voltar para casa, porque ele era a minha casa. E fui tomada por um desejo estranho e avassalador de me aproximar dele o máximo possível, de me fundir a ele numa promessa de que eu jamais permitiria que nos separássemos.

Levantei da cama e comecei a roçar o tapete com os dedos dos pés. Xavier me lançou um olhar curioso. Devolvi seu olhar sem dizer uma palavra e lentamente tirei a blusa e a deixei cair no chão. Não senti nem um pingo de vergonha, apenas uma grande sensação de liberdade. Tirei a calça do pijama e deixei que se enroscasse aos meus pés, ficando exposta e vulnerável diante dele, deixando que ele me visse totalmente indefesa.

Xavier não disse nada. Isso teria quebrado o mantra do silêncio que preenchia o quarto. Um segundo depois, ficou em pé e imitou meus movimentos, deixando a camiseta e o jeans se amontoarem no chão. Aproximou-se de mim, e suas mãos percorreram as minhas costas. Suspirei e me deixei mergulhar em seu abraço. O toque da sua pele na minha fez uma onda de calor correr por todo o meu corpo, e o abracei ainda mais forte, sentindo-me plena pela primeira vez em dias.

Beijei seus lábios macios e passei as mãos em seu rosto, sentindo os

contornos familiares. Seria capaz de reconhecer o formato do seu rosto em qualquer lugar; podia lê-lo como um cego lê em braile. Seu cheiro era puro e doce, e eu apertei meu peito contra o dele. Aos meus olhos, Xavier não tinha um único defeito, mas não me importaria se tivesse. Eu o amaria ainda que ele tivesse alguma deformidade ou fosse um mendigo maltrapilho, apenas porque era Xavier.

Voltamos a deitar na cama e assim permanecemos até ouvirmos os passos de Ivy e Gabriel lá embaixo — só nós dois, abraçando um ao outro. Molly acharia isso loucura, mas queríamos o contato. Queríamos nos sentir como um só ser, em vez de dois indivíduos autônomos. As roupas nos escondiam. Sem elas, não havia como nos escondermos, como encobrir qualquer parte de nós. E era isso que queríamos — ser nós mesmos de forma completa e nos sentirmos absolutamente seguros.

28
O Anjo da Destruição

Na manhã seguinte Xavier foi tomar café conosco antes da aula. Enquanto comíamos, Gabriel tentou convencê-lo sobre a conduta certa a adotar. Todos sabíamos que Xavier estava furioso com a falsidade de Jake e pronto para enfrentá-lo cara a cara. Gabriel pretendia impedir a todo custo que isso acontecesse,sobretudo porque não conhecíamos a extensão do poder de Jake.

— Seja como for, não o enfrente — advertiu Gabriel.

Xavier fitou-o por cima da caneca de café, que tinha levado à boca.

— Ele ameaçou a Beth — observou, com os ombros tensos. — Impôs-se a ela. Não podemos deixar que se safe numa boa.

— Jake não é como os outros alunos. Você não pode lidar com ele sozinho — disse Gabriel. — Não sabemos do que ele é capaz.

— Não pode ser tão perigoso. Ele é todo magrelo — murmurou Xavier, meio que para si. Ivy lançou-lhe um olhar severo.

— Você sabe que a aparência dele não diz nada.

— O que querem que a gente faça, então? — indagou Xavier.

— Não podemos fazer nada — respondeu Gabriel —, não sem chamar atenção desnecessariamente. Vamos esperar que ele não queira fazer mal a ninguém.

Xavier deixou escapar um risinho breve e depois fitou Gabriel.

— Está falando sério?

— Seríssimo.

— E quanto ao que ele fez na festa de formatura?

— Eu não diria que isso é um indício — respondeu Gabriel.

— E o acidente da cozinheira da escola com a fritadeira? — indaguei. — E a batida de carro no início do semestre?

— Você acha que Jake teve algo a ver com esses acontecimentos? — perguntou Ivy. — Ele sequer estava na escola quando houve a batida.

— Bastava estar na cidade — argumentei. — E definitivamente ele estava na cantina naquele dia. Eu o vi lá.

— Li sobre um acidente de barco no cais, há dois dias — acrescentou Xavier. — E houve alguns incêndios, que, segundo os jornais, foram criminosos. Isso nunca aconteceu por aqui antes.

Gabriel apoiou a cabeça nas mãos.

— Deixem-me pensar sobre isso.

— E não é só — atalhei, sentindo-me culpada por ser mensageira de más notícias. — Ele tem *seguidores*. Aonde quer que vá, eles vão atrás, como se seguissem um líder. Começou com uns poucos alunos, mas toda vez que o vejo na escola o grupo está maior.

— Beth, vá se aprontar para a aula — disse Gabriel calmamente.

— Mas...

— Vá. Ivy e eu precisamos conversar.

† † †

DEPOIS DA FORMATURA, A POPULARIDADE de Jake cresceu a uma velocidade alarmante, e o número de seguidores em seu encalço dobrou. Quando voltei à escola, reparei que todos andavam de um lado para o outro com olhares vagos, como se estivessem drogados, as pupilas estranhamente dilatadas e as mãos enfiadas nos bolsos. Seus rostos apenas se animavam ao verem Jake, assumindo uma expressão perturbadora, reverente, que sugeria que seriam capazes de se afogar no oceano se ele assim ordenasse.

De repente, os atos de vandalismo gratuito também ficaram mais frequentes. As portas da igreja Saint Mark foram pichadas com obscenidades, e vândalos quebraram as janelas da prefeitura usando explosivos de fabricação caseira. Fairhaven notificou um surto virulento de intoxicação alimentar, e vários residentes precisaram ser transferidos para o hospital.

Aparentemente, onde quer que alguma calamidade ocorresse, Jake estava por perto, nunca diretamente envolvido, mas como observador. Em minha opinião, ele decidira causar e sofrimento, e eu não podia deixar de pensar que fazia aquilo por vingança. Estaria querendo me mostrar as consequências da minha rejeição?

Na quinta-feira à tarde, planejei sair mais cedo da escola e pegar Phantom na *pet shop*. Gabriel não fora dar aula porque supostamente estava doente. Na verdade, ele e Ivy recuperavam as forças depois de passar uma semana consertando os estragos de Jake. Não tinham o hábito de agir com tanta sequência e, apesar de serem fortes, o esforço constante os exaurira.

Tinha acabado de pegar a mochila e me dirigia à porta para encontrar Xavier em seu carro, quando reparei numa aglomerado no corredor do lado de fora do banheiro feminino. Algo relampejou na minha cabeça, como uma

espécie de aviso para me manter afastada, mas o instinto e a curiosidade me atraíram. O grupo de alunos era compacto, e eles falavam de forma atropelada. Vi que alguns choravam. Uma menina soluçava com o rosto encostado na camisa de um formando jogador hóquei, ainda vestido com o uniforme. Obviamente, tinha sido chamado às pressas durante o treino e olhava fixamente para a porta do banheiro com um misto de angústia e descrença.

Atravessei a multidão como se me movesse em câmera lenta, com a sensação de estar distante do meu próprio corpo — como se a minha mente visse a cena da perspectiva de um espectador olhando um aparelho de televisão. Misturados aos demais alunos, notei a presença de membros do grupo deJake Thorn. Eram fáceis de identificar, devido à expressão vazia e à roupa preta, sua marca registrada. Alguns me encararam quando passei, e me dei conta de que todos tinham os mesmos olhos profundos, esbugalhados e negros como piche.

Ao me aproximar do banheiro, vi o dr. Chester parado à porta, acompanhado de dois policiais, um deles falando com Jake Thorn. O rosto de Jake estava coberto por uma máscara de sinceridade e preocupação, mas seus olhos felinos faiscavam perigosamente, e o lábio ligeiramente erguido deixava os dentes à mostra, como se quisesse cravá-los na garganta do homem. Tive a impressão de que apenas eu era capaz de perceber a ameaça por trás da sua expressão e que, para todos os demais, ele não passava de um adolescente inocente. Aproximei-me mais para ouvir o que diziam.

— Não imagino como isso possa ter acontecido numa escola como esta — ouvi Jake dizer. — Foi um choque para todos nós.

Então ele virou o corpo, e não pude escutar muito mais, apenas um punhado de palavras soltas: “tragédia”, “ninguém por perto” e “notifiquem a família”. A certa altura, o policial fez que sim com a cabeça, e Jake se afastou. Percebi que seus seguidores se entreolhavam, com os olhos risonhos e vestígios de sorrisos nos lábios. Pareciam ávidos, quase famintos, e todos aparentavam estar secretamente satisfeitos com o ocorrido.

Jake fez um sinal, e eles começaram a se dispersar, afastando-se sutilmente do grupo. Tive vontade de gritar para que alguém os detivesse, avisar a todos como eles eram perigosos, mas a voz me faltou.

Percebi de repente que me aproximava cada vez mais da porta do banheiro, como se atraída por uma força invisível. Dois paramédicos levantavam uma maca coberta com um pano azul. Reparei que uma mancha vermelha começava a empapar o tecido, crescendo a cada segundo e se espalhando como uma coisa viva. Uma mão longa e pálida pendia da maca, as pontas dos dedos já

arroxeadas.

Uma onda de dor e medo me deixou sem fôlego. Mas essas sensações não eram minhas, pertenciam a outra pessoa, à garota na maca. Senti suas mãos segurando o cabo de uma faca. Senti o medo em sua mente misturar- se à impotência quando uma compulsão misteriosa guiou a lâmina até sua garganta. Ela lutou, mas parecia não ter controle sobre o próprio corpo. Senti o choque da dor quando o metal gelado rasgou a pele e ouvi a gargalhada cruel ecoar em seu cérebro. A última coisa que vi foi o rosto dela, atravessando meu campo de visão como um relâmpago. Eu conhecia aquele rosto. Quantas vezes eu não tinha rido de suas brincadeiras durante o almoço ou ouvido seus conselhos? O rosto de Taylah estava cravado em minha mente. Senti seu corpo pender para a frente, senti quando lutou para respirar no momento em que o sangue esguichou do corte na garganta e lhe escorreu pelo pescoço. Vi o terror e o pânico em seus olhos um segundo antes que eles vidrassem e ela caísse morta. Abri a boca para gritar, mas nenhum som saiu.

No exato momento em que meu corpo começou a tremer violentamente, alguém se pôs à minha frente e me segurou pelos ombros. Arfei e tentei me soltar, mas as mãos eram firmes. Ergui os olhos, esperando encontrar um olhar cortante e um rosto encovado, mas, em vez disso, era Xavier, que me envolveu nos braços e me afastou da multidão, saindo comigo da escola.

— Não! — exclamei, mais para mim mesma que para ele. — Por favor, não...

Ele manteve o braço ao redor da minha cintura e praticamente me carregou até o carro, pois eu parecia ter desaprendido a usar as pernas.

— Tudo bem — disse ele, pondo uma das mãos no meu rosto e me olhando nos olhos. — Vai ficar tudo bem.

— Isto não pode estar acontecendo... Aquela era... aquela garota era... — Meus olhos ardiam, cheios de lágrimas.

— Entre no carro, Beth — disse Xavier, escancarando a porta e me ajudando a entrar.

— Jake é o responsável! — gritei, quando ele ligou a ignição. Ele parecia estar com pressa para encontrar logo Ivy e Gabriel. Pensando bem, eu também estava. Eles saberiam o que fazer.

— A polícia está convencida de que foi suicídio — explicou Xavier num tom neutro.

— É trágico, mas não tem nada a ver com Jake. Aliás, foi ele que notificou o desaparecimento dela e alertou as autoridades.

— Não — insisti, balançando a cabeça com veemência. — Taylah jamais faria algo assim. Tem o dedo de Jake aí.

Xavier não parecia convencido.

— Jake pode ser um monte de coisas, mas não é um assassino.

— Você não está entendendo — atalhei, enxugando as lágrimas. — Eu vi tudo. Como se estivesse presente quando aconteceu.

— O quê? — Xavier se virou para mim. — Como?

— Quando vi o corpo, foi como se de repente me transformasse na vítima — expliquei. — Ela cortou a própria garganta, mas não queria fazer isso. Alguém a obrigou. Jake estava no comando e riu quando ela morreu. Era ele, eu sei.

Xavier fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Tem certeza?

— Eu pude sentir a presença dele. Foi ele. Ficamos em silêncio até que perguntei.

— O que aconteceu depois que ela morreu? Não vi mais nada. Xavier parecia abalado, mas sua voz mostrou-se impassível.

— Ela foi encontrada morta no banheiro. É tudo que sei. Uma das garotas do primeiro ano entrou e a viu deitada numa poça de sangue. A única coisa que havia ali era uma faca de cozinha.

Xavier apertava o volante com tanta força que as articulaões dos dedos estavam brancas.

— Por que você acha que Jake a escolheu? — indaguei.

— Acho que foi apenas falta de sorte respondeu Xavier. — Ela estava no lugar errado na hora errada. Sei que era sua amiga, Beth, sinto muito.

— Será que a culpa é nossa? — perguntei, num tom de voz quase inaudível. — Ele fez isso para se vingar da gente?

— Ele fez isso porque é um doente — respondeu Xavier, olhando sem piscar para a pista, como se tentasse refrear tudo que sentia por dentro. — Eu só queria que você não tivesse visto — disse ele zangado, mas eu sabia que sua raiva não se dirigia a mim.

— Já vi coisas piores.

— Sério?

— De onde viemos se vê muita coisa ruim — confirmei, sem acrescentar quão diferente é vivenciar a perda diretamente na Terra, quando a vítima é sua amiga e a dor é multiplicada por dez. — Você também a conhecia?

— Estou nesta escola desde a primeira série. Conheço todo mundo.

— Sinto muito.

Pus a mão em seu ombro, que estava tenso e rígido.

— Eu também.

† † †

GABRIEL E IVY JÁ SABIAM DO ACONTECIDO quando chegamos em casa.

— Precisamos agir agora — disse Ivy. — Isso já foi longe demais.

— E o que acha que temos a fazer? — perguntou Gabriel.

— Precisamos detê-lo — intervim —, destruí-lo, se for preciso.

— Não podemos simplesmente destruí-lo — disse Gabriel. — Não podermos tirar vidas sem motivo.

— Mas ele tirou a vida de outra pessoa! — gritei.

— Bethany, não podemos feri-lo a menos que tenhamos certeza absoluta de quem ou o que ele é. Assim, por mais que queiramos, confrontá-lo está fora de questão por enquanto.

— Talvez vocês não possam feri-lo — argumentou Xavier —, mas eu posso. Deixem-me lutar com ele. O olhar de Gabriel era inflexível.

— Morto você não ajudará a Bethany em nada.

— Gabe! — exclamei, perturbada pela mera ideia de alguém encostar a mão em Xavier. Eu sabia que ele não pensaria duas vezes antes de entrar numa briga se achasse que assim me protegeria.

— Sou mais forte que ele — insistiu Xavier. — Sei que sou. Deixem-me resolver isso. Ivy pôs uma das mãos no ombro de Xavier.

— Você não sabe quem é Jake Thorn.

— Ele é só um garoto — respondeu Xavier. — Quão ameaçador pode ser?

— Ele não é só um garoto — contestou Ivy. — Temos sentido sua aura, e ela fica cada vez mais forte. Está ligado a forças do mal que nenhum humano é capaz de entender.

— Está dizendo que ele é um demônio? — indagou Xavier, incrédulo. — Isso é impossível.

— Você já sabe que anjos existem. É tão difícil assim imaginar que tenhamos uma contraparte maligna? — perguntou Gabriel.

— Tenho tentado não pensar nisso — disse Xavier.

— Assim como existe um Ceu, existe um inferno — afirmou Ivy, baixinho.

— Então vocês acham que Jake Thorn é um demônio? — sussurrei.

— Acreditamos que ele talvez seja um agente de Lúcifer — respondeu Gabriel —, mas precisamos de provas antes de agir para detê-lo.

A prova surgiu quando desfiz minha mochila um pouco depois naquela tarde. Havia um pedaço de papel preso no zíper. Desdobrei-o, revelando a caligrafia peculiar de Jake:

Quando as lágrimas dos anjos inundarem a Terra.
Os portões do inferno verão a vida renascer.
Quando iminente for o fim dos anjos.
O rapaz humano deverá perecer.

Senti um aperto súbito na garganta. Jake ameaçara Xavier. Sua vingança não era mais dirigida apenas a mim. Agarrei o braço de Xavier. Dava para sentir os músculos sob meus dedos. Ainda assim, tratava-se puramente de força humana.

— Isto é prova suficiente para você? — indagou Xavier num tom grave.

— É um poema, nada mais — rebateu Gabriel. — Ouçam bem. Acredito que Jake esteja por trás do homicídio e de todos os acidentes. Acredito que ele pretenda causar destruição, mas preciso de provas *concretas* para agir. As leis do Reino assim exigem.

— E se conseguir as provas, o que vai fazer? — quis saber Xavier.

— O que for necessário para manter a paz — respondeu Gabriel.

— Mesmo que signifique matá-lo? — indagou Xavier, sem rodeios.

— Sim — respondeu Gabriel friamente. — Porque, se ele for o que suspeitamos que seja, tirar sua vida humana fará com ele volte para o lugar de onde saiu.

Xavier refletiu sobre isso um instante e depois assentiu.

— Mas o que ele quer com a Beth? O que ela tem a lhe oferecer?

— Beth o rejeitou — respondeu Gabriel. — Alguém como Jake Thom está habituado a conseguir o que quer. Sua vaidade foi ferida.

Mexi os pés, constrangida.

— Ele disse que me procurava há séculos...

— Disse *o quê* ? — explodiu Xavier. — O que significa isso? Gabriel e Ivy se entreolharam preocupados.

— Os demônios quase sempre procuram um humano para tomar como propriedade — disse Ivy — É a concepção torta que eles têm do amor, imagino. Eles atraem o humano para o mundo das trevas e o forçam a permanecer lá. Com

o tempo, o corrompem e conseguem despertar nele sentimentos por seu opressor.

— Mas qual é a finalidade disso? — perguntou Xavier. — Os demônios agora têm sentimentos?

— Basicamente, a ideia é ir de encontro a Nosso Pai — respondeu Ivy. — A corrupção da Sua criação Lhe causa uma enorme angústia.

— Mas nem sou humana de verdade! — argumentei.

— Isso mesmo — disse Gabriel. — O que poderia ser um troféu melhor do que um anjo com a forma de humano? Capturar um de nós seria a maior das vitórias.

— A Beth corre perigo? — indagou Xavier, aproximando-se de mim.

— Acho que todos corremos — respondeu Gabriel. Tenham paciência. Nosso Pai há de revelar, no devido tempo, a conduta a ser adotada.

Insisti para que Xavier passasse a noite conosco, e, depois do recado de Jake, Ivy e Gabriel não se opuseram. Embora não chegassem a dizê-lo, eu sabia que ambos estavam preocupados com a segurança de Xavier. Jake era imprevisível, como fogos de artifício que podem explodir a qualquer momento.

Xavier ligou para os pais e disse que passaria a noite na casa de um amigo para estudar para uma prova no dia seguinte. Sua mãe jamais permitiria que ele ficasse se soubesse que se tratava da minha casa. Bernie era conservadora demais para isso. Ela e Gabriel teriam se dado incrivelmente bem.

Demos boa-noite a lvy e Gabriel e subimos para o meu quarto. Xavier ficou na varanda enquanto eu tomava banho e escovava os dentes. Não perguntei no que estava pensando ou se sentia o mesmo medo que eu. Sabia que ele jamais admitiria, ao menos não para mim. Para dormir, Xavier ficou apenas com uma cueca samba- canção, que tinha o dizer não esquenta na parte de trás, e uma camiseta regata que usava sob a camisa. Vesti uma legging e uma camiseta folgada.

Não conversamos muito naquela noite. Fiquei quieta, escutando o som da sua respiração regular, vendo seu peito subir e descer. Senti-me segura e aconchegada com o corpo dele curvado junto ao meu, seus braços me envolvendo de forma protetora. Embora não passasse de um humano, tinha a impressão de que Xavier era capaz de me proteger de tudo e de todos. Com Xavier a meu lado, não me assustaria nem mesmo se um dragão cuspindo fogo arrancasse o telhado. Por um momento, me passou pela cabeça que eu esperava demais dele, mas afastei esse pensamento.

Acordei no meio da noite, assombrada por um sonho do qual não consegui me lembrar depois. Xavier dormia ao meu lado. Ficava lindo dormindo, os

lábios perfeitos entreabertos, o cabelo bagunçado sobre o travesseiro, o peito bronzeado subindo e descendo ritmadamente com a respiração. Minha ansiedade me venceu e levei a mão até ele, que despertou com facilidade. Seus olhos eram incrivelmente azuis mesmo à luz do luar.

— O que é aquilo? — sussurrei, subitamente vislumbrando sombras. — Ali, está vendo? Sem retirar o braço que me envolvia, Xavier sentou-se e olhou à volta.

— Onde? — indagou, com a voz rouca de sono.

Apontei para o canto direito do quarto. Xavier levantou-se da cama e caminhou até o lugar que indiquei. —

Aqui? — perguntou ao chegar lá. — Garanto que isto é um cabideiro.

Concordei com a cabeça antes de me dar conta de que ele não podia me enxergar no escuro.

— Achei que tinha visto alguém de pé aí. Um homem com um casaco comprido usando chapéu. Dita em voz alta, a ideia soou ridícula.

— Parece que você anda vendo fantasmas, meu bem. Xavier bocejou e cutucou o cabideiro com o pé.

— Definitivamente um cabideiro.

— Desculpe — disse eu, quando ele voltou para a cama. Enrosquei-me contra seu corpo quente.

— Não fique com medo — murmurou ele. — Ninguém vai machucá-la enquanto eu estiver aqui.

Confiei nele e, passado um tempo, parei de prestar atenção a ruídos e movimentos.

— Eu amo você — disse Xavier, antes de adormecer novamente.

— Eu amo mais — retorqui, provocando.

— Sem chance — insistiu ele, totalmente desperto. — Sou maior, posso abrigar mais amor.

— Sou menor, logo minhas partículas de amor são mais compactas, o que significa que posso armazenar uma quantidade maior.

Xavier riu.

— Esse argumento não faz sentido. Anulado.

— Estou apenas me baseando no quanto sinto sua falta quando você está longe — contestei.

— Como você poderia saber quanta falta eu sinto de *você*? — perguntou Xavier. — Será que tem um saudadômetro em você para fazer a contagem?

— Sou uma garota. Claro que tenho um saudadômetro em mim.

Adormeci reconfortada pela sensação do peito dele colado às minhas costas. Podia sentir sua respiração na parte de trás do meu pescoço. Afaguei a pele macia dos seus braços, bronzeados devido às atividades ao ar livre. Ao luar, dava para ver cada pelinho, cada veia, cada sarda, e eu amava tudo aquilo. Esse foi o meu último pensamento naquela noite, e descobri que o medo tinha me abandonado por completo.

29
Uma Amiga Necessitada

Taylah assombrou meus sonhos. Sua imagem era como um fantasma sem rosto, tentando em vão alcançar alguma coisa com as mãos ensanguentadas. Então, me descobri em seu corpo, deitada numa poça de sangue quente e grudento. Ouvi o som irritante da torneira pingando no banheiro feminino, enquanto ela escorregava para a morte, inconsciente. Em seguida, senti a dor avassaladora da família, que se culpava por não ter notado a depressão da menina, imaginando se a tragédia poderia ter sido evitada. Jake também apareceu no sonho, sempre numa posição coadjuvante, meio fora de foco e rindo baixinho.

Acordei de manhã e as cobertas estavam reviradas, o lugar ao meu lado, vazio. Se encostasse o rosto no travesseiro onde Xavier deitara a cabeça, ainda dava para sentir, muito de leve, seu cheiro suave. Levantei da cama e abri as cortinas para deixar entrar a luz do sol.

Na cozinha, era Xavier, e não Gabriel, quem preparava o café da manhã. Vestira a calça jeans e estava com a camiseta amarrotada e o cabelo despenteado. Disposto e bonito, quebrava ovos com todo cuidado na beira da frigideira quente.

— Achei que um bom café da manhã cairia bem disse ele ao me ver.

Gabriel e Ivy já estavam sentados à mesa, os pratos cheios de ovos mexidos cobrindo torradas de pão de centeio.

— Está uma delícia — elogiou Ivy, entre uma garfada e outra. — Como você aprendeu a cozinhar?

— Não tive escolha — explicou Xavier. — Toda a minha família, com exceção da minha mãe, é uma negação na cozinha. Quando ela faz serão na clínica, os outros sempre peder pizza ou comem qualquer coisa que mande acrescentar água e mexer. Por isso, cozinho para todos quando minha mãe não está em casa.

— Xavier é um homem cheio de talentos – acrescentei para Ivy e Gabe, entusiasmada.

Ele tinha passado apenas uma noite conosco, mas me encantava o fato de ter se integrado tão facilmente. Não parecia um hóspede da casa, mas sim um membro de nossa pequena família. Até Gabriel aparentemente tinha o aceitado e

providenciara uma camisa branca limpa para ele ir à escola.

Reparei que todos procurávamos, cuidadosamente, evitar falar no que acontecera na tarde anterior. Eu, com certeza, tentava bloquear essa lembrança.

— Sei que ontem foi um dia chocante para todos nós — disse Ivy, finalmente. — Mas vamos lidar com essa situação.

— Como? — perguntei.

— Nosso Pai mostrará o caminho.

— Só espero que Ele faça isso logo, antes que seja tarde demais — murmurou Xavier, sendo eu a única que o escutei.

Uma onda de choque se abatera sobre a escola após o suicídio de Taylah. Embora as aulas prosseguissem, na tentativa de manter a normalidade, tudo parecia funcionar a meia bomba. Cartas tinham sido enviadas aos pais oferecendo a ajuda de psicólogos e estimulando as famílias a apoiarem os filhos de todas as maneiras possíveis. Todos andavam como se estivessem pisando em ovos, sem querer chamar muita atenção ou parecer insensível. Percebia-se que Jake Thorn e os amigos andavam ausentes por aqueles dias.

Uma reunião foi convocada para a parte da manhã, na qual o dr. Chester explicou aos alunos que a direção não sabia precisamente o que havia sido dito, mas uma investigação vinha sendo conduzida pela polícia. Em seguida, ele adotou um tom menos mecânico.

— A perda de Taylah Mclntosh foi chocante e trágica. Ela era uma ótima amiga e aluna e sentiremos imensamente a sua falta. Se alguém quiser se manifestar sobre o ocorrido, por favor, marque uma hora com a srta. Hirche, nossa psicóloga-orientadora.

— Estou com pena do dr. Chester — disse Xavier. — Ele não fez outra coisa senão atender telefonemas a manhã toda. Os pais estão em pé de guerra.

— Como assim? — perguntei.

— As escolas sempre saem prejudicadas com incidentes como esse. Todo mundo quer saber o que aconteceu, por que a escola não se esforçou para impedir. Os pais começam a se preocupar com os próprios filhos.

Fiquei indignada.

— Isso nada tem a ver com a escola!

— Mas os pais não veem dessa maneira — disse Xavier.

Depois da reunião, MoIly veio falar comigo, os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Xavier percebeu que ela queria conversar em particular e pediu licença dizendo que ia a um encontro dos jogadores de polo aquático.

— Como você está segurando a barra? — indaguei, pegando na mão dela.

Molly balançou a cabeça, e mais lágrimas rolaram pelo seu rosto.

— Parece tão estranho estar aqui agora — respondeu, numa voz embargada. — Não é a mesma coisa sem ela.

— Eu sei — concordei baixinho.

— Não consigo entender — prosseguiu MoIly. — Não acredito que ela tenha feito uma coisa dessas. Por que não conversou comigo? Eu nem sabia que ela estava deprimida. Sou uma péssima amiga! — exclamou, soluçando, e eu me apressei em abraçá-la. Tive a impressão de que ela poderia desabar a qualquer momento se ninguém a segurasse.

— A culpa não é sua — afirmei. — Às vezes acontecem coisas que ninguém pode prever.

— Mas... — começou Molly.

— Não - intervim, interrompendo-a. — Confie em mim. Não há nada que você pudesse fazer para impedir.

— Eu adoraria acreditar nisso — sussurrou Molly. — Você soube que ela foi encontrada numa poça de sangue? Parece até um filme de terror.

— É — concordei. A última coisa que eu queria era relembrar a experiência. — Molly, talvez você devesse falar com a psicóloga — sugeri com delicadeza. — Pode ser que ajude.

— Não — discordou Molly, balançando a cabeça com veemência e, em seguida, rindo. O riso soou estridente e histérico. — Só quero esquecer que isso aconteceu. Quero esquecer que ela existiu.

— Mas, Molly, não dá para fingir que está tudo bem.

— Quem disse? — indagou ela, num tom falsamente animado e alegre. — Uma coisa boa aconteceu outro dia disse ela, abrindo um amplo sorriso, as lágrimas ainda brilhando em seus olhos. Era assustador testemunhar aquela mudança repentina.

— O quê? — indaguei, pensando que ela desistiria daquele fingimento se eu entrasse no jogo.

— Bem, a novidade é que Jake Thorn está na minha aula de informática.

— Não diga! — exclamei, pasma de ver como a conversa ia rapidamente descendo a ladeira. — Que ótimo!

— É mesmo. Porque ele me convidou para sair.

— O quê? — perguntei, virando-me para encará-la.

— Incrível, não? Também não acreditei. — Estava claro que o choque havia virado a cabeça dela, que estava disposta a se agarrar a qualquer distração que a impedisse de pensar na dor da perda que sofrera.

— O que você respondeu? — indaguei. Ela riu rispidamente.

— Não seja boba, Beth. O que acha que respondi? Vamos sair no domingo com alguns amigos dele. Ah, já ia me esquecendo. Tudo bem para você, depois do que aconteceu na festa de formatura? Porque você disse que não sentia nada por ele...

— Não! Quer dizer, claro que não sinto nada por ele.

— Então não se importa?

— Molly, eu me importo, sim, mas não pelo motivo que você supõe. Jake é sinônimo de encrenca, você não pode sair com ele. E dá para parar de agir como se estivesse tudo bem? — O tom da minha voz subira, e eu sabia que soava estressada.

Molly me olhou confusa.

— Qual o problema? Por que está reagindo dessa maneira? Achei que ficaria feliz por mim.

— Ah, Molly, eu ficaria, se você fosse sair com qualquer outro, a não ser ele — lamentei. — Não confie em Jake. Não é possível que você não veja que ele não é de confiança. Tem a palavra encrenca escrita na testa.

De repente, Molly assumiu uma postura defensiva.

— Você não gosta de Jake porque ele criou problemas para você e Xavier, só isso — acusou Molly, exaltada.

— Não é verdade. Não confio nele, e você não está raciocinando direito!

— Talvez você esteja com inveja por ele ser tão bacana — rebateu Molly. — Ele disse que um pessoal aqui na escola é assim.

— O quê? — perguntei, zangada. — Isso não faz nenhum sentido.

— Claro que faz — retrucou Molly. — Você acha que só você e Xavier merecem ser felizes. Eu também mereço, Beth, principalmente agora.

— Que loucura, Molly! Claro que não acho isso.

— Então, por que não quer que eu saia com ele?

— Porque ele me assusta — respondi com sinceridade. — E não quero ver você cometer um erro por estar transtornada com o que aconteceu com Taylah.

Mas Molly aparentemente já não me ouvia.

— Você quer ficar com ele? É isso? Bom, não dá para ter todos os caras do mundo, Beth, é preciso deixar alguns para o restante de nós.

— Não quero que ele sequer chegue perto de mim ou de você...

— Por que não?

— Porque ele matou Taylah! — gritei.

Molly parou e me encarou de olhos esbugalhados. Não pude acreditar que

tinha dito aquilo em voz alta, mas se era o único jeito de fazer Molly cair na real, se pudesse evitar que ela virasse presa fácil para Jake, valeria a pena. Um instante depois, porém, Molly fechou a cara.

— Você está fora de si — disse ela entre os dentes, dando um passo atrás.

— Molly, espere! Pelo menos me escute...

— Não! —interrompeu ela. — Não quero escutar nada. Você pode odiar oJake, se quiser, mas mesmo assim vou sair com ele porque *eu quero*. Ele é o cara mais incrível que já conheci e não vou abrir mão dessa oportunidade porque você está tendo um surto de TPM. — Ela me fitou com um olhar enfurecido. — E para sua informação, ele disse que você é uma vaca.

Eu ia abrindo a boca para responder, quando uma sombra projetou-se na calçada e alguém surgiu ao lado de Molly. Jake me lançou um olhar malicioso, enlaçando o ombro de Molly e puxando-a para si. Ela se aninhou, à vontade, no peito dele e riu satisfeita.

— Inveja é um pecado mortal, Bethany — ronronou Jake. Seus olhos estavam tão negros que não dava para distinguir a pupila da íris. — Você deveria saber disso. Por que não dá simplesmente os parabéns a Molly de forma educada?

— Ou, quem sabe, começo a escrever o obituário dela — rebati.

— Aí você pegou pesado — queixou-se ele. — Não se preocupe, vou cuidar da sua amiga. Parece que temos muito em comum.

Então, ele me deu as costas levando Molly embora. Observei-a sumir de vista, com os cachos avermelhados balançando ao vento.

Passei o resto da tarde procurando desesperadamente por Molly para tentar explicar tudo a ela de um jeito mais fácil de entender, mas não consegui encontrá-la. Contei a Xavier o que havia acontecido e vi os músculos do seu rosto se contraírem, ainda que muito levemente. Juntos, corremos a escola toda em busca de Molly, e a cada sala vazia eu sentia a ansiedade fazer meu corpo se revolver por dentro. Minha respiração ficou ruidosa e irregular, e Xavier me obrigou a sentar num banco.

— Ei, ei... — disse ele, erguendo meu rosto para me olhar diretamente nos olhos. — Calma. Não vai acontecer nada a ela. Vai dar tudo certo.

— Como? — perguntei. — Ele é perigoso e totalmente desequilibrado! Sei o que ele está tentando fazer: me atingir através dela, porque sabe que somos amigas.

Xavier sentou-se ao meu lado.

— Pense um instante, Beth. Jake Thorn não feriu ninguém do próprio

grupinho até agora. Sua intenção é recrutar pessoas, é isso o que ele faz. Enquanto estiver do lado dele, Molly.

— Pense um instante, Beth. Jake Thorn nao feriu ninguém do próprio grupinho até agora. Sua intençao é recrutar pessoas, é isso o que ele faz. Enquanto estiver do lado dele, Molly não corre grande perigo.

— Você não tem como saber. Ele é totalmente imprevisível.

— Imprevisível ou não, ele não irá machucá-la — insistiu Xavier. — Precisamos ficar tranquilos. Não podemos nos dar ao luxo de perder a cabeça. É fácil exagerar as coisas depois do que aconteceu.

— O que você acha que devemos fazer, então?

— Acho que Jake talvez tenha nos dado uma dica para encontrar a prova que Gabriel procura.

— Sério?

— Molly disse aonde Jake ia levá-la?

— Só disse que o encontro ia ser no domingo... E que os amigos dele também irão — respondi. Xavier assentiu.

— Muito bem. Venus Cove não é tão grande assim. Descobriremos onde vai ser o encontro e iremos atrás deles.

Partilhamos nossa preocupação com lvy e Gabriel. O problema era imaginar aonde Jake levaria Molly. Podia ser a qualquer lugar em Venus Cove, e não podíamos errar, pois era a nossa única chance de descobrir o que de fato ele pretendia, e não estávamos dispostos a perdê-la.

— Aonde ele iria? — conjeturou Ivy. — Há alguns lugares óbvios na cidade, como o cinema ou o Sweethearts, o boliche...

— Não adianta pensar como um adolescente normal — intervim. — Ele é tudo menos isso.

— A Beth tem razão — disse Xavier. Vamos tentar pensar como ele.

Pedir a um anjo para entrar na cabeça de um demônio era bastante ousado, mas Gabriel e Ivy tentaram disfarçar a repulsa e seguir a sugestão de Xavier.

— Não vai ser um lugar público — observou Ivy repentinamente —, sobretudo se ele planeja levar os amigos também. O grupo é grande demais, muito chamativo.

Gabriel concordou.

— Vão preferir um local tranquilo e isolado, onde nada os interrompa.

— Existe alguma casa ou fábrica abandonada nos arredores da cidade? — perguntei. — Como aquela onde fizeram a pós-festa da formatura? Seria bastante conveniente para Jake.

Xavierbalançou a cabeça.

— Jake me parece um pouquinho mais radical que isso.

— Então, vamos extrapolar de vez — sugeriu Ivy.

— Isso mesmo — concordou Xavier, me lançando um olhar penetrante. — Seus seguidores... Vamos pensar na aparência que têm, em como se vestem.

— Góticos — respondi.

— E qual é o grande núcleo da cultura gótica? — indagou Gabriel. Ivy olhou para o irmão com os olhos bem abertos.

— A morte.

— Isso — confirmou Xavier, com uma expressão sombria. — Então, qual seria o melhor local para um bando de doidos obcecados pela morte?

A conclusão me atingiu como um raio, e respirei fundo. Era óbvio, era mórbido, era dark e era o local perfeito para Jake encenar seu show.

— O cemitério — sussurrei, e Xavier assentiu.

— Também acho.

Ele se virou para os meus irmãos, que pareciam abatidos. Os dedos de Gabriel apertaram com força a caneca de café.

— Acho que estamos no caminho certo — disse ele.

— Honestamente, seria de se esperar que o garoto fosse um pouco mais original — rebateu Ivy. — O cemitério!

Bem, suponho que um de nós terá que segui-los até lá no domingo.

— Deixem comigo — ofereceu-se Gabriel imediatamente, mas Xavier balançou a cabeça.

— Isso seria um convite para uma briga. Até eu sei que não se pode juntar um anjo e um demônio. Acho que eu devo ir — disse Xavier.

— É perigoso demais — argumentei.

— Beth, não tenho medo deles.

— Você não tem medo de nada — devolvi —, mas talvez devesse ter.

— É o único jeito — insistiu Xavier. Olhei para os meus irmãos.

— Tudo bem, mas, se ele for, vou junto.

— Nenhum dos dois vai a lugar algum — interveio Gabriel. — Se Jake se voltar contra vocês tendo o apoio dos outros...

— Vou cuidar dela — disse Xavier. Ele parecia ofendido com a insinuação de Gabriel de que não seria capaz de me proteger. — Você sabe que eu não deixaria nada acontecer.

Gabriel estava cético.

— Não duvido da sua força física — começou —, mas...

— Mas o quê? — perguntou Xavier em voz baixa. — Eu daria a minha vida por ela.

— Não duvido, mas você não faz ideia do que vai enfrentar.

— Preciso proteger a Beth...

— Xavier...

Ivy encostou em seu braço, e logo percebi que estava transmitindo uma energia calmante para o corpo dele.

— Por favor, nos ouça — disse ela. — Não sabemos quem é essa gente... Não conhecemos a força deles, não sabemos do que são capazes. Pelo que já vimos, parece que eles não têm ressalvas para matar. Por mais corajoso que você seja, qnão passa de um ser humano contra... Só Nosso Pai sabe o quê.

— O que sugerem, então?

— Que não façamos nada até consultarmos uma autoridade superior — disse Gabriel, com uma expressão impassível.

— Farei contato com a Aliança imediatamente.

— Não há tempo para isso! — exclamei. — Molly pode estar correndo grande perigo.

— Nossa prioridade é proteger vocês dois!

A raiva na voz de Gabriel fez com que um silêncio se abatesse sobre a sala. Ninguém abriu a boca até Ivy nos encarar com uma determinação repentina.

— Xavier, seja o que for que a gente decida, você não poderá voltar para casa este fim de semana — decretou ela. É perigoso demais. Você vai ter que ficar conosco.

† † †

A CENA NA CASA DE XAVIER NÃO FOI BONITA. Gabriel e Ivy aguardaram no carro enquanto Xavier e eu fomos dizer a seus pais que ele passaria o fim de semana comigo. Bernie fulminou-o com o olhar quando ouviu a notícia.

— Essa é nova. Seguiu Xavier até o quarto e ficou na porta com as mãos na cintura, enquanto ele enchia uma mochila.

— Você não pode ir. Temos planos para o fim de semana.

Aparentemente, ela não entendeu que ele estava *comunicando* que ia, e não pedindo.

— Sinto muito, mãe — disse ele, andando para lá e para cá no quarto, pegando as roupas no armário e jogando- as na mochila —, mas preciso ir.

Os olhos de Bernie se esbugalharam. Ela me lançou um olhar acusador, nitidamente me responsabilizando pela transformação ocorrida em seu filho exemplar. Era uma pena, porque vínhamos nos dando muito bem. Desejei que houvesse um modo de lhe contar a verdade, mas ela jamais entenderia que era perigoso demais deixar Xavier desprotegido.

— Xavier — atalhou Bernie, num tom ríspido —, eu *disse* que não. Mas Xavier não estava escutando o que ela tinha a dizer.

— Volto no domingo à noite — arrematou ele, fechando o zíper da mochila e pendurando-a no ombro.

— Já chega. Vou chamar seu pai.

Bernie virou e saiu em disparada pelo corredor.

— Peter! — gritou ela. — Peter, venha cá falar com seu filho. Ele perdeu o juízo! Xavier me pediu desculpas com o olhar.

— Desculpe fazer você presenciar isso — disse ele.

— Eles só estão preocupados. É natural — respondi.

Alguns momentos depois, o pai de Xavier surgiu à porta, com a testa franzida de preocupação e as mãos enterradas nos bolsos da calça.

— Você deixou a sua mãe nervosa — disse ele.

— Desculpe, pai — começou Xavier, pondo a mão no ombro de Peter. — Não posso explicar agora, mas preciso ir. Confie em mim.

Peter virou-se para mim.

— Vocês dois estão bem?

— Ficaremos bem — disse eu. — Depois deste fim de semana tudo ficará bem.

Peter aparentemente sentiu a urgência em nossas vozes e pôs a mão sobre a de Xavier.

— Eu cuido da sua mãe. E vocês dois tratem de cuidar de si. — Apontou então para a janela. — Vão por ali. —

Olhamos para ele sem entender. Rápido!

Xavier deu um sorriso triste, abriu a janela e atirou a mochila antes de me ajudar a descer.

— Obrigado, pai — agradeceu e seguiu atrás de mim.

Lá de fora, encostados nos tijolos frios para não sermos vistos, ouvimos Bernie voltar ao quarto.

— Aonde eles foram? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu Peter, inocentemente. — Devo ter me desencontrado deles.

— Você está bem? — perguntei a Xavier quando já estávamos no carro. Eu sabia como me sentira mal mentindo para Ivy e Gabriel, e sabia que Xavier devia estar sentindo o mesmo agora, já que tinha muito respeito pelos pais.

— Mamãe supera essa — disse ele, sorrindo para mim. — Você é a minha prioridade, não se esqueça disso. Voltamos para casa calados e pensativos.

30
Pintando o Diabo

Por mais que eu tentasse, não conseguia aceitar a sugestão de Gabriel de aguardar orientação divina. Não era da natureza dele reagir com tanta cautela, o que me dizia tudo que eu queria saber: que Jake Thorn representava uma ameaça séria, e eu não podia cruzar os braços enquanto MoIly estava em suas garras.

Molly foi a primeira amiga que fiz em Venus Cove. Me pôs debaixo da sua asa, confiou em mim e se esforçou para me ver aceita. Se Gabriel - logo ele - não se sentia seguro para agir sozinho, então algo estava muito errado. Por isso, não pensei duas vezes. Sabia exatamente o que fazer.

— Vou ao armazém — avisei a Gabriel, tomando cuidado para manter uma expressão impassível para que ele não detectasse a mentira.

Meu irmão franziu a testa.

— Não é preciso. Ivy fez compras ontem.

— Bem, preciso distrair a cabeça de toda essa situação com Jake — argumentei, tentando uma tática diferente. Gabriel me lançou um olhar fixo, com uma expressão séria e os olhos prata desconfiados. Contar mentiras a ele nunca era fácil.

— Preciso sair um pouco de casa.

— Então vou com você — disse ele. Não quero você sozinha na rua nas atuais circunstâncias...

— Não vou sozinha — insisti. — Xavier vai comigo. Além disso, volto logo, no máximo em dez minutos.

Senti-me péssima mentindo descaradamente para ele, mas não havia alternativa.

— Não se preocupe tanto - disse Ivy para ele, dando uma palmadinha em seu braço. Ela confiava em mim com mais facilidade. — Um pouco de ar fresco fará bem aos dois.

Gabriel estalou a boca e entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— Está certo. Mas voltem direto para casa.

Dei a mão a Xavier e o empurrei em direção à rua. Ele ligou o carro sem falar nada. Pedi que virasse à esquerda no final da rua.

— Você tem um péssimo senso de direção — brincou ele, dando um sorriso que não condizia com seu olhar.

— Não estamos indo ao armazém.

— Sei disso. E acho que você é louca.

— Preciso fazer algo — confessei baixinho. — Vidas já foram perdidas por causa de Jake. Jamais nos perdoaríamos se Molly fosse a próxima.

Xavier não se convenceu.

— Beth, você acha realmente que vou levá-la ao encontro de um assassino? O sujeito é perturbado. Você ouviu o que o seu irmão disse.

— Não se trata mais de mim. Não estou preocupada.

— Pois eu, sim! Será que não percebe o risco que está correndo?

— Mas é minha obrigação! Por que acha que me mandaram para cá? Não foi para vender adesivos e trabalhar no sopão. A hora é esta, este é o nosso desafio! Não posso vacilar por excesso de medo.

— Talvez Gabriel tenha razão. Às vezes o medo é um bom conselheiro.

— E às vezes você precisa pegar o touro à unha — insisti. Xavier se irritou.

— Escute aqui, eu vou ao cemitério e trago a Molly. Você fica aqui.

— Ótima ideia — observei com sarcasmo. — Se há uma pessoa que Jake odeia mais que a mim, é você. Venha comigo ou volte para casa. Seja como for, eu vou ajudar a Molly. Vou entender se você não quiser participar...

Xavier fez uma curva ab-rupta na esquina seguinte e continuou dirigindo, em silêncio. À nossa frente havia um trecho reto da estrada. Reparei que as casas ficavam mais escassas à medida que seguíamos.

— Aonde você for, vou junto — disse ele.

O cemitério ficava no final de uma estrada larga e comprida, na saída da cidade. Paralelamente, corria uma ferrovia desativada, com vagões abandonados e corroídos pelo tempo. Os únicos prédios vizinhos eram velhas mansões caindo aos pedaços, com varandas cobertas de mato e janelas tapadas com tábuas.

O cemitério era da época em que a cidade começara a ser ocupada, mas tinha crescido bastante desde então, refletindo a chegada de ondas de imigrantes. A ala mais nova continha monumentos de mármore e santuários, todos meticulosa- mente conservados. Em vários dos santuários havia fotos dos mortos cercadas de velas que tremeluziam em vidros foscos, assim como pequenos altares, crucifixos e imagens de Jesus Cristo e da Virgem Maria com as mãos unidas em oração.

Xavier estacionou o carro do outro lado da rua, ligeiramente afastado do portão principal, para não chamar atenção. A essa hora do dia, os portões ficavam abertos, então atravessamos a rua e entramos. À primeira vista, o lugar parecia tranquilo. Vimos um visitante solitário e uma mulher idosa vestida de

preto, cuidando de uma das sepulturas mais recentes. Ela limpava o revestimento de vidro e substituía as flores já murchas por um ramo de crisântemos frescos, aparando os caules com uma tesoura. Estava tão absorta em sua tarefa que mal notou nossa presença. No mais, o lugar parecia deserto, a não ser por um ou outro corvo voando em círculos no céu e o suave zumbido de abelhas em torno dos arbustos de lilases. Embora não houvesse qualquer movimento humano, senti a presença de várias almas perdidas que assombravam o lugar onde haviam sido enterradas. Gostaria de parar e ajudá-las em sua jornada, mas tinha coisas mais urgentes na cabeça.

— Sei onde poderemos encontrá-los — disse Xavier, seguindo à minha frente para a parte mais antiga do cemitério.

Ali, uma cena diferente nos aguardava. Os túmulos eram velhos e abandonados, seus arremates de ferro batido cobertos de ferrugem. Um emaranhado de hera, com o passar do tempo, sufocara qualquer outra vegetação que possa ter havido ali e crescia indomado, enroscando as gavinhas obstinadas nas hastes de ferro, como se fossem cordas. Esses túmulos eram mais modestos e ficavam no chão. Alguns não ostentavam senão uma placa para identificar seu ocupante. Vi um trecho de grama cheio de pequenos cataventos e brinquedos de borracha que há muito tinham perdido o aspecto brilhoso e me dei conta de que se tratava da ala infantil. Parei para ler uma das lápides: Amelia Rose, 1949-1949, aos cinco dias de vida. Pensar nessa alminha que alegrou a Terra durante meros cinco dias me encheu de uma tristeza indescritível.

Xavier e eu seguimos caminhando em meio às lápides em ruínas. Poucas se encontravam intactas. A maioria afundara na grama, com as inscrições já desbotadas e quase ilegíveis. Outras não passavam de um emaranhado de pedras quebradas e mato. De vez em quando, topávamos com a escultura de um anjo, algumas enormes, outras pequenas, mas todas com semblante sombrio e braços abertos, como se dessem as boas-vindas.

Enquanto caminhava, eu estava ciente dos corpos que havia debaixo daquelas camadas de pedras lascadas. Minha pele formigava. Não eram os seres adormecidos sob nossos pés que me perturbavam, e sim o que poderíamos descobrir cada vez que virávamos uma esquina. Pude sentir o arrependimento de Xavier quanto à decisão de vir comigo, mas ele não demonstrava qualquer sinal de medo.

Paramos de súbito ao ouvir o som de vozes. Pareciam entoar algum tipo de lamento fúnebre. Prosseguimos, um passo após o outro, até que o volume das vozes aumentou e nos escondemos atrás de um enorme vidoeiro. Espreitando por

entre os galhos, avistamos um pequeno grupo. Calculei que devia haver umas 25 pessoas ali. Jake estava de pé sobre um túmulo coberto de musgo diante delas, as pernas afastadas e as costas retas como uma tábua. Vestia um casaco de couro preto e tinha um pentagrama invertido preso a um cordão no pescoço. Na cabeça, usava um chapéu de feltro cinza. Reconhecia aquele chapéu de algum lugar. Sua imagem despertou uma lembrança guardada no meu subconsciente. Então, atinei: a figura estranha e solitária no jogo de rúgbi. Ele surgira nas laterais, com o rosto encoberto, e, depois que Xavier se machucou, desapareceu como fumaça. Isso significava que Jake orquestrara a coisa toda! A ideia de que ele tentara ferir Xavier fez com que uma raiva ardente pulsasse em meu corpo, mas tentei abafá-la. Mais do que nunca, era preciso manter o sangue-frio.

Atrás de Jake, havia um anjo de três metros de altura feito de pedra. Acho que era uma das coisas mais assustadoras que eu já tinha visto na minha estada na terra. Apesar de se parecer com um anjo, transmitia uma sensação sinistra. Seus olhos eram pequenos, e ele tinha enormes asas negras que se destacavam majestosamente nas costas de um corpo imponente, que parecia capaz de esmagar qualquer coisa ou pessoa. Uma longa espada de pedra se encontrava presa à cintura musculosa. Jake estava sob sua sombra, como se o anjo o protegesse.

O grupo formava um semicírculo à sua volta. Seus componentes usavam roupas estranhas, alguns com capuzes que lhes encobriam totalmente o rosto e outros com trajes de renda preta esfarrapada e correntes, as faces brancas como giz e os lábios pintados de vermelho-sangue. Não davam a impressão de interagir, mas se aproximavam de Jake, um por um, faziam uma reverência e depositavam uma oferenda a seus pés. Era um espetáculo deplorável no meio da tarde, sob a claridade suave do sol. Perguntei-me como e com que tipo de promessas Jake afastara esses jovens de suas atividades normais para se juntarem a ele aqui e perturbar os que já se foram.

Jake ergueu as mãos, e o grupo ficou imóvel. Ele jogou o chapéu para o lado, e vi que seu cabelo comprido e escuro estava despenteado e embaraçado. Parecia quase um selvagem. Quando falou, sua voz deu a impressão de sair do próprio anjo de pedra.

— Bem-vindos ao lado negro — disse ele, soltando uma gargalhada macabra. — Embora eu prefira imaginá-lo como o *lado divertido*. — Ouviram-se murmúrios de admiração entre os seguidores. — Posso garantir a vocês que nada é mais gratificante do que o pecado. Por que não nos voltarmos para o prazer, se a vida nos trata com tamanha indiferença? Estamos aqui, todos nós,

porque queremos nos sentir vivos!

Ele passou a mão magra na pedra áspera da coxa do anjo e voltou a falar, com a voz escorrendo como uma substância pegajosa.

— Dor, sofrimento, destruição e morte são como música para nossos ouvidos, como doce para nosso paladar. É o que nos nutre, o que alimenta nossas almas. Vocês precisam aprender a rejeitar uma sociedade que promete tudo e não dá nada. Estou aqui para lhes mostrar como construir um significado próprio, por meio do qual irão se libertar dessa prisão onde todos se encontram acorrentados como animais. Vocês foram criados para governar, mas se tornaram tolos e fracos. Reivindiquemos nosso poder sobre a Terra!

Ele olhou para o grupo e sua voz tornou-se, repentinamente, aduladora como a de um pai persuadindo um filho. Sua mão agarrou o punho da espada de pedra do anjo.

— Vocês estão indo bem até agora, e estou satisfeito com esse progresso. Mas chegou a hora de dar adeus aos passos de formiga. Incito vocês a fazerem mais, a serem mais e a se livrarem dos grilhões que os prendem à sociedade bem-comportada. Invoquemos os espíritos perturbados da noite para nos ajudarem.

Suas palavras provocaram uma espécie de transe nos seguidores, como se eles tivessem se submetido a uma hipnose em massa. Jogando a cabeça para trás, eles começaram a dizer coisas incoerentes para o ar, alguns sussurrando, outros urrando. Era um som cheio de dor e vingança.

Jake deu um sorriso de aprovação e, em seguida, consultou seu relógio de ouro.

— Não temos muito tempo. Vamos ao trabalho. — Examinou, então a multidão. — Onde estão? Tragam-nos a mim.

Duas figuras foram empurradas, caindo aos pés de Jake. Ambas usavam casacos com capuz. Jake agarrou a mais próxima e tirou-lhe o capuz, revelando o rosto comum de um garoto que reconheci da escola, um aluno bastante reservado, que era discreto e fazia parte do clube de xadrez. Não tinha olheiras, e seus olhos eram verde-claros, e não pretos, como os dos demais. Apesar da aparência saudável, ele parecia abalado.

Jake pôs a mão na cabeça do garoto.

— Não tenha medo — ronronou numa voz sedutora. — Estou aqui para ajudá-lo.

Lentamente começou a desenhar sinais em espiral no ar, acima do garoto ajoelhado. De onde eu estava agachada, vi o garoto seguir os movimentos da

mão de Jake e examinar os rostos de seus seguidores, obviamente tentando avaliar a gravidade da situação. Talvez estivesse se perguntando se aquele não seria apenas um trote mais elaborado, um rito de iniciação que precisava ser enfrentado para obter a aceitação do grupo. Temi que se tratasse de algo bem mais sinistro.

Então, um dos seguidores entregou um livro a Jake. Era encadernado em couro preto e tinha as páginas amareladas.

Jake ergueu o livro em reverência e o deixou cair, aberto. Na mesma hora, uma rajada de vendo balançou as árvores e levantou poeira em torno das lápides atarracadas. Reconheci o livro pelas aulas a que assisti em meu outro lar.

— Não! — murmurei.

— O quê? — Xavier também ficou alarmado quando pôs os olhos no livro. — O que é aquilo?

— Um grimório — respondi. — Um livro de magia negra. Contém instruções para invocar espíritos e ressuscitar os mortos.

— Você só pode estar brincando.

Xavier parecia a ponto de se beliscar para tentar acordar do pesadelo em que caíra inesperadamente. Fiquei chocada com a sua inocência e quase morri de culpa por tê-lo arrastado até ali. Mas não era hora de perder a cabeça.

— Este é um mau sinal — comentei. — Os grimórios são muito poderosos.

Ainda sobre o túmulo, o peito de Jake começou a arfar quando a cantoria cresceu em ritmo e veemência, à medida que ele lia o livro. Abrindo os braços, exortou:

— *Exorior meus atrum amicitia quod vindicatum is somes*.

Aquilo era latim, mas não se assemelhava a nada que eu já tivesse ouvido antes; fora alterado, e, não sei como, eu sabia que era a línguagem do submundo.

— *Is est vestri pro captus* - entoou Jake, com as mãos contraidas no ar.

— O que ele está dizendo? — sussurrou Xavier.

Fiquei surpresa ao descobrir que podia traduzir perfeitamente aquelas palavras.

— Aproxima-te, amigo sombrio, e reivindica este corpo. Ele é teu, toma-o.

Os seguidores o observavam prendendo a respiração. Ninguém se mexia, ninguém emitia um som, sem ousar interromper qualquer que fosse o processo sobrenatural em curso.

Xavier estava tão hipnotizado a meu lado que precisei tocar sua mão para me assegurar de que ele continuava consciente. Ambos demos um salto quando um som como o de uma pedra se partindo encheu o ar e tivemos que resistir ao

impulso de tapar os ouvidos. Era um ruido estridente, como o de unhas arranhando um quadro- negro. O barulho cessou de repente, e uma nuvem de fumaça negra saiu da boca do enorme anjo de pedra. A fumaça desceu na direção de onde Jake estava e pareceu sussurrar em seu ouvido. Jake agarrou a cabeça do garoto e a inclinou para trás, obrigando-o a abrir a boca.

— O que você está fazendo? — perguntou o rapaz.

A nuvem negra pareceu rodopiar por um instante no ar antes de mergulhar na boca aberta do garoto e lhe descer pela garganta. Jack soltou-o, e o menino imediatamente emitiu um urro gutural. Agarrou a própria garganta e enfiou as unhas no corpo enquanto sofria uma convulsão, caído no chão. Seu rosto contorceu-se como se estivesse em profunda agonia. A meu lado, senti o braço de Xavier estremecer de raiva.

O garoto ficou deitado imóvel e, um instante depois, sentou-se e olhou à volta, com a expressão desnorteada transformando-se numa de prazer. Jake estendeu-lhe a mão e o pôs de pé. O garoto flexionou o corpo como se o descobrisse pela primeira vez.

— Seja bem-vindo de volta, amigo — disse Jake, e, quando o garoto se virou, vi que seus olhos verdes estavam negros como piche.

— Não acredito que eu não tenha percebido isso antes — me recriminei, pondo a cabeça entre as mãos. — Fiz amizade com ele, quis ajudá-lo... Eu devia ter pressentido que era um demônio.

Xavier pôs a mão no meu ombro.

— A culpa não é sua. — Seus olhos percorreram a congregação reunida aos pés de Jake. — São todos demônios?

Balancei a cabeça.

— Acho que não. Jake parece estar invocando espíritos vingativos para possuírem seus seguidores.

— Isso vai de mal a pior — murmurou Xavier. — De onde vêm esses espíritos? São os corpos enterrados nestas covas?

— Acho difícil — respondi. — Provavelmente são as almas dos amaldiçoados do submundo, bem diferentes dos demônios. Um demônio é uma criatura criada pelo próprio Lúcifer, e só adora a ele. É o mesmo que acontece com os anjos do Céu. Existem milhões de almas que vão para o Céu, mas elas não se tornam anjos. Anjos e demônios jamais foram humanos. Pertencem a uma classe diferente.

— Esses espíritos ainda são perigosos? — indagou Xavier.

— O que acontece às pessoas que eles possuem?

— O maior objetivo deles é causar destruição. Quando se apoderam do corpo de um humano, são capazes de obrigar essa pessoa a fazer qualquer coisa. É como se duas almas ocupassem o mesmo corpo. A maioria pode sobreviver, a não ser que o espírito tenha a intenção de danificar seu corpo. Eles não representam grande ameaça para nós, pois nosso poder é muito maior que o deles. Jake é o único que devemos temer.

Xavier e eu nos caiamos quando Jake recebeu a vítima seguinte. Mas eu não estava preparada para o que iria acontecer. Quando Jake baixou o capuz da figura à sua frente, vi uma familiar cascata de cachos avermelhados e um par de olhos azuis esbugalhados e temerosos.

— Não se preocupe, minha querida — disse Jake, descendo lentamente o dedo pelo pescoço de Molly até o peito. — Não vai doer muito.

Agarrei o braço de Xavier.

— Precisamos detê-lo. Não podemos deixar que faça mal a Molly! O rosto de Xavier estava pálido.

— Também quero acabar com Jake, mas, se interrompermos agora, não teremos como ganhar de todos eles. Precisamos dos seus irmãos — disse ele, balançando a cabeça. Percebi que Xavier finalmente reconhecera que não poderia derrotar Jake sozinho.

Dominada pelo ciúme e pelo desejo, uma das seguidoras de Jake atirou-se no chão e começou a se debater, com os olhos revirados, de forma que era possível ver suas pupilas, e a boca se abrindo e fechando. Identifiquei-a na mesma hora. Era Alexandra, da minha turma de literatura. Jake se abaixou e fez cessar sua agitação agarrando-a pelos cabelos com uma das mãos. Correu um dedo, sugestivamente, pelo pescoço exposto até a boca, onde parou. Ela respirava de forma pesada, e seu corpo arqueou-se contra o dele em êxtase, mas Jake se afastou e usou a ponta da bota para traçar uma linha de cima a baixo no corpo dela.

— Vamos embora — sussurrou Xavier. — Não dá mais para aguentar isso.

— Não posso ir sem a Molly.

— Beth, Jake não pode saber que estamos aqui.

— Não posso deixá-la, Xavier. Ele soltou um suspiro.

— Está bem, acho que tive uma ideia para resgatá-la, mas você terá que confiar em mim e me ouvir. Um movimento errado pode custar a vida dela.

Fiz que sim com a cabeça e esperei que Xavier prosseguisse, mas um grito de gelar o sangue chamou minha atenção. Molly estava de joelhos, com a mão de Jake agarrando com força a parte de trás do pescoço dela. A nuvem negra saía

da boca do anjo de pedra. O rosto de Molly estava pálido de dor e perplexidade, mas seus olhos continuavam fixos em Jake. Não consegui continuar olhando. Saí aos tropeços de trás da árvore, ignorando o grito de protesto de Xavier.

— O que está fazendo? — gritei. — Pare, Jake! Solte a Molly!

Quando olhei para Jake, seu rosto estava contorcido de fúria. Senti a presença de Xavier a meu lado. Ele se interpôs protetoramente entre mim e Jake.

Ao vê-lo, a raiva de Jake pareceu dissipar-se e ele cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha, numa expressão de quem estava se divertindo.

— Ora, ora. O que temos aqui? O Anjo da Misericórdia e seu...

— Molly, desça daí — gritou Xavier, e ela obedeceu sem dizer uma palavra, atônita demais para esboçar qualquer tipo de reação. Jake fechou a cara.

— Não se mexa — ordenou, e Molly congelou.

— Você! - Apontei um dedo para Jake. — Sabemos o que você é. Ele bateu palmas de forma lenta e zombeteira.

— Muito bem, nota dez. Você é uma detetive de primeira linha.

— Não vamos deixar que você se safe — disse Xavier.

— Somos quatro, e você é um só.

Jake soltou uma gargalhada, apontando para o grupo em torno de si.

— Na verdade, existem muitos de nós, e o número cresce a cada dia — corrigiu, rindo. Ao que tudo indica, sou muito popular.

Fitei-o horrorizada, percebendo que o pouco de otimismo que me restara se esvaía por completo.

— Vocês e suas boas ações não têm chance alguma — ameaçou Jake. É melhor desistirem.

— Nem pensar — rosnou Xavier.

— Que gracinha! — rebateu Jake. — O garoto humano acha que pode defender o anjo. Acredite. Eu posso e vou.

— Você acha, realmente, que é capaz de me fazer algum mal? — indagou Jake.

— Tente feri-la e você vai descobrir — respondeu Xavier. Os lábios de Jake se contraíram, revelando dentes pequenos e afiados.

— É bom saber que está brincando com fogo — alertou.

— Não tenho medo de me queimar — provocou Xavier.

Os dois se encararam durante um bom tempo, como se um estivesse desafiando o outro a agir primeiro. Dei um passo à frente.

— Solte a Molly — pedi. — Não há necessidade de machucá-la. Você não tem nada a ganhar com isso.

— Posso soltá-la de bom grado — concordou Jake sorrindo —, com uma condição...

— E qual é? — quis saber Xavier.

— Ficar com Beth no lugar dela.

O corpo de Xavier se enrijeceu de ódio, e seus olhos azuis faiscaram.

— Vá para o inferno!

— Pobre humano impotente — zombou Jake. — Você já perdeu um amor e agora vai perder outro.

— O que você disse? — perguntou Xavier, estreitando a vista. — Como você sabe isso?

— Ora, eu me lembro muito bem dela — respondeu Jake, sorrindo de um jeito doentio. — Emily, não é mesmo? Você nunca estranhou o fato de toda a família sobreviver, menos ela?

Xavier parecia prestes a vomitar. Agarrei sua mão, enquanto Jake prosseguia.

— Foi facílimo... Bastou amarrá-la à cama, enquanto a casa era consumida pelas chamas. Todo muito achou que ela morreu dormindo, ninguém a ouviu gritar por causa do barulho do fogo ardendo.

— Seu filho da mãe!

Xavier foi na direção de Jake, mas não foi muito longe. Jake sorriu com arrogância e seus dedos se contraíram. Antes que pudesse alcançá-lo, Xavier dobrou-se de dor, apertando o estômago. Tentou se endireitar, mas Jake atirou-o no chão com um movimento do pulso.

— Xavier! — gritei, correndo até ele. Senti seus ombros estremecerem de dor. — Deixe-o em paz! implorei a Jake. — Pare, por favor!

Mentalmente, tentei invocar a ajuda de Deus recitando, silenciosamente, uma prece.

— Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, livrai-nos do mal. Enviai Vosso espírito para nos ajudar e convocai os anjos da salvação. Pois Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre...

Os poderes de Jake, porém, encobriram a minha prece como se uma névoa negra e espessa se abatesse sobre mim, obrigando as palavras a grudarem em minha mente até eu ficar com a cabeça a ponto de explodir. Jake Thorn se alimentava de sofrimento e dor, e eu sabia que não seria capaz de derrotar alguém como ele sozinha. Xavier tinha razão. Quisera eu tê-lo ouvido. Já que ninguém viria em meu socorro, só havia um jeito de ajudar Xavier e Molly.

— Fique comigo! — gritei, abrindo os braços.

— Não! — exclamou Xavier, fazendo grande esforço para ficar de pé. Infelizmente, ele não era páreo para a força maléfica de Jake e voltou a desabar no chão.

Não hesitei. Corri e me atirei no meio do círculo. O grupo se fechou em torno de mim, entoando os cânticos numa voz enlouquecida, até Jake erguer a mão ordenando que recuassem.

Estendi a mão para Molly e consegui empurrá-la para longe das garras de Jake.

— Corra! — gritei, quase sem fôlego.

Senti o ar me fugir dos pulmões quando Jake me alcançou. A névoa negra me envolveu, e caí no chão, batendo forte com a cabeça na quina da base de pedra da estátua do anjo. Devo ter me cortado, pois senti um filete de sangue quente escorrer pela sobrancelha. Tentei me levantar, mas meu corpo se recusou a obedecer. Era como se a energia tivesse sido drenada de mim até a última gota. Abri os olhos e vi Jake de pé ao meu lado.

— Meus irmãos jamais deixarão você se safar dessa — murmurei.

— Acho que já me safei — rosnou Jake. — Dei a você a oportunidade de se juntar a mim, e você, boba, rejeitou.

— Você é maligno. Jamais me juntaria a você.

— Ah, ser travesso pode ser tão bom... — gargalhou Jake.

— Prefiro morrer.

— E de fato vai.

— Afaste-se dela — gritou Xavier, com a voz embargada de dor. Continuava ferido no chão e incapaz de se mexer. — Não ouse tocá-la!

— Ora, cale a boca! — cortou Jake. — Seu rostinho bonito não pode salvá-la agora.

A última coisa de que me lembro, antes de tudo escurecer, é do brilho ávido nos traiçoeiros olhos verdes de Jake e da voz de Xavier a me chamar.

31
Libertação

Acordei no banco traseiro de um carro espaçoso. Quando tentei me mexer, descobri que alguma força invisível me prendia ali. Vi Jake Thorn ao volante e percebi que eu estava entre Alicia e Alexandra, as meninas da aula de literatura. As duas, com os rostos inexpressivos e brancos como giz, me observavam como se eu fosse um objeto raro num museu, mantendo as mãos enluvadas no colo. Fiz um esforço para me mexer e quase consegui, batendo com o cotovelo nas costelas de Alexandra.

— Ela está ficando difícil — queixou-se a garota, e Jake lhe jogou um pacotinho embrulhado em papel de alumínio.

— Uma dessas deve resolver — disse ele.

Alicia me obrigou a abrir a boca com sua mão enluvada, enquanto Alexandra me enfiou uma pílula verde-claro garganta abaixo, ajudando-a a descer com um líquido que estava num cantil de prata. A bebida escorreu um pouco da minha boca e ardeu ao passar pela garganta. Fiquei engasgada, e não me restou alternativa senão engolir. Tossi e cuspi, e as duas trocaram um sorriso satisfeito. Seus rostos fantasmagóricos e seus olhos fundos começaram a ficar borrados, envoltos numa névoa azulada, e um zumbido no meu ouvido abafou qualquer outro som vindo do ambiente. A última coisa que registrei foi que meu coração batia mais rápido que o normal. Depois desabei no colo ossudo das duas garotas e mergulhei na escuridão.

† † †

QUANDO ABRI NOVAMENTE OS OLHOS, estava sentada no chão sobre um tapete desbotado, com as costas apoiadas em uma parede fria de gesso. Concluí que já devia estar ali há algum tempo, porque a friagem do aposento tinha penetrado a minha roupa e chegado à pele. Estava com as mãos amarradas, e meus dedos formigaram quando os flexionei. Os braços doíam depois de tanto tempo na mesma posição. Alguém amarrara uma corda apertada em torno da minha cintura e tapara minha boca com um pano sujo, que dificultava a respiração. Senti cheiro de gasolina.

Olhei à volta para averiguar o lugar sob a penumbra, tentando descobrir

para onde Jake teria me levado. Não se tratava de um calabouço, como de início imaginei. Em vez disso, se parecia com uma sala de estar formal de uma mansão vitoriana. O cômodo era amplo e arejado, com tetos altos e luminárias em forma de botões de rosa entrelaçados. Os tons quentes do tapete sugeriam que fosse persa, mas ele cheirava a mofo. Havia um odor de fumaça de charuto no ar. Dois sofás *chesterfield*, que já tinham visto dias melhores, ficavam de frente um para o outro, ladeados por mesinhas com tampo de mármore e pernas de metal. Sobre um aparador de mogno viam-se garrafas de cristal tão empoeiradas que mal era possível distinguir os líquidos âmbar e cor de ameixa que continham. No meio da sala, havia uma mesa de jantar comprida de cedro encerado com pernas laboriosamente esculpidas. As cadeiras de espaldar alto que a circundavam eram estofadas de veludo vinho. No centro, um imenso castiçal de prata chamava atenção, cujas velas, acesas, projetavam sombras alongadas de um lado a outro do aposento. Litografias estranhas e mapas de mundos antigos estavam por todo canto, pendurados sobre um papel de parede listrado em mau estado. Retratos em molduras pesadas com detalhes dourados pendiam acima da lareira, e os rostos retratados me observavam com malícia, como se soubessem de um segredo que eu ainda não descobrira. Um dos retratos era de um cavalheiro de aparência renascentista com o pescoço adornado por uma gola de pregas. No outro, via-se uma mulher cercada pelas cinco filhas, que lembravam ninfas, todas com penteados pré-rafaelitas e vestidos esvoaçantes.

Uma camada de pó cobria tudo à volta, inclusive os quadros. Perguntei-me há quanto tempo a casa, que parecia congelada no tempo, estaria abandonada. Uma gigantesca teia de aranha estendia-se graciosamente de um lado a outro do teto, como um lençol de musselina. Examinando mais atentamente, vi que em tudo havia indícios de decadência. As cadeiras da mesa de jantar pareciam comidas por traças, as molduras dos quadros estavam tortas, os sofás de couro, gastos, e manchas de umidade no teto denunciavam infiltrações. Tudo continuava no lugar, como se os proprietários tivessem saído às pressas um dia, esperando voltar, o que nunca aconteceu. As janelas tinham sido tapadas com tábuas, de modo que apenas algumas réstias de luz natural penetravam, projetando-se aqui e ali no tapete.

Todo o meu corpo doía. e minha cabeça estava pesada e zonza. Dava para ouvir vozes distantes vindas de algum lugar, mas ninguém aparecia. Fiquei ali sentada, ao que tudo indica durante horas, e comecei a sentir na pele o que Gabriel quis dizer quando falou sobre certas necessidades do corpo humano. Sentia-me prestes a desfalecer de fome, minha garganta estava seca e irritada por

falta de hidratação, e eu precisava desesperadamente ir ao banheiro. Deslizei para um estado de semiconsciência até que, por fim, percebi que alguém tinha entrado na sala.

Quando foquei o olhar e me sentei, vi Jake Thorn sentado na" cabeceira da mesa de jantar. Vestia um paletó de smoking, por mais estranho que possa parecer, e tinha os braços cruzados. No rosto, trazia seu já familiar sorriso forçado.

— Lamento ter acabado assim, Bethany — disse ele. Aproximou-se de mim para desamarrar o pano que tapava minha boca. Sua voz era pegajosa. — Tentei lhe dar a chance de uma vida a dois.

— Uma vida com você seria pior que a morte — rebati num sussurro rouco. Vi o rosto dele endurecer. Os felinos olhos negros cintilaram.

— Seu estoicismo é admirável. Na verdade, acho que talvez seja uma das coisas que mais admiro em você. Neste caso, porém, acredito que vá se arrepender da escolha que fez.

— Você não pode me fazer mal — respondi. — O máximo que pode acontecer é eu voltar para a vida de antes.

— Essa é a pura verdade — confirmou Jake, sorrindo. — Que pena que a sua *outra metade* ficará para trás. Não sei o que será dele quando você não estiver mais aqui.

— Não ouse ameaçá-lo!

— Toquei na ferida? — indagou Jake. — Realmente me pergunto como Xavier irá reagir quando descobrir que a sua preciosidade desapareceu misteriosamente. Espero que ele não parta para algum ato radical. A dor é capaz de levar os homens a se comportarem das maneiras mais estranhas.

— Deixe Xavier fora disso. — Lutei para me libertar da corda. — Podemos resolver isso entre nós dois.

— Acho que você não está em posição de negociar, não é mesmo?

— Por que está fazendo isso, Jake? Que vantagem pensa que vai ter?

— Depende da sua definição de vantagem. Sou um servo de Lúcifer, afinal. Sabe qual foi o maior pecado de Lúcifer?

— O orgulho.

— Exatamente. E por isso, você não devia ter ferido o meu. Eu não gostei.

— Não foi minha intenção, Jake... Ele me cortou.

— Esse foi seu erro, e é aqui que ficamos quites. Será um belo espetáculo ver o exemplar representante da escola tirar a própria vida. Nossa, o que será que vão dizer?

— Xavier jamais faria isso! — gritei entre os dentes, sentindo meu coração parar por um instante.

— Não, ele não faria — concordou Jake. — Não sem uma ajudinha minha. Posso entrar na cabeça dele e fazer algumas sugestões úteis. Não deve ser difícil. Ele já terá perdido o amor da vida dele, não é? Isso o deixará muito vulnerável. O que devo obrigá-lo a fazer? Atirar-se dos penhascos da Costa do Naufrágio? Bater o carro numa árvore, cortar os pulsos, afogar-se no mar? São tantas as opções...

— Você faz isso porque está ferido — argumentei. — Matar Xavier não vai trazer a sua felicidade de volta. Matar a mim não vai lhe dar satisfação.

— Chega desse papo furado!

Tirando uma faca afiada de dentro do paletó, Jake se inclinou e, com movimentos curtos e precisos, cortou as cordas que me amarravam. Meus braços e minhas mãos doeram ainda mais depois de libertos. Jake me puxou, e eu fiquei ajoelhada a seus pés. Vi seus sapatos pretos lustrosos com as bíqueiras pontudas, e, naquele momento, não me importei com a dor no meu corpo ou o latejar na minha cabeça, nem mesmo com as sensações de enjôo e de fraqueza decorrentes da fome. Tudo em que pensava era tentar ficar de pé. Não iria fazer reverência para um Anjo das Trevas. Preferia morrer a trair minha fidelidade ao Céu me rendendo a Jake.

Estendi uma das mãos e me apoiei à parede, usando esse artifício para me levantar. Gastei toda a minha energia e não sabia se daria conta de prosseguir. Meus joelhos queriam dobrar-se sob o meu peso.

Jake me observava se divertindo.

— Não é o momento mais propício para se preocupar com lealdade — zombou. — Não percebe que tenho a sua vida na palma da mão? Idolatre-me se quiser viver e ver seu amado Xavier novamente.

— Renuncio a você e todas as suas obras — respondi calmamente.

Minhas palavras o enfureceram. Ele me ergueu no ar e me atirou contra a mesa de jantar. Minha cabeça bateu no tampo com um baque, antes que eu escorregasse para o chão e desabasse de vez. Uma substância grudenta começou a escorrer pela minha testa.

— Tudo bem aí embaixo? — indagou Jake, presunçoso, de onde estava, encostado à beira da mesa. Ele tocou com rudeza a ferida no meu rosto, e suas mãos irradiaram calor. — Não precisa ser desse jeito — murmurou ele. Esperou que eu consentisse, mas permaneci muda. — Bem, se a sua resposta é essa, não me resta alternativa. Vou ter que arrancar de você todo e qualquer vestígio de

bondade e retidão — alertou-me gentilmente. — Quando eu terminar, não terá sobrado nem um vestígio de integridade ou franqueza.

Ele se inclinou sobre mim, fazendo com que seu cabelo caísse sobre os olhos faiscantes. Estava a centímetros, e eu podia ver cada traço, a curva das maçãs do rosto salientes, a linha fina da boca, a barba crescendo no queixo.

— Vou deixar sua alma absorver as trevas e depois reivindicá-la para mim.

Meu corpo começou a tremer quando ouvi essas palavras. Agarrei-me desesperadamente às pernas da mesa, à procura de apoio, um meio de escapar. Jake passou uma das mãos lentamente ao longo de todo o meu braço, saboreando o contato. Minha pele queimava e latejava, e, quando baixei os olhos, vi um lanho vermelho onde seu toque me queimara.

— Acho que você não voltará para o Céu, Bethany, porque, quando eu terminar com você, eles não vão querê-la de volta.

Ele afagou meu rosto com um único dedo e depois seguiu o contorno dos meus lábios. Senti minha pele transformar-se numa máscara em chamas.

Virei-me e me debati furiosamente, mas Jake me segurou firme e me obrigou a olhar para ele. Seus dedos pareciam furar minhas bochechas.

— Não fique nervosa, meu anjo, somos muito hospitaleiros no inferno.

Ele me beijou num gesto rude, com o peso do corpo me pressionando antes de se afastar. Espasmos de calor atravessaram todo o meu corpo, como se eu estivesse queimando.

— Está na hora de dizer adeus, srta. Church.

† † †

JAKE FECHOU OS OLHOS E SE CONCENTROU tanto que vi brotarem gotas de suor em sua testa. Uma veia pulsava junto às têmporas. Então, lentamente endireitou-se, estendeu as mãos e segurou minha cabeça.

Foi quando aconteceu. A sensação de inúmeras agulhas quentes, penetrantes, perfurando a minha mente tomou conta de mim, e num único momento vi, concentrado, todo o mal já perpetrado desde a aurora dos tempos, todas as calamidades conhecidas pelo homem reunidas em imagens desconexas, uma série de flashes tão intensos que achei que meu cérebro fosse explodir.

Vi crianças ficando órfãs em tempos de guerra, cidades transformadas em pó por causa de terremotos, homens sendo mortos por armas de fogo, famílias passando fome devido à seca. Vi homicídios. Ouvi gritos. Senti todas as injustiças do mundo. Todas as doenças conhecidas pela humanidade perpassaram

meu corpo. Todos os sentimentos de medo, dor e impotência tomaram conta de mim. Senti cada morte violenta com precisão. Estava no carro em que Grace sofreu a batida. Fui um homem em um acidente de barco, me afogando no oceano, esmagado pelo peso das ondas. Fui Emily, devorada viva em sua cama pelas chamas. E enquanto passava por tudo isso ouvia ao fundo uma gargalhada impiedosa que sabia ser de Jake.

A dor de milhões de pessoas penetrou minha carne terrena como cacos de vidro. Estava vagamente ciente do meu corpo contorcendo-se no chão, das minhas mãos apertando as têmporas. Eu era um anjo e ia sendo tomada por toda a agonia e escuridão existentes no mundo. Abri a boca para implorar a Jake que pusesse fim ao meu sofrimento, mas não consegui emitir som algum. Não me sobrara voz sequer para implorar que ele me matasse. O cerco prosseguiu, as imagens tenebrosas fluindo de Jake para mim até que respirar tornou-se uma tarefa quase impossível.

Jake retirou as mãos da minha cabeça, e senti meu corpo afundar, experimentando um momento de puro alívio. Foi então que vi o fogo, crescendo e tomando tudo em seu caminho, e percebi de repente que a sala estava cheia de fumaça. O lustre estremeceu e depois caiu, e pedaços do teto cederam, fazendo com que gesso e minúsculas contas de vidro desabassem como uma cascata sobre a mesa de jantar. A alguns metros de distância, as cortinas pegaram fogo, espalhando uma chuva de brasas em todas as direções. Cobri a cabeça, mas algumas brasas aterrissaram em minhas mãos. Meu corpo ainda latejava e tremia sob o impacto daquelas terríveis lembranças. Meus pulmões estavam saturados de fumaça, os olhos ardiam, e a cabeça rodava. Percebi que estava ficando inconsciente. Lutei, mas era uma batalha praticamente perdida. Só conseguia ver o rosto de Jake emoldurado por um círculo de fogo.

Foi então que a parede da outra extremidade da sala foi derrubada como se numa explosão. Por um instante, vi a rua deserta do outro lado, antes que uma claridade estonteante tomasse conta de tudo. Jake cambaleou e retrocedeu, protegendo os olhos com as mãos. Gabriel surgiu dos escombros, com as asas abertas e a espada cintilando como uma coluna de luz branca em sua mão. O cabelo ondulava em suas costas como fitas de ouro. Xavier e Ivy vinham logo atrás, e ambos correram até onde eu estava. Xavier, com o rosto lavado de lágrimas, já ia me tomando nos braços quando Ivy o impediu.

— Não a movimente — disse minha irmã. — Seus ferimentos são muito graves. Temos que dar início ao processo de cura aqui mesmo.

Xavier apanhou meu rosto com as mãos.

— Beth? — Senti seus lábios próximos à minha face. — Está me ouvindo?

— Ela não pode responder — explicou Ivy numa voz doce, e senti seus dedos tocarem minha testa. Sacudi-me no chão enquanto a energia curativa de Ivy fluía para mim.

— O que está acontecendo com ela? — gritou Xavier, ao me ver estremecendo. Senti meus olhos se revirarem e abri a boca num grito mudo. — Você está machucando a Beth!

— Estou drenando as memórias negativas do corpo dela — disse Ivy. — Elas irão matá-la se eu não o fizer.

Xavier estava tão perto de mim que pude ouvir as batidas do seu coração. Agarrei-me a esse som, acreditando que fosse a única coisa capaz de me manter viva.

— Vai dar tudo certo — disse Xavier devagarzinho. — Acabou. Estamos aqui. Ninguém pode machucar você agora. Ouça a minha voz, Beth, fique aqui comigo.

Fiz força para me sentar e vi meu irmão surgir em meio a uma parede de chamas. Ele emitia ondas de luz e quase doía olhar, tão luminosa e bela era sua imagem. Atravessando o fogo, Gabriel postou-se cara a cara com Jake Thorn, e, pela primeira vez, vi uma expressão de medo tomar o rosto de Jake, que rapidamente se recompôs e contraiu os lábios em seu conhecido sorriso forçado.

— Estou vendo que veio brincar, hein? Como nos velhos tempos...

— Vim pôr um ponto final em seus joguinhos — respondeu Gabriel num tom grave.

Meu irmão endireitou os ombros, e um vento uivante soprou, sacudindo os vidros das janelas e arremessando ao chão os quadros das paredes. Relâmpagos cortaram o Céu escarlate, como se o Firmamento se rebelasse. No meio de tudo impunha-se Gabriel, o corpo potente ondulando e cintilando como uma coluna de ouro. A espada reluzia incandescente, zunindo em sua mão como se estivesse viva. Jake Thorn vacilou diante do que viu. Quando Gabriel falou, sua voz lembrava um trovão.

— Vou lhe dar uma única chance — disse ele. — Você ainda pode se arrepender dos seus pecados. Você ainda pode virar as costas a Lúcifer e renunciar a suas obras.

Jake cuspiu no pé de Gabriel.

— É tarde demais para isso, não acha? De qualquer forma, gentileza sua em oferecer.

— Nunca é tarde demais — respondeu meu irmão. — Sempre há esperança.

— A única esperança que tenho é de ver seu poder destruído — sibilou Jake.

O rosto de Gabriel se endureceu, e quaisquer traços de piedade desapareceram de sua voz.

— Então suma — ordenou. — Não há lugar para você aqui. Volte para o inferno, onde foi exilado desde o princípio.

Levantando a espada, Gabriel fez as chamas se erguerem como criaturas vivas para envolver Jake, dando voltas acima da sua cabeça como abutres prestes a atacar a presa. Porém, de repente, elas congelaram. Algo as mantinha afastadas — o poder de Jake parecia protegê-lo. E assim ficaram ambos, anjo e demônio, presos a uma silenciosa batalha comandada pelo pensamento, a espada incandescente entre os dois marcando a divisão entre dois mundos. Os olhos de Gabriel faiscavam com a fúria dos Céus, e os de Jake, com a sede de sangue do inferno. Em meio à névoa de dor que me dominava corpo e mente, senti uma onda de medo fria e terrível. E se Gabriel fracassasse na missão de derrotar Jake? O que seria de nós? Reparei que havia enlaçado meus dedos nos de Xavier — suas mãos estavam refrescando minha pele ferida pelo fogo. Quando ele me abraçou, notei que uma luz estranha brilhava nos lugares onde nossos dedos se uniam. Logo, ela nos envolveu, estendendo-se o suficiente para cobrir os corpos de nós dois. Percebi que, se apertasse um pouco mais a mão de Xavier e o puxasse para perto de mim, a luz parecia reagir e espalhar-se mais, como um escudo protetor. O que era aquilo? O que significava? Xavier sequer notara, de tão concentrado em tentar acalmar meu corpo trêmulo, mas Ivy, sim. Ela se inclinou e sussurrou em meu ouvido.

— É seu dom, Bethany. Use-o.

— Não entendo. Como?

— Você tem o dom mais poderoso de todos. Sabe o que fazer com ele.

Minha mente não captou a mensagem de Ivy, mas de alguma forma meu corpo soube o que fazer. Agarrei-me ao restante de energia que sobrara em mim, tentando afastar a dor que ameaçava me dominar e erguendo a cabeça, chegando perto de Xavier. Quando nossos lábios se encontraram, todos os pensamentos negativos desapareceram da minha mente e tudo que vi foi ele. Jake Thorn deu um pulo para trás quando a luz explodiu em raios estonteantes, emanando dos nossos corpos entrelaçados e inundando o ambiente. Jake gritou e tentou usar os braços para se proteger, mas a luz o envolveu como tentáculos de fogo. Ele se debateu e contorceu brevemente, antes de se render e permitir que as chamas lambessem seu torso e se enrascassem como tentáculos em seu corpo.

— O que é isso? — perguntou Xavier, enquanto protegia os olhos contra o brilho ofuscante. Ivy e Gabriel, que estavam imóveis, calmamente deixando que a luz os banhasse, viraram-se para encará-lo.

— Você mais do que ninguém deveria saber — respondeu Ivy. — É o amor.

Xavier e eu permanecemos abraçados enquanto a sala sacudia e a luz abria um buraco no chão.

Foi nesse abismo que Jake Thorn desapareceu. Nossos olhares se encontraram antes que ele caísse. Apesar de torturado, Jake continuava a sorrir.

32
Após a Tempestade

Nas semanas seguintes, meus irmãos fizeram o possível para consertar os estragos que Jake deixara para trás. Visitaram as famílias afligidas pelos crimes que ele cometeu e levaram bastante tempo tentando restabelecer a confiança dos moradores de Venus Cove.

Ivy cuidou de Molly e dos outros que tinham sucumbido ao feitiço de Jake. Os espíritos das trevas que se apoderaram de seus corpos foram sugados de volta ao inferno juntamente com aquele que os ressuscitara. Minha irmã apagou a lembrança das atividades de Jake da mente dos jovens, com o cuidado de não interferir em outras memórias. Foi como apagar palavras de um livro de histórias — era preciso selecioná-las com muito cuidado ou corria-se o risco de descartar algo importante. Quando Ivy terminou, eles se lembravam do novato Jake Thorn, mas ninguém se recordava de ter qualquer ligação com ele. Foi enviada uma mensagem à direção da escola, informando que Jake tinha sido tirado da Bryce Hamilton por desejo do pai e que voltaria para o colégio interno na Inglaterra. O fato deu margem a fofocas durante um ou dois dias, até que os alunos o abandonaram em benefício de preocupações mais imediatas.

— O que será que aconteceu com aquele bonitão inglês? — perguntou-me Molly duas semanas após ter sido resgatada. Sentada na minha cama, ela lixava as unhas. — Qual era mesmo o nome dele? Jack, James...?

— Jake. Ele voltou para a Inglaterra.

— Que pena — comentou Molly. — Eu gostava das tatuagens dele. Você acha que devo fazer uma? Pensei em escrever "leirbag".

— Está pensando em tatuar o nome de Gabriel ao contrário?

— Droga. E tão óbvio assim? Preciso pensar em outra coisa.

— Gabriel não gosta de tatuagens. Ele diz que o corpo humano não é um quadro de avisos.

— Obrigada, Bethie — agradeceu Molly. — Sorte a minha contar com você para me impedir de tomar decisões ruins.

Era difícil conversar com Molly como eu costumava fazer. Algo em mim estava diferente. Fui o único membro da família que não se recuperou do embate com Jake. Na verdade, haviam se passado semanas desde o incêndio, e eu ainda não tinha saído de casa. No início, foi por causa das minhas asas, que sofreram

queimaduras sérias e precisavam de tempo para sarar por completo, depois simplesmente me faltou coragem. Contentei-me em ser um fantasma. Passada a minha sede inicial por experiências humanas, tudo que eu queria era o santuário do lar. Não conseguia pensar em Jake sem que as lágrimas brotassem em meus olhos. Tentava esconder dos outros, mas quando não havia ninguém por perto meu autocontrole falhava e eu chorava copiosamente — não só por causa do sofrimento que ele provocara, mas também porque tudo poderia ter sido diferente, caso ele tivesse me deixado ajudá-lo. Eu não o odiava. O ódio era uma emoção muito forte, e não me sobrara energia suficiente para nutri-lo. Deparei-me pensando em Jake como uma das criaturas mais tristes do Universo. Ele viera com o propósito de cobrir nossas vidas de trevas, mas, na verdade, não conseguira nada. Ainda assim, eu tentava não pensar no que poderia ter acontecido se Gabriel não invadisse o locaí onde eu estava aprisionada naquele momento. Mas a idéia teimava em surgir na minha mente e me empurrar de volta para a segurança do meu quarto.

As vezes eu observava, da janela, a vida passar. A primavera virou verão, e senti os dias ficarem mais iongos. Reparei que o sol chegava mais cedo e ficava mais tempo. Admirava os pardais tecendo seus ninhos nos beirais da casa. Via as ondas lambendo preguiçosamente a areia ao longe.

A visita de Xavier era a única hora do dia que eu esperava ansiosamente. Claro que Ivy e Gabriel me deram todo o apoio, mas sempre pareciam meio distantes, ainda muito ligados ao nosso velho lar. Na minha cabeça, Xavier era a personificação da Terra — sólido como rocha, estável e seguro. Eu me preocupara com o fato de que a experiência com Jake Thorn pudesse mudá-lo, mas sua reação a tudo que aconteceu foi nula. Ele mergulhou na missão de cuidar de mim, tendo aparentemente aceitado o mundo sobrenatural sem questionamentos.

-— Talvez eu não queira respostas — disse ele, quando toquei no assunto uma tarde. — Já vi o suficiente para acreditar.

— Mas você não fica curioso?

— É como você falou — argumentou, sentando-se ao meu lado e prendendo uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Há certas coisas que estão além da compreensão humana. Sei que o Céu e o inferno existem e vi o que pode sair de um e de outro. Por enquanto é tudo que preciso saber. Perguntas não teriam qualquer finalidade agora.

Sorri.

— Quando você se tornou tão sábio? Xavier deu de ombros.

— Bom, tenho andado com um pessoal que está por aí desde a criação do mundo. Espera-se que eu adquira alguma perspectiva tendo um anjo como minha outra metade.

— Você me chamaria de sua outra metade? — indaguei sonhadoramente, passando o dedo no cordão de couro em seu pescoço.

— Claro. Quando não estou com você, parece que estou usando óculos que fazem o mundo ficar cinza.

— E quando está comigo? — perguntei baixinho.

— Tudo fica em tecnicolor.

As provas finais de Xavier se aproximavam, mas nem por isso ele deixava de me visitar diariamente, sempre atento, sempre examinando meu rosto em busca de sinais de melhora. Todo dia me trazia alguma coisa: um artigo de jornal, um livro da biblioteca, uma história para contar ou biscoitos que ele mesmo tinha preparado. Autopiedade não era uma opção com ele por perto. Se houve momentos no passado em que duvidei do seu amor, essas dúvidas não mais existiam.

— O que acha de tentarmos sair para uma caminhada hoje? — sugeriu Xavier. — Talvez até a praia? Você pode levar o Phantom se quiser.

Às vezes me sentia tentada, mas em seguida a ideia do mundo lá fora me sufocava e eu me enfiava debaixo das cobertas.

— Tudo bem. — Xavier não insistia no assunto. — Quem sabe amanhã? Que tal ficarmos em casa e prepararmos o jantar juntos?

Assenti calada, chegando mais perto dele e olhando seu rosto perfeito com aquele meio sorriso divertido e a mecha de cabelo castanho caindo na testa. Tudo era maravilhosamente familiar.

— Você tem uma paciência de santo — comentei. — Acho que teremos que pedir sua canonização.

Ele riu e pegou minha mão, satisfeito de ter um vislumbre do meu antigo senso de humor. Eu o segui até lá embaixo, de pijama, ouvindo-o sugerir receitas. Sua voz era tão relaxan-te que parecia um bálsamo acalmando minha mente ansiosa. Sabia que ele ficaria comigo conversando e me falando coisas até que eu pegasse no sono. Cada palavra sua me empurrava, suavemente, de volta à vida.

Mas nem mesmo a presença de Xavier me protegia dos pesadelos. Toda noite era a mesma coisa, e eu acordava suando frio. Logo me dava conta de que estivera sonhando, mesmo enquanto o sonho se desenrolava na minha cabeça. Há semanas vinha tendo o mesmo sonho, mas ele ainda conseguia me aterrorizar

e me fazer acordar com o coração na boca e os punhos cerrados.

No sonho, eu voltava ao Céu, tendo abandonado para sempre a Terra. A profunda tristeza que eu sentia era tão real que, quando despertava, parecia ter uma bala no peito. O esplendor do Céu não me dizia nada, e eu implorava ao Nosso Pai que me desse mais tempo na Terra. Defendia meu caso com afinco e chorava lágrimas amargas, mas meu pedido não era atendido. Em desespero, via os portões se fecharem atrás de mim e sabia que não havia como escapar. Eu já tivera minha oportunidade e a deixara passar.

Embora estivesse em casa, sentia-me uma estranha. Não era o retorno em si que me doía tanto, mas a lembrança do que eu deixara para trás. A ideia de nunca mais tocar em Xavier, de nunca mais ver seu rosto, me atacava como as garras de uma ave de rapina. No sonho, eu o perdera. Seus traços ficavam borrados quando eu tentava recordá-los. O mais difícil é que eu nem mesmo tivera a chance de lhe dizer adeus.

A vastidão da eternidade se estendia bem à minha frente, e tudo que eu desejava era a mortalidade terrena. Mas não havia nada a fazer. Não podia desafiar as leis imutáveis da vida e da morte, do Céu e da Terra. Não podia sequer alimentar qualquer esperança, pois nada havia a esperar. Meus irmãos e irmãs se revezavam me oferecendo palavras de conforto, mas eu estava inconsolável. Sem ele, nada no meu mundo fazia sentido.

Apesar da aflição causada pelo sonho, não me importava com a insistência daquelas imagens perturbadoras, desde que eu pudesse acordar e saber que Xavier logo estaria comigo. O importante era acordar. Acordar para sentir o calor do sol entrando pelas janelas francesas, para encontrar o meu fiel Phantom dormindo aos meus pés e as gaivotas voando em círculos acima de um mar azul-celeste. O futuro podia esperar. Tínhamos enfrentado uma grande provação juntos, ele e eu, e tínhamos sobrevivido. Saíramos dela feridos, porém mais fortes. Eu não podia crer que o Céu que eu conhecia pudesse ser tão cruel a ponto de nos separar. Não sabia o que o futuro reservava, mas tinha certeza de que, o que quer que fosse, o enfrentaríamos juntos.

† † †

FAZIA SEMANAS QUE EU SOFRIA DE INSÔNIA. Sentava na cama e observava lascas de luar refletidas no chão. Tinha desistido de dormir — toda vez que fechava os olhos, me dava a impressão de sentir mãos passando no meu rosto ou uma sombra escura esgueirando-se pela porta do quarto. Uma noite,

cheguei a olhar pela janela e pensar ter visto o rosto de Jake Thorn nas nuvens.

Levantei da cama e abri as portas da sacada. Um vento frio varreu o quarto, e vi nuvens negras baixas no Céu, anunciando uma tempestade. Desejei que Xavier estivesse comigo. Imaginei-o me envolvendo em seus braços e colando seu corpo quente no meu. Ele encostaria os lábios na minha orelha e me diria que tudo ia dar certo, que eu sempre estaria segura. Mas Xavier não estava ali, e me vi de pé sozinha quando as primeiras gotas de chuva molharam meu rosto. Sabia que me encontraria com Xavier pela manhã quando ele viesse me apanhar de carro rumo à escola, mas a manhã parecia tão distante que a idéia de esperá-la sozinha no escuro me provocou enjôo. Encostei-me ao corrimão de ferro da sacada e inspirei o ar frio. Vestia apenas a minha camisola fina de algodão, que esvoaçou à minha volta como se o vento tentasse me derrubar. Via o mar ao longe, e ele lembrava um animal negro adormecido. As ondas subiam e desciam quase como se respirassem. Quando o vento uivante me alcançou, um estranho pensamento brotou na minha cabeça. Era quase como se o vento tentasse me erguer, me fazer voar. Consultei o rádio-relógio na mesinha de cabeceira. Passava da meia-noite, então toda a vizinhança estaria dormindo. Por um instante foi como se o mundo inteiro me pertencesse. Antes que eu me desse conta, tinha subido na grade e me balançava. Estendi os braços acima da cabeça. O ar era refrescante. Peguei uma gota de chuva com a língua e ri alto, de tão relaxada que estava subitamente me sentindo. Um relâmpago iluminou o horizonte, onde Céu e mar se encontravam. Uma sensação inexplicável de aventura tomou conta de mim, e então pulei.

Por um momento, me perguntei se estaria caindo, antes de perceber que algo me segurava no ar. Minhas asas tinham rompido o tecido fino da camisola e batiam suavemente. Deixei que me levassem mais alto e agitei as pernas como uma criança empolgada. Dentro de instantes, os telhados estavam abaixo de mim, e eu subia e descia no Céu noturno. Trovoadas faziam a Terra estremecer, e relâmpagos iluminavam a escuridão, mas não tive medo. Sabia exatamente aonde queria ir. Sabia de cor o caminho até a casa de Xavier. Era surreal sobrevoar a cidade adormecida — passei pela Bryce Hamilton e as conhecidas ruas vizinhas. Senti como se voasse sobre uma cidade fantasma, mas no fundo tinha a noção de que a qualquer momento podia ser vista, e isso me deliciava. Sequer tentei me esconder atrás das nuvens carregadas de chuva.

Em pouco tempo me vi no gramado macio da casa de Xavier. Fui, com um passo após o outro, até os fundos da casa, onde ficava o quarto dele. A janela estava aberta para deixar entrar a brisa noturna, e o abajur ao lado da cama ficara

aceso. Xavier dormia com o livro de química aberto sobre o peito. Por algum motivo, o sono fazia com que ele parecesse muito mais-jovem. Ainda vestia sua calça de moletom desbotada e a camiseta branca folgada. Um braço descansava atrás da cabeça, e o outro, ao lado do corpo. Seus lábios estavam entrea-bertos, e observei o suave movimento do seu peito subindo e descendo. Sua expressão era tranqüila, como se não tivesse uma única preocupação no mundo.

Recolhi minhas asas e entrei silenciosamente. Na ponta dos pés me aproximei da cama e estendi a mão para pegar o livro. Xavier se mexeu, mas não acordou. Fiquei parada ao pé da cama, observando-o dormir e, de repente, me senti mais perto do Criador do que jamais me sentira no Reino. Ali, diante de mim, dormia a Sua maior criação. Os anjos foram criados para montar guarda, mas era como se eu pudesse sentir em Xavier um enorme poder — o poder de mudar o mundo. Ele era capaz de fazer o que quisesse, de ser quem quisesse. De repente, percebi o que eu mais desejava no mundo: que ele fosse feliz, estando ou não em minha companhia. Por isso, me ajoelhei, baixei a cabeça e rezei a Deus, pedindo-lhe que abençoasse Xavier e o protegesse de qualquer perigo. Rezei para que ele tivesse uma vida longa e próspera. Rezei para que todos os seus sonhos se realizassem. Rezei para que eu pudesse sempre estar em contato com ele de alguma forma — ainda que já tivesse partido da Terra.

Antes de ir embora, dei uma última olhada em seu quarto. Registrei a flâmula do L.A. Lakers presa à parede, li as inscrições nos troféus alinhados nas prateleiras. Passei o dedo pelos objetos espalhados na escrivaninha. Uma caixa de madeira entalhada chamou minha atenção. Parecia deslocada em meio aos pertences juvenis. Puxei-a para mim e a abri devagarzinho. O interior era forrado de cetim vermelho. No meio havia uma única pena branca. Eu a reconheci imediatamente: a pena que Xavier encontrou no carro depois do nosso primeiro encontro. Sabia que ele a guardaria para sempre.

Epílogo

Três meses depois, as coisas haviam se acalmado e voltado mais ou menos ao normal. Ivy, Gabriel e eu tínhamos nos esforçado para recuperar a cidade e os alunos da Bryce Hamilton de forma que as terríveis aflições sofridas ou testemunhadas fossem reduzidas a nada mais que imagens nebulosas, fragmentadas, ou a palavras impossíveis de serem unidas para formar qualquer tipo de sequência lógica. Xavier foi o único que teve acesso pleno às lembranças. Mesmo não tocando no assunto, eu sabia que ele não o tinha esquecido, que jamais as esqueceria. Mas ele era forte; mesmo jovem já tinha lidado com cargas enormes de dor e sofrimento, e sabíamos que não desmoronaria sob esse peso extra.

Com o passar das semanas, conseguimos retomar a rotina, e cheguei a fazer progressos na tentativa de cair novamente nas graças de Bernie.

— Numa escala de um a dez, quais você acha que são as chances de a sua mãe me perdoar totalmente? — perguntei a Xavier, no caminho para a escola numa manhã ensolarada.

— Dez — respondeu ele. — Sei que minha mãe é durona, mas por quanto tempo você acha que ela é capaz de ficar aborrecida? Isso já é passado.

— Tomara.

Xavier estendeu o braço e pegou minha mão.

— Não há mais nada a temer.

— Exceto um demônio ou outro de vez em quando — brinquei. — Mas não deixe que isso estrague o bom humor.

— Nem pensar — concordou Xavier. — Eles eram penetras na *nossa* festa.

— Você de vez em quando se preocupa com o fato de eles poderem aparecer de novo e botar tudo abaixo?

— Não, porque juntos você e eu podemos erguer tudo novamente.

— Você sempre sabe o que dizer — comentei, sorrindo. — Por acaso ensaia em casa?

— Faz parte do meu charme — respondeu, dando uma piscadela.

—Bethie! — exclamou Molly, correndo para nos alcançar quando chegávamos ao portão da escola. — O que vocês acham do meu novo *look*?

Ela deu uma voltinha, e vi que passara por uma transformação completa. Baixara a saia até o joelho, abotoara a blusa até o pescoço e dera um nó caprichado na gravata. O cabelo estava preso em uma trança alinhada, e ela não usava uma única jóia. Chegara a calçar meias finas oficiais do uniforme.

— Você parece pronta para entrar para o convento — disse Xavier.

— Ótimo — exultou Molly. — Estou tentando parecer madura e responsável.

— Ai, Molly... — suspirei. — Isso não tem a ver com Gabriel, tem?

— O que você acha, gênio? Que outro motivo me faria sair por aí parecendo uma tonta?

— Hã-rã — assentiu Xavier. — Nota dez pela maturidade.

— Não acha melhor simplesmente ser você? — perguntei.

— A Molly verdadeira talvez o assustasse — observou Xavier.

— Pare com isso — repreendi, dando uma palmadinha de leve em seu braço. — Só acho, Molly, que Gabriel deveria gostar de você pelo que você é...

— Pode ser — esquivou-se Molly. — Mas não me importo de mudar. Posso ser quem ele quiser.

— Ele quer que você seja a Molly.

— Eu, não — começou Xavier. — Quero que você seja... — Quando o cutuquei, ele não conseguiu conter o riso.

— Será que ao menos dá para tentar ajudar?

— Está bem, está bem — concordou Xavier. — Olhe aqui, garotas falsas ou que se esforçam demais não estão com nada. Você precisa ficar na sua e parar de correr atrás dele.

— Mas não devo mostrar que estou interessada? — indagou Molly.

— Acho que ele já sabe — respondeu Xavier, revirando os olhos. — Agora você precisa esperar que ele venha até você. Aliás, por que não tenta sair com outro cara...?

— Por que eu faria isso?

— Para ver se ele fica com ciúme. A forma como ele reagir vai lhe dizer tudo que você precisa saber.

— Obrigada, você é o máximo! — agradeceu Molly, radiante. Soltou o cabelo, desabotoou a parte de cima da blusa e saiu correndo, provavelmente em busca de algum pobre garoto para usar como namorado em seu grande plano para conquistar o coração de Gabriel.

— A gente não devia incentivá-la — observei.

— Nunca se sabe — retrucou Xavier. — Talvez ela faça o tipo de Gabriel.

— Gabriel não tem um tipo — contestei, rindo. — Ele já vive uma relação de compromisso.

— Os humanos poder ser curiosamente tentadores.

— Eu é que sei — completei, ficando na ponta dos pés para lamber

carinhosamente a pontinha da sua orelha.

— Acho que este é um comportamento impróprio para o pátio da escola — implicou Xavier. — Sei que é difícil resistir ao meu charme, mas, por favor, tente se controlar.

† † †

NOS DESPEDIMOS NO CORREDOR DA BRYCE HAMILTON. Enquanto eu o via se afastar, tive uma estranha sensação de segurança que há muito não experimentava. Por um instante, acreditei de verdade que o pior já tinha passado.

Mas estava errada. Devia ter visto que não tinha chegado ao fim, que não podia ter acabado com tanta facilidade. Nem bem perdi Xavier de vista, um pequeno cilindro de papel escorregou do alto do meu armário. Quando o desenrolei, já sabia que veria a caligrafia negra enroscada nele como uma aranha. O medo se abateu sobre mim como uma névoa quando as palavras se cravaram em meu cérebro.

FIM

Agradecimentos

A Série Halo é um projeto no qual investi muita emoção e energia. No entanto, ela não existiria sem a contribuição das seguintes pessoas:

Minha agente, Jill Grinberg, pelo entusiasmo e pela total confiança na história. Minha mãe, pelo apoio e pela honestidade impiedosa.

Jean Feiwel, Liz Szabla e a equipe da Feiwel and Friends, por dedicarem tanto tempo e esforço ao projeto. Lisa Berryman, por ter sido minha mentora desde que eu tinha 13 anos.

O diretor que me inspirou, dr. David Warner, por compreender os jovens e seus sonhos.

Um agradecimento especial para Matthew DeFina (Moo Moo), pela inestimável percepção da psique masculina, por suas atenciosas respostas às minhas perguntas inacabáveis e por me fazer sorrir quando as coisas ficavam difíceis demais.

Este *ePub* teve como base a digitalização em *Pdf* feita por autor desconhecido da **Comunidade Traduções e Digitalizações**.

Abril de 2014
LeYtor

Table of Contents

Sinopse
A Autora
Contra Capa
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32
Epílogo
Agradecimentos